



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ANAMARIA MORALES

VIDAS IMAGINADAS NA MIGRAÇÃO NORTE-SUL

- europeus na Bahia da globalização

SALVADOR 2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

ANAMARIA MORALES

**VIDAS IMAGINADAS NA MIGRAÇÃO NORTE-SUL
- europeus na Bahia da globalização**

**Tese de doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade
Federal da Bahia como requisito parcial para
a obtenção do título de doutora.**

Orientador : Prof. Doutor Lívio Sansone

SALVADOR 2011

M828 Morales, Anamaria
Vidas imaginadas na migração Norte-Sul: europeus na Bahia da globalização /
Anamaria Morales. – Salvador, 2011.
242 f.

Orientador: Prof. Dr. Lívio Sansone

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas, 2011.

1. Antropologia cultural. 2. Migração - Brasil. 3. Globalização. I. Sansone, Lívio.
II. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.
Título.

ANAMARIA MORALES

VIDAS IMAGINADAS NA MIGRAÇÃO NORTE-SUL
- europeus na Bahia da globalização

Tese submetida em 17/06/2011 à Banca Examinadora composta pelos professores :

- Orientador : Prof. Lívio Sansone (FFCH-UFBA) , doutor pela Universidade de Amsterdam (1992).
- Profa. Cecília McCallum (FFCH-UFBA), doutora pela University of London , LSE (1987).
- Profa. Ana Rosa Ramos (Instituto de Letras-UFBA), doutora pela Univ. Paris III, Sorbonne Nouvelle (1992).
- Profa. Suzana Maia (Univ. Federal do Recôncavo Baiano), doutora pela City University, NY (2007).
- Prof. Douglas Mansur da Silva (Univ. Federal de Viçosa-MG), doutor pelo Museu Nacional, RJ (2007).

Salvador 2011

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao final dessa etapa, prazerosamente partilhada com os professores e colegas da pós-graduação durante os dois primeiros anos e solitariamente trilhada nos dois últimos, devo agradecer em primeiro lugar ao PPGA por ter me aberto as portas para retomar a vida acadêmica depois de um longo afastamento. Em seguida agradeço a todos os entrevistados que generosamente partilharam comigo suas histórias e opiniões.

Agradeço a todos que me auxiliaram nessa jornada, ao pessoal de apoio a quem recorri para as questões burocráticas, ao pessoal da Biblioteca da FFCH – Dilzaná, Marina, Andréa e Hozana, sempre disponíveis para ajudar e ao pessoal da Xerox, Déo e Tati, que sempre com paciência e boa vontade atenderam às pressões das encomendas.

Devo também reconhecimento à disponibilidade de professores que dentro e fora de aulas, quando necessário, deram pistas de acesso a informações, compartilharam seus textos selecionados e nos aconselharam sobre o caminho das pedras acadêmico. Agradeço às professoras Lídia Cardel e Ana Rosa Ramos pela atenção na elaboração de meu projeto para a seleção do doutorado; e à pós-graduação de Sociologia sou grata por terem valorizado meu projeto e me aprovado, ainda que depois eu optasse pela Antropologia. A Suzana Maia por dividir comigo o interesse pelo tema e a literatura sobre o transnacionalismo. Um agradecimento especial vai para a Profa. Maria do Rosário de Carvalho pelo apoio e incentivo ao trabalho acadêmico e pelo exemplo de integridade intelectual que é para todos os seus alunos.

Ao Professor Jeferson Bacelar agradeço pela ajuda na solicitação da bolsa-sanduíche, que me permitiu fazer o estágio de doutorado junto ao Centre d'Études de l'Actuel et du Quotidien (CEAQ) do Prof. Michel Maffesoli, na Universidade Paris V. Agradeço também a gentil acolhida do Prof. Afrânio Garcia nos seminários promovidos pelo Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain (CRBC), na École d'Hautes Études (EHESS) de Paris e aos outros professores que me receberam em seus seminários.

À CAPES sou grata pela concessão da bolsa de doutorado e de estágio no exterior, que me permitiu conhecer o meio acadêmico francês e estabelecer contatos profícuos.

Ao meu orientador na fase final da jornada, Prof. Lívio Sansone, agradeço pela confiança que me inculuiu e por ter valorizado o tema que escolhi para investigar, propondo sempre um olhar questionador do modelo de análise estabelecido.

Enfim, à amiga Ana Lia Buder sou grata pelo apoio moral e pela ajuda na pesquisa dos sites na Internet. Aos omitidos aqui peço desculpas, mas agradeço de igual modo.

Dois brasileiros que se desconheciam constituem sempre uma hipótese de íntima amizade depois de dez ou cinco minutos de conversa. Nada mais violentamente anti-europeu do que isso. Cultura é apenas a arte da convivência. Ninguém convive com mais suavidade do que o brasileiro. Logo, o povo brasileiro é muito culto.

Paulo Mendes Campos (Almanaque Brasil de Cultura Popular, TAM, 2005)

RESUMO

VIDAS IMAGINADAS NA MIGRAÇÃO NORTE-SUL

- europeus na Bahia da globalização

O presente estudo sobre a migração de europeus para a Bahia nas últimas décadas procura explicar um movimento migratório que, não se restringindo ao móvel econômico e ao modelo comunitário, é impulsionado por processos individualizantes e uma consciência de matiz cosmopolita. Tal movimento pode ser visto como resultante da atual globalização cultural, em que a multiplicação das conexões planetárias estimula a imaginação social e incita indivíduos de todas as partes a se desterritorializarem, fazendo da mobilidade um recurso integrado aos seus projetos de vida.

Analizando a vinda desses indivíduos ao Nordeste brasileiro para residir, o estudo traz à discussão, por um lado, o imaginário sobre a globalização e a emergência de uma subjetividade contemporânea, e por outro, os imaginários sobre o “outro continente” na interação entre a Europa e a América Latina, que terminam por inserir o Brasil nos projetos de vida de migrantes europeus de perfil aventureiro e cosmopolita, que vivem “lá e cá”. Buscou-se também verificar como o país se construiu como destino para aqueles que optaram por viver sua vida no hemisfério sul, para em seguida contrastar a sua vivência concreta com a “vida imaginada” no sul global.

Levando em conta as dimensões subjetivas e objetivas que trazem esses europeus ao Nordeste brasileiro, vemos entrar em operação o imaginário de um mundo interconectado em que alguns países e regiões emergem enquanto outros retrocedem, numa hierarquia das nações em transformação segundo critérios que hoje contemplam a qualidade de vida, a humanização das relações interpessoais e a ampliação do espaço de realização individual, que podemos depreender do discurso dos migrantes estudados.

Palavras-chave : cosmopolitismo ; imaginário social ; subjetividade contemporânea ; migrações norte-sul ; Brasil- país emergente.

ABSTRACT

Imagined lives in the north-south migration - Europeans in globalized Bahia

My research on the migration of Europeans to Bahia over the last decades seeks to clarify a migratory movement which, while not restricted to economic motivations or a community pattern, results from rather individualizing processes and a new “cosmopolitan consciousness”. Such movement can be seen as an outcome of present cultural globalization, whereby the multiple planetary connections stimulate social imagination and induce individuals all over the world to deterritorialize themselves making mobility part and parcel of their life projects.

This study brings into discussion the imaginaries on globalization and the emergence, on the one hand, of a contemporary subjectivity, and, on the other hand, of new representations on “the other continent” in the interaction between Europe and Latin America, that have inserted Brazil in the plans of migrants with a relatively adventurous and cosmopolitan profile. It was a main purpose to see how the country was built as a destination for those who chose to live in the south hemisphere, for later to contrast their concrete experiences with their “imagined lives” in the global south.

Taking into account both the objective and subjective dimensions that bring those Europeans to the Brazilian Northeast, one sees coming into operation the traditional narrative of our interconnected world, wherein some countries and regions emerge while others “submerge”. Such a hierarchy of nations apparently is now undergoing change on account of new subjective criteria that value aspects such as “quality of life”, the humanization of interpersonal relationships and the widening of self-accomplishment perspectives. All this can be drawn from the discourse of the migrants under study.

Key-words : cosmopolitanism; social imaginaries [representations or narratives]; contemporaneous subjectivity; north-south migration; Brazil-emerging country.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TEORIAS A CONSIDERAR	
2.1 CONSCIÊNCIA DO GLOBAL, COSMOPOLITISMO E SUBJETIVIDADE	26
2.2 UM NOVO COSMOPOLITISMO ABARCANDO AS MARGENS.....	30
2.3 IMAGINAÇÃO SOCIAL E O IMAGINÁRIO DA GLOBALIZAÇÃO	34
2.4 IMAGINÁRIO SOCIAL E CRUZAMENTOS CULTURAIS ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA LATINA.....	36
2.5 A ORIGINALIDADE DA AMÉRICA LATINA E SUAS REPRESENTAÇÕES..	40
2.6 A COMPLEXIDADE BRASILEIRA: INCLUSÃO CULTURAL E EXCLUSÃO SOCIAL.....	43
3 IMAGINAÇÃO SOCIAL E MIGRAÇÃO: A ERRÂNCIA NECESSÁRIA.....	48
3.1 A CONTRACULTURA DOS ANOS SETENTA E A CULTURA DA MOBILIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	49
3.1.1 Aventurar : “um quinhão de segurança por um quinhão de liberdade”	54
3.1.2 A “busca de si”- a migração movida por valores e a consciência planetária..	58
3.1.3 A recusa da Europa e a busca por “outro lugar”	61
3.1.4 A busca da “qualidade de vida” - um novo começo em outro lugar	67
3.2 A CIRCULAÇÃO DE IMAGINÁRIOS ENTRE A EUROPA E O BRASIL - A ELEIÇÃO DO OUTRO LUGAR	73
3.2.1 O exótico culturalmente próximo	77
3.2.2 O heliotropismo, a “civilização solar”, a musicalidade e a festa	82
3.2.3 A mestiçagem cultural e a modernidade com provincianismo	87
3.2.4 Brasil : terra de oportunidades / terra do futuro.....	92
3.3 CONEXÕES VIRTUAIS: PROJETOS E SABER CIRCULATÓRIO	96
3.3.1 Aposentadoria nos trópicos e os migrantes sócio-habitacionais	97
3.3.2 Fóruns e blogs de expatriados : aproximações do real e do imaginado	99
3.3.3 Empreendimentos bem-sucedidos e o “savoir-vivre” no Brasil	104

4 PERMANECER E “MULTIPLICAR-SE”: A METAMORFOSE NECESSÁRIA	108
4.1 LEITURAS DO BRASIL À LUZ DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA.....	109
4.1.1 Conviver com a incerteza	119
4.1.2 Conviver com a irracionalidade	112
4.1.3 Conviver com a desigualdade	118
4.1.4 Conviver com a incivilidade	127
4.1.5 A mediação do local com as Ongs financiadoras de projetos sociais	131
4.2 CONTRASTANDO VIVÊNCIAS ENTRE O BRASIL E A EUROPA	136
4.2.1 O contato humano como intercâmbio necessário.....	136
4.2.2 Sobre o sentido da amizade lá e cá.....	141
4.2.3 Sobre a tolerância e a maleabilidade nos contatos sociais.....	145
4.2.4 O “outro” em casa- conflitos com as imigrações.....	150
5 RUPTURA E CONTINUIDADE: CIDADANIA GLOBAL E RAÍZES LOCAIS	155
5.1 A INSERÇÃO FLEXÍVEL NO CONTEXTO LOCAL.....	155
5.1.1 Constituindo laços para permanecer.....	159
5.1.2 Vantagens relativas de viver no sul global tropical / Viver lá e cá.....	163
5.1.3 Envelhecer no Brasil e o futuro dos filhos / A síndrome do exílio.....	169
5.1.4 Olhando em retrospectiva: viver no exílio e criar raízes.....	171
5.2 PERFIL E CLASSIFICAÇÃO INTERNA DOS EUROPEUS AVENTUREIROS NA BAHIA.....	176
5.2.1 “Náufragos” hedonistas x integrados	178
5.2.2 Os mediadores culturais do Turismo receptivo.....	184
5.2.3 Cosmopolitas provincializados: calculistas x existencialistas.....	186
5.2.4 Investidores & aventureiros:(in)visibilidade e estratégias de permanência.....	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
REFERÊNCIAS	214
ANEXOS	219

1 INTRODUÇÃO

Em meio aos diversificados fluxos humanos que os desequilíbrios econômicos e as crises políticas internas aos países e internacionais geraram no século passado e o fazem ainda no presente, os migrantes foram no mais das vezes identificados como grupos vitimizados pelas circunstâncias de desterritorialização ¹, redundando em perdas de direitos civis e por vezes produzindo guetos de resistência cultural comunitária. Regimes de controle desses fluxos, por momentos estimulados e oficialmente monitorados, porém reprimidos e desencorajados nas últimas décadas se multiplicam, articulando-se transnacionalmente. As correntes migratórias entretanto se transformam, em permanente busca de brechas para atravessar as barreiras que se erguem para contê-las, preenchendo os espaços intersticiais ainda permeáveis nas zonas economicamente afluentes, muitas vezes na clandestinidade e invisibilidade.

Hoje, conceitualmente, os migrantes tendem a ser classificados em categorias como as de migrantes econômicos, em busca de trabalho e sobrevivência; migrantes políticos e exilados ou perseguidos; migrantes deslocados em seus próprios países de origem por guerras e conflitos internos; migrantes ambientais, vitimados por catástrofes naturais, poluição ou desertificação entrópica e a de migrantes expatriados temporariamente a serviço de empresas multinacionais. A última categoria não compartilha necessariamente com as anteriores o caráter imperativo do exílio, decorrendo este com frequência de uma escolha profissional, ainda que se confunda no panorama atual da produção capitalista descentralizada, com a mão-de-obra pouco qualificada deslocada por empresas entre diferentes continentes.

O termo “expatriado”, que habitualmente remete a um vínculo de trabalho fora do país de origem, tem figurado na atualidade em sites de compartilhamento de experiências no exterior, como uma opção pela “desterritorialização” da parte de indivíduos que buscam outras possibilidades de vida, que vão além do campo profissional. A categoria “expatriado” denota então um caráter de eleição pessoal e/ou

¹ Entre outros autores que trataram o tema, ver Said, Edward (2003), Sayad, Abdelmalek (1998) e Grinberg, Leon & Grinberg, Rebecca (1992). O termo “desterritorialização” será aqui empregado como descolamento do território original, pressupondo como seu complemento o processo de “reterritorialização”, para os migrantes que se fixam em outro lugar. Os migrantes atuais entretanto demonstram também a forma “pendular” de transitar entre territórios. Ver também a noção de “multiterritorialidade” como resposta ao processo identificado como “desterritorialização” em Haesbaert, Rogério (2004), que busca “discutir a complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos”.

profissional para indivíduos que expressam uma disposição cosmopolita e a intenção de investir seu capital cultural, profissional e financeiro em outro país, que lhes apresente vantagens relativas e benefícios pessoais de diversas ordens.

Cabe lembrar que se a decisão por migrar ou expatriar-se pressupõe a dupla operação de fatores de expulsão no país de saída e de atração no de chegada, a posição sócio-econômica e cultural de grupos e indivíduos migrantes, assim como a hierarquia entre os países emissores e receptores no cenário político-econômico mundial, dão lugar a fluxos e vagas migratórias em transformação constante. No caso dos fluxos e contra-fluxos migratórios que aproximam a América Latina e a Europa, que interessa a meu estudo, deve-se levar em conta o reconhecimento dos laços econômicos, políticos e culturais entretecidos ao longo da história, que a concessão de cidadania aos descendentes de portugueses, espanhóis e italianos ilustra.

O interesse em pesquisar a presença crescente de europeus no Nordeste brasileiro com a finalidade de aqui se fixarem, mais ou menos definitivamente, decorreu de minha própria observação a partir da década de 80, ao percorrer o litoral baiano e no convívio com eles em Salvador, despertando uma série de indagações sobre as motivações dessa migração do norte para o sul, sendo eu mesma uma migrante do sudeste que escolhera esta cidade para morar por um efeito de encantamento, que perduraria por bons 10 anos.

Se o encantamento que o Nordeste, e a Bahia em particular, exercem sobre os brasileiros de outras regiões do país já é por si só um tema que vale a pena esmiuçar, posto que envolve relações de colonialismo interno, imaginários sobre as alteridades que nos constituem como nação e o reconhecimento da riqueza cultural que a diversidade regional proporciona, tanto mais intrigante era compreender as motivações que trouxeram uma nova leva de europeus ao nosso “sul global”² nos últimos 30 anos.

As evidências de um movimento crescente de europeus nessa direção e nesse período foram registradas pela mídia televisiva e impressa, como ilustra o artigo da Revista Veja on-line (edição 1930, de 09 de Novembro de 2005) intitulada “O Nordeste dos Europeus”, apresentado na íntegra no anexo I e que afirma de entrada que o Nordeste brasileiro encontrou sua vocação: a de ser o paraíso tropical onde europeus

² O termo “sul global” será tomado aqui no sentido que, substituindo o anterior conceito de “3º mundo”, é hoje empregado na literatura acadêmica anglófona para referir-se a (sic) “nações da África, da América Latina e Central e grande parte da Ásia que enfrentam grandes desafios e oferecem oportunidades reais”. Disponível em <http://www1.american.edu/academic.depts/acainst/cgs/about.html>. Center for the Global South American University, Washington D.C.

gastam e investem seus euros. Acrescenta que os estrangeiros que vêm para fazer negócios, turismo e , cada vez mais, para morar estão injetando uma nova energia no litoral nordestino.

O artigo resume esse movimento, que qualifica de “invasão”, em duas vertentes : a do turismo residencial e a da explosão de investimentos de empresas européias nos setores hoteleiro, turístico e imobiliário no Nordeste, apresentando dados que confirmam essas tendências:

No Ceará, três de cada dez imóveis novos com valor acima de 50.000 reais são adquiridos por estrangeiros. No Rio Grande do Norte, os europeus compraram 40% das casas e apartamentos novos vendidos no último ano.(...) No litoral baiano, sete complexos turísticos erguidos com capital europeu estarão concluídos nos próximos dois anos. Outros 28 empreendimentos de médio e grande portes devem ser inaugurados por grupos estrangeiros até 2010 no litoral potiguar.

O aumento do fluxo de turistas europeus na região é apontado como o fenômeno responsável por ambas as levadas de recém-chegados :

Desde a década de noventa, na Bahia, no Ceará e no Rio Grande do Norte, por exemplo, quadruplicou o número de visitantes estrangeiros no Nordeste. A movimentação chamou a atenção de empreiteiras e grupos hoteleiros europeus, que vieram construir a infra-estrutura necessária para atender os próprios conterrâneos em território brasileiro.

enquanto a associação entre o turismo e imigração aparece como uma consequência natural:

No Nordeste, os turistas de hoje são os imigrantes de amanhã. Grande parte dos estrangeiros que adquirem casas no litoral nordestino é de visitantes que vieram para passear e acabaram se encantando com o estilo de vida, a paisagem e o clima local.

Os fatores destacados como contributos para o aquecimento turístico e imobiliário no Nordeste nas últimas décadas são a melhoria da infra-estrutura na região, como estradas e obras de saneamento básico servindo a condomínios e resorts distantes das capitais, a ampliação de sete aeroportos e a qualificação da mão-de-obra voltada para o atendimento turístico.

Acrescente-se a vantajosa relação no câmbio de moeda e torna-se fácil explicar os investimentos imobiliários de europeus e a preferência pelos destinos turísticos do Nordeste. Citando um corretor de imóveis cearense:

Europeus de classe média baixa que vivem espremidos em minúsculos imóveis na periferia em seu país ficam encantados em poder comprar casas amplas, a poucos metros da praia, em um lugar onde há sol na maior parte do ano e onde todas as semanas passa um pescador oferecendo lagosta a dezessete reais o quilo.

O artigo destaca que as vantagens do câmbio se fazem sentir também no dia-a-dia do segmento de aposentados europeus que opta por instalar-se em definitivo no Nordeste:

Os portugueses que adquirem imóveis no Ceará recebem em média 1.500 euros de aposentadoria por mês. Isso equivale a perto de 8.000 reais por casal, um bom dinheiro para os padrões de lá. Nos últimos três anos, o número de portugueses morando no estado aumentou 60%.

A partir desses dados, bastante objetivos, sobre as conveniências criadas nos últimos anos para o europeu que decida fazer turismo e viver no sul global tropical, obtemos um quadro sugestivo da tendência contemporânea a expandir o raio de abrangência da mobilidade dos indivíduos, envolvendo ao mesmo tempo a conectividade global, o que lhes permite projetar suas vidas em outros espaços, continentes e culturas. Semelhante projeto, de investimento financeiro e vivencial, diz respeito não só a decisões racionais do tipo custo-benefício, mas mobiliza também aspirações e o senso de realização pessoal, que cabe ao indivíduo administrar através de sua agência e imaginação.

É nesse sentido que uma investigação sobre as motivações de uma migração no sentido norte-sul apresenta aspectos de interesse para uma Antropologia interpretativa, instigando a uma atualização do esquema “push-pull factors” para explicar um movimento migratório que, longe de se restringir ao móvel econômico e ao modelo comunitário, é impulsionado por processos individualizantes e uma consciência cosmopolita.

A migração, entendida como errância e des(re)territorialização, se deu historicamente não apenas movida por fatores de expulsão tais como a penúria econômica ou constrangimentos de ordem política ou religiosa, mas nas palavras de Marx, por “pão e rosas”, ou seja envolvendo sonhos e a expectativa de uma mudança de vida, em outro lugar. Nesse sentido, teve um caráter mais cultural do que se tem reconhecido, se considerarmos os fatores de atração que estão expressos nos imaginários sobre o “outro”, a relação com a alteridade e o “outro lugar”, cultivados por aqueles que se des/reterritorializam.

Me pergunto se é possível apontar hoje novos fatores de expulsão, levando indivíduos europeus a buscarem um nicho profissional ou uma oportunidade de inserção

na sociedade mais permeável dos trópicos por razões de saturamento, não apenas do mercado de trabalho, mas de regulamentações, recursos previdenciários e securitários, modelos formativos e de controle social que asseguram a eficiência organizativa das sociedades afluentes do Velho Mundo, às expensas da realização pessoal subjetiva.

O movimento de desterritorialização/reterritorialização de europeus no presente, sejam eles dissidentes, investidores ou aventureiros, que constitui hoje uma das modalidades migratórias no sentido norte-sul, pode compor uma estratégia de evasão com respeito aos padrões culturais de origem e/ou ao mesmo tempo, expressar uma mentalidade cosmopolita, atraídos que são pelos espaços “vazios” a serem ocupados, ensejando a idéia de uma “nova colonização”, agora já não mais em território inculto, mas conectado globalmente.

A variação terminológica quando se trata de nomeá-los, pois se afastam em muito da figura tradicional do emigrante/imigrante que se “desterritorializava” impulsionado pela sobrevivência e muitas vezes amparado no grupo familiar e comunitário de origem, revela a ampliação do campo da mobilidade para atender projetos diversos dos sujeitos contemporâneos. Indivíduos que se deslocam entre países, neles residindo por tempo indeterminado, serão mais comumente rotulados de “expatriados”, “migrantes” ou “pendulares” pelos órgãos de controle migratório e classificados como “estrangeiros” nos países de acolhida.

O termo “expatriado” que apresenta diferentes nuances segundo o idioma, associado em português à noção de banido ou exilado, teve um uso específico na língua francesa, referindo-se aos funcionários estatais alocados em territórios coloniais e posteriormente aos empregados de empresas francesas no exterior. Sentido semelhante foi atribuído às comunidades de empregados de multinacionais de língua inglesa, que compõem comunidades informais de lazer e socialização nos países hospedeiros. Vemos entretanto hoje o termo “expatrié” aplicado a qualquer indivíduo francês que opte por viver no exterior, mesmo sem vínculos institucionais, trocando suas experiências através do site do Ministère d’Affaires Etrangères, no “Forum de l’expatriation”.

Tomando como alvo da pesquisa um segmento específico da migração norte-sul, composta de europeus que tem se instalado no Nordeste brasileiro, na Bahia especificamente, nas últimas quatro décadas, reuni dezessete depoimentos sobre sua experiência migratória, com especial ênfase nos aspectos subjetivos tanto das motivações que tiveram para deixar seu país de origem, como dos critérios que empregaram para escolher o Brasil como destino. Busquei dessa forma rastrear a

relação existente entre a decisão de deixar a Europa, aí implicada a rejeição a certos valores culturais e a um estilo de vida, e a imaginação sobre o “recomeço” ou a aventura de investir seus recursos e afetos nos trópicos do sul global, em um país emergente.

Tratando-se de uma migração sem comunidade, posto que constituída de indivíduos atomizados que aqui se instalam a partir de um projeto pessoal de “mudança de vida”, independente do apoio de uma rede social, foram caracterizados como migrantes aventureiros autônomos, dedicados a prestações de serviços em áreas que lhes permitem flexibilidade ou como pequenos investidores na iniciativa privada e no comércio. O segmento composto por indivíduos aposentados que em número crescente vem se instalando no Nordeste brasileiro, como foi exposto no início, não será contemplado nesse estudo, merecendo um tratamento específico em outro momento.

Os relatos recolhidos sobre suas estratégias de inserção na vida local, uma vez que a não se enquadram como trabalhadores sob contrato vinculados a empresas ou instituições reconhecidas para efeito de obtenção da permanência, sugerem disposição para enfrentar desafios, assim como o desejo de testar suas habilidades e empregar o capital cultural de cosmopolitas de que dispõem.

À medida que adequam seus projetos e expectativas iniciais às condições que enfrentam no cotidiano, os migrantes aventureiros europeus devem render-se em maior ou menor grau às metamorfoses necessárias à integração no novo contexto, que Laplantine (1994) descreveu como um desdobramento de sua identidade e um “alargamento da lógica” que empregam para interpretar a realidade local.

Nesse sentido é possível definir, para efeito de análise, três momentos na narrativa sobre a experiência migratória dos indivíduos em estudo: o projeto de migrar alimentado pelo imaginário circulante sobre a vida no sul global tropical, o impacto da realidade contraditória sobre seus conceitos/ valores de origem e a solução encontrada ou em elaboração para um encaixe no local, que justifique o empreendimento da “des/reterritorialização”.

A reflexividade, indissociável da experiência migratória ao longo de sua permanência, produz uma narrativa sobre o encontro com a diferença constantemente atualizada pelo sujeito, por vezes plena de contradições. De um lado, louva-se as vantagens de uma sociedade mais flexível porque menos “engessada” por regulamentos e valores homogeneizadores orientando todas as esferas do mundo social; de outro, lamenta-se a ausência de noções de civilidade, equidade e bem comum, nessa mesma

sociedade. Para sobreviver a essa contradição há sempre a possibilidade de mover-se entre dois mundos: permanecer cosmopolita e adequar-se ao local, com suas virtudes e mazelas.

As soluções que a acentuada mobilidade contemporânea oferece a esses indivíduos de mentalidade cosmopolita, que podem viver a condição de “entre-deux”, de estar “lá e cá”, dividindo sua vida em dois continentes e administrando pequenos negócios e afetos, nos leva a questionar a relação canônica entre migração, comunidade e identidade. A individualização e um novo cosmopolitismo entram na cena migratória.

Considerando o caráter atomizado da migração em foco, é pertinente o tema das tensões no processo de individualização, levantado por Gilberto Velho (1981), onde vemos o sujeito em conflito entre ser parte de um todo predefinido e a possibilidade de manobra no desempenho de papéis, explorando novas alternativas. Entre elas estaria o afastamento, o rompimento ou a renúncia a um mundo que se percebe como opressivo ou indesejável. “Sair” se apresenta então como uma alternativa individualizadora dentro do campo de possibilidades de um grupo ou universo moral, evidenciando um ethos individualista.

O que se observa nos relatos coletados, à parte o fato de se tratar de trajetórias diferenciadas e nesse sentido individualizadas, é a predisposição desses migrantes para “soltar as amarras” identitárias construídas socialmente, levando às últimas conseqüências a individualização ao se lançarem na aventura da desterritorialização, em um espaço culturalmente pouco familiar, onde imaginam ser possível lançar novas raízes.

A busca pelo “outro lugar” nesse caso se apresenta para o indivíduo como um desafio de auto-desdobramento, que aliado às possibilidades abertas pela mobilidade intensificada no mundo contemporâneo estimula o projeto de migração, temporária mas que pode se tornar permanente, como escolha existencial e não mais compulsória ou contingencial como foi o caso das migrações européias precedentes.

Situado em seu contexto de origem, o sujeito deve se haver com a questão da individualização à qual os temas do prestígio e da ascensão social se vinculam. Entretanto ao optar por afastar-se, migrando, o processo de individualização sofrerá a intervenção de fatores imponderáveis, face aos quais o sujeito aventureiro se posiciona inicialmente a partir de sua imaginação e depois a partir de sua vivência e de seu saber circulatório.

Até que ponto essa experiência migratória representa uma ruptura com o contexto de origem e seus valores, desencadeando no indivíduo mudanças, ou se faz em solução de continuidade, transferindo e operacionalizando seu capital cultural e simbólico para o novo contexto, é uma questão a se pensar. Terão os novos migrantes cosmopolitas deixado para trás, definitivamente, a perspectiva dos velhos imigrantes tradicionais?

O tema das rupturas e continuidades constitui um dos eixos na análise das entrevistas em profundidade, em que os depoentes, através dos relatos de suas motivações e ações, reafirmam ou reconsideram as posturas e valores que justificaram a migração e apontam os laços que ainda mantém com o contexto de origem, fazendo uma avaliação em certos casos “desapaixonada” do Brasil, moldada pela experiência do dia-a-dia.

A questão das relações humanas mais próximas que aqui encontram, pedra de toque para vários deles com respeito à decisão de migrar, seguida de perto pela percepção de uma sociedade menos regulada que permite ao sujeito um maior espaço de manobra pessoal para exercer sua criatividade - um campo aberto à iniciativa individual, se vêem confrontadas com as idiosincrasias locais, com que deverá lidar o migrante que deseja efetivamente integrar-se.

O tema das perspectivas futuras para os filhos, que para alguns constituiria a razão primeira para a escolha do Brasil para se fixarem, permite vincular os imaginários sobre o “país emergente” e uma sociedade multidiversificada à mobilidade cosmopolita desses migrantes europeus, conciliando um perfil aventureiro com sua formação racional e calculista, mas por vezes também com certa rejeição ao pragmatismo, em busca de valores humanistas. Tal conjunção de disposições é o que permite defini-los como “cidadãos do mundo” flexíveis, afeitos a transitar entre identidades múltiplas, mesmo que para tanto tenham que arcar com um custo emocional significativo.

A hipótese inicial sobre a qual se assenta essa investigação é de que a migração por trabalho e melhoria econômica, motivada por fatores mais bem de expulsão do país de origem que ainda caracteriza grande parte das movimentações sul-norte de pessoas, tem a sua contrapartida no contra-fluxo de indivíduos do norte rumo ao sul global, movidos por fatores de atração de natureza diversa, que aqui se trata de definir a partir dos imaginários expressos nos depoimentos coletados.

Em se tratando da América do Sul e do Brasil especificamente, parte-se do suposto que os laços culturais e históricos, que a partir da expansão colonial européia se desenvolveram entre os dois continentes, servem de apoio ainda hoje para novas vagas migratórias individualizadas de europeus que continuam a ver essa porção do “Novo

Mundo” como um amplo espaço físico e de oportunidades a ser conquistado, sendo resignificado na atualidade como “país emergente” e liderança regional. A diferença marcante entre os imigrantes do entre-guerras e os atuais se manifesta no projeto de migração, que se para os primeiros representou uma estratégia de sobrevivência às condições adversas que enfrentavam em seu país de origem, para os segundos se põe como uma escolha movida pela atração, mais do que por fatores de expulsão.

O imaginário construído na mídia internacional sobre o Brasil, alimentado pelo noticiário acerca do bom desempenho econômico e político do país na última década, ainda que acompanhado de um persistente baixo índice de desenvolvimento humano e de um precário controle dos conflitos sociais, assim como por notícias dos avanços técnico-científicos que vem apresentando, torna o país um intrigante destino para os migrantes aventureiros em busca de desafios com certa margem de risco.

A noção de cosmopolitismo aqui aplicada a esses sujeitos refere-se a uma mentalidade associada à “consciência do global” produzida nos indivíduos a partir da intensificação dos fluxos de informação, imagens e pessoas que generalizou-se na década de oitenta passada, estimulando a mobilidade e a imaginação social, tal como formulada por Appadurai (1996). Em decorrência disso, os projetos de vida individuais passariam a contemplar a migração como uma possibilidade de alargamento de horizontes integrada a uma vasta rede, conectando o lugar de origem a outros tantos lugares de destino potencial no mundo.

Não se trata aqui de sugerir que a globalização pudesse ter um efeito liberador para todos, pela via de um “transnacionalismo cultural” vinculado aos fluxos, idéia já combatida por Friedman (2000), para quem a identidade cosmopolita se restringe ao mundo transnacional de uma elite. Entretanto devemos considerar uma ampliação do sentido do termo “cosmopolita” na contemporaneidade, na medida em que ininterruptos fluxos de pessoas de diferentes status econômicos entrelaçam países e continentes, com maior ou menor “direito à mobilidade”, sujeitos a graus variados de restrições, mas que não por isso deixam de projetar suas vidas sobre um mapa global.

Devemos levar ainda em conta a assimetria das relações entre países do norte e do sul e os conseqüentes processos de racialização dos imigrantes nos países afluentes, restringindo seus direitos de cidadania, enquanto no sentido inverso os estrangeiros provindos desses países se beneficiam do status de europeus (ou norte-americanos), capitalizando seu prestígio nas relações sociais que estabelecem localmente no sul

global. Entretanto não podemos daí concluir que tal posição, em princípio vantajosa, possa garantir a satisfação no projeto migratório e ganhos efetivos de ordem material.

O conjunto dos depoimentos, marcado por uma diversidade de histórias pessoais, nos leva a crer que a suposta vantagem inicial do migrante europeu ao aqui se instalar é neutralizada por uma vulnerabilidade devida ao desconhecimento dos códigos culturais locais, o que demanda a flexibilidade e a abertura que Hannerz (1994) atribuiu ao sujeito cosmopolita. A sua adaptação ao novo ambiente pode requerer uma metamorfose, no sentido de um desdobramento identitário e mesmo uma renúncia a certos padrões de pensamento identificados com o racionalismo positivista europeu ou o abandono da “neurose narcisística da superioridade do eu ocidental”, na formulação de Lao-Montes (2000).

Pode também dar-se o caso de uma assunção plena da condição de “entre-deux”, em que o sujeito incorpora a mobilidade ao seu modo de vida, circulando entre o país de origem e o Brasil regularmente, como é o caso dos “pendulari” italianos citados em entrevista e de outros europeus que mantêm vínculos de trabalho sazonal, negócios e até laços familiares lá e cá.

A análise das narrativas migratórias leva em consideração a discussão sobre as noções de Cosmopolitismo, Imaginação social e a circulação de Imaginários Sociais envolvendo a Europa e a América Latina apresentadas no Capítulo I, assim como uma resumida seleção de interpretações sobre a complexidade sócio-cultural brasileira pertinentes para um estudo antropológico de caráter compreensivo.

Os dados obtidos em entrevistas são apresentados em três blocos, que correspondem aos capítulos 2, 3 e 4. No Capítulo II são analisadas as motivações expressas no discurso dos pesquisados sobre o projeto da migração, envolvendo a “recusa da Europa”, a migração movida por valores, a busca de maior liberdade pessoal e de uma melhor qualidade de vida, levando-se em conta o impacto da contracultura dos anos 70 e o de uma possível cultura da mobilidade no mundo contemporâneo. No mesmo capítulo são abordados os aspectos que compõem os imaginários sobre o Brasil entre os europeus, incluindo a mestiçagem cultural, o exotismo culturalmente próximo, as imagens sobre a “civilização solar” festiva e o Brasil como terra de oportunidades.

O Capítulo III trata das percepções das peculiaridades e arranjos locais em conflito com o sistema de valores de origem dos pesquisados, ao se depararem com a incerteza, a irracionalidade, a desigualdade e a incivilidade, apontando para as metamorfoses necessárias àqueles que buscam integrar-se ao contexto local. Nos depoimentos os

migrantes contrastam também suas vivências entre o Brasil e a Europa, abordando temas como o contato humano necessário, o sentido da amizade, a maleabilidade dos contatos sociais e o conflito com as imigrações em seus países de origem.

O Capítulo IV aborda o tema da ruptura e continuidade na experiência migratória, incluindo os aspectos da inserção flexível no contexto local, a constituição de laços para permanecer, o viver “lá e cá”, a projeção do futuro dos filhos e do próprio envelhecimento, além do balanço do “exílio” voluntário. Apresenta ainda uma classificação interna dos migrantes europeus, um perfil “oficial” do estrangeiro residente no Brasil e uma tentativa de tipologia para se compreender a diversidade de projetos e práticas de migração entre os europeus pesquisados.

METODOLOGIA

A fim de reunir um material etnográfico passível de uma análise interpretativa acerca dos imaginários sobre o Nordeste brasileiro, cultivados por migrantes europeus aqui radicados nas últimas décadas, optei pela realização de entrevistas em profundidade com indivíduos autônomos residentes em Salvador e vinculados ao setor de serviços nas áreas do turismo, lazer e educação. Uma parte deles esteve vinculada a um curso de credenciamento para Guias de Turismo do SENAC, do qual eu mesma participei no ano de 2006. Outros foram contatados diretamente em seus estabelecimentos comerciais ou indicados por terceiros.

O panorama formado pelos depoimentos dos dezessete entrevistados nos oferece um material etnográfico que extrapola a expressão de individualidades, no qual podemos identificar um discurso autobiográfico de caráter coletivo pois compreende diferentes perspectivas imaginadas pelos indivíduos em questão ao longo de suas trajetórias pessoais, que resulta de contatos estabelecidos, por diferentes meios, com outras subjetividades.

Enquanto narrativas autobiográficas contemporâneas elas constroem a subjetividade de modo transpessoal, refletindo o contexto histórico em que se inserem e possibilitando uma investigação sobre o impacto da circulação de imaginários culturais na construção de uma identidade cosmopolita.

No caso dos migrantes europeus aventureiros em estudo identifico como contexto a mobilidade contemporânea associada à noção de cidadania global, que torna suas biografias específicas parte de um movimento coletivo em que seus relatos individuais

são historicizados. Propõe-se assim tratar esses relatos autobiográficos como um encontro de subjetividades que partilham de uma identidade coletiva comum contemporânea.

Os relatos das entrevistas em profundidade realizadas foram analisados a partir de seus conteúdos, tomados como o produto da reflexividade desses sujeitos com referência à sua opção pela mobilidade e desterritorialização por um lado e quanto à avaliação que fazem da experiência migratória e do local de acolhida, por outro.

Foram também realizadas três entrevistas com representantes consulares honorários : o ex-Cônsul alemão em Salvador, Sr. Wolfgang Roddevig , o atual Cônsul italiano, Sr. Giovanni Pisanu e o atual Cônsul francês, Sr. Pierre Sabaté, em busca de informações complementares sobre os migrantes europeus tanto sob a ótica institucional como pessoal. Uma entrevista foi feita com o Sr. Paulo Sampaio, chefe do Núcleo de Registro de Estrangeiros da Polícia Federal na Bahia, situado no Aeroporto Internacional de Salvador, no intuito de obter dados quantitativos, além do parecer pessoal sobre a evolução da migração de europeus para a Bahia partindo de um funcionário que ocupa o posto há quase três décadas.

Uma busca na Internet foi realizada em sites e blogs focados na experiência migratória recente de europeus no Brasil, que se tornam fonte de informação para os aspirantes à expatriação, dos quais alguns são apresentados no item “Anexos”. O mesmo foi feito com anúncios e sites imobiliários voltados para o mercado europeu, apresentando o Nordeste brasileiro como um destino privilegiado para investimentos turísticos e residenciais. Constam ainda exemplos de sites sobre o empreendedorismo de franceses instalados no Brasil, relatando suas experiências pessoais e profissionais.

Procurou-se dessa forma compor um quadro significativo das representações hoje circulantes sobre o Nordeste brasileiro e a partir dele confrontar a vida imaginada nos trópicos, com a experiência efetivamente vivida por esses migrantes que se querem cosmopolitas.

Optou-se por atribuir pseudônimos aos pesquisados, cujos depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos, tomando-se como referência a data de realização das entrevistas, realizadas no período de julho de 2008 a dezembro de 2010, para o registro da idade dos mesmos e de seus filhos. Uma breve descrição dos entrevistados é apresentada a seguir, levando-se em conta o ano em que se deu a sua primeira visita ao Brasil, o ano de sua radicação, sua situação conjugal ao chegar, o ano de casamento e o de separação do cônjuge brasileiro(a), e o número de filhos.

RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

26/07/08 - Bertold (49 anos), alemão. 1ª vinda ao Brasil em 1995 aos 36 anos, quando uniu-se a uma baiana. Radicou-se na Bahia em 1999 e se casou, tem 1 filha de 9 anos.

04/09/08 - Tobias (38 anos), alemão. 1ª vinda ao Brasil em 1993, aos 25 anos, radicou-se em Salvador em 2002. Casou-se em 1999 com uma baiana/brasiliense que namorou desde 1994, tem dois filhos, de sete e de dois anos.

07/09/08 - Manon e Bernardo (40 e 41 anos), franceses. 1ª vinda ao Brasil em 2000, radicaram-se em Salvador em 2001 aos 33 e 34 anos de idade. Tem três filhos: dois filhos franceses de dezoito e de oito anos e uma filha brasileira de dois anos.

12/09/08 - Rudolf (61 anos), austríaco. Veio para o Brasil aos 22 anos em 1969 e aqui permaneceu. Casou-se com uma baiana em 1972, sem filhos.

30/09/08 - Martin (28 anos), espanhol. Veio para Salvador em 2001 aos 21 anos, como professor visitante de galego na UFBA e permaneceu após o término do convênio.

07/10/08 - Simon (46 anos), francês. 1ª vinda ao Brasil em 1988 aos 26 anos, voltou em 90, 92 e 94. Em 98 conheceu a esposa baiana, radicou-se aqui em 2000, sem filhos.

17/10/08 - Franz (50 anos), alemão. 1ª vinda ao Brasil em 1994, aos 36 anos; radicou-se em Salvador em 2002. Casou-se com uma baiana que já vivia na Alemanha em 1997, separou-se em 2003, sem filhos.

18/10/08 - Justine (38 anos), congoleza-belga. Veio para o Brasil em 2000 com o marido belga aos 30 anos. Separou-se em 2003 e permaneceu com a filha de três anos.

24/09/08 - Roberto (47 anos), italiano. 1ª vinda ao Brasil em 1988 aos 27 anos, radicou-se em 1990. Casou-se em 1991, separou-se em 1998, tem um filho de 14 anos.

21/11/08 - Carl (54 anos), irlandês. 1ª vinda ao Brasil em 1984, aos 30 anos. Radicou-se em Salvador em 1986 ao casar-se. Separou-se em 1990, tem uma filha de 21 anos.

16/02/09 - Pierre (46 anos), francês. 1ª vinda e radicação na Bahia em 1988, aos 25 anos. Casou-se com uma baiana em 1989, separou-se em 1995, sem filhos.

25/05/10 - Yan (63 anos), francês. 1ª vinda ao Brasil em 1980, aos 33 anos. Radicou-se em Salvador em 1981, casou-se com uma baiana e separou-se no mesmo ano. Houve um 2º casamento em 1995, tem um filho de 12 anos.

08/06/10 - Nicola (60 anos), italiano. 1ª vinda ao Brasil em 1994, aos 44 anos, radicou-se em Salvador em 1996. Casou-se com uma baiana em 1997, tem um filho de 12 anos.

22/06/10 - Elise (41 anos), belga. 1ª vinda ao Brasil em 1996, aos 28 anos, com o ex-marido belga e grávida do 2º filho. Separou-se em 2004, casou-se com um brasileiro em 2005, com quem teve um filho há três anos e uma filha há 7 meses.

16/11/10 - Cordelia (45 anos), britânica gaulesa. 1ª vinda ao Brasil em 2000, aos 35 anos. Radicou-se em Salvador em 2003 com o companheiro gaulês, sem filhos.

21/12/10 - Maude (59 anos), inglesa. Radicou-se no Rio já casada com um brasileiro em 1971. Separou-se em 1981 e mudou-se para Salvador em 1991, sem filhos.

24/05/10 - Sr. Pierre Sabaté, Cônsul honorário da França em Salvador. 1ª vinda ao Brasil em 1978 para integrar projetos de cooperação técnico-científica, aos 35 anos.

07/12/10 - Sr. Giovanni Pisanu, Cônsul honorário da Itália em Salvador, residente na Bahia há 30 anos.

10/01/11 - Sr. Wolfgang Roddevig, ex-Cônsul da Alemanha em Salvador, entre 1982 e 2005. Migrou para Sergipe em 1952 e para a Bahia nos anos 70.

13/08/10 - Sr. Paulo Sampaio, chefe do Núcleo de Registro de Estrangeiros da Polícia Federal na Bahia, situado no Aeroporto 2 de Julho, funcionário do setor há 29 anos.

Tabela 1.	Ano da 1ª visita/ idade	Ano de radicação	Ocupaç. ao migrar	Estado civil	Casam./e divor.(Br)	Filho brasileiro	Ramo de atividade (Br)
Bertold, alem. 49 anos	1995 (36)	1999	consultor administ.	união c/ bras.	1999	1 filha 9 anos	guia de turismo
Tobias, alem. 38 anos	1993 (25)	2002	Informática	casado c/ bras.	1999	2 filhos 7 e 2 a.	guia de turismo
Manon franc. 40 anos	2001 (33)	2001	técnica Livraria	casada c/ francês	(2 filhos franceses)	1 filha 2 a.	guia de turismo
Bernardo, ítal-francês, 41 a.	2000 (33)	2001	restaurante	casado c/franc.	idem	idem	transporte turístico
Rudolf, austríac. 61 anos	1969 (22)	1969	metalúrgico	solteiro	1972	-----	indústria /restaurante
Martín, espanh. 28 anos	2001 (21)	2001	professor	solteiro	-----	-----	professor / restaurante
Simon, francês 46 anos	1988 (26)	2000	carteiro /pesquisa	solteiro	2000	-----	pesquisa acadêmica
Franz, alem. 50 anos	1994 (36)	2002	marketing	casado c/ bras.	divórcio 2003	-----	guia de turismo
Justine, congol-belga, 38 anos	2000 (30)	2000	logística	casada c/ belga	divórcio 2003	(1 filha belga)	agente de turismo
Roberto, italiano 47 anos	1988 (27)	1990	funcionário pedagógico	solteiro	1991/ 1998	1 filho 14 a.	restaurante
Carl, irlandês 54 anos	1984 (30)	1986	industrial /restaurante	solteiro	1986/ 1990	1 filha 21 a.	agente de turismo
Pierre, francês 46 anos	1988 (25)	1988	ferroviário	solteiro	1989/ 1985	-----	guia de turismo
Yan, francês 63 anos	1980 (33)	1981	motoboy	solteiro	1995	1 filho 12 a.	professor de francês
Nicola, italiano 60 anos	1994 (44)	1996	psicólogo enfermeiro	divorciado	1997	1 filho 12 a.	professor de italiano
Elise, belga 41 anos	1996 (28)	1996	professora	casada c/ belga	divorc. 2004	(2º casam. 2005)	professora de línguas
Cordelia, gaulesa 45 anos	2000 (35)	2003	técnica Ongs	união c/ gaulês	-----	-----	técnica em Ongs
Maude, inglesa 59 anos	1971 (19)	1971	estudante	casada c/ bras.	divórcio 1981	-----	professora de inglês

2 TEORIAS A CONSIDERAR

2.1 CONSCIÊNCIA DO GLOBAL, COSMOPOLITISMO E SUBJETIVIDADE

Ao eleger como grupo de estudo um conjunto de indivíduos que fazem da migração uma escolha não impulsionada pela necessidade, ou “pelo pão”, mas muito mais pelos sonhos, sintonizados com uma cultura da mobilidade e da conectividade no mundo contemporâneo, tornou-se inevitável a aproximação com as noções de cosmopolitismo e de imaginação social, ambas em acepções mais recentes que serão discutidas a seguir.

A proposta aqui apresentada tem como premissa que em uma etapa mais recente da globalização, a partir da década de setenta passada, marcada pela internacionalização da economia financeira e o hegemonia do neo-liberalismo, o fluxo intensificado de informações, imagens, tecnologias, capitais e pessoas contribuiu para o desenvolvimento de uma “consciência do global” entre os indivíduos, que seriam estimulados a projetar suas vidas através das fronteiras entre territórios nacionais e através dos continentes. A noção de “pertencimento” a uma nacionalidade, a uma cultura ou tradição seria crescentemente relativizada, não só porque todas essas categorias se encontram em movimento e transformação, mas porque sobre o indivíduo contemporâneo convergem múltiplos vetores de conhecimentos, percepções e possibilidades de existência.

Tal “consciência do global” referida por Abélès (2008) como uma dimensão cultural da globalização, diria respeito à percepção das interdependências que estruturam nossa consciência do universo. Segundo o autor o conceito de “global”, capaz de dar conta do nível de integração e de interconexão hoje alcançado, se traduz na percepção dos indivíduos- para além dos apegos territoriais e das identidades culturais- por um sentimento de pertencimento a um mundo global. Nele, destaca, cada um de nós se move, permanentemente, de um referencial ao outro, do local para o global.

Ainda que perceber-se como um potencial “cidadão global” não implique adquirir automaticamente direitos como tal para mover-se livremente pelo mundo, tal percepção mobiliza a agência individual e estimula a imaginação sobre as possibilidades abertas para o sujeito. Entidades difíceis de fixar, para as quais só se pode apontar evidências numa abordagem interpretativa, a agência e a imaginação se inserem no não menos difícil de tratar, campo cultural. Como podemos avaliar o impacto das interconexões culturais globais sobre a consciência individual e seu efeito sobre os projetos de vida dos sujeitos contemporâneos ?

Se a mobilidade e o cosmopolitismo se apresentam como valores centrais na contemporaneidade, é inegável que os diversos fluxos migratórios tem gerado, em contrapartida, um controle de fronteiras mais severo e articulado nos países centrais do sistema capitalista, assim como direitos de mobilidade desiguais. A idéia abrangente em Hannerz (1994), de que o mundo teria se transformado em uma rede de relações sociais, existindo entre suas regiões um fluxo de pessoas, significados e mercadorias, compondo uma “diversidade global entrelaçada” é alvo de críticas.

Em se tratando de mobilidade é evidente que ela pode se dar de modos muito diversos, segundo a posição ocupada pelo indivíduo no seu contexto social, assim como pelo posicionamento de seu país de origem na hierarquia das nações e regiões no sistema global. Pode-se “habitar o movimento” nas palavras de Tarrius (2000), das mais diversas maneiras: enquanto funcionário de alto escalão ou operário de multinacionais, como membro de comunidades nômades de comerciantes, na qualidade de profissional técnico-científico em missões de cooperação internacional, como migrante clandestino embarcado em cargueiros ou confinado em campos de trabalhadores ilegais e transferido de um lado para outro, como aventureiro ou investidor individual, entre tantas outras.

Heyman & Campbell (2009) enfatizam que os cosmopolitas legalizados e livres para circular são poucos, em relação aos muitos migrantes ilegais que não podem usufruir de um mundo transnacional. Diante da diversidade de situações, sugerem uma perspectiva de diferenciação, uma vez que a mobilidade atual significa desigualdades de riscos, direitos, status e de efetiva liberdade de movimento.

Tal constatação me levou a estabelecer uma distinção entre a aspiração a “ser cosmopolita” e a realidade migratória no mundo contemporâneo. Porém, se por definição o termo cosmopolita se aplica a um indivíduo que “vive ora num país, ora noutro, adotando-lhes com facilidade os usos e costumes” ou “pessoa que se julga cidadão do mundo inteiro, ou para quem a pátria é o mundo” (Novo Dicionário Aurélio), pode-se aproximá-lo à trajetória de múltiplos migrantes atuais, que dotados de uma consciência do global se desterritorializam voluntariamente, assumindo os riscos de sua escolha.

A identidade cosmopolita, não necessariamente acompanhada de direitos plenos de cidadania, perpassa a experiência migrante e evoca o tema da agência individual e da auto-determinação. O projeto de migrar, como expressão de agência e da imaginação, a

busca de “outro lugar no mundo” e de uma vida mais compensadora para o sujeito, revela, como sugere Ortner (2007), o desejo de desencadear a mudança em si próprio para participar da mudança no mundo.³ A subjetividade é vista pela autora como base para a agência, veiculando ansiedades existenciais fundamentais e a construção de um tipo específico de consciência, pós-moderna.

O aparecimento de uma subjetividade distintiva em resposta à sobreposição e intersecção de fluxos de natureza diversa no mundo globalizado, tornou-se tema recorrente na teoria social contemporânea. Comentando o panorama das relações culturais globais apresentado por Appadurai, Ong nele vê uma teoria da ruptura que toma a migração e a mídia como os principais diacríticos interconectados e seu efeito sobre a imaginação como um aspecto constitutivo da subjetividade moderna. (Ong, 1999)

O movimento real e o virtual- a que correspondem o deslocamento físico da des(re)territorialização e a disposição mental e habilidade para incorporar e transformar a informação, estariam agindo conjuntamente para conformar a consciência do sujeito no mundo atual. Consciência entendida sempre, como propõe Ortner, ambigualmente como parte das subjetividades pessoais e parte da cultura pública.

A autora aborda as questões da subjetividade como “estruturas de sentimento complexas”, ansiedades existenciais fundamentais e como construções sociais e históricas específicas de consciência. Define ainda a consciência pós-moderna como uma configuração específica de ansiedades, ligadas ao capitalismo tardio. A questão da subjetividade implicando uma visão do sujeito como “*existencialmente complexo, um ser que sente e pensa, que faz e busca significado*”, além de projetar, diria Gilberto Velho (1994).

Recuperando o lugar da subjetividade, Nigel Rapport (1997) resgata o “indivíduo transcendente” em Nietzsche, para quem “*é da natureza do self individual ser auto-produzido (self-caused) e livre*” e se ergue contra as concepções anti-humanistas do sujeito. Contrasta o sujeito individual, como lócus de consciência, criatividade e sentido, com o ator individual descentrado, dissolvido e deconstruído em Durkheim e nas escolas estruturalistas e pós-estruturalistas.

Rapport sugere que o movimento constante é a característica essencial do modo como a mente individual percebe e constrói um ambiente, natural ou cultural e que é

³ Sobre a aspiração à identidade cosmopolita refletida nos projetos de vida dos sujeitos, ver o estudo de Maia, Suzana (2010), sobre a presença de dançarinas brasileiras em bares de Queens, NY, como resultado “de fluxos globais de representações e fantasias sobre o self e a alteridade”.

através da própria energia , do movimento e da construção de relações e objetos que os indivíduos criam ordem e a impõem ao universo, enquanto participantes ativos. Observa que as pessoas criam sentido para si próprias e para os outros movendo-se continuamente , no seio de um inventário global de idéias e de modos de expressão, apontando a inescapável interconexão que afeta o indivíduo no mundo atual :

Na contemporaneidade as multiculturas vem substituindo a cultura nacional, todos estão imprensados entre as origens locais e a sociedade cosmopolita, um quadro global de interação sócio-cultural do qual a humanidade toda cada vez mais participa. (...)

A viagem está em toda parte, podemos “estar em casa” no mundo inteiro. (...) As relações entre o movimento e a “casa” estão mudando. Cada vez mais nos vemos movendo entre “casas”, entre múltiplas casas (de um ambiente sócio-cultural comprimido para outro) ou estando “em casa” em movimento contínuo, entre formas culturais “criolizadas”. (Rapport,1997:69,71)

De forma análoga, refletindo sobre as sociedades complexas da contemporaneidade Gilberto Velho destaca a individualização radical como resultante da obrigação do sujeito em mover-se entre e manipular instituições, dimensões e mundos diferentes e contraditórios. Aponta a heterogeneidade, a globalização e a fragmentação como processos que põem em xeque as concepções de identidade social e a consistência existencial do indivíduo, contribuindo para o surgimento de uma subjetividade diferenciada. (G. Velho, 1994:48)

Manejando os conceitos de projeto e campo de possibilidades para analisar trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-cultural, o autor nos inspira a refletir sobre a figura do sujeito cosmopolita, no que esta encerra de abertura para o encontro com o “outro” e pré-disposição para transitar entre culturas e territórios. Uma tal aproximação se mostra tanto mais pertinente se assumimos com Velho que, no plano individual, a participação em mundos diferenciados e o desempenho de múltiplos papéis levam ao desenvolvimento de um potencial de metamorfose do sujeito. Os diferentes papéis vividos e diferentes códigos que são acionados fornecem aos indivíduos um repertório simbólico e cultural que lhes proporciona auto-consciência, reforçando sua subjetividade : *“quanto maior a exposição a diferentes ethos e visões de mundo, maior será a auto-percepção da individualidade singular.”* (G.Velho,1981:32)

Por outro lado, aponta o autor , a noção de projeto enquanto antecipação (no futuro) de uma trajetória biográfica individual, existe no mundo da intersubjetividade. Nesse sentido, *“não existe um projeto individual puro, sem referência ao Outro ou ao social. Os projetos são elaborados e constituídos em função de experiências sócio-culturais, de*

um código, de vivências e interações interpretadas”.(G.Velho,1981:26) E ainda como instrumento de negociação da realidade com outros atores individuais ou coletivos, tornando-se meio de comunicação para articular interesses, aspirações para o mundo, dentro de determinado campo de possibilidades para o sujeito. (G.Velho, 1994)

A habilidade do indivíduo contemporâneo de adaptar-se ao regime de flexibilidade e de suportar a própria fragmentação, fazendo delas um acréscimo (um “plus”) ao invés de experienciá-las como uma deficiência em suas trajetórias de vida, tem relação estreita com o lugar central que a mobilidade ocupa na imaginação social contemporânea. Bauman (2001) descreve imagetivamente o mundo atual como *“um território flutuante, ao qual só se adaptam pessoas e coisas fluídas, ambíguas, em estado constante de auto-transgressão”*. O autor define o movimento como a própria essência da (pós) modernidade, a “impossibilidade de se permanecer fixo”, que nos torna a todos nômades, indivíduos sem uma identidade assegurada.(Bauman, 2005)

Do que estamos falando aqui senão do Imaginário da globalização, uma vez que, como observa Abélès (2008), a multiplicação dos meios de informação torna possível novos desdobramentos do imaginário coletivo e uma busca de novas transcendências. Nesses termos o ato de migrar, tornar-se “cosmopolita”, pode ser visto como uma expressão de agência individual e coletiva afinada com a consciência contemporânea.

2.2 UM NOVO COSMOPOLITISMO ABARCANDO AS MARGENS

O cosmopolitismo, no imaginário alimentado mediaticamente, pode ser entendido como estratégia de inserção individual em um mundo globalizado, como projeto de vida e de construção de si, enquanto orientação de comportamento. A ele Hannerz (1994) associou uma confluência de virtudes sobre o sujeito: uma *“vontade de se envolver com o outro”*, uma posição intelectual e estética de abertura para experiências culturais divergentes que pressupõem uma competência para abrir caminho para outras culturas, uma destreza cultural como habilidade inata de manipular um sistema particular de significados- *“o eu sendo arquitetado no espaço onde as culturas se refletem entre si”*.

No último quartel do século XX a possibilidade de uma aproximação das culturas tendo por agentes indivíduos auto-determinados e dotados de mobilidade, em um mundo marcado por colonialismos e hierarquias entre os continentes, hemisférios e nações, põe em evidência a ressonância do ideal cosmopolita grego descrito por Halpern

(2005), que em seus primórdios sustentava a idéia de que o indivíduo deve se desenvolver enquanto pessoa singular, apesar dos condicionamentos pré-estabelecidos de cada cidade-estado, não sendo limitado pelo lugar de nascimento nem pela sua condição.

A autora destaca, além dos atributos acima apontados por Hannerz, o sujeito cosmopolita como um ser frequentemente poliglota, viajante e que se auto-proclama “cidadão do mundo”, preferindo o gênero humano à sua pátria. Nesse sentido identifica-se com o ideário do cosmopolitismo que sustenta a universalidade, a paz e a liberdade dos cidadãos do mundo, defende a livre circulação das pessoas e mantém-se crítico face aos nacionalismos. Traçando historicamente a relação do cosmopolitismo com o pensamento social e político de diferentes épocas, Halpern salienta que o seu retorno se dá no século XX, com a criação da ONU, que toma para si o ideal de defender os direitos humanos e evitar as guerras.

A autora relaciona também a retomada da noção de cosmopolitismo por filósofos contemporâneos como Habermas à alteração no papel dos Estados-nações desencadeada pela globalização, ao evidenciar a porosidade das fronteiras inter-estatais. Reformulando o modelo cosmopolita, o filósofo veria na crise contemporânea do Estado-nação a abertura para novas possibilidades de progresso, envolvendo a comunicação e a intersubjetividade na fundação de uma comunidade cosmopolita e na criação de um espaço público mundial. Nesses termos as questões ecológicas, o respeito pelos direitos humanos, bem como as questões econômicas e sociais passariam a ser tratados desde uma perspectiva mundial.

Em sentido semelhante, Marc Augé fala de uma “consciência planetária” como elemento definidor da globalização, a par da extensão do mercado liberal e do desenvolvimento dos meios de circulação e comunicação. Tal consciência, entendida como ecológica e social se mostra *“sensível à questão da responsabilidade humana sobre a saúde ameaçada do planeta e aos riscos sociais e políticos que ameaçam os humanos devido às violências ligadas às situações de desigualdade”* (Augé, 2009).

Estamos pois diante de uma mudança de parâmetros, em que os indivíduos reconhecem que em condições de globalização e interconexão muitos problemas, tais como os de migração e meio-ambiente, já não tem soluções nem abrangência apenas nacionais mas mundiais, face os quais se sentem interpelados enquanto cidadãos do mundo.

Ulrich Beck sugere que hoje se use o termo cosmopolitismo de uma nova maneira, cabendo às Ciências Sociais se liberarem da idéia do Estado-nação como unidade básica para a sociedade, a cultura e a identidade política, pois vivemos em um mundo onde as fronteiras territoriais, econômicas, culturais e políticas já não coincidem: *“As pessoas vivem em diferentes países ao mesmo tempo, diferentes identidades culturais ao mesmo tempo”*. Beck propõe a superação do que denomina “nacionalismo metodológico”, redefinindo unidades transnacionais de pesquisa que permitam estudar a interação dos diferentes atores globais. Atores do cosmopolitismo que segundo o autor não são apenas os membros das elites e dos capitais globais, ou mesmo de professores universitários, mas também os diferentes tipos de migrantes :

(...) o cosmopolitismo é encontrado também nos imigrantes. Eles forçam o cosmopolitismo porque são os que acumulam conhecimento para saber como interagir entre as fronteiras e usam as diferenças nas regulações e nas culturas para construir sua própria forma de vida. Esses migrantes-imigrantes modificam as fronteiras, misturam as línguas, as leis, os sistemas etc... ou seja, são os que estão construindo espaços transnacionais para viver e atuar. E isso é de alguma maneira um paradigma do futuro – estão colocando em cena um novo modelo de cosmopolitismo. (Olhar Cosmopolita, entrevista com Ulrich Beck, 2007)

O novo cosmopolitismo descrito por Beck não remete mais necessariamente ao centro e à modernidade, podendo não apenas manifestar-se na periferia na figura dos migrantes atuais, como atrair para ela os cosmopolitas “tradicionais”. Prysthon (Semiosfera, s/data) destaca que o cosmopolitismo tem sido identificado com a metrópole moderna como parâmetro básico de composição da diversidade e contraposto ao provincianismo, ao bairrismo e ao nacionalismo. Acrescenta que nele estão sempre implícitos a modernidade e seus contrários- os conceitos de atraso, de subdesenvolvimento e de arcaísmo enunciados por um centro que fornece e legitima referências. Entretanto, observa, a periferia pode também integrar a sua produção cultural ao cânone universal, trazendo à luz outros agentes que não o cosmopolita tradicional.

A autora discute a emergência do “cosmopolita periférico” como um dos principais sujeitos da renovação do conceito de cosmopolitismo. Articulando-se com a instabilidade do Centro, ele demarca territórios e estabelece novos centros, aponta elementos que fazem da periferia um modelo de modernidade alternativa- problemática, incompleta e contraditória : *“Ou seja, ele trabalha nos interstícios de uma realidade e*

tradição locais e de uma cultura urbana internacional, aspiracional e moderna.”(Prysthon, s/data , p 3)

Impossível não se relacionar o novo papel assumido pelo sujeito periférico na fase que a autora denomina “ex-cêntrica” do cosmopolitismo, com a interconexão globalizada que marca o mundo contemporâneo, alargando a condição de cosmopolita para incluir muito além de uma elite, todos os sujeitos que dela se beneficiam:

Das características do pós-moderno algumas vão ser mais relevantes para o cosmopolitismo: valorização do periférico, do exótico, do excêntrico (principalmente na esfera cultural, através do multiculturalismo) e desestabilização da força centralizadora das metrópoles modernas. Essa fase ex-cêntrica do cosmopolitismo pode ser vista então como consequência dos recentes desdobramentos do capitalismo tardio e do que se convencionou chamar de globalização. (p 3) (...)

Cada vez menos importa onde se está, mas como fazer fluir a informação para todos os lugares da maneira mais rápida possível. O cosmopolitismo pós-moderno, portanto, tem mais relação com o desenvolvimento tecnológico da mídia e de novas formas de comunicação do que com a urbanidade e o cotidiano metropolitano.(...) Cada vez mais pessoas expostas à diversidade e à tecnologia em vários tipos e tamanhos de cidades diferentes fazem com que o cosmopolitismo torne-se uma condição quase geral do cidadão comum pós-moderno, mais do que um privilégio exclusivo da elite. (p 5)

Chega-se assim a uma nova acepção do termo cosmopolitismo, referida ao mundo contemporâneo, que implica a presença de redes culturais transnacionais estimulando uma orientação do indivíduo para se comprometer com o “outro”, como sugerido por Hannerz. Enquanto modo de “estar no mundo” tal postura remete à formulação de Appiah em que o cosmopolitismo pode ser visto como um conjunto de padrões morais para se conviver num mundo global, plural e diversificado. Apostando na “primazia da prática” como o caminho possível para a união entre os diferentes, o filósofo vislumbra uma ética destinada a beneficiar o indivíduo que a adota, tanto quanto a aperfeiçoar social, cultural e moralmente a sociedade global. (Jin, 2008)

A partir dos autores citados vemos que o fenômeno do cosmopolitismo assume hoje novas configurações e significados indissociáveis da intensificação dos fluxos de informações e de pessoas, assim como da emergência de uma consciência global entre os indivíduos , com reflexos na sua visão de mundo, em seus projetos e valores. Uma conjunção de fatores envolvendo a mídia e a migração propicia por sua vez fermentação de idéias e imagens que vão compor a imaginação social , na acepção empregada por Appadurai , como elemento propulsor da mobilidade no mundo atual.

2.3 IMAGINAÇÃO SOCIAL E O IMAGINÁRIO DA GLOBALIZAÇÃO

Antes de abordar o conceito de imaginação social na perspectiva proposta por Appadurai em sua teoria da economia cultural global, cabe aqui revisar, à guisa de contraponto, o emprego do termo “imaginação” nas Ciências Sociais, recorrendo para tanto à crítica de Bronislaw Baczko. Em seu texto “Imaginação Social”, do qual vamos nos servir apenas parcialmente, o autor denuncia o modismo de se associar a imaginação e a política, assim como o imaginário e o social, apontando os problemas de deslocamento discursivo daí decorrentes.

Tomando como exemplo o discurso contestatório de maio de 1968, Baczko aponta o deslize semântico no slogan “A imaginação no poder” e a associação paradoxal entre os dois termos, na medida em que *“um termo cuja acepção corrente designava uma faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos, e que pertencia sobretudo ao domínio das artes, irrompia agora num terreno reservado às coisas ‘sérias’ e ‘reais’”*.

A imaginação elevada a nível de um símbolo, observa o autor, iria ocupar um importante lugar na mitologia produzida pelos acontecimentos de Maio de 68, visto como um tempo de explosão do imaginário, como a irrupção da imaginação na praça pública, um sentimento de libertação relativamente a pesados constrangimentos cotidianos e a expectativa latente de que essa ruptura se perpetuasse na situação normal, não imaginativa. (Baczko, 1985: 296)

No campo discursivo das Ciências Sociais a imaginação social ou coletiva se tornaria também um tema na moda. Baczko observa entretanto que a imaginação sempre havia estado no poder e que ao investir o termo com funções simbólicas, elas nela concentraram as aspirações de uma vida social diferente. Cientistas sociais, historiadores e psicólogos passariam então a reconhecer as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e em especial, no exercício do poder. As Ciências Sociais destacavam a associação entre o poder político e as representações coletivas, tornando-se o domínio do imaginário e do simbólico um importante lugar estratégico.

Baczko aponta na 2ª metade do século XIX o surgimento de uma corrente de pensamento cientista e realista afirmando que não são as idéias dos homens que fazem a

história, pois esta está para além das representações que aqueles tem de si próprios, de suas crenças, mitos e ilusões. Tal tendência pretendia separar na trama histórica, nas ações e comportamentos dos agentes sociais, o verdadeiro e o real do ilusório, operando cientificamente o desvendamento e a desmistificação. Entretanto, ressalta o autor, buscou por trás dos imaginários os agentes sociais despojados de seus sonhos e representações, atores esses que seriam por sua vez por ela construídos.

Essa tendência a reduzir o imaginário a um real deformado, destaca Bazcko, impôs-se numa época que a produção de ideologias e mitos políticos modernos tornou-se intensa, conjugando-se com o sonho coletivo de uma sociedade e uma história transparentes para os homens que a constituem. Abordar cientificamente o imaginário correspondia a apreendê-lo como epifenômeno do real e a opô-lo rigorosamente aos conhecimentos e ao saber.

O imaginário social visto como instrumento de manipulação do poder político e como projeção de mudanças político-sociais passando pelo Estado, que pudessem expressar aspirações e sonhos coletivos sofreu no entanto, como sabemos, uma radical perda de sustentação na 2ª metade do século XX. A extensão do neo-liberalismo econômico por um lado e o avanço de políticas reguladoras de âmbito internacional por outro, operadas por órgãos supra-nacionais, contribuíram para o surgimento de agendas de alcance mundial intervindo no desenvolvimento desigual de países e regiões do planeta.

Um novo cenário político menos polarizado em torno de ideologias começava a se delinear para o indivíduo, ao qual restaria alinhar-se seja à proposta de um mundo imaginado como interligado e solidário, seja ao seu antípoda, um mundo de interesses compartimentados, regido pelo imperativo da maximização da rentabilidade capitalista.

Os discursos da globalização e as concepções de um mundo interconectado contaminaram o imaginário social, induzindo os sujeitos a exercerem sua agência individual valendo-se da mobilidade potencializada e de sua capacidade projetiva. Livre da carga ideológico-doutrinária que caracterizou o embate político entre regimes, sistemas e concepções filosóficas na 1ª metade do século XX, o imaginário social na contemporaneidade se expressa hoje sobretudo como um imaginário da globalização.

2.4 IMAGINÁRIO SOCIAL E CRUZAMENTOS CULTURAIS ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA LATINA

O imaginário da globalização, aponta Abélès, está marcado pela dimensão cultural, que por sua vez está no centro do processo de globalização, envolvendo os fluxos e as redes em cuja malha os indivíduos contemporâneos navegam e face aos quais a Antropologia deve se reposicionar . *“Enquanto os teóricos da modernização acreditavam na secularização do mundo dependente da racionalidade científica, vemos que ao contrário (hoje) a explosão das mídias tornou possíveis novos desdobramentos do imaginário coletivo, uma busca de novas transcendências.”* (Abélès, 2009:39)

Abélès salienta que os fluxos e a interconexão afetam as singularidades culturais e o local, objetos por excelência caros aos antropólogos, confrontando-os a uma realidade marcada por processos de desenraizamento e desterritorialização. As migrações, assim como o impacto das mídias afetam profundamente os universos culturais, fazendo dos fluxos culturais e do modo como as sociedades deles se apropriam, ou como rejeitam a circulação cultural, um tema relevante para a Antropologia do mundo contemporâneo. Entre os exemplos citados estão a internacionalização da cozinha asiática e a expansão da música étnica, veículos do imaginário associado ao seu lugar de procedência e ao mesmo tempo à idéia “cosmopolita” de um mundo multicultural integrado.

Appadurai (1996) aponta a impossibilidade de se estudar os novos cosmopolitismos sem analisar os fluxos culturais transnacionais no interior dos quais eles competem e se retroalimentam, desafiando “verdades” acadêmicas. Destaca entre estas últimas a ligação entre espaço, estabilidade e reprodução cultural e enfatiza a necessidade de se dar atenção à dinâmica cultural da desterritorialização. Propondo um novo estilo de etnografia, o autor tem em vista capturar o impacto da desterritorialização sobre os recursos imaginativos das experiências vividas no local. Atribui como tarefa da etnografia revelar o “quebra-cabeça” de saber qual é a natureza da localidade como experiência vivida, em um mundo globalizado e desterritorializado.(Appadurai,1996:52)

As questões da agência e da imaginação são centrais em sua análise : a imaginação na vida social vista como um campo organizado de práticas sociais e de negociação entre os locus de agência (indivíduos) e campos de possibilidades globalmente definidos. Central a todas as formas de agência, a imaginação constituiria um fato

social e uma componente chave na ordem global. O binômio agência/imaginação nos remete diretamente aos relatos biográficos que constituem o material etnográfico levantado nesse estudo, cuja análise pretende esclarecer o caráter das migrações nortel-sul em foco.

O autor salienta que a fantasia tornou-se uma prática social que entra na fabricação da vida social para muita gente e constitui um novo poder ligado a imagens, idéias, oportunidades que vem de outro lugar, circuladas pela mídia. Propõe que vidas parcialmente imaginadas sirvam de base para etnografias que captem vozes significativas em um mundo transnacional, desterritorializado: o “ser cosmopolita” como meta de vidas construídas. Sugere por fim iluminar as relações vividas entre as vidas imaginadas e as redes de cosmopolitismos no interior das quais elas se desdobram. (Appadurai,1996:54)

A des/reterritorialização e o transnacionalismo enquanto práticas contemporâneas não podem ser desvinculados do imaginário da globalização em suas formas específicas. Interpelando a interculturalidade globalizada Garcia Canclini (2007) propõe que se estude os imaginários sobre a globalização produzidos a partir de diferentes perspectivas - da América Latina , da Europa e dos EUA, abarcando os diversos destinos migratórios e considerando suas ambivalências e transformações na virada do século. Dirige sua atenção à relação entre o mercado e a interculturalidade e destaca que mudanças simbólicas radicais vem se gestando tanto nas sociedades e nos sistemas de comunicação como nas representações que cada nação tem de si mesma e das outras.

Trazendo ao presente um passado recente, no quadro das relações culturais tecidas entre a Europa e a América Latina, a tensão histórica do binômio metrópole/colônia permeada pela noção de “civilização” pode nos servir de introdução ao tema dos imaginários sobre a alteridade. Erigida em critério de hierarquização e identificada com os valores racionais, associados ao domínio técnico e instrumental predominante no velho continente, a “civilização” foi vista como ausente e continua sendo considerada como “em processo” no Novo Mundo, notadamente em sua porção latina. O recurso à literatura é um dos caminhos que nos revela o imaginário social sobre a América Latina no pensamento europeu e suas rupturas internas decorrentes do contato com a alteridade.

Recorro a Bergamini (s/data), para evocar as “demolições do mito civilizatório”, nas quais as vanguardas européias tiveram um papel destacado ao voltar seu olhar para o

Novo Mundo, expondo aqui muito sucintamente o percurso do próprio conceito. O conceito de “civilização” como valor absoluto seria questionado por Nietzsche, que o categorizou como adiestramento, repressão, associado a todas as formas de se tolher o potencial do indivíduo, enquanto a cultura seria vista por ele como a expansão das energias individuais. A autora observa que se Nietzsche não concebia a barbárie como distante da Europa civilizada, foi Freud que destacou a não oposição entre civilização e cultura. (Bergamini, s/data, p1245) Por outro lado, a oposição civilização x primitivismo, como sabemos, serviria de fundamento para a dominação colonial, enquanto alimentava o imaginário das metrópoles em relação às possessões d’além mar.

As Américas entrariam em cena, pela via do “exotismo” no pensamento romântico, em meio à busca européia por reunificar homem e natureza, que antecipou a descoberta freudiana do inconsciente, observa a autora :

A percepção européia revisada da antes aturdida não-civilização acabou sendo o acesso estetizado à cultura “primitiva”. O novo valor coloca como exclusiva a essa realidade dos povos pré-colombianos, orientais e demais culturas alheias ao prefixo “euro” - cristalizado como uma das marcas máximas da civilização - a verdadeira correspondência entre homem e natureza. O instinto é o índice geral desses grupos ainda afastados do “artifício”, espólio da aculturação civilizatória. Foi assim que antes do aparecimento das teorias psicanalíticas, o Romantismo contagiou a busca às fontes edênicas do Novo Mundo. (Bergamini, s/data, p1246)

Bergamini revela que a virulência contra a chamada “civilização” e a sede do novo cultural geograficamente situado nas Américas se desdobra em dois momentos, que ela denomina 1ª e a 2ª demolições do mito civilizatório. A 1ª representada pelo pensamento romântico do século XIX e a segunda pelos ecos finais da era romântica (decadentismo, realismo fantástico) e pelas vanguardas. As vanguardas se formariam sob o impacto das idéias de Freud e Jung sobre a importância do mundo irracional, cuja busca era por uma alternativa emancipada do eixo racional, pautando-se na forma intuitiva e religiosa de pensar do homem ameríndio. Nesse sentido, os vanguardistas continuariam em parte sintonizados no pensamento romântico, entre os quais os surrealistas foram os que mais recorreram às fontes vivas do pensamento mítico. (Bergamini, s/data, p1246)

Garcia Canclini (2007) aponta o fascínio distante que a América Latina exerceu sobre os europeus, que aqui sempre viram o que o racionalismo ocidental reprimiu: prazeres sem culpabilidade, relações fluídas com a natureza que a intensiva urbanização européia sufocou , *“a exuberância da natureza que envolve a história e alimenta a corrente da vida”* , que deu lugar às narrativas edênicas de artistas dissidentes europeus que se refugiaram nos trópicos. A América Latina vista como o lugar remoto para situar

as utopias dos europeus; como um lugar onde tudo é possível, onde se vê múltiplas maneiras de fazer fortuna ou fazer revolução impraticáveis na Europa.

Instigado pelo caráter de réplica na constituição das sociedades latino-americanas em relação à matriz européia, Laplantine (1994) desenvolveu em *Transatlantique - entre Europe et Amériques Latines*, uma reflexão sobre o olhar europeu voltado para o Novo Mundo e a ruptura com a lógica da identidade que teria dado fundamento ao racionalismo unificador enraizado no velho continente. Analisa o impacto da obra de autores que traduziram a complexidade contraditória latino-americana como Borges, Cortázar, Garcia Marques, Astúrias, Vargas Llosa, Neruda, Carpentier, Rulfo, C.Fuentes, O. Paz, Jorge Amado e Mário de Andrade entre outros, sobre as vanguardas européias, refletindo-se claramente no movimento surrealista.

O autor aborda os “cruzamentos culturais transatlânticos”, incluindo a fascinação exercida pela Europa sobre as elites latino-americanas, à medida que o “espírito do Iluminismo” se difundia no sub-continente, produzindo um tipo de colonialismo cultural e mental marcadamente francês. Em contrapartida, a América se apresentaria como a utopia da Europa, o Éden que evocava o princípio da humanidade e onde o sonho surrealista de uma ruptura radical com o racionalismo europeu estava se realizando. Um Novo Mundo arcaico e futurista ao mesmo tempo, “*o encontro indissociável do cósmico, do estético e do político*” na formulação de Breton, após sua visita ao México em 1938.

Laplantine propõe uma questão, entre as muitas relações que tece no livro, que interessa particularmente à investigação em foco: *O que acontece a um europeu a partir do momento vertiginoso em que chega ao Novo Mundo e penetra na vida americana?* A resposta, exposta como tese central, será: o abandono do centro de referência e de gravidade. Sua reflexão pode ser vista como uma crítica cultural da civilização européia e especificamente dos limites impostos à consciência do sujeito pelo racionalismo positivista.

A perda do centro de referência aludido pelo autor não se dá no entanto à revelia dos sujeitos migrantes europeus que se dirigem à América Latina, mas como parte de um projeto, no sentido referido por G. Velho, de uma busca intencional de exposição a diferentes ethos e visões de mundo, lançando mão da errância como expressão de uma recusa à estabilidade e hierarquia sociais a que estão submetidos “em casa” e de valorização da experiência individual. Nesse processo de renegociação da realidade e de valores, a escolha da sociedade brasileira não é aleatória, uma vez que esta revela-se um

terreno propício para a experiência de metamorfose pessoal do migrante cosmopolita, por razões que serão discutidas a seguir.

Múltiplos são os aspectos abordados pelo autor para fundamentar sua tese, dos quais reteremos alguns pertinentes para tratar a questão dos migrantes europeus no Nordeste brasileiro, envolvendo o impacto da diversidade e da mestiçagem sobre o imaginário europeu e o desejo de ruptura desses indivíduos com os parâmetros culturais de origem. Trata-se de encontrar pistas para compreender a lógica da opção desses migrantes do norte por instalar-se no sul globalizado para aqui construir ou reformular suas vidas.

2.5 A ORIGINALIDADE DA AMÉRICA LATINA E SUAS REPRESENTAÇÕES

Analizando certas práticas culturais na América Latina marcadas pelo sincretismo de diferentes matrizes, como o Candomblé por exemplo, Laplantine ressalta naquelas que ele qualifica como sociedades heterogêneas e plurais, a capacidade de auto-desdobramento e o convívio de identidades múltiplas entre seus membros e grupos sociais. Opondo-se à lógica da auto-afirmação e à pretensão do auto-domínio que marcaria o pensamento ocidental, o autor identifica ali uma lógica da posse, a aceitação da deriva e da perda do auto-domínio, deixando-se possuir pela diversidade.

A lógica da identidade que, segundo Laplantine, exclui a duplicidade e busca o acordo consigo mesma, estaria no cerne da geografia mental da cultura européia- por sua vez assentada na racionalidade científica e no dogmatismo cristão- impossibilitando os indivíduos de aceitar e mesmo pensar a pluralidade radical. (Laplantine, 1994:17) O autor ressalta o impacto perturbador de uma realidade hipercomplexa e composta como a latino-americana, sobre a racionalidade européia que tudo separa, classifica e ordena pela lógica da identidade.

Europeus habituados a uma repartição escrupulosa de tarefas e à identificação de cada um com sua função, seriam confrontados na América Latina com elementos que o Ocidente reprimiu:

(...) o desenvolvimento de personalidades múltiplas e o senso de prazer sem culpa, as relações particulares que cada indivíduo estabelece com certos aspectos da natureza, mas também com as cores, sons, perfumes; a irredutibilidade da pessoa a um modelo de comportamento unitário moldado por dois milênios de monoteísmo cristão, quatro séculos de uma racionalidade excludente de outras lógicas e dois séculos de universalismo do Iluminismo. (Laplantine, 1994:33)

Para escritores e intelectuais artistas europeus em visita ao sub-continente, uns como refugiados do nazismo, outros em busca de “deseuropeização”, tais como Breton, Artaud, B. Cendrars, Claudel, S. Zweig, Buñuel entre outros, a América teria se apresentado como oposições extremas de modernidade e primitivismo selvagem, nota Laplantine. Apolo opondo-se a Dionísio, a razão à emoção, porém em convivência, demonstrando uma capacidade impressionante de formar mestiçagens, de ligar o que os europeus separaram. Indivíduos formados no “senso da medida”, no espírito das idéias claras e distintas, na ponderação e temperança seriam confrontados com o gigantismo, com as misturas e contradições absolutas.

A crítica cultural de Laplantine à lógica européia dominante focaliza a recusa à construção de uma personalidade plural e à lógica da contradição, que no seu entender tende à redução das diferenças e nega a socialização do múltiplo. Enquanto as sociedades ocidentais, por ele definidas como “racionais” suportam mal a ambigüidade e a ambivalência, desconfiam da pluralidade e buscam impor condutas dominantes exclusivas e uma visão única do mundo orientando todas as esferas do mundo social, as sociedades latino-americanas seriam policulturais, apresentando combinações ilimitadas.

A mistura de idéias, odores, cores, sabores, sonoridades, ritos, regras de conduta e o que o autor chama de temporalidades discordantes (um continente muito novo e muito velho ao mesmo tempo), teriam dado surgimento a formas de cultura desconcertantes para os europeus. A América Latina é qualificada como um “transbordamento semântico”, pois confunde os pontos de referência, desestabiliza, introduz contradições permanentes nas certezas européias; ela mistura tudo, “salvo os ricos e os pobres”.

Sobre o Brasil especificamente, Laplantine observa que *“tudo parece invertebrado, mais torcido e suavizado; um país sinfônico, sinuoso, adaptável e pronto a se metamorfosear”* tornando-se pois impossível diante de tal mistura de corpos, raças e religiões, que produzem gramáticas bizarras, classificar os modos de vida e as formas de comportamento como diferentes espécies. (Laplantine, 1994:216)

Outro aspecto tratado pelo autor que nos interessa especialmente remete à questão da sensualização dos trópicos. Laplantine distingue entre sociedades que opõem o ser ao parecer (distinção ontológica)- a forma ao conteúdo- e sociedades que não entendem o conteúdo como “escondido” pela forma, pois ele é a própria forma. Enquanto na Europa “somos o que escondemos” (no fundo da alma), na América Latina “somos o que

mostramos”, sugere o autor. A superfície identificada com a superficialidade, defeito grave, equivalente à frivolidade, enseja a desqualificação da percepção sensorial direta.

O desdobramento dessa postura no caso europeu seria manter a realidade sob suspeita e o corpo sob escândalo, cultivar a fobia da impureza e o inconveniente de ter um corpo. Postura sustentada na tese platônica e cristã, que se repete há dois mil anos, de que o erro vem do corpo, dos sentidos, das aparências (sempre enganadoras) e que a verdade só pode ser arrancada pela emancipação do espírito em relação a o que se vê, a o que existe. A animosidade contra outras formas de conhecimento – eróticas ou poéticas, condenadas pelo logocentrismo, teriam produzido comportamentos desconcertantes aos olhos dos povos que não se deixaram anular por ele, entre os quais o autor aponta os grupos afro-brasileiros e caribenhos.

Incompreensíveis esses comportamentos porque, avalia Laplantine, os europeus se tornaram rígidos e utilitários, como se a sua alegria nunca pudesse se expressar inteiramente e reprimida, se torna amargura, enquanto a violência contida aflora como um erotismo desesperado. O cristianismo e o racionalismo teriam gerado tendências radicais, numa tentativa atormentada de obter resposta de um corpo que os ameaça. (Laplantine,1994:30)

O olhar europeu sobre a América Latina envolve também questionamentos sobre a continuidade cultural entre os dois continentes. Laplantine se pergunta como seria possível nomear a estranha relação que une e separa a Europa dessa parte do mundo situada ao mesmo tempo no Ocidente e fora dele. Pois sobre o ato de violência inaugural que representou a conquista nos tempos modernos, afirma, novas formas de civilização foram inventadas, em parte próximas e em parte distantes da européia.

Se de fato as Américas Latinas constituíram formações sociais originais, ainda que sob a ameaça constante de serem enquadradas pelos modelos homogeneizantes vindos do centro do primeiro mundo, como sugere Laplantine, os europeus que para cá migram devem se adaptar às contradições e à sobreposição de realidades que lhe são estranhas. Entre elas o autor aponta a herança colonial presente no espaço da vida cotidiana, ao mesmo tempo em que as coisas evoluem rapidamente, as mutações são constantes e os discursos globalizados. A originalidade latino-americana estaria expressa também na invenção de estilos de vida, modos de ver o mundo, de encontrar as pessoas, de falar, de amar e de odiar, em que a pluralidade é afirmada, não como fragilidade provisória, mas como valor constituinte.

A relação com o múltiplo e com a heterogeneidade social e cultural, problemática na

perspectiva do racionalismo europeu, torna-se a pedra de toque de um alargamento da lógica e do sentido, aponta o autor. A opção desses indivíduos de migrar para o sul global traz em si um questionamento da lógica da unidade dominante, que vê perigo na irrupção do outro e na metamorfose de si, erguendo fronteiras para se defender da irracionalidade. A disposição para confrontar-se a realidades não apreensíveis pelas categorizações estanques em que foram formados, ou para inserir-se em sociedades onde os extremos coexistem- a exemplo do calor das relações humanas e da violência das relações sociais- nos remete de volta à questão dos imaginários sociais.

Laplatine qualifica as representações dos europeus sobre a América Latina como ambivalentes, pois envolvem tanto a fascinação pelos trópicos como a repulsa pelo subdesenvolvimento. Nelas surge a imagem de um sub-continente de “bric-à-brac” - um amontoado de coisas sem valor, do triunfo da esperteza e da imitação. Ele identifica dois sistemas de representações: um “terceiro mundista” que associa a América Latina a miséria, corrupção e revolução; outro “tropicalista” que a percebe como calorosa, irracional e natural.

Esse rosário de lugares comuns, nos adverte o autor, uns jubilatórios, outros miserabilistas, parte de uma realidade existente porém parcial, que amoldamos a o que desejamos, torna-se entretanto para alguns a realidade como um todo. Os estereótipos de sociedades solares, libertinas e transgressoras não refletiriam a realidade complexa de sociedades pudicas, religiosas, ritualizadas e hierárquicas. E a aparente indiferença com relação ao amanhã dissimula a angústia de sociedades pilhadas economicamente, nas quais o caráter ultra-moderno das grandes metrópoles, com sua tecnologia de ponta, mascara uma modernidade superficial.

2.6 A COMPLEXIDADE BRASILEIRA: INCLUSÃO CULTURAL E EXCLUSÃO SOCIAL

A circulação de imaginários sobre a América Latina, e o Brasil especificamente, se faz através de recortes de realidades complexas que atendem interesses e necessidades de diferentes atores no jogo das alteridades, envolvendo interpretações sobre o “outro” e sua cultura que podem servir de espelho para os sujeitos envolvidos no encontro, sejam eles migrantes ou habitantes locais. Compreender os códigos culturais que regem as relações no lugar de acolhida torna-se um imperativo de sobrevivência, constituindo um desafio para o migrante cosmopolita disposto a metamorfosear-se para melhor

interagir localmente, ainda que este deciframento não esteja ao alcance de nem mesmo a maioria dos próprios brasileiros. “Decifra-me ou te devoro”, é o enigma posto para uns e outros.

Em suas reflexões sobre a alteridade, encarada como celebração, mas também como ameaça, Inger Sjorslev (2004) aborda a concepção brasileira de sociedade civil, recorrendo a outros autores que já discutiram a fusão do público e do privado e a complexa gramática da inclusão/exclusão, para explicar os mitos “democráticos” que encobrem a polarização social no Brasil. Aponta a falta de diferenciação entre a lealdade dirigida ao próximo e aquela dirigida a uma unidade social maior (o coletivo), sendo o público apropriado pela esfera privada e as relações políticas percebidas como extensões das relações privadas, remetendo a Álvares e alli (1998).

A autora evoca o “jeitinho brasileiro” como forma de estabelecer uma relação social de familiaridade e amizade, mesmo que temporária, para encontrar uma solução a partir dela; situação em que invocar a lei universal (o direito, o contrato social) é visto como uma forma negativa de tratamento, pois o “cidadão” é aquele que está sujeito à lei e não protegido pelo laço da cumplicidade. Conclui haver diferentes ethos para as 2 esferas: do público e do privado.

No Brasil o individualismo é visto negativamente, contra as regras culturais que definem e emanam da totalidade. A comunidade é heterogênea, complementar e hierárquica, suas unidades básicas vistas como pessoas e não como indivíduos ou cidadãos. Pessoas enraizadas em famílias e grupos de parentes e amigos. Um indivíduo isolado é visto com suspeição, como marginal. (Sjorslev, 2004:84)

Sjorslev sugere que no Brasil a interconexão entre política racial, religião, manifestações culturais e políticas culturais pode ser esclarecida pelo que denomina “gramáticas culturais” e ilustra sua análise com a “gramática do englobamento” (encompassment) praticada pelas classes em oposição. A título de exemplo de como a inclusão cultural e a exclusão social podem se combinar, a autora aponta a celebração da alteridade no Carnaval e nos rituais de posseção afro-brasileiros como uma forma de englobamento temporário em meio a uma gramática segmentária, remetendo a Rosa-Ribeiro (2000).

Resgata em Segato (1998) a idéia de que o paradigma da inclusão é a ferramenta da sociedade branca dominante, representada pelo mito da não-discriminação de cor (“color-blind”) de um povo interrelacionado. Enquanto a hegemonia branca engloba através do mito da democracia racial, aponta Sjorslev, as religiões afro-brasileiras

ortodoxas aspiram à universalidade englobando a cultura branca, instituindo pactos e sincretismos.

Gramáticas culturais (ou códigos culturais) traduzem práticas cotidianas e políticas que constituem ainda hoje legados da colonização brasileira, atualizando os mecanismos de favoritismo, personalismo, clientelismo e paternalismo; práticas que em conjunto com o mito da democracia racial, reitera a autora, obscurecem a desigualdade e contribuem para a marginalização que pode levar a formas extremas de exclusão.

A maleabilidade dos contatos sociais no Brasil, percebida de início positivamente pelo novo migrante europeu, tem sido identificada pela observação acadêmica como um modo específico de elaborar as diferenças internas à nação. Contrastando-o com a Argentina e o México, Garcia Canclini sugere que o Brasil apresenta uma sociedade nacional mais disposta à hibridação, com múltiplas interpenetrações entre os grupos sociais e contingentes migratórios que contribuíram para sua formação.

Endossando a análise de Rita Segato (1988) o autor aponta que no Brasil as identidades são menos monolíticas, sem perder sua idiossincrasia, e que o sujeito conserva para si a possibilidade de várias filiações, pode circular entre identidades e misturá-las. Nesse quadro, o que se observa é uma interrelação profunda, a identificação, a convivência possível entre os diversos segmentos da população, sem se negar porém suas enormes desigualdades e seus abismos entre classes e regiões. (Canclini, 2007)

A análise do modelo de unidade nacional brasileira, empreendida por Rita Segato, a que recorrem os dois autores anteriores, nos apresenta uma discussão pertinente sobre as vias concorrentes na construção de três países americanos no que diz respeito à formação da diversidade - o multiculturalismo (EUA), o sincretismo (Brasil) e a homogeneização fictícia (Argentina). Destaca o Brasil como um caso único, em que a pluralidade e o englobamento dão lugar a uma interpenetração cultural e étnica particular, historicamente configurada e continuamente realimentada no cotidiano popular.

Repertoriando as instâncias em que elementos étnicos perpassam a malha social como um todo, como é o caso da impregnação da sociedade brasileira pelos cultos afro-brasileiros, da crença na posse por espíritos (inclusive de filiação européia) e na idéia de reencarnação atingindo a todos, da comunhão festiva do Carnaval e da mitificação do índio como ancestral comum, Segato aponta que todos esses exemplos

mostram como cada um dos componentes étnicos introduz seu patrimônio de cultura, levando-o a formar parte do horizonte dos “outros”.

A autora ressalta a estratégia lúdica ou ritual que “*dissolve as fronteiras da etnia em mútuas e múltiplas contaminações dos territórios de cultura*”, e que assim se preserva o caráter diverso dos horizontes de cultura, permitindo entretanto a interpenetração das comunidades, “*a inscrição de uma no texto da outra*” e uma estratégia de referência mútua, entendida como “*a representação simbólica da imbricação dialógica dos mundos*”. (Segato, 1998:15)

Segato observa que apesar do reconhecido “apartheid social” que vive o país, há no Brasil uma “consciência de mestiçagem” associada à identidade nacional que se distingue do multiculturalismo e do pluralismo étnico que servem de base para a idéia de nação nos EUA por exemplo. Se nos EUA a identidade é uma substância exclusiva, no Brasil o sujeito preserva para si a possibilidade de dupla afiliação, de sua “*circulação entre lugares de identidade*”, se constituindo como “*sujeito em trânsito*”.

A autora destaca a maneira muito mais radical e subversiva de ser multicultural da formação brasileira, sem cair na segregação ou no essencialismo, denunciando as tentativas de “desincretização” introduzidas por aqueles que denomina “atores sociais tipicamente modernizadores”, em busca de identidades monolíticas “*conscientes das tendências globais que só aceitam identidades emblematicamente assinaladas e ideologicamente depuradas de ambigüidades*”. (Segato, 1998:15)

A participação do “outro” na identidade, central na experiência brasileira e ilustrada pela posse dos espíritos (“*ser um porém deixar-se habitar pelo outro*”), já assinalada por G. Velho como experiência fundante e comum da sociedade brasileira, é aproximada por Segato da definição de sincretismo feita por P. Sanchis, como operação estruturante no Brasil. E conclui a autora resumidamente:

Enfim, a articulação englobante, o deixar-se atravessar pelo outro e contê-lo dentro de si, o foco nos trânsitos e ambigüidades e um conjunto de negociações ancoradas no antiessencialismo radical e profundo da civilização brasileira (...) definem a diferença do pluralismo no Brasil. (Segato, 1998:16)

As interpretações sobre a formação cultural brasileira, por diferentes autores, que acabamos de ver, tem por objetivo servir de baliza para a análise dos relatos de experiências migratórias dos indivíduos europeus em estudo e dos imaginários que as incentivaram, levando-se em conta o impacto das interpenetrações culturais e do

englobamento - identificados como característicos do modelo brasileiro de conjugação de alteridades - sobre a consciência desses sujeitos e seus projetos.

Algumas considerações

A discussão aqui apresentada sobre a noção de cosmopolitismo e suas interpretações recentes tem a finalidade de esclarecer o sentido das migrações norte-sul em função dos imaginários que as movem. Podemos apontar o desencanto com a modernização, que produz seus dissidentes nas sociedades afluentes do centro, como um fator de expulsão envolvendo aspectos subjetivos, intervindo na opção pela expatriação. Tal disposição seria complementada pela percepção de que um movimento geral de rearranjo na hierarquia das nações, a partir do qual certos países emergem enquanto outros declinam no cenário global. Sujeitos “cosmopolitas” seguiriam então as tendências que despontam.

Por outro lado, o “sentir-se cosmopolita” pode constituir um recurso empregado por sujeitos de espírito aventureiro, que ao não obter sucesso em seu contexto social de origem desterritorializam-se, transformando o insucesso em vantagens relativas no sul global. Através desse auto-agenciamento tanto podem se beneficiar como se tornar vítimas da globalização, a depender de uma conjunção de fatores, propícios ou adversos.

O termo cosmopolitismo, contraposto ao nacionalismo, antes referido à metrópole moderna enquanto ponto de convergência de influências estrangeiras de múltiplo teor, vem transitando entre o culto e o popular, fazendo-se presente tanto na linguagem nativa como na acadêmica. Se hoje ele se aplica também aos imigrantes, como propõe Ulrich Beck, é porque no mesmo movimento que globaliza a periferia, o centro se volta para as margens em um movimento de provincialização, abrindo espaço para o “cosmopolitismo periférico” sugerido por Prysthon.

Os sujeitos investidos de mobilidade e agência, que Garcia Canclini aponta como os “suportes humanos da globalização” nos oferecem relatos de vidas imaginadas que desenham concretamente um novo panorama das migrações no mundo contemporâneo. Ao eleger como destino a América Latina, vista como mais uterina, penetrável, onde “tudo é possível”, os migrantes do Norte fazem um investimento de risco, aventurando-se por um território cultural pouco conhecido.

Os depoimentos aqui recolhidos, pessoal e virtualmente, contribuem para se compreender a natureza das migrações européias recentes para o sul global tropical, no que elas tem de potencial “recolonizador” e/ou pelo contrário, enquanto possibilidade de serem “canibalizadas” pela contraditória realidade local.

3 IMAGINAÇÃO SOCIAL E MIGRAÇÃO: A ERRÂNCIA NECESSÁRIA

Diante do diversificado panorama migratório que presenciamos já não é possível associar a migração a fatores de expulsão/atração de caráter exclusivamente econômico ou político, deixando de lado a dimensão cultural que permeia as conexões multiplicadas e o cruzamento de informações a que temos hoje acesso, onde quer que nos situemos.

O ato de aventurar-se em território desconhecido, para o qual o indivíduo deve mobilizar todo o seu cabedal de recursos está, no mundo atual, intimamente relacionado com a imaginação social, definida por Appadurai (1996) como um efeito da interconexão ampliada de distintas esferas envolvendo a mídia, as identidades e os investimentos que circulam globalmente, sobre os projetos de vida dos sujeitos contemporâneos.

A aventura, por seu lado, pressupõe a circulação de imaginários como ponto de partida para vidas imaginadas em outro lugar, outro continente e outro país. Entretanto o componente romântico que costumamos associar a ela, como um salto no escuro que excita e energiza, dá lugar a projeções de outra vida possível, veiculadas pela mídia, por meios virtuais e pelo estímulo de encontros face-a-face com os “outros” com quem fantasiamos.

Projeto e fantasia se misturam na vida imaginada que a mobilidade facilitada, ainda que com restrições, torna possível. Parcerias em negócios, romances virtuais, casamentos por encomenda, aquisição de imóveis em outro país via Internet, circulação de informações sobre perspectivas de investimentos, consultorias diversas on-line, trocas de experiências de expatriados, imagens e relatos de viajantes por regiões inexploradas, registros de experiências extremas e com culturas distantes representam algumas das práticas que se apresentam ao indivíduo contemporâneo como possibilidades para agenciar sua vida, onde e como puder.

A migração deixa de ser um recurso extremo movido pela penúria econômica e o exílio voluntário uma condenação, para fazer parte de um horizonte compartilhado por

muitos, o de agenciar seu próprio destino atravessando fronteiras, em busca de uma mudança de vida em outro lugar, que implica um investimento pessoal de risco, o de voluntariamente abrir mão das próprias referências culturais para lançar-se em um mundo pouco conhecido.

3.1 A CONTRACULTURA DOS ANOS 60/70 E A CULTURA DA MOBILIDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Na tentativa de circunscrever uma migração específica de orientação norte-sul de europeus para o Nordeste brasileiro nas últimas três a quatro décadas, apresentando um perfil autônomo e aventureiro, procurei inicialmente relacionar a contracultura dos anos 70/80 e o debate sobre uma possível cultura da mobilidade no mundo contemporâneo, associada ao processo de globalização.

Não se trata aqui de classificá-los como adeptos de um ideário alternativo ou contracultural, ainda que seja possível apontar pontos de identificação e mesmo continuidade entre os movimentos anti-establishment e a errância individualizadora que lhes seguiu. Mostram-se mais bem alinhados com uma postura cosmopolita, enquanto indivíduos que se crêem capazes de decifrar códigos culturais ao instalar-se em outros países, entendendo a si próprios como “cidadãos do mundo”.

Enquanto herdeiros do movimento contracultural das décadas de 60/70, esses migrantes atomizados poderiam se distinguir pelo perfil de outsiders em relação ao quadro de valores ocidental e europeu, por seu espírito aventureiro, por certos traços hedonistas e uma ousadia e flexibilidade associadas ao ser cosmopolita descrito por Hannerz. Entretanto, ao investirem calculadamente o seu capital financeiro, técnico e cultural na aventura de desterritorialização, demonstram identificação com a proposta neo-liberal que predominou a partir da década de 80, não deixando de estar integrados à perspectiva do centro metropolitano do qual emanam as ondas colonizadoras e seus reflexos.

Podem também ser vistos como o fruto de uma nova etapa da globalização cultural, em que a multiplicação das conexões planetárias estimula a imaginação social e mobiliza indivíduos de todas as partes a desterritorializar-se, fazendo da mobilidade um recurso integrado aos seus projetos de vida.

A imaginação social, no sentido de um “novo poder ligado a imagens, idéias e oportunidades que vem de outro lugar” tal como sugerido por Appadurai (1996),

pressupõe uma circulação de imaginários, que no caso em estudo envolve a Europa e a América Latina e remete aos laços histórico-culturais coloniais entre os dois continentes.

A errância de jovens que marcou as décadas da contracultura atravessou inicialmente as fronteiras do mundo ocidental europeu em direção às ex-colônias na África e na Ásia, para depois cruzar o Atlântico em busca do Novo Mundo, na América Latina. O espírito desbravador de culturas e territórios foi marcado por um caráter iniciático, em que a descoberta só era possível mediante o despojamento do ocidentalismo, entendido como discurso da modernidade capitalista. O olhar da aventura, nesse caso, se distinguia do “olhar do turista” por implicar a disposição de se transformar em contato com a alteridade.

A força simbólica das civilizações pré-colombianas no continente americano, que teriam encerrado conhecimentos não mapeados pela ciência positiva ocidental, despertou o fascínio dos jovens europeus viajantes, apesar do reconhecido expansionismo de seus impérios. Emolduradas por uma vegetação tropical de altitude exuberante e cercadas de povoados de cultura indígena preservada, Cuzco e Machu Pichu tornaram-se mecas do circuito alternativo de viagens de descoberta nos anos 70.

Os peregrinos da modernidade tardia, capazes de poupar para viajar pois se encontravam ocupacionalmente inseridos nas sociedades de origem, cultivaram desejos por outras vivências e outros lugares, cujas imagens, sons e signos acessíveis pela mídia contrastavam, por seu apelo exótico, com uma perspectiva de vida previsível e por isso mesmo pouco estimulante. Criou-se então um circuito do viajante alternativo que abrangia entre outros pontos a África do Norte e a Índia, até atingir os países de tradição pré-colombiana e o Brasil, na América Latina.

O depoimento de Yan (63 anos) indica a recorrência do projeto ‘poupar para viajar’ em busca da experiência de “dépaysement” combinada à da “évasion” - desligar-se da pressão do cotidiano em outro lugar, se possível em outro continente.

Nos anos 70 já era fácil viajar, já era barato, então eu fui à Índia, à África do Norte (Marrocos, Argélia e Tunísia) e viajei na Europa. (...) Em 1980 foi o ano do Brasil e uma parte da América Latina, o Peru e a Bolívia. (...) Não pode esquecer que nos anos 70 era a revolução sexual, a juventude queria conhecer o mundo, mudar o mundo. Eu sou de 47 e na época eu tive duas influências complementares: a música e o lado hippie, a contracultura e ao mesmo tempo me politizei cedo. (...) Trabalhei sete anos como motoboy (“coursier”), você trabalha muito, ganha muito, podia parar e depois retornar. Me permitia ganhar

dinheiro para fazer minhas viagens, eu sofria onze meses para me dar dois , três meses de férias no paraíso, norte da África, Índia, Grécia. Na época era fácil fazer isso, normal . Entre os coursiers tinha a moda de juntar um grupo para construir um barco e viajar , dar a volta ao mundo. E tinha outros como eu , independente, cada um com sua loucura.

Sobre a sua trajetória de viagens, Pierre (47 anos), ex- funcionário do sistema ferroviário francês na fronteira com a Suíça, comenta a origem do gosto pelo encontro com a diversidade cultural:

Como europeu você começa viajando muito pela Europa, desde criança, tudo é perto, os países são vizinhos, você vai visitar nos fins de semana, você vai ampliando a visão. A minha viagem mais tarde foi pra Turquia, Israel, Egito, Marrocos, atravessei o Saara de carona, daí voltei pra França , mas depois você não pára mais. Fica viciado em viagem , no movimento, no fato de encontrar outras culturas , na dinâmica.

Simon (48 anos) , ex-funcionário dos Correios em Paris, relata a associação entre o apelo da música e a prática da viagem em outros continentes, em sua geração:

Os meus amigos de Paris viajaram pela América, eu ouvia as músicas e me dizia: ‘um dia eu vou no Brasil’. Eu comecei a trabalhar como carteiro em Paris, juntar dinheiro pra viajar. E também foi a época que eu comecei a tocar tambor , eu tocava mambo, chá-chá-chá . Eu queria saber de onde saíam esses ritmos. Eu tive um professor que era argentino, mas viveu muito tempo em Cuba e ele disse: ah, você quer conhecer ? ou você vai em Havana ou no Salvador da Bahia.

Maude (59 anos), que migrou para o Brasil aos dezenove anos, relata sua prática de mochileira durante e após mais de dez anos de trabalho estável no Rio de Janeiro, associando a aventura à preocupação ecológica e à descoberta de outras culturas, em paralelo à militância pela proteção animal :

Eu queria viajar pelo Brasil, eu já tinha viajado muito pela América do Sul, aquela parte de Machu Pichu , do Titicaca, é que eu gosto muito desse tipo de Turismo, de mochila. Eu conheci o Pantanal, eu era apaixonada por aquilo lá . (...) Então eu pensei: “eu vou viajar, eu vou pegar a mochila e vou viajar pelo Brasil afora”, eu comecei por Manaus, fiquei uns 3 meses lá pra cima.

Na Amazonia eu fui primeiro com a Whisper (World Society for the Protection of Animals), que hoje em dia tem escritório aqui no Brasil. Mas na época só tinha um representante colombiano que volta e meia vinha pro Brasil e a gente fazia investigação de tráfico de animais na Feira de Caxias, filmando eles vendendo os pássaros. E junto com ele, que era o

representante da América do Sul, eu fui pro Amazonas prá ver o Zoológico do Exército que era assim uma coisa lastimável, que não dá nem prá descrever, um horror.

Em certos casos a jornada em direção ao “Outro” combinou o espírito aventureiro com a perspectiva da solidariedade com o terceiro mundo, através do engajamento em ONGs que realizam trabalhos sociais na América Latina, ou em redes de cooperação na área de saúde e desenvolvimento comunitário. A empatia com a sorte de povos desassistidos e marginalizados no processo de modernização inspirou também a vinda de jovens europeus ao subcontinente, desejosos de compensar a defasagem que aquelas comunidades apresentavam com respeito ao padrão de desenvolvimento europeu.

Em seu depoimento, Rudolf (63 anos) relata sua vinda ao Brasil aos vinte e dois anos de idade através de uma ONG austríaca em 1969, com o objetivo de dar formação técnica em metalurgia a jovens no interior da Bahia. Elise (41 anos) relata seu trabalho junto a ONGs na Bélgica, como a OXFAM, uma organização internacional de colaboração para o desenvolvimento, que comercializava o artesanato de comunidades indígenas latino-americanas a um preço justo, o que motivou sua vinda posteriormente como voluntária em uma campanha sanitária de zoonoses no Paraguai. O trabalho social em áreas carentes do sul global se deu como uma forma de aproximação do europeu com a América Latina, mobilizando os migrantes isolados com espírito aventureiro.

Em sua segunda vinda ao Brasil em 1995, Nicola (60 anos), formado como psicólogo e enfermeiro especializado na área de saúde mental, fez por três meses um estágio na Organização Amor Fraterno, uma associação de amparo a meninos de rua de Salvador sustentada por ONGs italianas. Apesar de não se envolverem aqui com o trabalho voluntário assistencialista Elise (41 anos) e Justine (38 anos), a primeira belga e a segunda congoleza-belga, tiveram experiências anteriores junto a ONGs e vieram ao Brasil respectivamente em 1996 e 2000 acompanhando seus maridos belgas, um deles bioquímico vinculado à Fio Cruz, o outro médico-infecologista vinculado a uma ONG internacional voltada ao combate de tuberculose e hanseníase na África e no Brasil.

A associação do gosto pelo “nomadismo” e pelo contato com outras culturas com o trabalho semi-voluntário junto a Ongs, constituiu para determinados indivíduos um meio de realização profissional que ampliou sua visão de mundo e de como situar-se dentro dele. Habituada à desterritorialização desde a infância, quando seu pai se deslocava como funcionário da English Electric acompanhado da família, Cordelia

formou-se em Educação e presta serviços a Ongs na Inglaterra e atualmente também em Salvador. Cultivando o desejo pela “descoberta do outro” optou desde jovem pela errância cosmopolita, desenvolvendo habilidades profissionais que lhe permitissem transitar entre culturas. Sobre a sua trajetória “nômade” e seu background familiar relata:

C- Meu pai é gaulês e minha mãe escocesa, eles se encontraram no Kenya, ela como enfermeira e ele trabalhando numa mina. O casamento deles começou lá, então eu acho que isso me influenciou muito. Em cada dois, três anos da minha vida eu mudei, eu estudei acho em onze escolas. (...) Eu sou a do meio de três irmãs. E tinha uma época quando eu estava morando na Romênia, a minha irmã mais velha estava em Budapeste e a mais nova estava na Itália. Então eu venho de uma família com essa tradição assim de viajar. E eu conheço o J. há anos, mas a gente começou a namorar quando eu estava em Istambul, mas por várias razões para a gente morar junto eu tive que voltar pra Inglaterra. E eu fiz um acordo com ele: “eu vou morar com você em Londres, tudo bem, mas eu não vou ficar a vida toda num lugar, eu não posso, eu quero depois disso mudar.”

A ampliação e aceleração no avanço das telecomunicações e transportes no último quartel do século XX teve efeitos hoje inquestionáveis sobre o que Appadurai (1996) denominou “a imaginação social”, articulando a mídia e a migração nos projetos de vida dos indivíduos contemporâneos e tornando a mobilidade um recurso ao alcance de muitos. Indagado sobre como vê as mudanças no panorama migratório dos últimos 40 anos, o Cônsul Honorário da Itália em Salvador comenta a importância dos fluxos de informação na transformação das trajetórias e na disponibilidade para o movimento.

Eu vejo sim, como ítem de grande fomento para esta movimentação generalizada pro mundo inteiro, a comunicação, a Internet, a televisão. Ou seja, de repente as pessoas passam a ter acesso a níveis de informação gerais de locais, de situações, de pessoas, de modos de ser e de viver que, vamos ser objetivos, antigamente não existiam. Ou melhor, existiam as mesmas coisas mas as pessoas não tinham conhecimento. Se eu não tinha conhecimento não tinha curiosidade e essa condição de viajante de um local para outro era uma característica de poucos. Mais ainda porque anteriormente viajar de um país para outro era significativamente mais caro e hoje os meios de comunicação aérea e marítima tornaram a possibilidade de viajar de um local para outro mais acessíveis.

As novas técnicas de Turismo, até como atividade econômica de um país, tornaram possível a uma pessoa na Itália que ia fazer sua viagem de férias na costa Adriática ou na Sicília ou Sardenha, com o mesmo dinheiro pegar um avião vir ao Brasil, ir à China ou a outro canto

do mundo, com diferenças econômicas pequenas. Isto somado à curiosidade por novas realidades, de novos fatos que entram diariamente nas nossas casas e está na nossa frente na televisão, com a Internet, com os jornais é uma provocação incrível.

3.1.1 Aventurar : “um quinhão de segurança por um quinhão de liberdade”

Eu queria mais alguma coisa, além de correr atrás de um carro, de uma geladeira, de uma casa. (Rudolf, austríaco)

O termo inglês “drop-out” no sentido de dissidência do sujeito que opta por abandonar um sistema de valores excluindo-se voluntariamente de uma organização social, pode aplicar-se em certa medida a uma parcela dos migrantes aventureiros europeus entrevistados que escolheram instalar-se no Nordeste brasileiro. Em seus relatos a busca por novas experiências e pelo desafio de enfrentar o desconhecido reflete a rejeição ao instituído e ao controle social que marca suas sociedades de origem, pecando pelo excesso de ordem e pela restrição ao espaço de ação individual.

Ao tratar do processo individualizador nas sociedades complexas, G.Velho (1981) destaca na noção de projeto a ênfase na margem de manobra existente na sociedade para opções e alternativas, dentre as quais está “sair em busca de novos espaços físicos e sociais”. O autor aponta a alternativa de afastamento ou renúncia, face a um campo de possibilidades histórica e socialmente dadas, como expressão da impossibilidade de obter status, uma posição condizente com as expectativas culturalmente elaboradas. Devemos entretanto considerar a possibilidade de rupturas com o quadro de valores dominante intervirem nos projetos de novas gerações que, atraídas pela errância, são impulsionadas por fatores de atração tanto ou mais que pelos de expulsão.

O relato de Rudolf indica a influência do ideário da contracultura sobre sua decisão por partir para o Brasil a serviço de uma ONG:

Minha cidade tinha na década de 60 um apelido, era chamada a ‘república democrática alemã da Áustria’, com tudo certinho, você não precisava requerer nada, tinha tudo o que você precisava - médico, escola. Agora, se você se comportasse de um jeito que não fosse dentro daquele padrão deles, você já era mal visto, era colocado como se fosse um cara perigoso. Então era problemático, desde criança. Isso foi na época de 60, muito interessante, os hippies surgindo, os Beatles, os Rolling Stones, essas coisas todas, o rock and roll, você pega carona na coisa mas não sabe pra que lado vai. (...) Quando eu fiquei sabendo que Che Guevara foi assassinado, aí eu descobri que tinha alguma coisa aí, mas eu não sabia o que era. Então isso tudo mexe com a cabeça.

A- O fato de você vir prá cá foi considerado algo incomum ?

R- Foi. De certa forma eu queria trilhar um caminho diferente dos outros. Um amigo meu me perguntou antes de eu sair de lá : “escuta , você vai ganhar quanto com isso ?” Eu expliquei e ele disse: “só isso, em três anos ? Isso você ganha na Suécia em três meses.” Eu queria mais alguma coisa , além de correr atrás de um carro , de uma geladeira, uma casa.

A- O que você queria, exatamente ?

R- Eu queria poder vencer dificuldades que os outros não conheciam. Eu queria através desse trabalho conseguir experiências que outros jamais iam sonhar em ter.

O depoimento do ex-Consul da Alemanha em Salvador sobre a mudança no perfil dos alemães residentes na cidade a partir do final dos anos setenta, quando assumiu o Consulado, posição que ocuparia por vinte e cinco anos, aponta a relação entre o movimento de contracultura e o início de um novo fluxo de migrantes aventureiros, que se diferenciava claramente dos migrantes temporários que anteriormente aqui tinham vindo estabelecer indústrias no Pólo Petroquímico, no Centro Industrial de Aratu ou na Tibrás. Um estranho “surto” de *“alemães esquisitos”* (sic) surgia então, identificáveis por não terem propriamente profissões definidas e tampouco uma “alta instrução”.

Na Alemanha nos anos de 1968, 69 e 70 houve uma espécie de revolução, não só estudantil, (mas) da juventude; aqui teve coisas parecidas, não propriamente hippie, um movimento contra o confinamento em leis, ‘o condicionamento nisto e naquilo não é liberdade, a verdadeira liberdade é (...)’. Foi naquela época inclusive que apareceram grupos terroristas de jovens , essa foi uma revolução na juventude.

Esse surto de pessoas era impulsionado por maiores facilidades de comunicação, de aviões mais baratos, o navio nem era mais considerado transporte para essa distância.

E tinha dois tipos : era esse que revoltado com o engessamento por leis, por proibições, por isto e aquilo, por uma vida ordenada em demasia e coisa e tal ; e sonhando com uma liberdade onde não tem inverno e as mulheres são mais , como é que é , mais fáceis de conquistar, (pois) as mulheres na Alemanha começavam a criar os seus movimentos feministas. Tudo isso eram fatores. E as pessoas que tiveram insucesso na sua vida profissional.

O acesso aos bens de consumo assim como aos benefícios oferecidos pelas sociedades do Bem-Estar Social , com relativa segurança no mercado de trabalho e a cobertura das necessidades quando se está fora dele, que caracterizam a organização

social nos países afluentes, não se mostram razões suficientes para impedir a migração de europeus para o sul global em idade ativa, apontando para aspectos subjetivos que justificam essa opção.

O depoimento de Carl (54 anos), irlandês, coincide com o de Rudolf no que diz respeito ao mal-estar face ao controle social a que estiveram submetidos em seus países, evidenciando o papel central da instituição religiosa em sua sociedade de origem.

C- Eu sempre dizia: “Cork is a nice place to come from, maybe not to live”. A Irlanda sofreu também (além dos problemas econômicos) de uma opressão sufocante da Igreja Católica. Quando se está de olho em você 24 hs por dia ... a minha fuga de lá também teve muito a ver com isso. Eu dizia: “Eu não quero mais viver com isso”.

A- A vinda para o Brasil representou pra você maior liberdade de algum tipo?

C- Foi o fato de sair daquela paróquia, dizem que o Brasil é o maior país católico do mundo, mas é totalmente diferente. A primeira vez que eu entendi o que dizia o Pai Nosso foi em um Centro Espírita, porque na Irlanda eu repetia, naquele inglês de Shakespeare, sem entender o que dizia. Então eu rejeitei muito a Igreja, a mensagem cristã foi ocultada pelo peso da instituição. Além disso, o diretor da escola que eu frequentei era molestador de menores, então eu tinha bons motivos pra me afastar.

A recusa do consumismo, visto como traço característico das sociedades afluentes, que pode embotar valores humanistas e determinar a trajetória dos indivíduos atrelando-a à ascensão profissional, à busca de conforto e prestígio social, é enfática no discurso de Cordelia (45 anos), gaulesa, que atribui às vivências propiciadas pelo “nomadismo por escolha” um valor existencial que não tem equivalente na vida sedentária de seus amigos ingleses, à qual ela se opõe diametralmente, como um passaporte para a felicidade.

C- Antes de a gente sair de Londres (C. e o companheiro J.), a nossa saída perturbou muito alguns de nossos amigos, porque a gente estava escolhendo uma coisa fora daquilo a que eles estão presos. E eles diziam: “eu não posso fazer o que vocês estão fazendo” ...

A- Por que estão presos a uma atividade...

C- Não, estão presos porque gostam de ter dois carros, a realidade é essa, eles não estão presos, isso não é verdade. Ninguém é preso depois de um certo nível de educação, você pode fazer o que quiser, você precisa um pouco de planejamento, inteligência e tudo bem. Pobre é outra coisa, porque você fica realmente preso por causa das condições. Mas os

nossos amigos ... e você tem que ver que isso foi numa época em que Londres estava cheia de gula, ganância, essa coisa pela qual agora ela está pagando com a crise financeira. Todo mundo ganhando e comprando coisas. Um amigo nosso disse que não pode ter um banheiro com só uma pia porque enquanto ele está fazendo barba ela quer fazer “maquillage”, então vão colocar duas pias. É uma coisa estúpida, uma coisa de materialismo.

A- Mas você acha que isso predominou quando, na década de 90 ?

C- Eu acho que a pior experiência que eu vi foi quando a gente voltou em 2007, logo antes da crise, teve coisas que eu vi que eu achei bem feias. Uma falta de valores e as pessoas perdidas nessa coisa de dinheiro, perdidas e não sabendo como sair. Elas ficaram perturbadas com a nossa saída porque a saída em si estava questionando a vida deles. Eu lembro que alguém me falou: “Tem duas coisas, tem a satisfação com as coisas da vida e tem a felicidade da vida, você está optando pela felicidade” e ele mesmo falou : “Eu não posso fazer isso, eu gostaria de fazer isso”. Mas é mais importante para ele saber que a cortina vai combinar com o tapete, coisa em que eu nunca, nunca tive interesse. E eu acho que essa coisa de me mudar de dois em dois anos e eu sempre tive que deixar as minhas coisas, então eu não tenho muito... (apego).

Elise (41 anos, belga) comenta a tendência de indivíduos cosmopolitas buscarem novos espaços para se instalarem, em parte como resposta à saturação no mercado de trabalho ou ao clima adverso na Europa, confiantes em sua bagagem cultural e profissional para empreender uma migração aventureira, sem qualquer planejamento prévio, deixando amplo espaço para “o que der e vier”.

Os belgas nem tanto, mais os holandeses, que gostam de explorar, migram: “Eu vou prá África, eu vou ver o que eu faço por lá”, com o pensamento: “Eu estudei, eu falo várias línguas, eu tenho o meu diploma, claro que vai ter trabalho pra mim lá, se isso não der certo eu faço outra coisa”. Eu tenho uma amiga belga em Itacimirim que tem um esposo peruano, ela falou pra mim : “Eu vou lá abrir uma pousada e se não der certo eu vou vender batata frita que eu sei muito bem fazer”. (...)

Mas sobretudo pelo espírito de aventura e por acreditar que lá vai ter um espaço pra mim, um buraco no mercado , aqui está tudo saturado, lá vai ter um trabalho pra mim, porque eu tenho um diferencial. Vou chegar lá, vou mostrar o meu talento, vai ter alguém que vai reconhecer e vai dar certo.

A opção pela migração que para alguns é o resultado de um processo de stress, podendo ou não ser planejada com antecipação, para outros é o encaminhamento natural

de um espírito aventureiro e desprendido, de rápida resolução, como no caso de Cordelia , que relata a decisão de mudar-se para o Brasil após uma visita a uma amiga que residia no Rio em 2000:

(...) eu voltei do Carnaval e disse pro J. : “a gente vai pro Brasil”, eu escolhi. E ele estava assim tão estressado, preocupado com o trabalho dele (legendas para DVDs) que disse “tudo bem, eu não sei, você que sabe”. (...) mas isso só foi possível no final de 2003. J. tem um apartamento em Londres que deixamos prá ser alugado, doamos todas as nossas coisas pra essas lojas de Ongs (charity shops), doamos pros amigos, vendemos algumas coisas e saímos do país assim. Pegamos um “around the world” ticket porque na época a gente tinha \$, porque o J. conseguiu vender a empresa , mas a gente sabia que esse ia ser o último momento de nossa vida com essa grana. (...) Ele estava se sentindo preso na empresa, ele tava querendo viajar, tava querendo deixar as coisas. (...) Ele também viajava um pouco quando era mais jovem e eu acho que ele sempre contou comigo porque sabia que eu ia querer viajar e sabia que eu fazia isso na prática.

Ao comentar sobre a opção por migrar, do ponto de vista do desenvolvimento pessoal, considerando que para muitos latino-americanos ir em direção ao 1º mundo significa deslancar profissionalmente, enquanto o sentido inverso não obedece à mesma lógica, Pierre interpreta a errância em termos filosóficos, como um impulso do ser humano em busca do desconhecido , que demanda uma disposição especial.

P- (...) Mas o mundo é assim , tens os daqui que vão prá lá e os de lá que vem prá cá, sempre foi assim. Não é apenas uma coisa econômica, é por curiosidade. (...)

A- Mas você acha que para a pessoa vir e se instalar aqui, ela tem que ter um perfil específico , um tipo de flexibilidade ...

P- Ela tem que chegar aqui querendo e amar isso aqui e entender.

3.1.2 A “busca de si” , a migração movida por valores e a consciência planetária

Nosso país mudou muito, tem muito racismo, tem muita violência, só pela aparência física ou de ter ou de não ter. A gente queria fugir disso já faz um tempo. (Manon, francesa)

A “busca por outro lugar” pode confundir-se em certos casos com a “busca de si”, sugerindo uma migração movida por valores pessoais quando um processo de questionamento dos valores culturais sobre os quais se pauta a vida do indivíduo já está em curso. No caso dos jovens migrantes aventureiros da geração marcada pelo ideário contracultural, o conflito com a ordem do instituído se expressa em projetos de evasão, precedidos ou não de uma crise de saturação, como no caso de Carl (56 anos, irlandês).

Em seu relato, a cisão entre o universo de prazer propiciado pela música e o pesado fardo de uma ocupação profissional por sobrevivência resulta em uma brusca ruptura no projeto de sua vida, percebida por ele como uma “vida dupla”.

Eu terminei a escola em 72 e não ganhei pontos suficientes pra ir pra faculdade, também não sabia o que queria fazer. (...) Então eu comecei a trabalhar no almoxarifado de uma empresa de material de construção e depois fui contratado para trabalhar numa empresa farmacêutica, na área de manutenção de equipamentos. Eu era também DJ de rádio e tocava bateria numa banda de rock. Mas a empresa era muito caótica, eu fiquei 3 anos lá; fui encarregado das compras da fábrica e acabei tendo um colapso nervoso, por causa da pressão. Eu estava queimando a vela pelos dois lados, eu vivia duas vidas, o lado da música e o lado do stress do trabalho.

Então em 79 eu desisti, fui pra Londres, onde tinha amigos, e comecei a lavar pratos em um restaurante italiano. Eu tinha vinte e quatro anos e queria me livrar desse mundo com o qual não me identificava, foi uma fase de questionamento. Eu fiquei ajudando na cozinha, ganhava dinheiro pra sobreviver, mas acabei gerenciando o estabelecimento. Mesmo assim foi a época mais negra da minha vida e durou cinco anos. Em 84 eu vim para o Brasil, em um viagem planejada para um ano, a idéia era me achar.

Sem que ocorra uma crise existencial, a busca por outro lugar orientada por valores pessoais pode constituir um projeto a médio prazo, com um planejamento prévio que inclui a poupança destinada à aventura da desterritorialização, sobretudo se tratando de migrantes com família constituída, como no caso de Manon (40 anos) e Bernardo (41), ela francesa e ele ítalo-francês, que migraram para a Bahia em 2001 com dois filhos, um de onze anos e o outro recém-nascido. Fala Manon:

Quando a gente se casou já foi com essa idéia de nos mudarmos para um país, seja perto ou longe, mas um país mais atraente que a França. (...) Durante 15 anos não paramos de trabalhar, sem tirar férias, pra guardar dinheiro (com exceção da viagem do B. pra conhecer os lugares) , pra ter um tempo durante um ano , pra gente ver se realmente a gente não errou na escolha do país.

A- Um país mais atraente em que sentido ?

M- No sentido de Humanismo. Porque lá na França não existe mais esse contato entre as pessoas, o contato amigável. É só o aspecto do contato físico, do dinheiro, são só os aspectos fora da personalidade, fora do interesse da pessoa. Não tem mais o contato de amizade de verdade como quando eu ouvi nossos avós , bisavós contarem. Nosso país

mudou muito, tem muito racismo, tem muita violência, só por causa de uma aparência física ou de ter ou de não ter. A gente queria fugir disso já faz um tempo.

A opção por viver em países que podemos situar como “no limite do Ocidente” ainda que temporariamente, seja no leste europeu seja no sul global, mas por um período significativo da vida produtiva dos migrantes aventureiros, remete ao questionamento dos valores em que foram socializados originalmente e ao desejo de incorporar a diversidade, como estratégia de enriquecimento existencial em oposição à lógica da competitividade e da acumulação de bens e prestígio.

O relato de Cordelia salienta o peso atribuído por ela e seu companheiro à convivência no local, em termos de um alargamento da compreensão da condição humana, que justifica o investimento de viver aqui movidos pelo desejo único de compartilhar suas vidas com “outros” semelhantes e desiguais. Indagada se é o trabalho junto às Ongs o que desperta seu interesse por estar em Salvador nesse momento, levando-se em conta também sua passagem pela Índia, Romênia e Turquia, Cordelia comenta:

Sim, mas eu não posso dizer as Ongs mesmo, porque as Ongs aqui são complicadas ...mas elas me ajudam, me aproximam de uma vida popular que normalmente eu teria problemas para me aproximar. (...) E outra coisa que eu acho que me atrai muito nos bairros populares onde eu trabalho, no Alto do Cabrito, no Uruguai, na península de Itapagipe, o Calabar é outro lugar, o Nordeste de Amaralina também, é o espírito do bairro ...

(...) E a capoeira de J. é lá na Pedra da Sereia, ele conhece as famílias de morro, ele está fazendo agora um projeto de filmar as crianças, entrevistar. Então a gente tem uma aproximação com pessoas incríveis, que estão na luta mesmo. Ontem foi feriado, né, nós fomos pro Engenho Velho e fizemos parte de uma caminhada contra a intolerância religiosa, uma coisa de terreiro. Foi muito bacana, saímos do Engenho Velho, fizemos a Cardeal da Silva e acabamos na Vasco, saudando todos os terreiros daquele lugar, terminou na Casa Branca. Muito bacana, música, tinha um espírito, muito astral, essa é uma palavra em português que a gente não tem em inglês.

A adesão ao trabalho social como opção profissional, como tem sido o caso de Cordelia atuando junto a Ongs que na Inglaterra prestam assistência a populações imigrantes e no Brasil se voltam para populações social e economicamente excluídas, ilustra um perfil de cosmopolitismo éticamente responsável que emergiu em sintonia com uma consciência ecológica planetária e o discurso holístico sobre o futuro da

humanidade. Nessa perspectiva a “qualidade de vida” não pode ser dissociada do desenvolvimento humano generalizado, do uso consciente dos recursos naturais e da aceitação da pluralidade nas formas de existência.

Envolvidos pelo “espírito de seu tempo”, sem que para tanto ocorra uma adesão explícita ou mesmo voluntária a um ideário político-filosófico, uma parcela dos migrantes pesquisados demonstra ao desterritorializar-se a atração pela alteridade e a disposição para envolver-se, incorporando em certos casos perspectivas que antes lhe eram alheias ou desconhecidas. Sentimentos de solidariedade para com a população local e tolerância com respeito aos aspectos duros da realidade social que presenciam são mais frequentes do que atitudes engajadas, entretanto a militância pela preservação ambiental pode ocorrer e mesmo dar sentido, como no caso de Maude, à própria opção de permanecer no sul global, após a separação do marido brasileiro e um retorno por seis meses à Inglaterra.

Nesses anos todos, sobretudo depois da minha separação eu sempre fui muito ativa na parte de Ongs de proteção animal, foi uma coisa muito importante depois que eu voltei pro Brasil. Eu trabalhava nisso como voluntária, eu viajei, eu fazia traduções nas minhas férias, eu fui pra Amazônia com a Whisper, tudo isso foi muito importante na minha estada no Brasil. Tanto pra Ongs que trabalhavam pra preservar o Meio-Ambiente, contra o tráfico de pássaros por exemplo, como a parte dos cachorros de rua, de ensinar a responsabilidade de posse dos animais. Lembra da Farra do boi, em Santa Catarina? Eu cheguei a viajar com o pessoal de uma Ong para fazer manifestação lá e tudo. Então foi uma parte pra mim muito importante, que eu achei que estava ajudando, não financeiramente, mas pelo menos...

3.1.3 A recusa da Europa e a “busca por outro lugar”

Eu buscava a incerteza. (...) Nasci no país errado. (Maestro Widmer, suíço)

Eu conheci o outro lado, a urbanização perfeita, que eu vivi como se estivesse no livro de G. Orwell, 1984. (...) O patrulhamento ideológico é uma miséria. (Rudolf, austríaco)

A recusa da Europa se expressa no discurso de alguns dos migrantes autônomos entrevistados de modos diversos. Seja como crítica a valores sociais predominantes percebidos como opressivos para a realização do indivíduo na sua vida cotidiana, seja como oposição ao excesso de ordem e controle social sobre o sujeito, restringindo suas possibilidades criativas ou ainda como rejeição às mudanças sociais que, por fatores conjunturais de natureza econômico-política, vêm afetando as relações humanas e as perspectivas pessoais de realização profissional no seu contexto de origem.

Analisando a vinda à Bahia de europeus que compunham uma vanguarda em seus respectivos campos de atuação, no período do pós-guerra, Risério (1995) se refere a eles como uma “diáspora atlântica da inteligência européia”, entre os quais se encontravam músicos eruditos e experimentalistas (Koellreutter, Smetak e Widmer), intelectuais não convencionais dotados de uma perspectiva antropológica e estética inovadora (Agostinho Silva, Pierre Verger, Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka) que contribuíram para transformar o panorama da produção cultural local, deixando-se ao mesmo tempo metamorfosear através dela.

Em resumo, esses estrangeiros viram em nossos trópicos, como que numa inversão do quadro europeu, o mundo novo onde vivia uma gente especial e onde tudo era possível. Ecos, ainda, da fantasia utópica medieval da Ilha Brasil. E eles experimentaram aqui, recordando as palavras de Gilbert Durand, uma espécie de “reencantamento do mundo” e das relações humanas que a Europa, especialmente a França, perdeu no decorrer dos horríveis desencantamentos das autodestruições de duas Guerras Mundiais do século XX’. E esse mundo novo, habitado por uma “gente maravilhosa”, apresentava uma realidade cultural sincrética, cheia de frescor e originalidade, com uma potencialidade incalculável. O Brasil é visto por eles, em última análise, como a possibilidade palpável de constituição de um emissor cultural ao mesmo tempo novo e profundo, produzindo signos capazes de transformar para melhor a vida no globo terrestre. É um pólo irradiador de uma mensagem antropológica de alcance planetário. E o europeu se redimensiona radicalmente nesse mergulho: o olhar sobre o *outro* retorna sobre si mesmo. (Risério, 1995:82)

O discurso de Rudolf, austríaco, residente há 39 anos na Bahia, sugere a convicção de uma escolha feita precocemente na juventude que não foi revertida pelo tempo nem pelo conhecimento da realidade local, percebida como muito contraditória, porém estimulante.

A- Você disse que nunca pensou em voltar à Áustria ou à Europa e nem mesmo aceitou uma oferta de trabalho em SP, e afirmou: “Nada me tira de Salvador”. Por que não?

R- Porque Salvador é o epicentro da maluquice brasileira, eu penso que não existe no mundo um lugar mais apaixonadamente louco que Salvador, Bahia. Com todas as dificuldades. Os jovens que vão para o 1º mundo, eles vão atrás do que? Atrás daquilo que você tem no shopping, atrás de uma ordem, de uma urbanização perfeita, atrás de uma seriedade, atrás de uma base que você não tem aqui. Aqui se vive de sobressalto em sobressalto, você fica sem saber o que vai ser amanhã.

A- E isso nunca te incomodou?

R- Não , isso aí é que é interessante, embora seja estressante e enervante, porque você vê muita gente transgredindo onde você pode imaginar e onde você não pode imaginar .(...)

Você vê tanta coisa acontecendo que puxa o freio de mão do Brasil, a falta de disciplina, a falta de um monte de coisas que realmente prejudicam.(...) Mas eu conheci o outro lado, eu conheci a urbanização perfeita. Um outro lado que eu vivi como se estivesse no livro de George Orwell, 1984 . Então é isso mesmo, o patrulhamento ideológico é uma miséria.

O convívio com as contradições locais, com a união de extremos representada por exemplo pela coexistência do calor nas relações humanas e da violência das relações sociais, requer desse imigrante que se entende cosmopolita não apenas flexibilidade, mas disposição para o alargamento da lógica e do sentido, nela incluindo a ambigüidade e a heterogeneidade que o pensamento racional europeu tenderia a negar, na observação de Laplantine (1994). Ao abrir mão da lógica da unidade para abarcar a pluralidade, esse sujeito europeu se rende a uma visão de mundo diferenciada e a formas de conhecimento para ele antes inéditas, que se incorporam à sua consciência, levando alguns a se perceberem como “deseuropeizados”.

Tobias (42 anos, alemão) relata o impacto do encontro com o diverso no Brasil e o movimento reflexivo subjetivo que o leva a optar pela permanência aqui, como o resultado de um balanço entre prós e contras.

Morar no Brasil sempre foi um sonho, desde a 1ª vez que eu pisei aqui eu estava apaixonado por essa terra, muito diferente da Alemanha , então tem uma atração forte. Não é à toa que muitos alemães quando chegam aqui se apaixonam , não só pelas mulheres , mas por tudo , pela música, pela cultura , pela mistura das raças , a confusão na maneira de viver , o tempo ameno . Eu tinha muitas vezes a sensação na Alemanha que eu nasci no país errado , no lugar errado, eu sofria com o frio , eu sofria com muita coisa lá. Aqui também eu sofro com outras coisas , mas o ideal também não existe. Hoje , mesmo com todas as dificuldades que existem , eu não quero deixar isso aqui , é uma coisa muito forte.

Risério comenta a revisão/reavaliação comportamental que teria atingido os músicos suíços Widmer e Smetak após se instalarem na Bahia em meados dos anos 50 :

Na Bahia (...) arquivaram a gravata , literal e metaforicamente. Mas pareciam dispostos a isso, a incrementar o desvio da norma européia. Ambos se achavam deslocados no ambiente e modo de vida suíços (...). certa vez , ao ser perguntado se a idéia de vir para o Brasil não o assustara, Widmer, que também se naturalizou brasileiro, respondeu: “Não. Me assustava era a Suíça. Tinha 29 anos e não podia me enquadrar naquela vida. Eu procurava a incerteza.

Não podia me conformar com uma sociedade obcecada pela segurança. Seguro contra o tempo ruim, seguro contra quebrar o esquí, seguro contra perder o trem, enfim, tudo. Eu também não ficava alinhado em nenhuma escola de composição e não gostava do clima. (...) Eu sempre procurava o calor, nasci no país errado.

E Smetak: Desde que vim para o Brasil tenho enfrentado grandes obstáculos. Quando cheguei, por exemplo, a orquestra sinfônica de Porto Alegre que me havia contratado se dissolvera. De qualquer forma concluí que era preferível envolver-me com a desordem e a liberalidade dos trópicos do que submeter-me às misérias européias semeadas por Adolf Hitler. (...) Na verdade, eu estava com novas preocupações na mente e havia consolidado a certeza de que o Brasil é a terra das impossibilidades possíveis, onde futuramente se materializará uma nova ordem e lógica. (Risério, 1995:98,99)

Pierre (47 anos), residente na Bahia desde 1988, incluindo alguns períodos em que circulou entre a Europa e o Brasil comerciando, avalia sua experiência vivencial, ao ser indagado se sentia o risco de “amolecer demais” ou ficar “atrasado” em relação ao 1º mundo, vivendo nos trópicos :

O que quer dizer ficar atrasado ?, se é uma questão de filosofia de vida , de jeito nenhum. Prá mim , aqui eu posso experimentar coisas que vão me soar muito mais do que eu estando na Europa . Lá , você vai num bar à noite, você pode passar a noite inteira sem falar com ninguém , aqui é difícil acontecer isso, sei lá ; mesmo falando besteira, são besteiras que são importantes prá crescer. Mas em termos de estudo , é claro , tem muita coisa boa na Europa , uma cultura muito forte , mas você pode ficar com os dois.(...)

Tem muitos elementos em jogo. Se você está pensando em se instalar aqui , pega o bom de lá e pega o bom daqui , esquece as coisas erradas daqui. (...) tem muita gente que chega aqui e não consegue se integrar, se adaptar, começa a reclamar de tudo e passa muito mal. O pior é que acaba passando dois, três anos aqui, e então fala: não agüento mais, vou embora ; chega lá , não consegue mais se readaptar lá.

A possibilidade de viver o “lá e cá” , de viver o “entre-deux”, está presente na prática dos europeus instalados na Bahia como uma estratégia que sujeitos de mentalidade cosmopolita empregam para viabilizar seus projetos de vida, o que demanda uma boa dose de flexibilidade . O dilema de alguns desses europeus descrito por Pierre, pelo fato de não se encaixarem de volta no contexto de origem depois de passarem por uma experiência migratória malograda, revela uma desarrumação no seu sistema de valores, o que os torna “outsiders” em ambos os contextos.

Em outros casos, como é o de Bertold (49 anos, alemão), a disposição para a adaptação que lhe permite inserir-se localmente, apesar do estranhamento face aos códigos culturais locais, é também o que reforça sua auto-percepção como cidadão global em movimento, que se dá o direito de escolher onde viver.

A- Você alguma vez já pensou em voltar pra Alemanha ?

B- Não. Esse é o meu ciclo de vida agora. Se minha filha mais tarde sair de casa, eu vou pensar como está minha vida naquele momento. Eu não estou com raízes aqui no Brasil, talvez um dia eu vou voltar para a Europa, (...) mas por enquanto eu tenho certeza de que eu não vou voltar pra Alemanha, porque como eu já tenho uma vida diferente hoje e comecei a me adaptar, os brasileiros são totalmente diferentes dos alemães, eu não vou conseguir mais viver lá. Porque essa coisa de estar organizado demais, eu não vou conseguir mais.

A- Você não se sentiria feliz ?

B- Nem feliz nem com essa liberdade. Pra mim talvez eu poderia pensar “vou para a Itália”, porque a Itália tem essa mistura certa : eles não são tão sérios, eles gostam da dolce vita, eles sabem como viver, com a culinária, com a arte deles. Eles tem pelo menos um pouquinho de ordem, de organização, tem pessoas que tem a formação certa. Então vamos ver como está daqui a dez anos.

Se as categorias da racionalidade européia não puderem ser aplicadas na contraditória realidade local, o esforço de decifrá-la e a vivência da multiplicidade de identidades no novo contexto já terá produzido nesses indivíduos o que Laplantine (1994) denominou um “alargamento da lógica”, tornando-se para eles mais penoso do que antes suportar a imposição de condutas dominantes exclusivas em seu contexto de origem. A “deseuropeização” vivida num primeiro momento como um “dépaysement” libertador através do encontro com o “outro” não se mostra, entretanto, operacional senão para aqueles sujeitos flexíveis capazes de incorporar a multiplicidade em si próprios.

O desejo de participar do cotidiano local pode servir de marco diferenciador na experiência daqueles migrantes europeus de perfil existencialista que optam por mergulhar no universo da cultura popular como forma de desdobrar sua identidade, abrindo mão da lógica da unidade e dispondo-se a incorporar o contraditório na própria vida. O relato de Cordelia sobre sua vivência é acompanhado de uma reflexão crítica sobre os limites da identificação com o “outro”, que observa entre alguns migrantes

aventureiros desejosos de auto metamorfosear-se em contato com a cultura baiana local, que percebem como autenticamente brasileira.

A- E se você fosse resumir prá um amigo seu, alguém que quisesse que você explique afinal, “porque você está lá agora?”, você diria ...

C- Que é por essas coisas da cultura popular, o espírito da cultura popular de modo geral que tem em Salvador, que me atrai muito. Por exemplo, ontem na caminhada eu gostei muito, eu estava vestindo branco, eu dancei, falei com as pessoas; mas eu sou branca e não faço parte, eu não estou fingindo que faço parte, eu faço parte da luta contra a intolerância, tudo bem. Mas no final das contas eu voltei pra cá, assisti a algum programa da televisão inglesa, tem uma cultura que eu posso acessar e curtir ... (…)

Isso eu gosto, mas eu não estou dizendo que eu quero fazer parte de uma comunidade popular, eu não sou daí. Eu conheço alguns europeus que querem ser brasileiros, querem ser da comunidade popular e eles se identificam tanto que eles esquecem as suas raízes. Eu não, eu sou branca, do País de Gales, eu gosto muito das coisas orais mas também do escrito, eu gosto de cinema, gosto de ler.

Pierre, ex-ferroviário na França e sócio de uma pousada em Arraial d’Ajuda por dezessete anos, pode ilustrar o perfil do migrante-cosmopolita flexível que administra sem aparentes conflitos a convivência com códigos culturais diversos e uma vida em trânsito. Durante três anos alternou estadias entre a Bahia e a Espanha comercializando artesanato de ambos os lados, permanecendo seis meses em cada país; posteriormente abriu uma firma de exportação de produtos brasileiros para a França em sociedade com amigos de lá e atualmente desempenha uma atividade sazonal (quatro meses ao ano), como garçom em embarcações que oferecem passeios turísticos no lago Lemano na Suíça, durante o verão.

Perguntado sobre a sua residência atual Pierre responde que é o Brasil, onde tem dois imóveis: um apartamento em sociedade com a ex-esposa em Salvador e uma casa partilhada com o ex-sócio da pousada em Arraial d’Ajuda. Indagado sobre o que em sua vivência de mais de vinte anos de Bahia o fez, em algum momento, pensar em ir embora:

P- A parte econômica apenas, eu adoro esse pedaço. (...) Se for prá trabalhar na França e ganhar um salário não muito bom, eu prefiro ficar aqui. São dois patamares, lá eu posso ganhar 1000 euros, 1200, mas vou gastar muito também; aqui eu posso ganhar 1500, 2000

(reais ?) , mas posso viver melhor, eu me sinto mais vivo aqui.

A- Por que você se sente mais vivo aqui ?

P- Prá começar o povo é muito mais novo aqui ... Isso já dá um impulso no país, uma dinâmica muito maior, o povo é muito mais animado do que lá , é o meu primeiro critério. Eu me sinto bem , você não envelhece tão rápido aqui. (...) Hoje aqui eu posso me sentir como se tivesse quinze anos a menos, pelo entorno, aqui tudo é mais solto, é uma coisa que me levanta mais. Agora, daqui a trinta anos sei lá o que vai acontecer ...

A recusa da Europa, descrita por alguns desses migrantes como excessivamente materialista, racionalista e individualista, pode mobilizar os sujeitos imbuídos de uma mentalidade cosmopolita a articular o projeto de uma vida alternativa, tanto aos imaginários sobre o “outro lugar”- no caso a América Latina e o Brasil, quanto à sua própria capacidade de construir , a partir de seu capital cultural, técnico e simbólico o caminho que conduz à “qualidade de vida”. Categoria recorrente nos depoimentos, ela pressupõe de partida uma revisão dos parâmetros que ordenavam a vida anterior à migração, atribuindo pesos diferentes às conquistas pessoais e às perdas e ganhos que a opção por fixar-se nos trópicos pode representar.

3.1.4 A busca da “qualidade de vida”- um novo começo em “outro lugar”

Os depoimentos colhidos entre os indivíduos pesquisados indicam que a herança da contracultura na Europa produziu nas décadas que se seguiram sujeitos aventureiros mais bem de perfil cosmopolita, do que dissidentes do “establishment”. O impulso de atravessar fronteiras - físicas, culturais e simbólicas, que a errância associada à contracultura pôs em marcha, pode ser entendido como um estágio prévio de consciência do global, expressa no desejo pelo “outro lugar” , diverso e pouco conhecido.

Indagando sobre as razões que tiveram para deixar seus países de origem e os critérios empregados para selecionar o Brasil como destino de migração, nota-se a expressiva recorrência da idéia de buscar mais “qualidade de vida” , no relato dos entrevistados. Ela pode se traduzir em uma “virada de página”, deixando para trás uma trajetória profissional insatisfatória e/ou estressante, combinada a um desejo por um recomeço, investindo seus recursos em uma ocupação ou atividade novas em um lugar que ofereça mais oportunidades e onde o stress da disputa por espaço não se apresente.

Não se exclui a hipótese do recomeço implicar o afastamento do país de origem e até mesmo o anonimato, sob o qual se sentirão protegidos os indivíduos que em seu país fazem uso de estratégias para obter vantagens do sistema previdenciário, dos prêmios de seguros ou de qualquer brecha que a mobilidade entre países possa oferecer.

Pode significar ainda para o migrante de mentalidade cosmopolita a possibilidade de exercer sua criatividade diante de novos desafios, pondo à prova sua habilidade de inserir-se em um contexto desconhecido e de propor soluções que sua bagagem cultural e seu know-how técnico o habilitam a oferecer. Os depoimentos de Bertold (49 anos) e Franz (50 anos), ambos alemães, com uma trajetória profissional relatada como bem sucedida deixada para trás, não deixam de suscitar dúvidas quanto às reais razões que os trouxeram para viver na Bahia na plenitude de sua vida ativa, para se dedicarem a atividades menos rentosas e menos prestigiosas. O apelo da perspectiva de um novo começo e a auto-confiança quanto ao sucesso de tal aventura, não são necessariamente confirmados pelos fatos.

Bertold se mudou para a Bahia em 1999 aos quarenta anos, depois de quatro anos de união com uma baiana, encerrando uma agência de consultoria para abertura de empresas em Berlin, que tivera por doze anos. Hoje atua como guia de turismo em Salvador, para cujo curso de formação se apresentou com um sobrenome brasileiro equivalente ao popular “da Silva”, que informou ter adotado da esposa, para facilitar sua própria inserção local.

A- Você não pensou em montar aqui no Brasil uma empresa do tipo que você tinha lá ?

B- Não, por várias razões. Primeiro eu não queria mais trabalhar catorze horas, nem na mesma área, eu já estava cansado, eu queria algo criativo, queria fazer outra coisa totalmente diferente. Eu pensei, logo que cheguei aqui, em abrir um hotel, você sabe, eu sei me relacionar muito fácil e muito rápido com outras pessoas, independente de como elas são. Um hotel é uma coisa ideal, você conhece pessoas novas, bate papo, é parecido com o que eu faço hoje, mostrar a cidade, conversar, por isso eu gosto do que estou fazendo.

(...) Eu fui autônomo a vida toda, eu não procuro emprego, eu vou criar uma coisa pra mim e em nenhum momento eu penso que não vou conseguir.(...) O que eu gosto no que faço agora é que você faz o seu serviço e desliga, se você tem uma empresa você fica o tempo todo amarrado.

Franz (50 anos), ex-funcionário de empresas de Seguro na Alemanha, atuava na área de Publicidade e Marketing e, segundo relata, mudou-se para a Bahia após a ocorrência de um micro derrame (identificado como tinitus), diagnosticado como efeito de stress

profissional. Relaciona a questão da qualidade de vida à disponibilidade de recursos econômicos do indivíduo, ao mesmo tempo em que admite viver bem aqui, mesmo reconhecendo a redução dramática nos seus rendimentos profissionais atuais, se comparados aos anteriores à migração.

A vida sem dúvida tem mais qualidade para mim, não para todos os alemães, por que aqui você só tem qualidade de vida se tem recursos financeiros, senão a vida aqui também pode ser uma merda. Eu me mudei com reservas financeiras (agora só tenho uma pequena parte), com essa segurança. Teve também dois ou três erros que eu fiz aqui, mas eles não me mataram; por que aqui, sem reservas, um erro já custa a sua existência.

A qualidade de vida, especialmente como eu organizei a minha vida aqui, nesse bairro de Stella Maris frente à praia, é maravilhoso; e também com minha profissão nova no ramo de turismo, eu adoro. Eu ganho 10% do que eu ganhava na Alemanha, o que dá bem prá aqui, em comparação com antes está bom. Estou perto da natureza, nessa cidade linda, trabalho com pessoas que estão de férias, que estão relaxadas, interessantes, eu gosto disso.

Os recursos com que se conta de partida, sejam eles financeiros ou relativos à bagagem profissional podem ou não definir a inserção social que o migrante aventureiro europeu poderá alcançar. Admitindo-se que uma revisão de valores possa ocorrer, atribuindo um peso relativamente menor ao sucesso financeiro e um peso maior ao desempenho de uma atividade que proporcione prazer pessoal e contatos humanos, como é o caso de inúmeros estrangeiros, mas sobretudo europeus que decidem montar uma Pousada ao longo do vasto litoral baiano, o prestígio profissional é no entanto sempre buscado.

A recorrência de projetos de vida alternativos envolvendo o setor de lazer, turismo, alimentação e hospedagem em cidades e áreas naturais de perfil turístico indica uma associação entre o desejo de mudança de estilo de vida, iniciado pela desterritorialização e a saturação com as demandas de produtividade e status social no contexto anterior à migração, que são então gradualmente relativizadas.

Este movimento de indivíduos urbanos em direção a espaços naturais ao longo do litoral brasileiro e a zonas de proteção ecológica como a Chapada Diamantina na Bahia, e outras tantas áreas de conservação, não se restringe entretanto a estrangeiros aventureiros em busca de uma alternativa de vida. Compõem também esse quadro brasileiros que já desempenharam atividades profissionais no meio urbano, reunindo assim alguma reserva financeira, que decidiram buscar outro padrão de vida fora dele.

Nesse sentido, são tão “drop-outs” quanto os estrangeiros em relação aos valores que regem a inserção do indivíduo na modernidade urbana ocidental.

O que distingue os europeus migrantes desses dissidentes nacionais seria o fato de buscarem uma vida alternativa no “sul global”, por razões que envolvem de um lado o imaginário sobre a América Latina/Brasil e de outro a avaliação sobre a sua possibilidade de inserção nesse novo contexto social, econômico e cultural, levando em conta o capital simbólico que detêm enquanto europeus, face às relações assimétricas historicamente construídas entre o Novo e o Velho Mundo. Em uma parcela dos casos, como será relatado pelo ex-consul alemão acerca da leva de migrantes aventureiros que predominou na Bahia durante sua permanência no cargo nas décadas de 80 e 90, indivíduos envolvidos em falcatuas e devedores ao fisco vieram aqui se refugiar, iniciando então uma “nova vida” respaldada pelos recursos irregularmente obtidos.

A escolha da Bahia para se radicar se relacionou, na maioria dos casos pesquisados, com a “vocação turística” do Estado, seus atributos naturais e culturais que atraem como nenhum outro o próprio turismo nacional e que se constituiu nas últimas décadas, juntamente com o Rio de Janeiro e a Amazônia, em um pólo de atração oficialmente patrocinado, voltado para o turismo internacional. Para os migrantes em estudo as possibilidades de trabalho oferecidas pelo setor estão inegavelmente associadas a seu projeto de mudança de vida, pelas novas perspectivas de atividade autônoma que oferece e a chance de desfrutar de um cenário natural privilegiado e de um ritmo de vida menos estressante.

Entre os dezessete europeus entrevistados, nove estão ou estiveram envolvidos com atividades relacionadas com a operação de receptivo turístico e hospedagem na Bahia e quatro estão ou estiveram diretamente dedicados à área de restaurantes em pontos turísticos, um deles sobrepondo as duas atividades. Dentre eles apenas um já havia trabalhado com turismo alternativo (Tobias, alemão- tours em bicicleta) e dois haviam administrado restaurantes (Bernardo na França e Carl na Inglaterra), antes de migrar para o Brasil.

Pierre, ex-ferroviário na França, administrou por dezessete anos uma Pousada em Arraial d'Ajuda, em sociedade com um amigo, antes de se mudar para Salvador. Roberto, ex-cobrador de pedágio na Itália, administrou uma barraca de praia em Itaparica por sete anos, em sociedade com dois amigos, um italiano e outro argentino. Mudou-se depois para Morro de São Paulo onde, com o primeiro arrendou um

restaurante por dois anos, estendendo sua permanência por mais três anos como empregado de outro restaurante , cujo proprietário era também italiano.

O investimento profissional na oferta de hospedagem e gastronomia com “charme europeu”, envolve uma aposta na criatividade e no know-how de migrantes cosmopolitas que transferem para o Brasil soluções muitas vezes já experimentadas em outros destinos turísticos tropicais, na Ásia ou nas ilhas do Pacífico e do Caribe por exemplo. Sobre a presença de franceses nesse ramo de serviços na Bahia, o depoimento do atual Cônsul da França em Salvador enfatiza o bom-gosto como parte do capital cultural desses migrantes, aplicado em suas ocupações ligadas ao Turismo:

Tem aqueles que vem com alguma qualificação profissional , por exemplo na Gastronomia ou que tem essa tradição de Hotelaria que tem pousadas com estilo típico da região, aproveitando os aspectos, as paisagens e a integração cultural e arquitetônica; e fazem pousadas extremamente graciosas , pequenas em geral , sem muitos empregados , mas que tem o padrão de conforto europeu , o que é bem diferente da hotelaria geral do Brasil.

Carl, ex-chefe de almoxarifado em indústria farmacêutica na Irlanda e ex-gerente de restaurante em Londres, administra ainda hoje uma agência de receptivo turístico que abriu em Salvador, em sociedade com um amigo irlandês, em 1989. Depois de trabalhar por um período como professor de Inglês a partir de 1985, credenciou-se como guia de turismo no ano seguinte. Carl comenta sobre suas escolhas e o retorno pessoal obtido:

Eu sempre gostei do sol, como bom irlandês eu fugia da chuva. Eu gostava do fato de estar nos trópicos. Mas pra alguém que começou a viver num lugar totalmente novo, eu escolhi a profissão certíssima, eu fui imerso depois de um ano e meio de morar aqui, na cultura local. Eu conheci coisas que talvez alguém que more aqui por 30 anos não vai ter acesso. Eu tive sorte e cada vez que eu conhecia mais, mais eu gostava.

Nicola (60 anos), ex-psicólogo e enfermeiro na área de saúde mental na Itália relata sua disposição para um “novo começo” na sua segunda vinda ao Brasil em 1995, e a iniciativa não bem sucedida no setor de alimentação ao se radicar em Salvador no ano seguinte, resultado que ele atribui à sua urgência de mudar o foco profissional.

N- (Na 2ª vinda) aproveitei pra ver se havia possibilidade de me transferir em definitivo, eu estava pensando nisso. Honestamente eu estava cansado do meu trabalho na Itália, era repetitivo, não estava dando estímulo. Então eu pensei : se é prá mudar alguma coisa , deve ser radical e agora aos 45 anos , senão quando eu vou fazer isso , aos 60 anos ?

A- Lá você tinha um vínculo de trabalho permanente, na área de Saúde ?

N- Sim, eu era funcionário público.

A- E o fato de você ter lá uma série de benefícios, o Seguro Social, como isso pesou na sua decisão de vir pra cá, de deixar o que você tinha lá ?

N- Sinceramente eu não pensei nos benefícios que eu ia deixar lá, mas o fato de deixar os filhos , a minha mãe , a questão afetiva. Porque no trabalho eu já tinha feito a separação, eu desejava mudar o meu interesse completamente, o meu foco, não ia vir pro Brasil prá trabalhar de psicólogo ou enfermeiro.

A- E que perspectivas você via aqui ?

N- A perspectiva que eu estava procurando era na área da alimentação, eu abri um restaurante aqui na Ribeira , isso em 94, quando ela estava totalmente abandonada. (...)

A- Então a idéia de trabalhar com culinária era uma coisa que você já tinha na cabeça ...

N- Não era uma coisa fora de cogitação, estava na gaveta e saiu quando eu vi que a qualidade e a variedade de pratos italianos aqui era extremamente restrita; eu fiz também no espírito de aventura, não era uma coisa toda planejada. Digamos que nesse caso eu tive um pouco de pressa , era a vontade de mudar, porque eu estava cansado de fazer terapia de casais na Itália, de dar assistência, cheguei no meu limite, era um cansaço mental, de expectativas e de gosto.

A disposição para mudar de foco no trabalho responde no caso de Nicola e de outros entrevistados à necessidade de renovação de perspectiva e de interesse. Esses aspectos subjetivos relacionados com a decisão de migrar, como uma forma de mudança radical para indivíduos maduros, revela o peso dos valores pessoais ao fazerem um “balanço de vida”, momento em que recuperar o espírito de aventura corresponde a fazer novos investimentos pessoais de risco. Associado a esse componente está o imaginário sobre um lugar aberto às iniciativas, que ofereça espaço para testar a própria criatividade.

Indagada sobre as razões que, a seu ver, vem motivando os migrantes europeus a se instalarem no Brasil nas últimas décadas, à parte o clima tropical, Elise (belga, 49 anos) evoca não só o desejo por uma mudança de vida como os imaginários sobre a América Latina e a atração pelo desafio e por um modo primitivo de viver.

Eu acho duas coisas : que eles querem mudar de vida , gostam muito desse espírito aventureiro , uma coisa diferente , pode ser atraído por um país na África também, ou na América do Sul . Na Bélgica muitos gostam da América do Sul, se você pergunta prá pessoas se querem ir pra América do Norte ou do Sul , a maioria vai dizer : do Sul. (A- Mas por que ?) Eles vão dizer : a cultura , a comida, a coisa que é mais difícil dá um desafio .E as

peessoas , alegres , simpáticas, a simplicidade também . Eles contam : “eu fiquei numa barraca e a gente tinha que ir lá no lago prá pegar água” ... voltar prá essa coisa mais primitiva é fantástico, né ?

À parte o imaginário circulante sobre a América Latina, se constatamos que a mobilidade acentuada no mundo contemporâneo intervêm nos projetos de vida de migrantes aventureiros em idade ativa, ela não se restringe porém a essa faixa etária , pelo que indicam as observações sobre a presença de estrangeiros aposentados na Bahia, residindo em tempo parcial. Passando a morar na Ilha de Itaparica, onde está há 6 anos, Maude relata a crescente tendência desse perfil :

Não sei se você sabe, tem tido uma novidade, uma invasão silenciosa de estrangeiros que estão comprando as casas, mudando para os condomínios. Quando o europeu se aposenta, com a aposentadoria do governo, um x que não é tanto assim, eles tem o direito de vir morar no Brasil , abrindo uma conta bancária no Banco do Brasil, onde ela é depositada. E tem que ter um plano de saúde daqui. Eu estou vendo uma colônia de alemães, cada vez mais tem estrangeiros fazendo isso.

Tem muitos alemães perto de Barra Grande e entre B. Grande e Tairu tem vários condomínios que tem muitos estrangeiros , tem até inglês que é uma coisa difícil. Eu não sei muito bem, porque eu quase não saio e na minha casa, eu fiz um murão em volta, justamente prá ter privacidade. Mas eu vejo, prá cima e prá baixo, quase todo mundo tem aquele buggy, os estrangeiros adoram aquilo.

A categoria “mudança de vida” vai aplicar-se a esse tipo de migrante de modo relativo, do mesmo modo que o termo “imigrante” não se presta à descrição desse grupo, cuja presença no Brasil é alternada com períodos em sua terra natal, mantendo propriedades e laços por vezes comerciais e afetivos nos dois continentes. Sob certos aspectos tais europeus desenvolvem um projeto de vida que tem por meta alcançar uma qualidade de vida superior: evitar os longos períodos de clima invernal na Europa e gozar do clima tropical , usufruir das amenidades de uma vida à beira-mar , suas paisagens e sabores locais no Nordeste brasileiro e naturalmente, enquanto investidores, beneficiar-se das vantagens que o câmbio monetário e seu capital financeiro oferecem na compra de imóveis no Brasil.

3.2 A CIRCULAÇÃO DE IMAGINÁRIOS ENTRE A EUROPA E O BRASIL - A ELEIÇÃO DO OUTRO LUGAR

Sobre o “surto” de alemães surgido na Bahia no decorrer da década de 80, descrito pelo Cônsul de então : Totalmente aventureiros, sonhando com as morenas e com os coqueiros, com a rede entre os coqueiros, a praia amarela com águas azuis e ondas brancas encima. Tá bem definido ?

A “atração pelos trópicos” e pelo exotismo dos costumes locais de um sub-continente que desafia a classificação, visto por vezes como o “extremo ocidente” ou como estando ao mesmo tempo “dentro e fora do Ocidente”, se mostra uma razão redutora para explicar a vinda de europeus aventureiros ao Brasil e para a América Latina nas últimas décadas. Sobretudo se considerarmos a oferta de outros trópicos exóticos, que como destinos turísticos conhecidos podem fazer parte de um leque de opções para migrar, o que nos leva a problematizar a idéia de continuidade dos laços culturais entre a Europa e o país de acolhida.

O relato de Tobias (42 anos), sobre o que o motivou para a 1ª vinda ao Brasil em 1993 aponta para a divulgação dos símbolos de brasilidade no mercado internacional de produtos étnicos de uma das encruzilhadas multiculturais mais emblemáticas da contemporaneidade, a cidade de Paris, onde morou no final da década de 90. A circulação de imagens e símbolos se faz também pela circulação de pessoas, que através dos intercâmbios culturais, oficiais ou não, dão continuidade aos laços de colonialismo cultural em relação à Europa, abrindo espaço para a exotização do “outro” que torna-se atrativo por não se deixar enquadrar pelo racionalismo da modernidade ocidental.

Um amigo alemão meu dividia um quarto com um brasileiro e ele nos convidou uma vez para uma festa brasileira. Lá conhecemos uma baiana e com isso a gente foi várias vezes a festas brasileiras e em 89 foi justamente o ano em que foi lançada a Lambada , foi na Fête de La Musique (início da Primavera) e também começou a moda da caipirinha . Isso despertou o interesse pelo Brasil, pela cultura brasileira e especialmente pela Bahia , por que o círculo de amizades lá era sobretudo de gente das Belas Artes daqui.

Franz (50 anos) relata o contato com os nichos de brasilidade em Berlin, onde em 96 encontrou a que se tornaria sua esposa baiana , que já morava há sete anos na Alemanha. Depois de uma 1ª vinda ao RJ a trabalho, por dois dias, em 1994, Franz retorna no mesmo ano com amigos do time de futebol de férias por duas semanas, passando pelo RJ , Salvador e Recife.

Eu conheci essa terra e adorei , e três meses depois eu voltei e passei duas semanas só aqui em Salvador , eu ainda não conhecia minha ex-esposa (baiana). Também na Alemanha eu freqüentei barzinhos brasileiros em Berlin , tem vários , e uma vez eu a encontrei, ela estava

só de visita a uma amiga , ela morava a 600 kms de Berlin. Depois ela me visitou uma , duas, três vezes e um dia ela não voltou mais e casamos em 97. Depois passamos férias todo ano aqui e acabei comprando a casa, foi barato na época (em 96) , não estava urbanizado, as ruas eram de barro ainda. (hoje vale 130 mil, apto em village a 100 mts da praia de Stella Maris).

O relato de Manon (francesa), sobre a “busca de outro lugar” empreendida por ela e seu esposo, Bernardo (italo-francês) que percorreu alguns países por eles selecionados - Espanha, Portugal, Senegal, Taiti, Ilhas Maurício e Ilhas Réunion, Cuba e Brasil- antes de optar pela migração para a Bahia, indica a força do imaginário do “paraíso tropical” por um lado e da proximidade cultural com a Península Ibérica por outro.

Quando o Bernardo estava fazendo as viagens ele tirava fotos ele mesmo e trazia para mim, explicando tudo direitinho , sobre os lugares , as pessoas , os imóveis. De onde ele voltou mais encantado foi aqui do Brasil.

A- E no Brasil , ele visitou outros lugares antes de se decidir pela Bahia ?

M- Ele foi prá SP , RJ e SC. Mas ele escolheu a Bahia por que aqui ele já tinha essa oportunidade de trabalho e um casal de amigos que ele conhecia que estavam na Barra com uma pousada, e por causa do tempo, por que a gente nunca gostou do frio. E aqui com 300 ou quase dias de sol durante o ano, com esse litoral maravilhoso, na verdade acho que isso é que pesou mais na escolha do Estado.

Indagado sobre o que pesou na escolha do país para migrar , Bernardo aponta dois critérios, o de proximidade cultural e o de perspectivas de futuro para os filhos:

B- O povo , ele tinha que parecer com aquele da França , branco, mestiço, que tem aqui.

A- Você gostava da mistura ?

B- Sim , lá temos africanos, chineses, tem de tudo. Eu queria um país onde meus filhos pudessem se reconhecer, se a gente fica aqui. Se eu vou lá na África , são todos negros, meus filhos não vão se reconhecer. Se eu vou nos países asiáticos , a mesma coisa.

E também, eu li muito sobre o Brasil e um monte de especialistas mundiais que falam da economia , que o Brasil vai ser a 3ª força mundial , porque aqui tem tudo. Por que eu tenho consciência de que eu não tenho futuro, meu futuro são os meus filhos.

Podemos observar no relato de Bernardo que o imaginário sobre o Brasil não se constituiu apenas de fantasias sobre o trópico edênico, mais diretamente associado à ilhas do Pacífico que visitou, mas teve um componente bastante racional que diz respeito à projeção de futuro do país, sobretudo voltada para os filhos. A importância dada ao fator da mestiçagem e da diversidade cultural e racial remete às representações

sobre a sociedade brasileira, vista como tolerante e democrática se contrastada com a realidade de conflitos que países afluentes da Europa vivem atualmente, face ao crescimento das imigrações provenientes do leste europeu, de países africanos e asiáticos.

Contamos entre os entrevistados também dois relatos em que a imagem do Brasil não contribuiu previamente para a decisão de migrar, que ocorreria após o contato direto com o país por razões circunstanciais, a visita a uma amiga aqui radicada (Cordelia) ou o fato de acompanhar um paciente tetraplégico em uma viagem com objetivos terapêuticos (Nicola). No primeiro caso o imaginário era vago e o desconhecimento grande, com pontos negativos sobressaindo:

A- E a vinda pra cá ?

C- Foi em 2000 que uma amiga australiana que conheci em Istambul mudou pra SP, pra trabalhar em uma empresa inglesa e ela me convidou pra passar o Carnaval no Rio e em Paraty com ela. Eu cheguei e foi muito bacana, eu gostei muito, (...) a América do Sul eu não conhecia de jeito nenhum, era um dos poucos lugares do mundo que eu não conhecia, não sabia de nada, não falava espanhol nem português. (...)

Eu gostei da música especialmente, a natureza linda e a sensação de liberdade, né, que você também tem em Londres... mas é aquela coisa, você está na praia , mostra a sua bunda e ninguém tem interesse. Mas isso é uma 1ª impressão, eu fiquei só duas semanas no Carnaval. . Sim , porque eu sabia, é claro, todo mundo sabia que, infelizmente, a fama do Brasil foi de que a polícia mata as crianças que moram na rua .

A- De que época você fala ?

C- Deve ser dos anos 80, dos 90, eu não lembro exatamente, mas eu tinha essa impressão. Futebol sempre e essa coisa de polícia feroz e depois, devagarzinho, a fama de Lula e tal depois. E Carnaval , é claro, e o Rio, eu acho engraçado na verdade a imagem do Rio que eu tinha era a do ladrão britânico Ronald Biggs que conseguiu fugir pra cá e o Rio é um lugar pra onde você pode fugir. E eu estava completamente ignorante sobre a América do Sul porque quando eu morava na Turquia eu mergulhava num assunto completamente diferente, eu conhecia a Romênia, a minha irmã morou anos na Hungria, as Balcãs no leste europeu era o que me interessava mais. Eu não sabia nada sobre essa parte do mundo.

No caso de Nicola, a escolha de viajar para o Brasil é descrita como acidental e até certo ponto “ditada pelo destino”, acrescida de um total desconhecimento sobre o país :

N- A 1ª idéia que nasceu quando esse meu amigo me propôs viajar, ele disse : “Vamos pro Brasil , mas eu gosto de viajar e se você quer nós podemos fazer uma viagem diferente.” Eu perguntei: “mas pra onde ?” Ele disse : “você escolhe, vamos colocar o dedo no mapa e ...”

Era com o globo, fazia girar e punha o dedo. E não foi coisa premeditada, porque ele tinha proposto ir prá Tailândia, onde também tem massagem, mas as tailandesas fazem outro tipo de massagem. (A- Erótica ?) É, e ele tinha a possibilidade de ereção. Enfim, o destino foi que nós tínhamos que ir pro Brasil. (...)

A- E o que você já sabia sobre o Brasil ?

N- Nada , prá mim era só um país no mapa.

Se o apelo da “dolce vita” nos trópicos corresponde ao perfil do migrante de tipo aventureiro-hedonista de modo geral, não se pode dizer que ele exerce a mesma atração sobre os migrantes de diferentes nacionalidades que se encontram na Bahia. Indagado se o perfil que, a seu ver, caracterizou a leva de migrantes alemães na década de 80, era recorrente também entre os europeus de outras nacionalidades aqui instalados , como por exemplo os italianos, o ex-Consul da Alemanha admite que esse se desenhava como um padrão para algumas delas e menos para outras.

W- Eu não tinha contato quase com italianos, mas eu acredito, penso que era uma tendência européia na época . A tendência de buscar uma mulher de pele escura, uma vida nos trópicos, era um atrativo seja para os alemães, seja para os suíços , seja para os franceses e eventualmente para os italianos, mas não sei em que proporção.

A- Digamos que de modo geral esse interesse por se associar a uma mulher local, de preferência morena ...

W- E (a idéia de que) a vida é fácil porque tudo, tudo cai do céu ...

A- ...é mais comum ser encontrado entre italianos e alemães, mais do que com ingleses.

W- É, inglês quase não, nem holandeses , escandinavos nem se fala.

Há portanto entre os próprios migrantes uma distinção estabelecida pela motivação explícita de ao aqui se instalarem, buscar uma companheira local e se entregarem a um estilo de vida “tropical”, que reúne de um lado os europeus “do norte” (exceptuando os alemães) entre os “reservados” - ingleses, holandeses e escandinavos; situando do lado oposto os europeus abertamente “hedonistas” -italianos, franceses, alemães, suíços, espanhóis e outros. ⁴

3.2.1 O exótico culturalmente próximo do “extremo Ocidente”

Aqui é claro que tem injustiça muito grande, mas as pessoas não deixam a pobreza arrasar com elas. (Cordélia, gaulesa)

⁴ O termo hedonista foi empregado, ao longo deste estudo, na acepção corrente daquele indivíduo que vê na busca do prazer a finalidade da vida. Considero entretanto as variações possíveis entre os próprios migrantes, uma vez que tal busca pode se voltar, em maior ou menor medida, para os prazeres da mente ou do corpo; para o prazer compartilhado- altruísta, ou reservado para si- egoísta; para os prazeres materiais ou espirituais no sentido amplo.

A questão da proximidade cultural se evidencia no relato de Yan (63 anos), sobre a possibilidade de viver em outro lugar, que mesmo sendo exótico ainda guardasse pontos de contato com sua bagagem cultural, observação feita após sua experiência de viagem pela Índia, um dos destinos privilegiados no circuito alternativo dos anos 70. A constatação que fez das diferenças culturais entre a Índia e o Brasil em relação à França diz respeito à maleabilidade característica dos países do Novo Mundo, que não arcam com o peso de uma cultura tradicional milenar em que a pessoa é subsumida pela coletividade e os rituais sociais se impõem, não existindo espaço para a expressão da individualidade e muito menos da espontaneidade.

Quando eu fui pra Índia, eu pensei : esse é um país onde eu não poderia viver , porque o jeito de viver deles , a cultura deles, eu não poderia me adaptar, se eu tentasse morar aqui eu ficaria pior do que na França. Tudo é super diferente. Para te dar um exemplo, nas poucas vezes que eu conheci pessoas, teve um professor de música indiano de percussão, nós conversamos , eu comprei uma tabla, e o cara super simpático me convidou prá casa dele, me deu umas aulas. E o pouco que eu tentei falar com a mulher dele, ela falava com ele e ele me dava a resposta, ela não falava comigo diretamente, esse tipo de coisa.

Outra vez no trem , eu viajei de 1ª porque, apesar de pensar: sou “routard”, vou viajar com o povo, mas fui ver a 4ª, a 3ª e a 2ª classes, tinha gente até no teto, a única que dava prá viajar era a 1ª classe. Na minha frente tinha um menininho de nove, dez anos e a irmã mais velha de quatorze ou dezesseis anos. Na Índia evidentemente se fala inglês e o menino super curioso começou a falar comigo, e quando eu tentei falar com ela, a mesma coisa , ela falava com ele , que falava comigo. Eu vi que a condição da mulher na Índia, imagine eu que saía da libertação da mulher na França e chego lá e vejo a Idade Média , ou até pior. Era um país onde eu não poderia viver, era diferente demais , e ao contrário o Brasil , quando eu passei um ano aqui, quanto às diferenças culturais não era como na Índia.

De modo semelhante Roberto relata sua preferência por migrar para o Brasil em termos de proximidade cultural , apesar da atração exercida pelo Oriente sobre seu projeto de transplantar-se para um novo lugar nos trópicos:

R- Há outros países que eu visitei e onde eu gostaria de morar , quando eu saí da Itália minha 1ª opção não era o Brasil , era o Oriente .

A- Que lugar no Oriente ?

R- Eu viajei bastante no Oriente , mas prá dar um exemplo , a Tailândia eu gostei bastante, praia , dança , (...).

A- E porque você acabou vindo prá cá e não indo prá lá ?

R- Por causa da comunicação, da língua, o tailandês é muito difícil e na época que eu fui lá , em 87 , o inglês era pouco falado lá e eu também falo pouco. O que me fez vir prá cá foi a proximidade na forma de ser e o idioma , muito mais fácil.

O comentário de Cordelia sobre a “cultura de praia” no Brasil e sua relação com a exposição do corpo, em contraste com a experiência de sete anos na Turquia , relato que envolve sua condição de mulher ocidental emancipada residente naquele país entre 1988 e 1997, oferece um exemplo de distância cultural com respeito ao muçulmanismo, a que ela teve que se moldar e compreender na condição de “nômade-cosmopolita”.

E eu estava trabalhando em Londres (para uma Ong), mais uma vez com uma comunidade muçulmana e eu me senti assim “tenho que me livrar um pouquinho dessa cultura muçulmana”. E essa cultura da praia do Brasil é completamente o oposto né, diferente. (...) aqui você está na praia, mostra sua bunda e ninguém tem interesse...

Por exemplo, na Turquia mesmo na praia você vai usar bikini grande, você não vai usar essas coisas pequenas. Lá tem de tudo, tem pessoas fechadas completamente mas tem uma cultura grande da praia lá também. Mas é diferente, a mulher tem que ... você não percebe, mas ao longo dos anos você vai se fechando, você fica fechando o seu corpo . Você tem sempre essa coisa com o homem, de colocar uma barreira, porque é possível que ele vai tentar entrar . Eu sofri alguns, nada sério, mas sofri alguns assaltos sexuais, é normal infelizmente. Se você for turca e usa roupas ocidentais você também pode sofrer isso, não é agressão, é que eles querem trepar com você , eles acham você disponível e as mulheres turcas normais não são disponíveis. Então é isso, é uma coisa muito distorcida em termos de sexualidade, muito complicada.

Comentando a opção de migrantes franceses por instalar-se no Brasil o atual Cônsul francês em Salvador, pesquisador na área de Geociências, enfatiza o clima como aspecto central, mas ao contrastar o conjunto das condições de vida aqui com as de outro continente tropical, os traços culturais ganham importância:

(...) os primeiros (aventureiros) que chegaram aqui foram pioneiros, porque eles fazem uma tentativa de mudar de vida, mudar de lugar e o clima é um fator determinante, a pessoa não vai fazer isso no Polo Norte, até tem alguns, mas os franceses não por enquanto. E a América do Sul, em comparação com a África, apresenta parâmetros muito mais interessantes do ponto de vista da cultura, da população, do clima e da vegetação. A África é interessante, mas o clima é muito mais difícil do que o Brasil por exemplo, porque tem toda a zona saariana com contrastes de seca extremamente fortes, mais do que no Nordeste aqui.

A comparação da América do Sul com a África do ponto de vista da cultura remete , no caso de Salvador, a um conjunto de traços culturais de raiz africana que permeiam a sociedade baiana, compondo a imagem turística da cidade como a “capital da cultura afro-brasileira”. Disponibilizam um imaginário circulante de forte poder de atração para europeus que, conhecedores da dura realidade sócio-política africana, encontram aqui uma versão amena e acolhedora de africanidade. Uma visão de mundo peculiar amparada em crenças e valores comunitários possibilita a sobrevivência física e espiritual de populações excluídas dos benefícios do desenvolvimento material, preservando a vitalidade e agência de grupos e indivíduos mesmo face a condições de vida adversas.

O exotismo dessa cosmologia torna-se entretanto próximo aos olhos do visitante estrangeiro, à medida em que novas práticas ditadas pela modernidade urbana ocidental atualizam as expectativas e modos de vida das camadas populares, gerando respostas inusitadas e criativas para superar a situação de pobreza, resistências simbólicas à opressão social ainda que nem sempre acompanhadas de expedientes concretos para combatê-la. Tecendo comparações com a pobreza que conheceu na Romênia, que qualifica de “pobreza de branco”, Cordelia declara sua admiração pela disposição de pessoas que conhece nos bairros populares de Salvador de não deixar-se anular pela desigualdade social.

Outra coisa que eu acho que me atrai muito aqui são os bairros populares, onde eu trabalho (Alto do Cabrito, Uruguai, península de Itapagipe, Calabar, Nordeste de Amaralina), é o espírito do bairro. É uma pobreza, mas se você vê a pobreza da Romênia, a pobreza de branco, a pobreza de pessoas que tem expectativas maiores, que acham que elas merecem mais, mas não tem ... É uma pobreza de miséria, de frustração, de infelicidade , de agressão. É claro que eu não quero que as pessoas fiquem aceitando a pobreza, mas a pobreza faz parte da vida. (...)Na Romênia especialmente no Leste da Europa, porque eles eram ricos, eles acham isso uma injustiça pessoal. Aqui é claro que tem injustiça muito grande, a escravidão e tal, mas as pessoas não deixam a pobreza arrasar com elas , eles fazem a sua vida, tem a sua música, tem a cerveja, tem a praia, tem alguma coisa. (...)

Mas eu não quero ser uma rica que fica dizendo : “eles são felizes assim”, não, de modo geral, em termos de espírito , eles não ficam arrasados. E isso é uma questão pra mim, por que, não sei ... Tem gente que fala que é assim na África também, a cultura africana que foca muito também na música, coisas coletivas, eu não sei , eu não sou socióloga. Eu posso te dizer várias razões, mas na verdade eu não sei, por exemplo a injustiça da escravidão foi uma injustiça maior do que tudo, né, e ainda tem muita aqui, racismo.

Comparando ainda a pobreza em Salvador com aquela que conheceu na Índia, Cordelia vê também aproximações com o modo não-ocidental de se enfrentar a exclusão econômica, que constitui um desafio para a lógica européia, quando a miséria material não é acompanhada necessariamente da miséria espiritual. A herança cultural africana é então acionada para explicar essa capacidade de extrapolar as limitações estruturais e o recurso da celebração coletiva, a festa, torna-se o instrumento de reafirmação da vida.

Eu me lembro a primeira vez que eu vi a pobreza na Índia , é uma pobreza que você não vê aqui, é miséria, pessoas cagando na rua, morrendo na rua, é diferente de vocês . Mas também tem uma coisa que a gente na Europa não tem, que é de ficar contente com sua própria vida, separadamente de sua condição financeira e eu não sei se eu absorvi isso. (...) Mas eu tinha interesse em conhecer essa vida, saber como era. Meu pai era uma pessoa excêntrica e levava a gente para todos os festivais religiosos dos indianos, enquanto tem europeus que ficam muito distantes, mas isso não foi o nosso caso.

O encontro com o “outro”, suas idiossincrasias culturais e limitações sócio-econômicas pode significar para o migrante de perfil existencialista uma oportunidade de crescimento pessoal e revisão de valores, o que não ocorre necessariamente com aqueles que, apesar de atraídos pelo exotismo da diferença, guardam uma distância calculada em relação à população local, estabelecendo os termos do envolvimento ao longo das linhas de assimetria entre países prósperos do norte e os primos pobres do sul. O relato do ex-Consul da Alemanha sobre a vinda de visitantes alemães (homens), em vôos charter na década de 80 e sua interação local é anedótica, mas demonstra um padrão de comportamento revelador das concepções da diferença norte-sul que moviam esses potenciais migrantes aventureiros, porém calculistas.

Naquela época tinha uma tal de Tui Companhia Aérea e uma outra era a LTU. Ela fazia um vôo por semana e descia em Fortaleza e aqui em Salvador, então ela descarregava aqui um bando de alemães que as moças das ‘profissões horizontais’ estavam lá, no aeroporto, esperando já para agarrar um. Desses germânicos , de olhos azuis e louros , musculosos. Chegou ao ponto que eles não entendiam que elas estavam esperando com isso ganhar dinheiro. Os malucos da Alemanha às vezes eram tão inocentes que achavam que elas estavam tão loucas por um rapaz bonito, claro e de olhos azuis, que iam viver uma semana de sexo num hotel juntos e que isso era normal. Então quando se desfazia isso, eles davam um presentinho: eu dizia brincando que era aquela bolsinha que eles recebiam no avião com uma pasta de dente, uma amostra de água de colônia, que esse era o presente. Mas elas

naturalmente não achavam bom e apareciam de vez em quando no Consulado reclamando seus honorários da profissão horizontal.

3.2.2 O heliotropismo , a “civilização solar” , a musicalidade e a festa

O Brasil era um contato prolongado com a luz, com a cor, com as pessoas... daí foi a mudança, eu comecei a me sentir melhor. (Carl, irlandês)

O 1º Carnaval na Bahia foi tudo: amor, música, cultura, tudo junto , eu recebi um pacote na cara, no corpo e na alma, um dos momentos mais felizes da minha vida . (Yan, francês)

A importância do clima na escolha por “outro lugar” para viver, por parte dos europeus em estudo, não pode ser tomada por si só como fator determinante ainda que se constitua em elemento chave no projeto de mudança de vida e na busca pela qualidade de vida. O heliotropismo, a caminhada em direção ao sol, é fartamente ilustrado pela já conhecida ocupação das costas mediterrâneas e atlânticas (em Portugal e na Espanha), por europeus do norte, aposentados e turistas ávidos pelo benefício do clima ameno , mas sobretudo da luz solar.

A imagem dos trópicos distantes, associada à exuberância natural e à predominância do sensorial sobre o racional, tanto para os autóctones como para aquele que vindo de fora aí se instala, aspecto instigante que permearia as culturas locais no imaginário europeu, exerce ainda hoje uma poderosa atração sobre o indivíduo aventureiro cosmopolita. O contraste que se estabelece entre suas sociedades reguladas pelo pragmatismo racional e aquilo com que se deparam - a irracionalidade do dispêndio de energia e recursos sem aparente finalidade que caracteriza o ambiente festivo nos trópicos e o seu complemento, a resistência à imposição de produtividade- tem sido tematizado de várias maneiras, confrontando culturas.

Os migrantes aventureiros pesquisados aparentemente se deixam seduzir pelo “sonho tropical” porque anseiam pela fusão com o “outro”, que reconstitui para eles elos perdidos com as emoções. O que não exclui o fato de posteriormente se verem obrigados a administrar as contradições que operam transformações em sua visão de mundo e valores, se quiserem permanecer e integrar as sociedades que Laplantine qualificou de heterogêneas e múltiplas.

O relato de Carl sobre suas primeiras sensações ao chegar ao Brasil por 1ª vez em 1984, depois de um longo período de stress e depressão na Grã-Bretanha, resume de modo nitidamente sensorial sua experiência :

Eu lembro até hoje eu descendo do avião em Recife, eu olhei para os dois lados e vi um avião da Transbrasil com as cores do arco-íris e aquele ar quente batendo e eu pensei: isso aqui é diferente. O Brasil era um contato prolongado com a luz, com a cor, com as pessoas... daí foi a mudança, eu comecei a me sentir melhor. Dos dez meses que fiquei na América Latina, seis foram no Brasil e quatro na Bahia. Depois fui pra Bolívia e Peru, onde fiz o Caminho do Inca.

Ao descrever as impressões de sua primeira visita Cordelia resume na batucada espontânea que encontrou em um ambiente de praia do Rio de Janeiro o impacto que a fez retornar a Londres já com a decisão de mudar-se para o Brasil, o que faria três anos depois com seu companheiro, que optou por deixar uma empresa bem sucedida para trás, juntamente com o stress que isso implicava:

Mas eu gostei muito do ambiente, eu lembro, eu sempre digo pra todo mundo: eu estava na praia, não lembro se foi Paraty ou no Rio, alguém pegou uma lata e começou a fazer isso “tec, tec, tec” (batucada) e outro alguém começou a fazer assim “pá, pá, pá” e de repente era todo mundo cantando, a festa. Eu gosto muito da música viva, também gosto de música em CD, mas eu gostei desse clima. (...) Eu voltei do Carnaval no Rio e disse pro J.: “a gente vai pro Brasil”, eu escolhi.

Na avaliação atual sobre as razões que justificam sua permanência na Bahia continua a ênfase na música presente em espaços públicos como fonte de uma energia coletiva:

A- Agora, se for pra você fazer uma avaliação desse tempo que você tem aqui, em que viver aqui contribui pra você? Porque vale a pena você estar aqui?

C- Salvador particularmente, uma das minhas paixões e também de J., é música viva, eu gosto muito de dançar, eu gosto de participar, aquela coisa de quando você tem uma banda e todo mundo participando, eu gosto muito disso. Eu senti agora em Outubro que o verão está recomeçando né, os shows, eu tô falando das coisas mais populares, não tô falando de Ivete Sangalo, de lugar fechado, mas das coisas que tem no Pelô, que tem nas praças aqui, eu gosto muito, me dá uma energia boa que eu gosto. Eu gosto da praia, da natureza, nós fomos recentemente passar duas semanas no Pantanal e foi um sonho, os bichos que a gente viu, foi incrível.

O impacto da música local, o afro-reggae, sobre Maude em sua 2ª visita a Salvador em 1990, contribuiu para a escolha da nova cidade de residência, uma vez que o Rio já lhe parecia ter-se tornado perigoso demais:

Então eu vim a conhecer bem Salvador quando eu fiz essa viagem, começando por Manaus (...) e quando eu cheguei aqui estava ótimo. Era aquela época de Olodum, era no ano de 90,

pra 91. Eu achei lindo o Olodum , o Ilê Ayê, o reggae. Eu sempre fui fã de reggae porque em Londres o bairro que eu morava tinha muito jamaicano , então reggae pra mim sempre foi uma coisa da minha infância e eu adorei que todo mundo aqui gostava de reggae. Jimmy Cliff morava aqui, eu adorava ele, estava sempre dando show.

O apelo ao sensorial tem na música um veículo poderoso, que na contemporaneidade expandiu-se globalmente por meios virtuais e através de intercâmbios intensificados dos produtos culturais e da circulação de artistas entre os continentes. A musicalidade brasileira, expressa na inventiva criação de ritmos e fusões das matrizes locais com influências internacionais, que alcançou o mercado cultural europeu, contribuiu para a imagem de uma civilização solar movida a alegria, sensualidade e descontração.

Entre as razões que o trouxeram à Bahia, primeiro como turista e depois como imigrante, Roberto reitera o apelo do clima, seguido pela recorrente figura da “alegria baiana”, da música e do ritmo de vida local:

R- Tem muitas coisas que me trouxeram aqui , primeiro foi o clima do Nordeste do Brasil, bastante agradável , não faz frio. A alegria do povo, a musicalidade do ambiente baiano. Quando eu vim a 1ª vez de férias foi prá Bahia, porque eu conheci a Bahia através da música, o que me trouxe foram os cantores daqui, Caetano Veloso , Daniela Mercury , Margareth Menezes. Eu gostava dessa música e depois que eu me aprofundi descobri que eram todos músicos baianos.

A- E aí qual foi então o momento em que você decidiu vir para morar ?

R- Esse pensamento foi logo na 1ª vez que eu passei férias, em 88 , depois eu voltei em 89. E quando eu voltava prá Itália prá trabalhar, eu sempre tinha esses lugares na cabeça , o clima , o ritmo de vida mais descansado. (...) Em 88 , 89 , Salvador não era uma cidade desorganizada como agora , era mais provinciana . Salvador é uma cidade grande mas que parece uma cidadezinha do Interior.

No depoimento de Yan , assim como no de Roberto, vemos o lugar central da música na motivação para vir ao Brasil, revelando a eficácia da circulação de símbolos nacionais no mercado cultural globalizado, assim como de pessoas em movimento na divulgação dos mesmos , integrando-os ao imaginário sobre a alegria e a descontração vistas como intrínsecas aos trópicos.

Y- Na França, a minha ligação com o Brasil começou através da música. Eu sempre fui muito fã de música e muito aberto a todos os tipos de música.

A- O que te trouxe para essa viagem à América do Sul foi a música ?

Y- Foi a música e também porque em Paris eu conhecia brasileiros, que você sabe que lá não falta e nos anos 70 já tinha muitos.(...) Eu já tinha ouvido falar do Nordeste, de Salvador, do Carnaval , da festa de Yemanjá, que na época era mais através da música . Por exemplo, antes de fazer essa viagem eu vi bastante shows em Paris , uma vez Gal Costa e Caetano Veloso à l'Olympia. (...) Então através da música, conhecendo Gil eu ouvi falar evidentemente da Bahia, do Nordeste. E quando eu estava em SP, eu fui a um festival de verão no Guarujá e eu vi o Gilberto Gil pela primeira vez, extraordinário. Lá estavam também os Novos Baianos, acho que já não mais eles , era Baby Consuelo e o marido, Pepeu Gomes e eu descobri o rock tropical, era uma pauleira, então no Guarujá eu vi uma parte dos meus ídolos brasileiros .

O impacto do “regime de festa”⁵ que , mobilizando diferentes classes sociais , se instaura na cidade de Salvador durante o período do verão sobre a sensibilidade do europeu aventureiro, associado às feições provincianas que a cidade conservava ainda na década de 80, com o predomínio da expressão cultural popular no espaço público, resultou para alguns deles em uma experiência sensorial marcante, em franco contraste com sua experiência anterior de contenção de emoções pelo padrão racionalista de socialização na sociedade de origem.

A festa, como suspensão das hierarquias sociais e comunhão momentânea dos indivíduos que se diluem na celebração coletiva, ainda possível há trinta anos atrás , antes que a comercialização dos espaços pela indústria carnavalesca se impusesse em Salvador, oferecia a possibilidade de se experimentar o êxtase do mergulho na diversidade, partilhado através da música, da dança, da proximidade dos corpos e do acesso imediato ao “outro”, pelo lúdico e pela sedução no território percebido como temporariamente de todos, a rua.

Yan relata seu encontro com a festa baiana ao chegar a Salvador no início do mês de fevereiro de 1980, aos 33 anos, hospedando-se no Rio Vermelho através de contatos que trazia em sua caderneta de endereços, o que lhe propiciou uma experiência de imersão no local, que sua disponibilidade de mochileiro sintonizado com o espírito da contracultura lhe facilitava.

⁵ Refiro-me aqui à primazia da festa em Salvador, cujo ápice é sem dúvida o Carnaval, que tem na cidade um calendário que remete tanto às tradições religiosas comunitárias das “lavagens das igrejas de certos bairros, quanto às festividades criadas nos anos mais recentes graças ao investimento da Indústria Cultural, promovendo um encadeamento de eventos de música baiana ininterrupto ao longo dos meses de verão.

Fiquei hospedado no Largo de Santana e a festa na véspera já estava na rua, na varanda, capoeira e tudo, berimbau, a fantasia pura. Na festa eu reencontrei pessoas que eu tinha visto no Peru , na Bolívia; me lembro de um casal de italianos que tinham cocaína, “você quer cheirar ?” (...) Fomos prá festa e outra coisa que eu descobri, que me matou de prazer na época, que agora praticamente não existe mais, é que nem todas as barracas tinham som elétrico, felizmente, o que tinha era sambões, ou as pessoas cantavam músicas de carnaval, as passadas e as novas, só percussão e vozes, que povo maravilhoso !

(...) No dia seguinte tinha dez pessoas na mesa pro café da manhã, é óbvio, alguém que mora no largo de Santana ... Lá conheci B., de Feira de Santana e começamos a namorar, fomos às festas de largo e depois teve o ponto alto, o Carnaval. O meu 1º Carnaval na Bahia, une révolution, porque estávamos apaixonados. Ela conhecia o Carnaval baiano, então eu tive como guia uma pessoa inteligente, culta, politizada, simpatizante do PT, a gente logo se deu super bem. Nós fizemos um Carnaval não de turista, dançamos reggae no Pelourinho, naqueles barzinhos, uma sauna depois de meia hora você não agüentava, tinha que sair.

(...) Então eu descobri o bom lado do baiano, na festa ele é maravilhoso. Descobri o trio elétrico, depois os afoxés , o 1º que eu vi não lembro qual foi, que estava estourando , esses caras lindos ! Eu pensei, estou na África ou no Brasil ? E os percussionistas, 100, 150 negões lá batendo. Então esse Carnaval foi tudo, amor , música, cultura, tudo junto , eu recebi um pacote na cara, no corpo e na alma, um dos momentos mais felizes da minha vida . Nunca eu tinha achado tanta coisa boa prá mim ao mesmo tempo. Bom , o 2º Carnaval não foi tão ... evidentemente, a 1ª vez é a 1ª vez .

A afinidade de Yan com o ideário contracultural e aventureiro da década de 70 , seu interesse pelos ritmos locais e abertura para o encontro com o “outro” fez de sua viagem uma seqüência de momentos memoráveis que compuseram sua estadia de 10 meses no Brasil em sua primeira visita, contribuindo para o mal-estar do retorno ao seu contexto original e para o projeto de mudar-se para o Brasil, que seu vínculo afetivo inicial facilitou. Depois de percorrer em caminhão o trecho São Paulo-Bahia, visitar São Paulo e o Rio de Janeiro e morar um período em Salvador, Yan relata o retorno a Paris :

E fui de volta prá França, depois de ter passado esse ano maravilhoso em todos os sentidos. (...) Cheguei lá no inverno e quando entrei no Metrô e vi as pessoas com aquela cor branca feito pia, eu pensei : isso não mudou. (...) Depois de quatro meses eu não agüentava mais, porque infelizmente a vida rotineira desagradável que eu vivenciava , ainda mais no inverno quando você vem do Brasil, não é possível, eu pensei “ se ela topar, eu vou tentar viver lá.

O papel do clima na qualidade de vida e a decorrente associação com o projeto de mudança de vida que implica uma migração em direção aos trópicos, nos relatos dos europeus cosmopolitas pesquisados, levanta a questão sobre que critérios são efetivamente acionados para a escolha do lugar.

3.2.3 A mestiçagem cultural e a modernidade com provincianismo

Eu sentia saudades da África, assim como eu sentia falta da Europa, (...) no Brasil eu achei o meu lugar. (Justine, congoleza-belga)

A eleição do Nordeste brasileiro para viver, por parte dos europeus em estudo, é informada por um elenco de fatores e disposições que dizem naturalmente respeito à história pessoal dos sujeitos e sua inserção sócio-profissional no país de origem, mas que pode contrariar a lógica utilitarista e indicar a emergência das subjetividades como explicação para o novo projeto de vida nos trópicos.

Paralelamente aos imaginários circulantes sobre o Brasil, evocados na literatura e nos múltiplos veículos de informação a que hoje temos acesso, a dimensão subjetiva de sentir-se cidadão global investido do direito à mobilidade desempenha um papel preponderante na decisão desses europeus por aqui se instalarem. Enquanto sujeitos cosmopolitas auto-determinados, avaliam as possibilidades de viver bem, onde lhes parecer promissor para a auto-realização pessoal, articulando os recursos de que dispõem com os oferecidos pelo cenário local.

O depoimento de Justine (38 anos) congoleza-belga, que resolve em comum acordo com o ex-marido belga, médico infectologista a serviço de Ongs, permanecer no Brasil com a filha de quatro anos após o fim do casamento, revela que o encontro da própria subjetividade com um cenário de mestiçagem na realidade brasileira, valorada positivamente, foi determinante para sua decisão. A recusa da Europa, tanto de Justine como do marido, vai definir o Brasil como um lugar melhor do que a Bélgica para a filha, contrariando a lógica da segurança, em favor de outros valores existenciais.

Depois do fim do casamento não tinha mais sentido eu ficar em Brasília, meu marido foi de novo transferido pra África e decidimos juntos que eu poderia ficar no Brasil, eu e minha filha. Ela já estava na escola, falando português. (...) Da minha parte eu acho que não estava preparada para voltar pra Europa, (apesar de que) na época eu ainda tinha o meu emprego assegurado na Bélgica. Eu podia voltar, mas alguma coisa me atraía aqui que me fazia não voltar, mesmo me sentindo sozinha, sem família.

(...) E ele prometeu que sempre iria ajudar, e uma coisa da qual não estava muito consciente

foi o fato de que ele pediu prá eu ficar no Brasil porque ele não queria que a nossa filha crescesse na Bélgica , mas sim no Brasil, ele não gosta da Bélgica. E finalmente eu compreendi que mesmo sem ter família aqui, o que me atrai no Brasil é simplesmente que **aqui eu achei o meu lugar**. Eu venho de uma mistura na África , tem o clima , tem a simpatia das pessoas , a amizade, aquela euforia toda especialmente na Bahia.

O relato de Justine ilustra um tipo de triangulação cultural entre o Brasil, a África e a Europa em que ela se torna o ponto de condensação de um cosmopolitismo transcultural, uma vez que ela própria se reconhece como o fruto de mestiçagens e hibridismos desde o berço, no Congo belga.

J- Minha mãe era do Congo , mas meu pai era já um mulato, filho de grego e congoleza, vem de uma mistura. A maioria das pessoas do Congo vão prá Bélgica prá estudar, mas eu fui não só prá estudar , mas com o meu ex-marido , que eu conheci quando era muito nova.

A- E o seu ex-marido era do Congo ?

J- Era belga , branco. Se eu não tivesse ido com ele, eu teria ido de qualquer forma.

Na Europa me faltava alguma coisa , eu fui prá lá aos 20 anos, casada , mas eu já vivia num mundo europeu mesmo na África , com educação européia, escola européia , comida européia , coisa do meu pai . Então quando eu cheguei na Europa tudo era normal, então me faltava o que afinal de contas ? Na África me faltava cultura, não quer dizer que não tenha cultura na África, mas infelizmente os governos não investem nessa parte, na África do Sul você tem um cinema, um shopping, no Congo não , eu sentia que me faltava alguma coisa.

O encontro do “próprio lugar” no caso de Justine, que se via com os pés em dois continentes sem pertencer a nenhum deles, se dará segundo ela afirma no Brasil , que ela qualifica de “laboratório de culturas”, no sub-continente mestiço por excelência em que as classificações raciais são subvertidas e a modernidade convive com a simplicidade e a proximidade provincianas. Lugar com o qual, mesmo não tendo laços anteriores, ela estabeleceu identificações, onde pode exercer sua flexibilidade cosmopolita e compreender desde uma perspectiva privilegiada, de quem sempre viveu o “entre-deux”, os limites e as virtudes da sociedade em que se encontra.

A- Você disse: “eu fiquei no Brasil porque achei o meu lugar” , o “seu lugar” corresponde a que exatamente ?

J- O meu lugar , voltando a falar da África, lá me faltava alguma coisa , você está na sua terra mas você sabe que uma parte sua não é daquela terra. Talvez isso não seja percebido por quem está um laboratório de culturas como é o Brasil. Eu tinha cabelo cacheado e era chamada de café com leite, porque minha mãe era negra , meu pai mulato , meu avô branco . Você está naquele lugar mas sente o tempo todo que você não é realmente daquele lugar,

mas isso é o de menos. Minha mãe me formou mais ou menos bem , de forma a eu não me sentir perdida ; se eu sou chamada de morena , ótimo ; se eu sou chamada de negra , ótimo.

A- O fato de você ser mais clara era motivo de discriminação ?

J- Sim , no bom e no mau sentido poderia ser, porque as mulheres de pele mais clara , as “métisses” lá tem algumas facilidades e preferência dos homens . Chegando na Europa eu não me senti perdida , porque tinha uma educação européia . Mas, isso eu agradeço aos meus pais , em qualquer lugar que eu chego , pode ser uma aldeia , eu vou saber tomar um banho de rio , saber lavar minha louça ou roupa no rio , eu vou saber cozinhar com lenha , mas sei também ser uma princesa num palácio, graças a Deus.

Ainda que manejassem os códigos culturais de ambos os contextos pelos quais transitava, Justine destaca dois aspectos como cruciais para seu bem-estar e relacionados entre si que a Europa não lhe proporcionava: o clima ameno e calor humano , que acostumamos associar às regiões tropicais e que repercutindo nas relações interpessoais pode dar a medida da satisfação, subjetivamente percebida, com relação ao lugar em que se vive.

Essa cultura que me faltava na África, o acesso à informação , aos livros , que não tinha no Congo na Europa tinha , mas não o calor . Deus me livre, um país que durante seis meses não tem o sol, no inverno as pessoas são frias demais,...) você não conhece o seu vizinho do lado, não pode pedir sal ...(risos) Me faltou também alguma coisa , eu sentia saudades da África . Assim como eu sentia falta da Europa , que eu nem conhecia ainda , um ano antes. No Brasil eu não sinto isso, a única coisa que eu sinto às vezes é a falta de educação em Salvador, isso me irrita às vezes, na África na parte popular também é assim.

A opção por permanecer no Brasil apesar dos laços muito seguros que possuía com a Bélgica - sobretudo de trabalho e cidadania, e com o Congo - principalmente familiares e culturais, implicou o investimento em um projeto pessoal em que a subjetividade aliou-se à lógica ampliada do contraditório, que sua condição identitária híbrida lhe proporciona, para decifrar a realidade local e nela se encaixar. Justine identifica na organização social brasileira indicadores do avanço da modernidade e do acesso ao consumo que podem contrastar com aspectos que dizem respeito ao desenvolvimento humano, mas que surpreendem se confrontados com os países desenvolvidos.

Eu tenho amigos da Bélgica que quando me encontram me dizem : ‘Mas , o que é que você está fazendo naquele país do 3º mundo ?’ , mas sendo do 3º mundo tem coisas que são mais

avançadas que os europeus. Por exemplo , esse negócio de eleições com urnas ainda existe nos EUA e o do Brasil é o mais avançado do mundo. Quando eu cheguei no Brasil esse negócio de depositar dinheiro no caixa eletrônico não se fazia ainda na Bélgica .

Eu aqui nunca preenchi a declaração de imposto de renda no papel , na Bélgica ainda se faz isso; se você quer declarar pela Internet você precisa contatar o Edit Fiscal um ano antes e pedir. Quando eu cheguei aqui a maior parte da classe média tinha computador em casa , na Bélgica não. Então tem muitas coisas assim, muitas crianças tinham celular, na Bélgica eu era uma das raras pessoas que tinha um celular, aqui , a minha empregada tem celular.(...) Então, eu já disse que devido à minha própria história de vida , eu procurei um lugar que me completava , onde tinha a possibilidade de ter atendimento hospitalar , acesso a lojas , cultura . Mas também tem essa parte da qualidade de vida, mas eu não sei até que ponto a gente cuida dessa qualidade de vida.

A acentuada convivência de opostos na realidade social latino-americana ressaltada por Laplantine , que como sabemos existe em muitos outros lugares do mundo contemporâneo envolvendo aspectos de modernidade e de precariedade material e cultural , vai contribuir para o “alargamento da lógica” do migrante europeu cosmopolita que quiser integrar-se ao contexto local . A “mestiçagem de culturas”, que também se dá em outras latitudes, assume por sua vez no caso brasileiro feições particulares, posto que a pluralidade se mostra um traço constitutivo da sociedade, através de mecanismos de interpenetração e englobamento cultural como apontaram certos autores tratados no primeiro capítulo. Da parte do migrante , inserir-se implica uma abertura à multiplicidade, que é em certos depoimentos francamente valorizada, estimulando-o a conhecer mais, como vemos na reflexão de Nicola sobre a cultura brasileira:

No momento em que num país existe a convergência de várias culturas locais e importadas, é claro que se cria um círculo, um movimento de conhecimentos , de trocas muito interessante, que determina também, pra mim, o caráter e a índole de uma pessoa.

É isso que pra mim cria o interesse da população brasileira, porque essa mistura de culturas, de idiomas, de religiões, de histórias é que é interessante. É uma descoberta contínua, porque você roda o Brasil e em cada lugar você encontra uma situação diferente, coisa que não existe na Europa. A Itália é a Itália, não existem culturas diferentes, não existem idiomas diferentes , existem dialetos mas existe a cultura italiana.

A possibilidade de convivência com a cultura popular local através de celebrações

festivas e de ações sociais, que seu engajamento no trabalho junto a Ongs lhe propicia, mostra-se central na fala de Cordelia como a razão mais significativa para sua permanência em Salvador nesse período de sua vida. A acessibilidade e o compartilhamento de experiências com as comunidades de baixa renda são destacados como enriquecimento vivencial e alargamento da própria capacidade de compreender a vida do “outro”, sem tomar como referência única os padrões culturais da modernidade ocidental. Comentando a escolha de Salvador para viver, Cordelia enfatiza o interesse pela cultura de raízes africanas de que tomou conhecimento através de 1 guia turístico:

Daí a gente abriu um Lonely Planet e foi uma coisa muito aleatória, vimos a temperatura de Salvador que nunca é menos de dezoito graus. Então, tinha a coisa da temperatura, mas o que foi mais atraente pra mim foi a coisa da cultura afro-brasileira, a idéia da mistura e de que Salvador é a capital da cultura afro-brasileira. (...) J. passou a ter muito interesse em Capoeira e agora ele faz parte de um grupo que também faz parte de um terreiro de Candomblé, então ele tem muitas ligações com essa vida.

Em seu primeiro contato com Salvador em 1980, Maude recorda o impacto do provincianismo local em contraste com o que estava habituada no Rio de Janeiro :

Quando eu cheguei em Itapoã tinha cavalos passeando na praia, aquela coisa meio rústica. Mas eu gostava porque os ônibus naquela época tinham música, caixa de som, eu achava muito interessante. Eu gostei muito do povo, achei o Pelourinho fantástico, mesmo caindo aos pedaços, porque não tem uma coisa parecida no Rio. Eu simpatizei muito com Salvador.

Indagado sobre sua experiência pessoal no contato com a cultura local, o atual Cônsul da França, residente no Brasil há trinta anos, relata o impacto que lhe causou a combinação, aos seus olhos surpreendente, da precariedade material de vida de populações humildes com a sabedoria popular, ancorada em valores íntegros e solidários:

A riqueza é extraordinária, tem tanta diversificação, nos comportamentos, nos conhecimentos, mesmos os mais rudimentares. Quando você vai nas regiões do Interior, vê pessoas que nem sequer sabem ler, mas que tem um conhecimento das coisas, que tem a experiência, os saberes tradicionais, o comportamento, a honestidade. Eu lembro de regiões muito pobres quando fiz trabalho de campo, a gente parava prá perguntar algum caminho, porque não tem indicação de caminho no meio das fazendas. O pessoal convidava prá dentro de suas casas, o pessoal não tem nada mas oferece tudo, numa sala perfeitamente limpa, não

tem uma sujeira no chão, as pessoas com muita dignidade, é extremamente enriquecedor, muito interessante. Isso fascina, apaixona, mas prá quem percebe.

O encontro com a modernidade sul-americana que aos olhos europeus pode parecer superficial, pelo fato de misturar-se em certos casos com o seu oposto, o primitivismo de estruturas sociais precárias e costumes arcaicos, exerce no entanto um instigante efeito de atração, pela possibilidade de se desdobrar em algo não totalmente previsível, mas distinto dos modelos definidos pelo padrão europeu.

Nas palavras do atual Cônsul Honorário da Itália em Salvador, vemos a reafirmação da união de contrários na imagem internacionalmente veiculada sobre o Brasil ainda na atualidade, que o torna um “grande emergente” particularmente instigante:

(...) o Brasil é interpretado hoje no mundo inteiro como um país emergente sim, mas um país emergente onde existem pontas de modernidade que nada tem a desejar dos países chamados desenvolvidos. Então, aqui há de tudo, há níveis tecnológicos elevadíssimos e há em algumas regiões longínquas, afastadas, de pouco superar a existência dos índios ou de pouco superar as condições de existência de dois séculos atrás na Europa.

3.2.4 Brasil : terra de oportunidades / terra do futuro

A imagem do Brasil como uma terra de oportunidades é evocada no discurso dos europeus pesquisados em estreita relação com a idéia de iniciar uma nova vida em outro lugar, onde poderão aplicar seu saber de cosmopolitas e exercitar suas habilidades pessoais e profissionais com maior liberdade de ação, enfrentando novos desafios. A noção de que se trata de um país em processo de organização, onde a normatização ainda está em curso e portanto apresenta brechas a serem aproveitadas, se conjuga com o espírito empreendedor e em alguns casos, o espírito aventureiro se concretiza como gosto pela iniciativa privada de risco.

Bertold e Franz, alemães hoje dedicados à atividade de guias de turismo em Salvador, relatam ter deixado uma situação profissional estável e bem remunerada para trás, chegando ao Brasil com um certo capital para investir no setor de serviços, atuando como autônomos. Ambos se associaram a mulheres brasileiras antes de se radicarem na Bahia e contaram com um período para planejar sua “mudança de vida”, aí compreendidas as estratégias para obterem o máximo benefício no processo de

desligamento profissional, no caso de Franz, assim como de fechamento de empresa , no caso de Bertold, levando em conta a amplitude do sistema securitário em seu país.

Franz reporta o afastamento de um cargo executivo em uma agência de Marketing e Propaganda depois de um micro derrame aos trinta e nove anos, motivo que o teria levado a, juntamente com a esposa baiana, cabelereira residente na Alemanha, decidir por emigrar para o Brasil. Relata a seqüência de atividades a que se dedicou nos quatro primeiros anos de Bahia, se propondo empreendimentos nem sempre bem sucedidos: três salões de cabelereiro simultâneos, em sociedade com a ex-esposa (com trinta funcionários); uma empresa de Consultoria de Recursos Humanos , treinamento e recrutamento, em sociedade com uma amiga; e uma pequena empresa de reformas de imóveis e lojas, até decidir pela atividade autônoma de guia de Turismo.

Então , como íamos começar uma vida nova, talvez seria melhor começar aqui no Brasil, porque algumas coisas aqui são mais fáceis . Se você tem contatos , em uma semana você pode abrir uma empresa e o capital do contrato social pode ser de 1.000 reais , na Alemanha é de 50 mil euros, no mínimo. A casa já tínhamos, eu comprei 5 anos antes de mudar prá cá.

O posicionamento de Bertold sobre as possibilidades que vislumbra no novo lugar sugere um amplo leque de alternativas para o cosmopolita munido de certa capacitação profissional e saber circulatório.

A- Então pra você o futuro está em aberto ?

B- Está. Eu coloco minhas raízes onde estou. Claro, você não sabe o que você vai criar, eu já sei que não vou abrir uma empresa de novo. Talvez você poderia ficar rico aqui, tem tantas coisas que você pode fazer ... e com a minha profissão na Alemanha (eu passei a vida fazendo consultoria, abrindo empresas) não passa uma hora que eu não veja uma oportunidade, tá cheio de oportunidades. Agora, eu não quero fazer mais isso, eu poderia montar um restaurante, fazer outra coisa. (...) Hoje eu sei que tenho que fazer uma coisa que me relaciona com as outras pessoas.

A- E a música, poderia te abrir portas ?

B- Pode ser, eu tô pensando todo dia nisso, uma coisa que eu gostaria de fazer é abrir um clube aqui, tipo uma boite pequena, com música techno.

O desempenho de uma atividade no setor de entretenimento se mostra uma fantasia recorrente quando se pensa em uma nova vida nos trópicos, em termos de uma atividade autônoma. Depois de uma experiência malograda com um restaurante em uma Marina

na Ribeira ainda recém-chegado a Salvador, Nicola cogita hoje investir uma herança que acaba de receber em um novo negócio :

Eu pensava em uma atividade mais tranqüila digamos, que seja um prazer. A minha idéia, prá qual estou procurando um espaço, é botar um salão de dança , tipo uma gafieira, onde você dança durante a noite e de dia você dá aula de dança . Com um barzinho com petisco, tipo botequim.

Indagado sobre os fatores de atração que, ao seu ver, tem trazido os migrantes italianos para residir no Nordeste brasileiro nas últimas décadas Nicola aponta a imagem do Brasil como um espaço aberto, menos regulamentado , disponível para uma “segunda colonização” , onde se pode resgata o paraíso perdido da mediterraneidade italiana:

A- O que torna o Nordeste atraente para um italiano que vem aqui prá morar ?

N- Se não é o caso de um empresário que vem aqui pra montar uma fábrica, um italiano que decide migrar para o Brasil pensa que aqui existe um espaço, que é mais fácil de instalar uma atividade no Nordeste porque as malhas são mais abertas para permitir as coisas, montar um restaurante ou uma pousada. Alguns italianos dizem que (aqui) as regras é mais fácil burlar e a mão-de-obra custa muito menos. E honestamente, o italiano e outros também, vem com a mentalidade de que ele é do 1º mundo, portanto ele está sempre um degrau acima ou dois , inconscientemente tem sempre uma mentalidade de colonizar: “eu vou lá, mas dou trabalho”.

A- Aqui tem recursos naturais e humanos disponíveis ...

N- Coisa que na Itália está esgotado, não tem mais aquele espaço de escolha. Aqui sim você tem, tendo um capital que você pode aplicar e deve ter a capacidade pra isso, mas pelo menos isso é mais facilitado. E tem também aquilo que o Brasil e o Nordeste representam como imaginário em si, você encontra italianos nas ilhas Galápagos, no Haiti , nas ilhas Samoa , e você vê que alguns lugares tem características semelhantes , praias . Ou seja o italiano está tentando resgatar o que era antes uma peculiaridade da Itália : o mar, o Mediterrâneo , a ilha , o sol.

A referência aos aspectos geográficos e ao clima nos remete imediatamente à questão da apropriação territorial dos trópicos por investidores estrangeiros, configurando um avanço de certa especulação imobiliária partindo do hemisfério norte à medida que o sul global tornou-se mais próximo culturalmente , graças às conexões multiplicadas em todos os âmbitos. À proporção que as condições de vida são aperfeiçoadas e a infra estrutura garantida pelo Estado, a oferta de grandes extensões de áreas naturais desperta

o interesse de indivíduos dispostos a lançar-se a uma aventura de investimento não apenas financeiro, mas também existencial. O relato de Bertold é ilustrativo:

Eu não cheguei aqui sem nada, mas com dinheiro na mão e um projeto de construir um hotel. Como eu não tinha muito tempo para conhecer Ilhéus, eu comprei um terreno que eu achei bonito só pela beleza da praia, com o rio do lado e o mar em frente; pensei que era o ideal por ter uma cidade grande próxima, tinha um aeroporto, mas não internacional. Depois eu vi que o movimento de turistas era só de Vitória da Conquista e internacional é quase nada. Eu ouvi as dificuldades de suíços que tem pousada lá, que diziam que a temporada era muito curta, 3 meses ao ano. Aí eu pensei: ‘você nem é do ramo de hotelaria, vai ser muito difícil conseguir um mercado dela prá cá , eu não tinha nem idéia de por onde começar, tem que procurar outra solução.

A tendência do mercado imobiliário de disponibilizar uma faixa significativa do litoral nos países do sul tropical para sua comercialização junto a investidores estrangeiros, não apenas corporativos, mas individuais, é recorrente nos sites imobiliários encontrados na Internet e são hoje complementados por blogs em que migrantes compartilham sua experiência de investidores cosmopolitas. Alí comparam vantagens e trocam informações sobre a abundante oferta de áreas ainda intocadas no Nordeste, comentando alguns inconvenientes contornáveis, mas sobretudo divulgando as oportunidades únicas que se apresentam ao investidor de bom faro, seja ele do tipo hedonista ou calculista.

Entre os atributos associados ao Brasil no imaginário circulante entre europeus encontra-se também a imagem de um país do futuro, potência emergente e laboratório de miscigenação racial e cultural, que poderia configurar algo inédito em termos de civilização nos trópicos. A busca bem sucedida de parcerias externas e o investimento interno no desenvolvimento tecnológico, sobretudo em áreas específicas da medicina , da agro-indústria e da produção de energia renovável, tem projetado o Brasil na mídia internacional como um país de potencialidades múltiplas , em vias de consolidar-se como liderança política do cone-sul.

Os migrantes europeus aventureiros não parecem ofuscados pela atração do exotismo da civilização solar, pois se informam também sobre aspectos bastante concretos que a formulação de um projeto de mudança de vida pode demandar. O relato de Bernardo, já citado, sobre os critérios empregados por ele e sua esposa para eleger o Brasil como o

“novo lugar” para viver enfatizava não só o aspecto do contato humano, mas o fato de o país ser apontado por especialistas como a 3ª potência mundial em um futuro próximo.

Indagado sobre como vê o futuro do país que escolheu para viver, Franz resume :

O Brasil não é 3º mundo, ele faz parte de um grupo de países emergentes que estão em breve entrando para o 1º mundo. O Brasil tem tudo: território , clima, recursos naturais, tem uma economia forte , o problema é a má administração, por causa da corrupção. Mas em uns quinze ou vinte anos vai ser diferente, o acesso à educação está crescendo e o povo não vai mais tolerar os políticos corruptos.

Uma avaliação semelhante do futuro do país é apresentada por Nicola :

Prá mim o Brasil é um país que, se não existem turbulências grandes, econômicas, que abala todo mundo, o Brasil é uma nação com possibilidades de não ser mais do 3º mundo, chegar ao 2º com perspectivas de 1º. Digo de 1º com certeza porque se ele atua com a política correta, elimina a corrupção, melhora a educação, ele tem perspectivas. É um trabalho longo, porque é claro que não se constrói em uma década.

Pierre , residente na Bahia há vinte e dois anos expõe sua avaliação do Brasil abrangendo diversos aspectos, inclusive a imagem do país no exterior :

A- Como é que você caracterizaria o Brasil hoje em dia ?

P- Eu vejo no exterior , que as pessoas já não olham o Brasil do mesmo jeito, ele tem importância no mundo. Na crise agora, o Brasil tem até lição prá dar, o Lula vive mandando recado pro Obama... O país está mais confiante , a mentalidade , alguma coisa mudou.

A- Mudou em que sentido e qual é a perspectiva ?

P- Economicamente se abriu , abriu o mercado interno por exemplo , abriu as fronteiras prá importar e exportar, a Agricultura cresceu. (...) Mas o Brasil continua com muitos problemas sociais, a violência realmente aumentou em Salvador, eu acho que é o crack que tá arrasando por aí. A Educação melhorou um pouco, a Saúde nem tanto. (...) Mas a infra-estrutura melhorou muito, as estradas , as ruas.

A- A expansão da Internet no Brasil foi muito rápida.

P- A comunicação sempre foi muito avançada no Br. (...) O brasileiro adora se comunicar e com a Internet ele vai fundo nisso aí.

3.3 CONEXÕES VIRTUAIS: PROJETOS E O SABER CIRCULATÓRIO

O recurso aos meios virtuais para se obter informações sobre o “outro lugar” , cuja imagem já foi divulgada por outras mídias, sobretudo a televisiva e a impressa, se consolidou na última década , tanto através de sites de caráter comercial que anunciam negócios imobiliários , como de sites não comerciais. Entre estes os hospedados em portais de órgãos públicos ou inteiramente independentes , assim como os blogs individuais, que se propõem a criar um espaço de troca de informações sobre a experiência migratória ou de “expatriação” voluntária. No primeiro caso os exemplos se multiplicam à medida que o Nordeste brasileiro se coloca no mercado de investidores europeus como um alvo privilegiado, entre outros situados nos trópicos do sul global, voltado com frequência para o público de aposentados europeus. Serviços de consultoria no ramo de investimentos , aquisição de imóveis e projetos de hotelaria são oferecidos , além da intermediação com os agentes locais, sob o apelo do paraíso tropical :

“Planeje um investimento ou sua aposentadoria nos trópicos, em um país dos sonhos e em uma região abençoada pelos deuses.” (região de Porto Seguro, Bahia)

"Côté Brésil"

Projets, investissements, retraite Immobilier et hôtellerie au Brésil
www.cotebresil.com (texto integral no Anexo III)

3.3.1 Aposentadoria nos trópicos e os migrantes sócio-habitacionais

O site francês que tomo como exemplo se dirige prioritariamente a aposentados e pequenos investidores individuais, não-corporativos, que desejam associar as vantagens de se transferir os benefícios da aposentadoria para os países tropicais, onde o custo de vida é mais baixo e o acesso à natureza é facilitado. Traz como título a chamada : “Aposentadoria sob o sol: amanhã , seremos todos expatriados ?” o que indica uma tendência para os próximos anos, de se aliar o sonho da “dolce vita” com vantagens relativas muito concretas , que entra no horizonte de muitos ao planejar seu futuro.

Viver ao sol, com o brinde de um custo de vida inferior ao da França surge como uma fórmula que seduz cada vez mais os aposentados. Viver no exterior permite elevar o padrão de consumo, pagando menos impostos. 1.091.887 franceses fizeram a escolha de se “expatriar” através do mundo, vivendo como aposentados no exterior, usufruindo de vantagens fiscais, informa o site. O ramo imobiliário da empresa INOVA se direciona para a concepção, construção e comercialização de áreas residenciais de alto

nível voltadas para o mercado europeu. Entre eles são citados os empreendimentos “Bahia Dourada”, “Área dos Corais” e “Jardim na Bahia”, situados em Porto Seguro.

O apelo de um mercado imobiliário emergente e sub-valorizado é reforçado pela imagem do grande potencial econômico do Brasil, com abundância de mão-de-obra e de materiais de baixo custo, que fazem do país um novo Eldorado para o investidor estrangeiro. (ver Anexo III-2) Par a par com as vantagens econômicas vem a evocação do Brasil como “um dos países mais belos e misteriosos do mundo”, cuja paisagem é acrescida de uma reconhecida hospitalidade natural de seus habitantes.

As regiões consideradas mais rentáveis se encontram entre Natal e Salvador informa outro site, já providas de vôos regulares partindo da Europa e apresentando um crescimento sólido em torno de 20% ao ano. (ver Anexo III-3) Definido como a zona “mais segura da América Latina” e ponto geográfico mais próximo da Europa, o Rio Grande do Norte tornou-se alvo de um “boom” turístico e de investimentos europeus no setor hoteleiro e residencial indicam os anúncios imobiliários, com previsão de ali se construir “o maior aeroporto do sub-continente”.

A presença crescente de investidores individuais e aposentados europeus na América Latina tornou-se também alvo de interesse de uma equipe de investigadores da Universidade de Buenos Aires na Argentina, como noticiado pelo jornal El Clarín (02/09/2007), em matéria intitulada “Conseqüências da mudança climática”. (ver texto integral no Anexo II) O prognóstico apresentado é de que novas cidades privadas sejam construídas no país nos próximos anos visando uma clientela de imigrantes europeus (e também norte-americanos) constituindo um “projeto de recolonização”.

A tese defendida pelo sociólogo Roberto Aruj, responsável pela pesquisa “Transformações Sociais em um mundo globalizado, migração e meio-ambiente”, é de que a multiplicação de inundações, secas e terremotos, a escassez e contaminação de recursos naturais e a pressão social e trabalhista exercida no 1º mundo por milhares de imigrantes dos países pobres, seria a causa de uma vaga de emigrantes da Europa e dos EUA em direção a lugares mais “limpos” e estáveis.

A esse tipo de migrante, pessoas de bom poder aquisitivo dispostas a instalar-se em outros lugares, de acesso relativamente fácil como é o caso da América Latina e que

oferece um padrão de vida semelhante ao de seus países de origem, denominou-se “imigrante sócio-habitacional”. Observa o pesquisador que eles nada têm de parecido com os nossos avós que imigraram para a América do Sul um século atrás, eles “escolhem onde e como viver, começando por passar uma parte do ano em cada país”, pois tem essa possibilidade.

Informa ainda que segundo dados da ONU, que já criou a categoria de “migrante ambiental”, até o final deste século haverá cerca de 150 milhões de pessoas deslocadas por razões ecológicas. Dados levantados pelo jornal junto ao Departamento Nacional de Migrações revelam que o Estado argentino já outorga em média uma autorização de residência (provisória ou permanente) por hora aos cidadãos do 1º mundo. Confirma-se também uma febre de compras de propriedades urbanas e rurais por estrangeiros, com a finalidade de investimento e moradia na aposentadoria.

Segundo a Federação Agrária, afirma o artigo, cerca de 10% de todo território argentino já está em mãos de estrangeiros em fase de vida madura. Além dos europeus que vem de férias, se apaixonam pelo país e depois se mudam para ali desfrutar sua aposentadoria, setores universitários registram a vinda de jovens criadores de Software e Web Sites que optam por viver na Argentina, enquanto vendem seus produtos no mercado europeu. Esse intercâmbio migratório, adverte um economista do Centro de Estudos para a Integração Nacional, é desvantajoso para os países periféricos, pois enquanto a Europa recebe deles uma mão-de-obra muito qualificada, em troca exporta seus aposentados.

3.3.2 Fóruns e blogs de expatriados: aproximações do real e do imaginado

Viver no Brasil não é como estar lá de férias. (Jacopo, blog Vivere in Brasile)

As palavras não têm o mesmo sentido nos dois lados do Atlântico. (site “aquiceara.com”)

O site institucional da “expatriação” mantido no portal do Ministério de Relações Exteriores do governo francês (Ministère des Affaires Etrangères et Européennes) oferece um espaço para fóruns do qual participam os franceses já expatriados e aqueles que buscam informações específicas sobre determinados destinos. Não raro é encontrar a solicitação de depoimentos de migrantes, seja para uma série televisiva, como a TV 5 Monde, para uma emissão radiofônica ou da parte de pesquisadores estudantes que focalizam sobre a mobilidade internacional e a experiência de expatriação.

Nos blogs em que um expatriado veterano compartilha sua experiência com os interessados em migrar para o Brasil, são disponibilizadas informações práticas sobre o país, os trâmites burocráticos e as estratégias possíveis para se obter permanência, assim como opiniões sobre as vantagens comparativas que se pode esperar com a migração. A título de exemplificação tomemos o blog **Vivre au Brésil- Quitter la France**, que um web designer de 31 anos (Stéphane), residente em Santa Catarina, põe à disposição de seus compatriotas, onde apresenta um resumo dos pontos favoráveis que justificam sua opção migratória. (ver Anexo VI-1) Entre os aspectos abordados ressalta a idéia de um espaço aberto à iniciativa individual:

O Brasil para mim representa um lugar sobre a terra onde se tem ainda a possibilidade de evoluir livremente, porque o sistema é flexível no seu todo. Ele não vai ajudá-lo, mas em contrapartida não vai sobrecarregá-lo com impostos e papelada burocrática, seguindo mais bem o modelo americano.

O acesso fácil a uma natureza relativamente preservada e o custo de vida inferior ao europeu tornam o lazer um benefício ao alcance da mão, enquanto o contato humano descrito como “simpático e despreendido” gera uma positividade que *“torna a vida bem mais agradável que na Europa”*.

A percepção do Brasil como um país em desenvolvimento intenso, imune à crise que abala o mundo desenvolvido, e as oportunidades de trabalho que se abrem sem cessar completam o quadro, feita a ressalva de que há também pontos negativos (não explicitados) aos quais deve o migrante se adaptar pois *“quando alguém se expatria, deve ter consciência de que desembarca em um outro planeta, onde tudo é diferente”*.

Em outro site (Cocktail Web) sob um pseudônimo (Perso) o texto “Pourquoi vivre au Brésil, 6 arguments” foi postado por um francês radicado no mesmo estado sulista, em tom semelhante, sugerindo tratar-se do mesmo migrante do blog anterior. Interessa entretanto observar a seleção dos tópicos feita, a reflexão sobre a própria experiência e o empenho em contemporizar com os aspectos negativos do país que o acolheu. (ver texto integral no Anexo IV.2)

Seu texto inicia-se com a interpelação que lhe é feita com frequência, na condição de migrante: *“Uma das primeiras indagações que os brasileiros me fazem é sobre as razões que me motivaram a vir morar em um país do terceiro mundo, enquanto muitos*

brasileiros gostariam de ir viver na Europa (sobretudo aqueles que nunca moraram lá)”. A resposta envolve dois aspectos, seu casamento com uma brasileira e seu gosto pelo deslocamento, pela mudança; admite ainda que uma nova migração poderá ocorrer no futuro.

Os seis argumentos se sucedem : o clima ameno; a simpatia dos brasileiros e seu espírito festivo; a visão do Brasil como um “país das oportunidades e país do futuro”, que o leva à suposição de que *“há certamente um lugarzinho para mim, uma pequena oportunidade a ser agarrada, se houver o espírito empreendedor”*. Segue uma avaliação condescendente da violência no Brasil, *“aqui se mata com justificativa, por necessidade”*, se comparada à ameaça terrorista aleatória no continente europeu; a benéfica ausência de catástrofes naturais, salvo as inundações localizadas; e por fim a vantagem da proximidade cultural com a Europa, devido à presença de povos imigrantes integrados à cultura brasileira , sobretudo na região sul do país.

O site **aquiceara.com** (ver texto integral no Anexo V) , online desde 2001, seu criador Gilles Chartier presta um serviço informativo e de aconselhamento aos potenciais migrantes em um tom particularmente irônico, empenhando-se em desconstruir as fantasias sobre a doce vida nos trópicos , assim como os lugares comuns sobre ocupar um espaço aberto ao empreendedorismo, com charme europeu. No tópico “Conseils pratiques” resume as motivações possíveis para se desejar a expatriação, seja por uma “recusa da Europa”, seja pela necessidade de uma mudança radical de vida envolvendo o imaginário sobre o “outro lugar”, a partir das correspondências enviadas ao site.

Assim são identificadas como as motivações mais frequentes : a busca do clima tropical, a fuga do sistema fiscal europeu, a visão da Europa como um lugar de “velhos”, o desejo de mudar de vida, o sonho de morar à beira-mar por um custo acessível e por fim o encontro amoroso de um parceiro(a) brasileiro e o decorrente projeto de viver no Brasil. Sem complacência o autor do texto qualifica a postura de rechaço à Europa como ingenuidade, abordando cada motivação em particular e contrapondo-as a dados concretos de sua experiência migratória que o fizeram valorizar sua própria cultura e sociedade. Uma série de sugestões, advertências e antecipações do que de pior pode ocorrer é apresentada, buscando trazer de volta ao chão aqueles que insistem em sonhar, imaginando o trópico como o melhor dos mundos.

Sobre a carga de impostos europeia que tanto pesa pra o contribuinte, o argumento é taxativo : o retorno em benefícios é visível em termos dos sistemas de educação, saúde e infra-estrutura, enquanto no Brasil o peso fiscal é ainda maior, sem a contrapartida correspondente. Quanto a se tratar de um país jovem, com uma população mais otimista e empreendedora, é reconhecido o impacto motivador para novas realizações, porém “de preferência em casa”. Sobre o desejo de mudar de vida, o argumento se resume a suscitar entre os potenciais migrantes a insegurança face ao desconhecido : seria a saturação com a rotina uma razão suficiente para deixar tudo para trás, sob risco de equivocar-se ?

No que se refere ao investimento imobiliário, a desconstrução do sonho se assenta na idéia (equivocada) de que os preços convidativos ocultam uma desvalorização progressiva e rápida, à parte a dificuldade permanente de se obter serviços de manutenção, o que sem dúvida é verdadeiro. Quanto à busca do clima ameno, sugere o autor, por que não aproveitá-lo na condição de turista, para depois voltar ao lar e à própria cultura ?

A investida mais contundente ao sonho de viver nos trópicos é o questionamento do amadorismo no projeto de trabalho autônomo, freqüentemente associado ao Turismo e atividades correlatas – restaurante, hospedagem, cybercafé. Que conhecimento do mercado local tem os aspirantes à expatriação, que experiência profissional têm no ramo em que desejam aventurar-se , pergunta o autor ? E ainda uma advertência é feita: “*é preciso estar consciente de que certas coisas não funcionam como na Europa. Mesmo se a língua é fácil, as palavras não têm o mesmo sentido nos dois lados do Atlântico*”.

O elenco de advertências é extenso no que concerne à implantação do projeto e residência ou de comércio. O item segurança ocupa lugar central, não há possibilidade de sobrevivência fora de um edifício em condomínio fortificado, portanto o sonho de uma casinha “pé-na-areia” seria pura inconsciência. Os povoados de pescadores no Ceará descritos como tão charmosos quanto inseguros tornam-se inviáveis para quem carregue consigo um computador ou uma câmera digital. O lazer nessas paragens não há, e buscá-lo na capital representa “rodar por estradas inseguras à noite, sob o risco de atropelar bicicletas, bêbados e burricos cruzando a pista no escuro, ninhos de galinhas, enfim uma verdadeira expedição de aventura”.

Mas sobretudo, se o migrante conseguir desenvolver uma atividade autônoma, deverá labutar sem descanso. O sonho de abrir uma pousada se depara com o obstáculo de uma concorrência considerável, o que significa dedicação permanente e ainda a captação de clientes e operar o receptivo no local. O projeto de abrir um restaurante ou um cybercafé sofre também com a mesma barreira: a falta de clientes e o baixo poder aquisitivo local, além do trabalho incessante. A pergunta incontornável se coloca então : *“E do sonho tropical, você vai desfrutar quando ?*

Alerta-se também para o problema das distâncias entre os lugares paradisíacos e a capital, que se soma às demais dificuldades, levando o migrante europeu não vinculado a empresas a conformar-se com os baixos rendimentos : *“se se quer viver no Ceará, é necessário preparar-se para ser pobre”*; o que repercute naturalmente na escolarização das crianças, no acesso a atendimento médico ou a um hospital, finaliza o comentarista do site. Uma última advertência para os que ainda ousam se aventurar, desde que munidos de capital, de um bom projeto, de um estudo de mercado e muita vontade de trabalhar : não se deve investir aqui a totalidade dos recursos e sim deixar a metade na Europa, é a garantia de poder retornar para os seus iguais, se necessário for.

O site **www.voyageforum.com** (ver texto integral no Anexo VII.2) oferece exemplos da expectativa que move os futuros migrantes, entre os quais encontram-se aqueles que, tendo já visitado o Brasil algumas vezes e decidido pela expatriação, tentam através do site obter informações mais precisas sobre a melhor escolha do lugar para instalar-se. As opiniões são divergentes, comenta uma internauta (Isabelle) sobre a conveniência de se comprar uma pousada e explorá-la como atividade principal no Nordeste, que para uns é o eldorado do Turismo enquanto pra outros já se encontra saturado de instalações hoteleiras.

A preocupação com a escolaridade do filho e o atendimento médico para um parente idoso contam na escolha da região para se radicar, pontos que entre outros aspectos serão avaliados durante uma viagem final de reconhecimento do terreno, pois para Isabelle e o esposo apesar das informações contraditórias e advertências recebidas *“apesar de tudo, nós só temos uma vontade, a de nos mudarmos para o Brasil”*. Justificando a decisão : *“Pode ser que estejamos equivocados, mas acreditamos que o futuro não é mais europeu, ao menos por um certo tempo, e nós desejamos o melhor para nosso filho”*.

Ao iniciar o texto introdutório de seu blog **Vivere in Brasile** (ver texto integral no Anexo VI) ,um experiente italiano (Jacopo) se pergunta porque os europeus sempre acaba retornando ao Brasil, expondo como razões prováveis o fascínio que exerce sobre eles a abertura do brasileiro à comunicação interpessoal, o que lhe dá a imagem de um país cheio de pessoas sorridentes, que gostam de se divertir de modo despreendido, bastando um balde e alguém que saiba batucar para que a festa comece.

A esse cenário, descreve, chega o europeu pouco sorridente, que não cumprimenta sequer o vizinho de porta, que no trabalho só pensa na hora do cafezinho e conta os dias que faltam para receber o salário; farto das decepções amorosas e das dificuldades que enfrenta no relacionamento com o outro sexo e pensa : “não entendi nada da vida até hoje”. Acrescentando-se a essa constatação a oferta de belezas naturais e o clima, o resultado só pode ser o planejamento de um próximo retorno com um amigo. Mas em seguida adverte : “Viver no Brasil não é como estar lá de férias”.

Ressalvando que as informações que disponibiliza são unicamente fruto da própria experiência no Estado da Bahia e do que observou em outras cidades, encoraja os que desejam lançar-se na aventura e iniciar no Brasil um negócio que o façam, pois muito irão aprender. Fazendo um balanço dos prós e contras, o autor observa que a diferença de hábitos pode tornar-se um obstáculo difícil de superar e mesmo impossibilitar a integração do migrante, dando como exemplo a falta de pontualidade e compromisso quando se trata de uma relação de trabalho, envolvendo empregados locais.

Destaca os contrastes com que se deparou no Brasil, relatando a eficiência do sistema SAC para os trâmites burocráticos e a surpresa de encontrar em uma academia de musculação mal conservada, uma recepção provida de computador com um programa avançado armazenando o perfil dos clientes. Comenta a conveniência de se encontrar comércios especializados reunidos em uma mesma área e se surpreende com as altas taxas de juros. Resume em um parágrafo os males maiores da corrupção instalada na Polícia, civil e mesmo militar, nas altas esferas da política envolvendo prefeitos, governadores e parlamentares; a violência sanguinária, a inflação galopante (?) e os problemas que atingem a Saúde e a Escola públicas e inclui para finalizar, o estacionamento irregular.

O conselho mais enfático será o de planejar cada passo, buscando assegurar-se por meio de contrato legal ao investir qualquer dinheiro, sob o risco de se sair mais pobre do que se entrou no país. Adverte sobre os baixos salários no Brasil, sobretudo no ramo de hotelaria e questiona o aspirante à migração se não haverá uma alternativa melhor “em casa”, pois não é sem razão, comenta, que muitos brasileiros deixam o Brasil para estudar e viver no exterior.

3.3.3 Empreendimentos bem-sucedidos e o “savoir-vivre” no Brasil

O depoimento de um micro empresário francês (Yves Masset) no site www.entrepreneursfrancais.com (ver o texto integral no Anexo VIII-1) exemplifica o caso de um europeu qualificado profissionalmente em Estatística e Informática, inserido no mercado de trabalho no seu país de origem, que decide expatriar-se no Brasil e mudar de atividade, associando seus conhecimentos prévios à área de turismo.

Ao longo de dez anos e dois casamentos com brasileiras, se concretiza o projeto de viver e trabalhar em Natal, no Rio Grande do Norte. Avaliando os prós e os contras do país, o micro empresário migrante destaca a vitalidade do potencial econômico e humano, a ausência de barreiras protecionistas e o que qualifica como impressionante liberdade, que permite crer que tudo é possível e realizável. Acrescenta a profusão de riquezas naturais e o clima agradável, que formam o enorme potencial turístico do país.

Como pontos fracos aponta a acentuada corrupção, a grande massa de excluídos da vida econômica, uma moeda supervalorizada e a precariedade de infraestrutura de transportes. Após trabalhar por um ano como guia de turismo autônomo e comprovar os baixos salários decide abrir sua própria agência local, ampliando contatos com agentes no Brasil e na Europa para o que não encontra dificuldades, devido aos baixos custos no investimento face a um mercado econômico em movimento constante. Uma única ressalva é feita para as desvantagens de se instalar no Nordeste: a baixa confiabilidade e o escasso profissionalismo dos parceiros locais.

Sobre os planos para o futuro, muito otimismo quanto a tornar-se um contato obrigatório para os franceses que queiram visitar o Nordeste brasileiro. E quanto às advertências, a de se buscar parceiros experientes que conheçam o contexto social,

econômico e profissional, além de conhecer bem o idioma. *“De resto, é só disfrutar da felicidade no país do sol e da alegria de viver”.*

Outro depoimento no blog **Entreprendre & International** (ver texto integral no Anexo VIII-2) apresenta a trajetória profissional de um jovem Chef (Fabrice Le Nud) radicado em São Paulo e destaca seu sucesso em conciliar sua paixão pela Gastronomia e seu gosto pelas viagens, que o motivou a lançar-se no setor de hotelaria no estrangeiro. Após dois anos no Intercontinental do RJ, o chef dedica seis meses a conhecer melhor o Brasil, viajando pelo Norte e Nordeste do país.

Seu sonho de criar a própria Confeitaria fina (Pâtisserie Douce France) se realiza em SP, com muito trabalho e a convicção de que na França o percurso seria muito mais difícil, enquanto no Brasil “não há barreiras à iniciativa privada”. Algumas advertências porém: deve-se conhecer a legislação, os direitos e a burocracia; lidar com a falta de pontualidade de empregados e fornecedores e também a qualidade duvidosa dos produtos. Tratando-se de um país muito liberal observa, é necessário trabalhar muito para se destacar, ser profissionalmente qualificado e saber o que se quer fazer: “O Brasil é interessante para quem tem energia, vontade de fazer, pois há liberdade de ação e a possibilidade de avançar rapidamente.”

Uma condição essencial para se obter sucesso no Brasil: amar o país, pois nada vai funcionar se a atenção recair sobre as deficiências econômicas e sócio-políticas, as desigualdades, a insegurança, a corrupção e a poluição. Só é possível permanecer, adverte, se houver com o país um laço carnal, irracional, que venha do coração. “O Brasil é uma experiência enriquecedora, sobretudo no plano humano. Os brasileiros tem essa riqueza de coração que se perdeu na França (...), um aspecto fundamental pois aquece o coração e faz parte da magia do país”. E por fim há a boa acolhida, pois o estrangeiro é valorizado, mesmo que o seja por motivos questionáveis...

Algumas considerações

Ao correlacionar a imaginação social e a migração norte-sul na atualidade, procurei delinear, a partir dos relatos coletados, um conjunto de motivações que impulsiona a desterritorialização de indivíduos europeus em direção ao sul global envolvendo mais do que a necessidade econômica, o seu desejo de reinventar-se. Entram então em

operação os imaginários sobre um mundo interconectado em que alguns países e regiões emergem enquanto outros retrocedem, numa hierarquia das nações em transformação segundo critérios que contemplam a qualidade de vida, a humanização das relações interpessoais e a ampliação do espaço de realização individual. Um mundo no qual sujeitos dotados de mobilidade transitam através de fronteiras, em busca de um posicionamento mais compensador para si próprios.

Contrapondo-se a uma migração “por necessidade” surge uma migração movida “por valores”⁵, na qual entra em jogo a atração pela alteridade, de viés existencialista, e o desvio intencional da norma européia em termos comportamentais. Aspectos subjetivos assumem importância no projeto de migração sob a rubrica “mudança de vida”, buscando já não usufruir, mas viver do turismo e do lazer, na tentativa de aproximar o sonho da *dolce vita* nos trópicos da realidade construída e negociada pelo sujeito.

Dá-se a possibilidade de viver o “entre-deux”, privilégio de cidadãos cosmopolitas que podem escolher onde e como viver, “tomar o bom daqui e o bom de lá”. E há o desafio de desvendar o Brasil e a atração incontornável que sua diversidade cultural e suas contradições exercem sobre o pensamento cartesiano europeu: a proximidade e a distância cultural experimentadas nas práticas cotidianas ou no prazer sensorial e espontâneo do regime de festa compartilhado por diferentes grupos sociais. Uma imagem do país emergente se impõe, seja como estratégia oficial ou como constatação da experiência, como um sistema social desigual porém flexível que propicia um ambiente desprendido onde indivíduos auto-determinados podem evoluir livremente, apesar de tudo.

A circulação de informações e de imagens intensificada pelo avanço dos meios de comunicação aproxima os sujeitos de seus objetivos, de suas vidas imaginadas, expõe um leque de oportunidades e possibilita a troca de experiências entre indivíduos

⁵ Se toda migração “por necessidade” remete aos fatores de expulsão em situações de penúria econômica, envolve também uma parcela de imaginação para projetar um futuro melhor em “outro lugar”. A migração “por valores” por sua vez, remete tanto à insatisfação do indivíduo com aspectos normativos e culturais de seu país de origem, que podem constituir fatores de expulsão, como diz respeito ao imaginário sobre uma nova vida em uma sociedade e um contexto cultural diferente, regido por outras normas e princípios valorados positivamente pelo migrante, e que constituirão para ele fatores de atração.

virtualmente conectados que partilham de um mesmo projeto, ainda que tenham pontos de partida muito diversos. Se para uns a desterritorialização é movida por valores e pela busca de experiências existenciais, para outros a aventura consiste em vencer os desafios postos pelo meio desconhecido com as armas de um cidadão global contemporâneo. Há ainda o projeto que requer o cálculo e a habilidade do indivíduo “pendular”, capaz de viver entre dois continentes investindo em cada ponta o que melhor convier.

Entre advertências e conselhos que os sites e blogs disponibilizam, o aspirante à des(re)territorialização pode saber por antecipação o que o aguarda vindo ao Brasil: um país contraditório, porém único, ao qual é preciso se adequar, ampliando a própria lógica para amá-lo se quiser aqui permanecer.

4 PERMANECER E “MULTIPLICAR-SE”- A METAMORFOSE NECESSÁRIA

Uma vez que o migrante aventureiro em direção ao sul global tropical tenha obtido um conjunto de informações práticas sobre o país de destino e levado a cabo o projeto de expatriar-se, tem início a aventura de buscar soluções e desvendar os códigos culturais locais no enfrentamento dos problemas cotidianos. Permanecer pode constituir um desafio e ampliar sua lógica na leitura que faz da realidade contraditória que o envolve torna-se uma necessidade de sobrevivência, submetendo-o a metamorfoses graduais que alargam sua perspectiva e relativizam suas certezas.

Admitir a pluralidade e a heterogeneidade no social pode ter como contrapartida o auto-desdobramento no indivíduo, que a própria experiência migratória enseja ao confrontá-lo com mais de um padrão cultural, desafiando-o para o convívio de identidades múltiplas.

Laplantine identifica nas sociedades latino-americanas uma surpreendente capacidade de “formar mestiçagens” e de “ligar o que os europeus separaram” pela via do método racional e do pensamento cartesiano. Face a esse universo peculiar os migrantes europeus, formados no “senso da medida, no espírito das idéias claras e distintas, na ponderação e na temperança” seriam confrontados com o gigantismo, as misturas e contradições absolutas. É desse confronto que trataremos a seguir,

rastreando no depoimento dos entrevistados o seu modo de lidar com o imprevisível e o imponderável, identificando assim as metamorfoses neles produzidas.

4.1 LEITURAS DO BRASIL À LUZ DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA

Se por um lado a escolha do Brasil e do Nordeste brasileiro para residir é informada pelos imaginários circulantes através da mídia e da produção de intelectuais que tentam interpretar o país, por outro os migrantes europeus estudados reformulam as suas interpretações à medida que enfrentam no corpo-a-corpo as dificuldades de inserção no contexto local. Suas concepções anteriores sobre o ritmo relaxado da vida nos trópicos, que poderiam converter em benefício próprio, enquanto detentores de um método racional de planejamento no desempenho profissional, assim como ao projetar suas vidas, poderão ser postas em xeque pelas idiossincrasias do comportamento local.

Nos diferentes papéis sociais que desempenham enquanto prestadores e consumidores de serviços, investidores, empregadores e comerciantes, assim como na qualidade de vizinhos, amigos e cidadãos, esses indivíduos avaliam reflexivamente sua experiência de convívio com os diferentes aspectos em que se desdobra a realidade local, hierarquizando sua importância de acordo com as prioridades estabelecidas em seu projeto de migração.

Até que ponto a constatação de contradições sociais agudas e o confronto diário com comportamentos não-regulados por padrões de conduta e de civilidade aos quais está habituado o migrante, poderá minar seu projeto de qualidade de vida ou mesmo desgastar sua disposição para compreender e adaptar-se aos códigos locais ?

A experiência migratória produz, por seu lado, um capital de conhecimento prático que na era das comunicações imediatas vai circular via Internet através de blogs e sites voltados, especificamente, para a troca de informações sobre a aventura da desterritorialização ou da “expatriação” voluntária. O compartilhamento generoso da própria vivência e a acessibilidade imediata à experiência de outros, concorrem para reduzir o abismo entre o país imaginado e o país real para onde se pensa migrar.

4.1.1 Conviver com a incerteza

E aqui as pessoas falam muito “se Deus quiser”, “vamos ver amanhã”, agora eu entendo essas expressões. (Elise)

O estranhamento inicial dos migrantes cosmopolitas face aos códigos culturais locais e à capacidade de tolerância nos estratos populares, sobretudo para enfrentar a incerteza com relação ao amanhã, diante das limitadas perspectivas que lhes são socialmente abertas, se converte em um aprendizado para esses indivíduos, que são obrigados a rever seus conceitos sobre a agência humana e as conquistas individuais. Quando o desafio a vencer é a sobrevivência e a mobilidade social o fruto da persistência, múltiplas estratégias são acionadas pela população autóctone, criativamente, incluindo a resistência passiva, se necessário for.

O relato de Elise ilustra o entendimento gradual das práticas cotidianas locais como resposta às dificuldades e o mecanismo de apaziguamento das expectativas com relação ao futuro. Procedente de uma sociedade marcada pela previdência e pela valorização do planejamento, assim como pela cobrança de responsabilidades sobre o indivíduo, uma margem demasiado ampla de imprevisibilidade no comportamento pode parecer inexplicável.

Eu estava com duas crianças pequenas, morava entre a Ondina e o Rio Vermelho, era um bairro bem popular, várias vezes não tinha água, então os primeiros anos eu sofri bastante, foi difícil e eu sempre querendo trabalhar também ...

Eu tive uma menina que vinha, mas nem sempre. Isso é uma coisa que eu não sabia e que eu fiquei muito assustada, as pessoas falam e você diz: ele falou então vai fazer, mas não é verdade. “Ah eu venho amanhã consertar isso, vai ter água amanhã” e não vinham. Isso é uma coisa que foi muito difícil pra eu entender, que quando uma pessoa fala que vai fazer uma coisa, talvez ela faça; ou alguém dá uma informação pra você, talvez aquela informação está certa ou pode não estar certa. Então me disseram: “não, você tem que perguntar pra várias pessoas, sobre médico, coisas de alimentação ...”

O enfrentamento das dificuldades cotidianas para esses migrantes sem comunidade demanda não apenas o esforço habitual para se encontrar soluções, mas uma disposição adicional para compreender porque aqui se faz dessa maneira e não de outra, ou seja, decifrar as razões que movem os habitantes locais à ação e sobretudo as idiossincrasias moldadas por circunstâncias que há muito se prolongam, constituindo o *modus vivendi* gerado no lugar.

E- Isso realmente é uma coisa que faz muita falta, sem família, você tem várias perguntas, tem que perguntar para alguém, “quem vai consertar isso?” Perguntar pra um, pra outro, tem que fazer uma investigação, eu já queria logo resolver. Pra escolher uma escola eu tive

que visitar umas trinta escolas, até achar o que eu queria , eu não tinha idéia de que era assim, a menor idéia.

E aqui as pessoas falam muito “se Deus quiser”, “vamos ver amanhã”, agora eu entendo essas expressões. Você está com uma idéia na cabeça, um desejo que você tem, mas demora prá acontecer, às vezes até muda no meio do caminho . Você pergunta prá pessoas : mas não era esse o seu desejo ? Elas dizem : “Ah não ! era, mas mudou e agora eu estou fazendo isso.” As pessoas não se lamentam tanto porque sabem que tem essa chance de não dar certo.

A- Então isso você atribui a ..., é um modo de lidar com a incerteza ?

E- Sim, com a incerteza e por sobrevivência também, porque se for ficar deprimido porque as coisas não dão certo, não dá. Eu conheço famílias que tem crianças que fazem tudo prá poder estudar, é impressionante. A vida toda trabalha, trabalha, trabalha prá construir um futuro pros filhos e quando eles se formam é uma grande alegria; uma coisa que na Bélgica é normal , aqui não , é orgulho, tá estudando, se formaram , prá mim isso é muito bonito.

A percepção do tempo e da finalidade da ação humana nos trópicos do sul global demanda uma reflexão vinculada à herança colonial, que deu origem a o que Laplantine chama de sociedades “invertebradas”, não organizadas sob o imperativo do bem comum e a partir de valores estruturantes coercitivos, mas de um “laissez-aller” que estimula múltiplas estratégias de sobrevivência, onde nenhuma uniformização parece possível. No imaginário circulante sobre a América Latina a ausência de marcas profundas do processo civilizador sobre a consciência dos sujeitos pode ser percebida como um primitivismo ingênuo ou insensato, incompreensível para o pensamento racionalista e pragmático europeu.

Rudolf (63 anos, austríaco) relata a visão com que chega ao Brasil aos 22 anos, como voluntário de uma ONG e se choca com o (para ele) imprevisível modo local de legitimar competências e daí extrair benefícios. A própria categoria “previsão” é solapada por uma inesperada anulação do que ele imaginava ser um procedimento autorizado e por si só legítimo. A simples frase “aqui as coisas são diferentes” relativizou de imediato, no episódio relatado, uma reivindicação de direito pretensamente válida no âmbito internacional.

A- Mas quais foram as suas primeiras impressões ?

R- O que eu li sobre o Brasil foram coisas escritas pelos alemães. Eu sabia que aqui tudo fica prá amanhã, que o pessoal não está muito disciplinado, isso é uma coisa bem sul-americana. Então o que é que acontece , eu cheguei no RJ em 15/05/69 com uma bolsa e uma mala de ferro que tinha ferramentas , instrumentos , gravador, máquina de escrever , essas coisas. E

eu tinha uma autorização da embaixada brasileira em Viena que eu poderia entrar com isso tudo, com o carimbo do embaixador. Acontece que quando eu mostrei pro cara da alfândega ele disse : “isso aqui não vale nada”, me mostrou um banco ao lado e completou : “tem um pessoal aí que resolve isso prá você”.

Era um despachante, eu ia pagar \$50 cruzeiros novos naquela época para ele desembaraçar a coisa. E eu não fiz, eu deveria ter feito isso, mas como eu pensava: ‘eu não posso, eu tô certo, o documento da embaixada tem que estar valendo!’ Eu fui mandado de um prá outro lado, não tô mentindo, o processo ficou dessa altura (uns quinze cm), eu tive que tomar um chá de cadeira de manhã durante dez dias, de oito hs da manhã na alfândega até meio-dia. Quando o processo chegou a essa altura (vinte cm), chega um cara e diz : Não , o encaminhamento desse processo está completamente equivocado, tem que começar de novo. Eu fiquei lá onze dias , só que eu gastei nesse tempo dez vezes o que me custaria \$50 cruzeiros novos.

Indagado sobre sua experiência com a cultura , o jeito de ser e o tipo de organização peculiar da sociedade em que escolheu se inserir, Nicola (60 anos, italiano) desenvolve uma interpretação compreensiva do ethos local, marcada pela tolerância.

Olha se eu fosse um tipo com todas as coisas no seu lugar, com regras já codificadas e tudo, eu nunca teria escolhido o Brasil, como a América Latina em si. Porque eu não sou assim, não é por acaso que a minha escolha já dá um sinal preciso nesse sentido. Porque é mais uma vida que não é programada a longo prazo, é mais um viver o dia-a-dia. Mas não por uma questão de pobreza, mas como jeito de trabalhar , de enxergar a vida, de testar a vida do dia-a-dia, é uma coisa com mais fantasias , que dá mais espaço para aquelas pessoas que vivem.

Destaca-se na leitura apresentada a aceitação da impossibilidade de aqui se programar a vida, vivida na sua imediatez, o que pode se tornar um bônus segundo Nicola, ao abrir mais espaço para a criatividade individual e por que não, para o sonho.

4.1.2- Conviver com a irracionalidade.

Quando eu comecei a morar aqui eu pensei, meu Deus, por que as coisas aqui são tão complicadas ? (Bertold, alemão)

Prá nós se você tem um trabalho é encima dele que você faz sua vida, aqui não, é diferente. É o dia-a-dia , pensar o dia-a-dia. (Bernardo, ítalo-francês)

Se a recusa da Europa, entendida como desejo de liberação de um fardo civilizatório repressivo para o indivíduo, faz nossos migrantes aventureiros voltarem os olhos para as sociedades “invertebradas” da América Latina, seu convívio com elas demanda um

longo aprendizado sobre os mecanismos que as moldam e os códigos culturais que as organizam. Viver o dia-a-dia do sul global tropical representa sujeitar-se a uma concepção diversa de sociedade civil por exemplo, em que o espaço público é apropriado pela esfera privada e o cidadão perde importância face à pessoa, esta sim respaldada pela família e grupos de amigos que lhe são cúmplices. (Sjorslev, 2004)

Os mecanismos de favoritismo e personalismo que atravessam as relações cotidianas e que nos afetam a todos, constituem a herança colonial de um país fundado na desigualdade e na manutenção de privilégios, que a modernidade jurídica e a disseminação da noção de civilidade não lograram erradicar. Razão porque torna-se difícil chegar a uma idéia de “bem comum” e responsabilidade compartilhada, dando-se assim rédeas soltas à arrogância de uns e à inércia de outros.

Por outro lado, a resposta cultural dos setores subalternizados à perversa hierarquia social se mostra através de comportamentos de resistência, seja à imposição de normas e valores, seja à exclusão econômica e social, solapando muitas vezes o que seria o esteio de uma sociedade organizada em termos ocidentais: o trabalho.

Em sua atividade atual de proprietário de bar-restaurant no bairro da Barra Rudolf, apesar de seus 40 anos de residência, ainda conflita em situações relativas à ordem para as quais não parece haver um consenso possível, uma vez que uma acomodação de privilégios está instalada. Durante a entrevista no final da tarde, junto às mesinhas de seu estabelecimento dispostas na calçada, um veículo equipado com som é estacionado e um par de mesas colocado, enquanto a música em alto volume invadia o ambiente. Rudolf protestou e na altercação um dos envolvidos se disse policial (à paisana), mas terminou por retirar o veículo. Sob o calor do episódio o entrevistado comenta:

Não é só ter leis, leis nós temos aqui, mas não tem ordem. Tem uma norma da Prefeitura que diz que tem que ter 70 cm da mesa pra rua, pra deixar as pessoas passarem, mas quando você vê a desordem, a balbúrdia, a bagunça que é, ninguém faz nada. O cara é policial, quem frequenta lá é policial, quem bole com polícia? Ninguém. A mesma coisa com o ônibus, pára no meio da rua e não tá nem aí pra ninguém e ninguém resolve isso, por que? porque polícia anda de graça.

Podemos perceber que a noção de “ordem” ocupa um lugar central no comentário crítico de Rudolf, segundo o qual aqui as leis que a instituem morrem no papel por ela não constituir um valor incorporado pelos cidadãos locais, alheios à preservação do

“bem comum”. Sujeitos socializados com vistas à integração e reprodução da comunidade a que pertencem, os migrantes europeus dissidentes (como pode ser qualificado Rudolf, que deixou a Áustria aos vinte e dois anos e optou por permanecer em Salvador) ainda carregam consigo os parâmetros civilizatórios forjados ao longo de séculos de disputas por espaço, poder e sobrevivência que deram origem a códigos de conduta, regras de convivência e sistemas de controle social sobre o indivíduo, dos quais eles desejam manter distância. Como então usufruir da liberdade individual que tanto almejam e padecer ao mesmo tempo com a frouxidão de valores estruturantes na sociedade de acolhida ?

Bertold (49 anos, alemão) reconhece que os seus pontos de conflito com certos comportamentos e atitudes recorrentes no cotidiano da cidade e das relações incomodam também aos próprios brasileiros, porém questiona a inexplicável passividade dos que sofrem os seus efeitos e a inconsequência dos que cometem tais atos, sabotando assim a construção de um pacto de boa convivência social.

A- O que mais você ressentiu, o que viver aqui provocou em você algum tipo de desânimo, a ponto de pensar em voltar para lá ?

B- Na realidade as mesmas coisas que todo brasileiro detesta, a não seriedade, a desonestidade. É claro, em alguns pontos a Alemanha é duro demais, essa pontualidade, essa seriedade. Mas pra mim tudo tem um limite. Aqui falta respeito um pelo outro, em todos os assuntos. Você vai pro médico, ele não está, e quando vai chegar ? Isso é uma coisa que me irrita muito, então eu tomo minhas providências, vou trocar de médico. Se todo mundo fizesse isso, vai mudar tudo.

Então eu pergunto: por que acontece isso ? É simplesmente uma história diferente, você veja a Alemanha com as guerras, que foi uma estupidez, mas criou essa coisa social de ter respeito pelo outro. Você fica pontual porque sabe que tem alguém esperando por você. Com relação à honestidade, se eu roubo esse dinheiro hoje aqui, amanhã eu não vou ter o meu jornal tão fácil assim. Então todas as dificuldades que a gente tem aqui foram as pessoas que criaram, até a burocracia que a gente tem. Quando eu comecei a morar aqui eu pensei: Meu Deus, por que as coisas aqui são tão complicadas ? Depois de anos eu entendi, se você não vai autenticar uma assinatura, o povo vai falsificar.

Lidar com comportamentos que fogem à lógica das regras do bom funcionamento social pode representar um alto preço a pagar pela integração no local, implicando conflitos diários nas relações interpessoais e em certos casos também nas profissionais.

Franz aponta as dificuldades ao tratar com a burocracia no setor público e ao enfrentar certos comportamentos xenófobos nas relações de contato pessoal direto, desencadeados em uma situação de disputa, ao tentar fazer valer um direito estabelecido, no desempenho de sua atividade de guia de turismo.

A- Teve alguma coisa nesse tempo que você já tem no Brasil que te incomodou a ponto de você pensar : eu não vou ficar aqui nesse país ?

F- Graças a Deus , nos sete anos que eu tenho aqui , eu nunca sofri nenhum assalto . Mas essa coisa da burocracia aqui junto com a burrice das pessoas que trabalham na administração , isso já me fez pensar mesmo . Também tenho que dizer de vários ataques de racismo, como : “Você é gringo , você pode mandar no seu país , aqui não” .

A- Isso nas relações de trabalho ?

F- Não , por exemplo , no Aeroporto tem uma área reservada para os carros de turismo que são registrados na EMBRATUR , se você faz transporte você tem uma plaquinha que diz que você tem direito a estacionar. Mas todo dia a gente chega lá e tem outros carros comuns estacionando lá e quando precisamos trabalhar às vezes precisamos procurar uma vaga e não acha nada. Um dia eu estou estacionando lá e entra um carro e eu pergunto : “Com licença, o Sr. está cadastrado na EMBRATUR ? , tem uma placa dizendo que esta área é para carros de turismo” . Ele responde : “Eu não sabia.” Eu digo: “Eu estou lhe dizendo , então Sr. pode por favor se retirar ?” Ele : “Você não manda nada aqui , vai mandar na sua terra.” Eu : “Eu pelo menos estou respeitando suas leis brasileiras e você não , por que tem uma placa que deixa isso bem claro.”

A pretensão de estar investido de autoridade moral para fazer cumprir uma norma estabelecida levou Franz a um conflito que mais que pessoal mostrou-se também cultural, pois segundo o “costume local” não cabe ao cidadão comum fiscalizar o interesse público, e sim a uma autoridade constituída investida de poder punitivo. A sua tentativa de “organizar a desordem” deflagrou não a adesão mas a agressão da parte afetada, que levantou de imediato a sua condição de “outsider” , desautorizando-o dessa maneira a julgar ou intervir na vida comunitária local.

Bernardo (41 anos) atuou como gerente na área de alimentação, que era sua ocupação também na França, e relata o confronto com o “costume local” nas relações de trabalho, relacionando-o ao modo como aqui se lida com a vida em termos profissionais e pessoais, muito diverso de sua experiência anterior à migração. A identificação do indivíduo como sua função social, através do desempenho de sua ocupação e a conseqüente incorporação de uma identidade social, não ocorrem no contexto local

como seria esperado, dentro dos padrões que servem de referência ao recém chegado migrante, ao menos no que se refere à categoria “empregado”.

A- Ao chegar você comprou o ponto de um restaurante ?

B- Na Barra , aquele que se chama hoje Modo. Mas é muito difícil, porque se você precisa de dez funcionários tem que contratar quinze , desses com certeza dez vem trabalhar.

A- No restaurante você era o proprietário e administrava. Você teve que ter um gerente ?

B- Eu não queria , mas seis meses antes de fechar eu coloquei um, porque eu tinha um stress que nunca tive na França. Esses trabalho é complicado, todo mundo rouba, isso faz parte do costume , todo mundo rouba um pouco , mas quando são quinze ...(pessoal de cozinha, limpeza, garçon, barman, segurança). Foi realmente complicado porque eu não falava a língua, ninguém queria trabalhar, eu cheguei com uma mentalidade francesa.

Lá existe também uma salário mínimo, que não tem nada a ver com o daqui, eu pagava sempre mais prá não ouvir : “eu fiz uma hora a mais”. Eu cheguei aqui o salário mínimo era de 140 reais , eu fiz uma reunião com todo mundo e disse : “140 reais prá mim é brincadeira, todo mundo vai me roubar, é normal , então eu já vou pagar todo mundo 450 reais.” Mas como a educação é diferente, não sei , não pensam para o futuro, pensam só no dia-a-dia , então tive que trocar três vezes de equipe, contador , advogado.

Prá nós trabalho, se você tem um trabalho é encima dele que você faz sua vida, e aqui não , é diferente. É o dia-a-dia , pensar o dia-a-dia.

As relações de trabalho e tudo mais que elas implicam no contexto local foram também um ponto crítico na experiência de Franz, ao aventurar-se em um ramo que não conhecia bem , o de reformas de imóveis e lojas em shopping centers. Seu insucesso é relatado como falta de experiência gerencial no ramo, quando pode sugerir algo mais além disso, que diz respeito ao desconhecimento dos laços pessoais envolvidos no sistema de recrutamento de mão-de-obra que prevalece no setor de trabalho informal em Salvador, sobretudo na construção civil.

F- Com a minha experiência em propaganda eu fiz uns panfletos oferecendo serviços de reforma com prazos reduzidos e distribuí em todos os shopping centers .O telefone não parou mais de chamar, todo mundo queria ...”

A- E você não teve nenhuma dificuldade prá montar a equipe de trabalho ?

F- Sim, eu comecei a montar a equipe, dois pedreiros , um eletricista , etc , sem ter nenhuma experiência nesse ramo. Trabalhamos muito , sem horário , geralmente dentro do prazo

mesmo , noite e dia ; eles pagaram , foi muito bem. Mas o que eu não vi, porque não sou do ramo, foi a merda que esses trabalhadores faziam, duas ou três semanas depois da inauguração da loja o cliente chamava : “o armário caiu , temos água dentro da parede, as tomadas não funcionam” , Ave Maria ! Eu gastei todo o dinheiro que eu ganhei antes prá consertar as gambiarras que eles fizeram; e eles já tinham o dinheiro e foram embora. Se alguém tem experiência com isso, pode ficar rico aqui em Salvador , uma empresa dessa funciona, funciona bem , mas precisa saber as coisas do ramo.

Pequenos investidores como Bernardo e Franz tem no projeto “mudança de vida” sua maior aposta. O investimento financeiro é um meio e o objetivo final , mais do que um lucro calculado, é a satisfação de vencer um desafio- o de aplicar seus conhecimentos em terreno desconhecido, testar as próprias habilidades e obter resultados. O meio em que esse desafio é enfrentado apresenta duas faces: por um lado é visto como um campo aberto à iniciativa pessoal e empresarial, com requisitos burocráticos em certa medida facilmente preenchidos; por outro, requer conhecimento dos códigos culturais e dos arranjos sociais que foram localmente construídos ao longo do tempo e que não se dão a conhecer de imediato para os que vem de fora, de outra cidade ou país, mesmo para brasileiros migrados de outras regiões do Brasil para Salvador.

As habilidades adaptativas desses indivíduos que se entendem cosmopolitas, no sentido empregado por Hannerz, de portadores da capacidade para manejar diferentes códigos culturais, compõem o núcleo central da sua experiência, pois são acionadas permanentemente na tomada de decisões e na leitura que fazem do meio em que estão situados. A margem de risco que enfrentam é proporcional ao desconhecimento que têm dos mecanismos desenvolvidos pelos habitantes locais para garantir benefícios e se defender das incertezas, por exemplo nas relações de trabalho por prestação de serviço.

Franz e Bernardo oferecem casos ilustrativos. O primeiro ao investir na pequena empresa de reformas para lojas em shoppings , que ele identificara como um nicho promissor , se propondo a oferecer serviços no tempo mínimo necessário e compondo uma equipe de trabalhadores autônomos com funções específicas. Franz pagou o seu preço por não desvendar o “código de conduta” que rege o vínculo que permite ao mestre da equipe assegurar o cumprimento da prestação de serviço, com certa margem de tolerância, quanto ao tempo e à qualidade aceitáveis, o que é habitualmente negociado entre o chefe e seus colaboradores.

A informalidade na contratação dos trabalhadores é freqüentemente perpassada por

vínculos de amizade, compadrio, parentesco e vizinhança, fazendo das relações pessoais a base do acordo entre o mestre e sua equipe; mas abre também espaço para atitudes consideradas pouco profissionais, como por exemplo no recurso a soluções provisórias e mais fáceis de executar, para poupar tempo, quando não há a supervisão necessária para evitar o que na Bahia leva o nome de “armengue”.

Bernardo, por seu zelo quanto à justeza da remuneração que atribuiu a seus contratados, pecou por excesso, por desconhecer que na prática cotidiana de empregados mal remunerados as pequenas compensações e concessões no manejo do trabalho contam com a vista grossa do patrão, já estando embutidas no custo final da mão-de-obra, razão que justificaria sob a ótica deste, o arrocho salarial. Relações ambíguas de desconfiança e cumplicidade que fazem parte da prática cotidiana de manutenção da desigualdade social, herança dos vínculos clientelistas de nosso passado colonial.

4.1. 3 Conviver com a desigualdade

É aquele contraste né, quem tem e quem não tem. (Maude, inglesa)

Os ricos aqui parecem às vezes caricaturas de novelas. (Martin, espanhol)

A experiência de convivência com a desigualdade social no Brasil, por parte de migrantes provindos de países onde a organização social busca suprir as necessidades fundamentais dos cidadãos, pode ser uma entrada para se sondar os aspectos propriamente subjetivos da decisão de permanecer no sul global, uma vez que esses indivíduos aventureiros e cosmopolitas não desconhecem as contradições da realidade brasileira, divulgadas pela mídia através de filmes e publicações que circulam internacionalmente e sobretudo experimentadas no dia-a-dia quando aqui se encontram.

Migrantes por opção motivada por valores, Bernardo e Manon se deparam no dia-a-dia com a desigualdade, que sendo em princípio uma questão resolvida sob o Estado do Bem Estar Social de seu país de origem, em franco contraste com a precariedade da organização local, remete a aspectos subjetivos que intervieram na definição do país que escolheram para viver e criar os filhos. Em sua declaração vemos que o contato com a pobreza no cotidiano traz menos incômodo do que a consciência da injustiça social que ela representa, sobretudo para esses indivíduos socializados a partir de parâmetros de responsabilidade partilhada e direitos de cidadania.

B- Mas é normal que aqui não tenha uma polícia de imigração, porque aqui o governo não ajuda em nada, ninguém paga imposto tão alto como na França. 80% do que você ganha vai para o governo, mas com esse dinheiro a gente tem estrada sem buraco, tem a escola grátis , tem a saúde grátis , tem coisa boa. Os impostos pagam tudo.

(...) Na França não tem pobres que vendem queijo na praia , toda família ganha pelo menos 800 euros , se tem filhos 1000 euros , depois tem lugar prá comprar barato , tem assistência social , tudo é bem feito prá que não tenha pobres.

A- Sim, mas por isso mesmo, por que sair de um país tão bem organizado ? (risadas)

B- Mas é uma escolha, justamente.

A- E a presença dos pobres aqui, não incomoda vocês ?

B- Prá mim não.

M- Me incomoda no sentido que não acho justo ter tanto pobre. Ver todas essas crianças, na Pituba por exemplo, um grupo de crianças que fica cheirando cola e que estão lá para limpar os vidros dos carros. Acho que realmente tem muita injustiça aqui no Brasil a respeito da diferença social, uns que tem tudo e tantos que não tem nada. E parece que o governo não está se dando conta do que está acontecendo, porque nem fala disso, tenta esconder , mesmo quando o Lula viaja para os outros países (...)

A convivência com a precariedade nas condições de vida de pessoas ao seu redor tem sobre os migrantes europeus entrevistados efeitos que podem abranger da indignação contida à complacência com relação à responsabilidade social do Estado e dos cidadãos face às desigualdades, levantando a questão de se é a omissão, traduzida em individualismo, a postura que marca a vida contemporânea.

Martin, professor visitante de galego na UFBA por cinco anos e filho de migrantes que circularam por países afluentes da Europa como mão-de-obra (o pai pedreiro e a mãe cozinheira e garçoneiro) durante sua infância, enquanto ele permanecia com a avó na Espanha, comenta sobre os contrastes sociais entre o Brasil e o velho continente, enfatizando o acesso à educação universal como fator nivelador de status na sociedade européia.

M-Eu acho que no Brasil há uns 30% da população que não tem condições de sobreviver , então vira uma situação muito complicada. Isso não acontece na Europa, essa diferença social não se vê por lá. Aqui na Bahia quase não existe classe média, ou você vive num barraco ou vive muito bem, não há muito o que escolher . Há pessoas que nunca vão poder sair do barraco.

A- E se um amigo lhe perguntar lá na Espanha como é o Brasil, como você explicaria ?

M- Falando de Bahia, aqui há muito classismo , muito mais do que na Europa , você tem que se acostumar com a miséria e vai acabar se insensibilizando com o tempo. Não vai estranhar que um idoso tenha que trabalhar até às duas horas da manhã pegando latinha (na rua) ou que uma criança de sete anos cheire cola . Tem que se preparar para ver a miséria e conviver numa sociedade muito, mas muito classista .

Porque na Europa, se eu sou pedreiro e você advogada, nós dois estudamos na mesma escola, ou jogamos bola juntos. Se estamos numa boite, ou num bar podemos estar conversando, porque nossos pais não nos educaram dizendo : essa é escola de rico e essa é escola de pobre. É a única coisa que eu não gosto daqui. Se a pessoa for capaz de conviver com isso e se sentir confortável na classe A, se ela se sentir bem na classe A, porque vai ouvir papos que na verdade não tem nada a ver comigo. Os ricos aqui parecem às vezes caricaturas de novelas.

Bertold reitera a percepção de Martin sobre o papel da educação universal na promoção de um pretenso nivelamento de status social na sociedade européia, que no seu entender faz desaparecer as linhas de classe nas relações pessoais , vistas como desinteressadas, enquanto no Brasil as hierarquias sociais geram oportunismos e falsidades, degenerando as relações entre aqueles que não são pares.

É interessante uma coisa que eu descobri aqui e que foi novidade. Aqui você tem classes diferentes, uma coisa que não existe na Alemanha. Claro que lá você tem classes diferentes, mas como todo mundo tem quase a mesma educação, você não sente essa diferença, até uma empregada doméstica pode ser sua melhor amiga. Aqui é diferente, se você tem amigos que ficam na classe abaixo da sua são geralmente pessoas que tem interesse em algum tipo de coisa. Se você tem amigos de uma classe acima de você, eu descobri que é possível entrar porque eles tem curiosidade, você não é do nível deles, você é de uma cultura diferente, mas você tem alguma coisa que eles não tem.

(A- E que pode enriquecer, digamos, a experiência deles ...) Exatamente. Então amigos mesmo você só tem dentro da sua própria classe, ele faz uma coisa por você sem pensar o que ele vai ganhar em troca. Na Alemanha a coisa é diferente, pode ser uma pessoa mais simples, pode ser uma mais rica, amigo é amigo, independente de classe.

Migrantes que aqui chegaram atraídos pela imagem de uma sociedade que não obstante ser hierarquizada , possibilita a mobilidade dos indivíduos entre as classes e apresenta uma permeabilidade cultural que permitiu a incorporação de diferentes contingentes migratórios à nação, compondo a intrigante miscigenação cultural brasileira, tentam interpretar a realidade de segregação e o “apartheid” social com que entram em contato no cotidiano. Empregam para tanto seus parâmetros civilizacionais

de origem, entre os quais estão a noção de direitos humanos universais garantidos pelo Estado aos seus cidadãos, a aspiração à igualdade na sua formação através de um sistema educativo extensivo a todos e a aceitação consensual do princípio de redistribuição social dos benefícios, através de um sistema fiscal rígido porém reconhecido como eficiente.

Se a experiência migratória necessariamente amplia os horizontes dos que a ela se submetem, a relativização dos parâmetros de origem é parte integrante do processo de adequação ao modo de vida local. As constatações continuarão a ser feitas, sobre a desigualdade e as injustiças sociais, porém o modo de compreendê-las no contexto em que se dão torna-se um divisor de águas para os migrantes, tendendo uns para o perfil existencialista/humanista e outros para uma postura calculista/pragmática no que se refere aos objetivos do projeto migratório.

Que peso assume o contato diário com a desigualdade e o que dela podem extrair como aprendizado para si próprios, que justifique a opção por viver nas “sociedades invertebradas” do sul global ?

Acerca da convivência entre classes diferentes e de como é mantida a distância social, sobretudo levando-se em conta o compartilhamento da intimidade doméstica entre as famílias melhor situadas e seus empregados, que ainda predomina na sociedade brasileira , através de mecanismos de diferenciação que se exprimem pela arrogância e negação de um universo humano comum por parte de indivíduos das classes A e B, alguns entrevistados se mostram particularmente sensíveis. Como Martin, Cordelia declara-se incomodada quando se vê envolvida pelos preconceitos de classe das camadas média e alta da cidade:

O que eu não gosto daqui também, eu acho estranho, eu tenho uma antipatia para a classe média branca de Salvador, eles me implicam no racismo deles, eles são racistas e acham que se eu sou europeia devo ser também. “Ah! mas não é fácil achar faxineira” (tom esnobe), “Ah! você come pimenta ?” E pimenta simbolicamente pra mim é muito importante. “Você gosta de pimenta , como é possível ? Europeia é branca, sensível.” Por trás disso tem muita coisa, é muito julgamento ...

Ao radicar-se na cidade de Salvador, reconhecidamente rica em contrastes sociais e culturais, o migrante europeu de perfil existencialista⁷, sensível à questão das

⁷ O termo “existencialista” é aqui empregado por oposição a “calculista”, no sentido de pessoa que valoriza as vivências no contato direto com outros universos culturais , mais do que os ganhos pecuniários.

desigualdades busca muitas vezes aproximar-se do cotidiano popular e mesmo residir em bairros de baixa renda, preferencialmente com alguma tradição no quadro histórico da cidade, procurando assim expor-se a um contato direto com o universo afro-baiano e desvendar sua forma particular de negociar e criar espaços próprios.

Simon (58 anos), ex-carteiro francês que visitou por 1ª vez a Bahia em 1988, retornando regularmente até radicar-se em Salvador em 2000, já como pesquisador acadêmico independente, reside com a esposa baiana, socióloga, ao lado do terreiro da Casa Branca e realiza atualmente pesquisa sobre intolerância religiosa envolvendo o Candomblé. Indagado sobre a visão do Brasil como “país do futuro” veiculada internacionalmente, em confronto com sua experiência pessoal residindo aqui, Simon comenta a proximidade de opostos e a distância social na configuração urbana e no convívio cotidiano da cidade.

S- Eu acho que o Brasil vai se sair bem, sabendo que a vida está muito difícil pra muitas pessoas. Se fala do país do futuro pra esquecer o passado. Eu não conheço o Brasil fora de Bahia e Recife, eu sei que aqui nessa rua tem gente que não tem futuro. Ainda mais com tanta diferença, você vê as pessoas como vivem aqui desse lado (Engenho Velho da Federação), mas basta cruzar a avenida e é a Noruega, atrás do Extra, são pessoas ricas que ganham muito.

A- Mas você convive bem com essas diferenças ?

S- Veja a minha esposa, por exemplo, ela foi criada na Praça da Sé, só agora que ela passou no concurso público da Fio Cruz é chefe de um setor de bio-segurança, que já está na área da Noruega. A gente chama assim porque foi feito um estudo que identificou o padrão de vida de parte de Brotas, Itaipara como parecido com o da Noruega e outros bairros, como a Plataforma, com o nível comparável ao da Namíbia. Ela também se bate com muita gente na Fio Cruz, que fez concurso mas que entra na verdade pela porta de trás, filho de tal e de tal, e são pessoas que quando discutem não tem noção do que se passa ao redor, é impressionante. E como é a questão do racismo, de segurar o voto...

A- São pessoas que vivem em outro mundo ...

S- É, então essas pessoas vão ter que abrir os olhos, senão não vai ter convivência nenhuma, vai acontecer que eles vão se fechar, como já está acontecendo, nos prédios deles.

A ocupação de espaços limítrofes por classes sociais radicalmente opostas que reflete um crescimento urbano não planejado tecnocraticamente pelo poder público, mas que resulta de um complexo processo de afirmação de direito ao solo ocupado comunitariamente por um lado e de valorização imobiliária movida por investimentos

privados por outro, aparece aos olhos do migrante desavisado como um quadro surreal, uma sobreposição de opostos que evoca o realismo fantástico dos romances latino-americanos.

Comentando as relações entre as classes sociais no Brasil Pierre (46 anos) aponta a posição privilegiada do estrangeiro que aqui se instala face ao “apartheid social” que observa e que se traduz em uma marcante segregação espacial na cidade.

Você sendo estrangeiro pode se relacionar com diversas categorias sociais, com uma pessoa bem humilde ou com um empresário. (...)

Eu acho que prá nós, estrangeiros, é mais fácil do que pro brasileiro, por que justamente vocês separam, o pobre está aqui, o rico está ali, em tal bairro, só frequenta tais bairros. Tem uma divisa que existe aí grande demais, é forte, tem guetos. Eu mesmo, se quiser ir assistir alguma coisa na Liberdade, quero ir com alguém que me proteja.

Enquanto sujeito não produzido pela hierarquia social do lugar, o migrante pode flutuar acima das oposições de classe e é com frequência alvo de atenções de grupos que buscam seduzi-lo para uma ou outra perspectiva. Pode se tornar um aliado, colaborador e mesmo benfeitor de uma comunidade carente, ou simples simpatizante que confere prestígio a ela, sobretudo se pertencer ao meio jornalístico ou artístico, ou desempenhar o papel de documentarista, registrando o modo de vida no local e dando voz a seus moradores, como é o caso de J., companheiro de Cordelia.

A segregação espacial da cidade por linhas de classe oferece ao migrante europeu balizas para sua orientação na contraditória realidade local, ainda que aqueles de matiz mais marcadamente existencialista busquem intencionalmente a convivência em áreas populares ditas ‘de invasão’, como forma de experienciar a fundo o que vive o “outro”. Cordelia comenta o que considera o equívoco de confundir-se com o outro, em alguns casos de migrantes em busca de uma auto-metamorfose.

A- Será porque essas pessoas estão apaixonadas pelo lugar ...

C- É, mas eu acho isso ingenuidade. Eu tenho uma amiga que mora em Santa Cruz, que depois de 18 hs não pode deixar as suas filhas andando na rua, imagina, por causa dos tiroteios, é persistente. (A- Mas ela é européia ?)

C- Não, ela é de lá, baiana, ela faz parte do grupo de Capoeira, é uma mulher forte, mas ela não pode sair de casa. Claro que eu não quero isso, eu não quero que ela tenha isso na vida e eu não vou procurar isso, isso seria talvez um tipo de insulto: “eu quero ser você” significa que você não sabe o que é ser eu.

A- E por que você acha que certos migrantes europeus tem esse desejo de “ser brasileiros” ?

C- Francamente não sei, eu acho imaturidade, porque eu acho que você tem que saber de onde você vem, o que isso significa, o seu próprio racismo , o seu próprio sadismo. Todos nós temos essas coisas, você tem que reconhecer, coisa boa e coisa que não é.

A declaração de Cordelia remete à atração do migrante de matiz existencialista⁸ pelo “outro”, o seu alter-ego local, que pode lhe servir de instrumento de auto-transformação e questionamento da “soberania do eu ocidental” (Lao-Montes, 2000), ao lhe possibilitar conhecer de perto a capacidade de resiliência do ser humano sob condições de extremo desamparo social e as respostas culturalmente moldadas que são produzidas como estratégias de sobrevivência. Domínio no qual a população afro-

No que diz respeito às relações raciais na sociedade brasileira, o depoimento de alguns entrevistados demonstra que a imagem de “paraíso da democracia racial” veiculada ainda pela mídia impressa no exterior e que compunha parte do imaginário sobre o país, sofreu reformulações radicais no confronto com a realidade. Relatando a decisão de comprar uma casa na praia de Buraquinho , bairro antes popular , situado ao lado do condomínio fechado de Vilas do Atlântico, Bernardo comenta:

B- Estávamos em Itapoã , agora estamos aqui, que tinha má reputação , que era um bairro do povão. A gente não liga prá isso, por que a gente não tem esse tipo de educação, a gente não se arrepende, porque o valor da casa subiu.

A- A que tipo de educação você se refere ?

B- Na escola, a gente está misturado com branco, negro, amarelo...

A- Lá não existe preconceito...

B- É , mas tem um racismo enorme aqui. Eu percebi isso depois de meses, eu não acreditava.

A- Qual era a idéia que vocês faziam antes de morar aqui ?

B- As coisas que estão escritas nos livros, que são falsas, que a mistura já está feita , que o povo está todo alegre, feliz. Quando você está na vida real é tudo falso, mas como a gente não tem preconceito a gente comprou essa casa aqui.

A idéia de um possível “paraíso racial”, que intrigou os estrangeiros estudiosos do sistema de relações raciais no Brasil ao contrastá-lo com o rígido esquema de segregação norte-americano, ainda contamina o imaginário sobre a mestiçagem

⁸ Entre as características que associo ao perfil “existencialista” do migrante está o fato de abrir mão de um status assegurado socialmente, para lançar-se em experiências de encontro com o “outro” que possam enriquecer sua bagagem vivencial-cultural e seu auto-conhecimento.

orgânica e englobante que caracteriza o país aos olhos do mundo. A coexistência da inclusão cultural e da exclusão social, processos que se supõe andar separados, compõe a originalidade da sociedade brasileira, intrigando e confundindo os observadores externos, pois aqui é possível se testemunhar o amálgama cultural em meio a uma cortante estratificação social. Como observado por Segato (1998), em meio a “múltiplas contaminações dos territórios de cultura”, a hegemonia branca engloba através do mito da democracia racial; enquanto, acrescenta Sjörslev (2004), as religiões afro-brasileiras ortodoxas aspiram à universalidade englobando a cultura branca .

Carl , proprietário uma agência de receptivo turístico especialmente voltado para o mercado étnico-cultural, envolvendo a visita a terreiros de Candomblé , ao Projeto Axé, e à Festa da Boa Morte em Cachoeira, resume o que aprendeu na convivência local sobre as relações raciais, enquanto ocupa a delicada posição de “mediador cultural”, apresentando e valorizando para outros europeus (e norte-americanos) o universo da cultura afro-baiana.

“A gente sabe que Salvador é uma cidade de 80% de negros e também que se vende essa imagem do Brasil como um país multirracial, mas é super-racista.”

A prática de se manejar uma imagem de boa convivência racial em conflito explícito com a realidade social concreta tem na Bahia uma tradição profundamente fincada no pacto clientelista e paternalista que remonta ao Brasil colonial. O que implica o servilismo da população negra e alianças simbólicas incessantemente renovadas com os integrantes do poder, em todos os âmbitos da vida social, intermediadas pelos valores culturais de base popular estrategicamente compartilhados pelas diferentes classes sociais, quando se trata de louvar a “baianidade”. Uma tal cumplicidade, por razões óbvias de sobrevivência material e cultural da população negra, leva a um quadro contraditório, que Risério resumi bem :

Sabemos que a intolerância racial é tão real na Bahia quanto a tolerância, a convivência e a mistura – por paradoxal que soe, Salvador parece ser, ao mesmo tempo, a mais e a menos racista das cidades brasileiras. (Risério,1995:96)

O aprendizado sobre a desigualdade de classes no Brasil se deu no caso de Maude de forma muito efetiva no cotidiano, afetando por duas vezes sua decisão de mudar-se, primeiramente do Rio de Janeiro para a Bahia e depois de Salvador para a Ilha de

Itaparica, mas sem tê-la persuadido a deixar o país. Escolhendo áreas privilegiadas do ponto de vista paisagístico para comprar imóveis, viu-se constrangida a vendê-los, a contragosto, à medida que a “paz social” no bairro foi perturbada no Rio e ao dar-se conta da delicada proximidade com uma área de invasão em Salvador.

No Rio eu fiquei vinte anos, dez anos casada e quando chegou no final dos anos 80 aí eu resolvi que o Rio já estava ficando um pouco perigoso. Eu estava passeando com o meu cachorro encima, aí um carro de polícia me parou e disse: “Você não pode andar assim aqui não, esse é o lugar onde os bandidos jogam os cadáveres que vem de Santa Marta, que ficava lá do outro lado”. Aí de noite eu escutava tiros e também muito assalto. Na época eu ia muito no Circo Voador na Lapa, toda vez que eu estacionava o carro era uma briga porque a pessoa pedia \$ de modo agressivo e se você não dava ela arranhava o carro . Era muita pressão, eu achei que a cidade estava ficando ... eu cansei um pouco. (...)

Nesse meio tempo eu comecei a procurar apartamento aqui prá comprar e eu vi alguns super mais baratos do que lá. Aí eu achei um apartamento na Gamboa de Baixo, tinha 4 quartos, só o fundo, a vista dos quartos e da lavanderia dava pro mar. (...)Daí eu cheguei no Rio e falei com muitos vizinhos e fiquei preocupada que o meu apartamento lá ia ficar desvalorizado por causa da invasão do morro que estava vindo e as pessoas perto de mim, tinha gente já vendendo com esse medo. (...)

Era muito legal esse apartamento aqui, era maravilhoso, mas eu não sabia que não tinha muita segurança, não tinha garagem; e a rua de baixo, que vai dar na invasão, era assalto toda hora alí. A Ivete Sangalo que hoje em dia mora num edifício super luxuoso encima diz que é tão popular que fala com o pessoal lá embaixo. Mas na época não foi brincadeira, eu via da minha janela as pessoas estrangeiras que saíam do Hotel da Bahia descendo, com máquina fotográfica, eu já sabia que ia ser assaltado, era muito perigoso. É aquele contraste né, quem tem e quem não tem.

Se há um preço a pagar para se ter um pé no “paraíso tropical” do sul global, sobretudo o acesso a paisagens naturais ainda pouco alteradas pela urbanização, o migrante experiente sabe que ele comporta o item zelo pela segurança, não desprezível no conjunto dos prós e contras de aqui se radicar. Aspecto que abala o senso de integridade de todo indivíduo, seja ele nativo do lugar ou estrangeiro, a insegurança na vida cotidiana resultante da tensão produzida pela desigualdade social impõe um aprendizado ao migrante, a aquisição de uma bagagem de defesas compartilhada pela maioria dos que vivem no local.

Pode significar integrar aos próprios hábitos procedimentos corriqueiros como evitar certos roteiros e locais da cidade, não ostentar objetos de valor, manter um olhar vigilante em torno de si, em suma, levantar as guardas permanentemente, em franca contradição com a imagem acolhedora e de descontração no contato com desconhecidos que em um primeiro momento impacta favoravelmente o visitante estrangeiro.

4.1.4 Conviver com a incivilidade

De um modo geral no Brasil o outro não existe, é primeiro eu, segundo eu. (Yan, francês)
Salvador é um lugar muito hospitaleiro, mas é muito pouco cordial. (Carl, irlandês)

As apreciações sobre o comportamento local, aqui entendidas como generalizações que não se aplicam uniformemente a nenhum povo, interessam para identificar as categorias “nativas” e o olhar que os pesquisados constroem sobre a sociedade de acolhida. Munidos de toda cautela, pois se vêem em posição vulnerável para fazer críticas, eles apontam comportamentos que estão em conflito com a noção de civilidade e mesmo com as boas maneiras. A proposição “falta de respeito entre as pessoas” foi evocada com bastante ênfase por alguns, o mesmo ocorrendo com a “falta de educação”, inclusive aquela associada à “falta de consciência ambiental” que presenciam cotidianamente e que devem tolerar.

Procedentes de sociedades que, como aponta Laplantine, tendem a impor “condutas dominantes exclusivas, e uma visão única do mundo orientando todas as esferas do mundo social”, reguladas por normatizações cristalizadas e asseguradas por um sistema educativo formador de cidadãos “responsáveis”, os migrantes em estudo vêm-se de fato obrigados a exercitar sua complacência e mesmo certa indulgência face aos comportamentos “incivilizados” com que se deparam no cotidiano.

A débil consciência ecológica, que se manifesta na pouca importância atribuída pelo cidadão comum local à preservação do ambiente que o circunda, torna-se um ponto crucial de mal-estar na percepção do migrante europeu, provindo de um continente que esgotou os seus próprios recursos naturais pela intensa urbanização e industrialização e que aqui vem também em busca de resgatar o contato com a natureza. Um meio-ambiente que, no seu entender, lhe pertence enquanto “cidadão global”, porque a preservação da vida e de seus habitats no planeta constitui hoje uma agenda do interesse de todos.

Indagada sobre que aspectos do comportamento do brasileiro poderiam incomodá-la e fazê-la pensar : “será que eu vou agüentar isso ?”, Justine , que ocupa no momento um imóvel em um condomínio modesto próximo ao Alto do Coqueirinho em Itapuã, associa a falta de educação diretamente com a falta de consciência ecológica.

Acho que é difícil generalizar, dizendo o brasileiro, eu não gosto de julgar antes de conhecer. Eu visitei no sul do Brasil algumas cidadezinhas que eram Europa pura, eram bem mais limpas que Salvador. Na Bélgica o caminhão do lixo passa uma vez por semana ; aqui passa 2ª, 4ª, 6ª e todo mundo sabe a hora que passa, mas ninguém guarda o lixo para por prá fora no dia seguinte. E também sabem que tem catador de lixo , o que custa fazer a separação do lixo seco que pode ser aproveitado, do resto ? Tem um riozinho aqui perto que agora já virou esgoto , tem gente que joga o lixo lá . E eu já vi gente de classe média que vai à praia e joga papel de bala no chão , depois volta outro dia e vai criticar que está tudo sujo . Outros jogam lata de cerveja pela janela do carro, eu não agüento ! É isso que eu estava te dizendo, é falta de educação. Isso realmente é uma coisa que às vezes eu penso que eu não deveria agüentar isso. Eu acho que mesmo aqui , num bairro mais popular seria possível viver melhor cuidando, não pode esperar sempre do governo , cada um faz sua parte.

Aspectos semelhantes são apontados por Elise, relativos à consciência do bem coletivo e das boas maneiras, reconhecendo entretanto a importância da sutileza no modo como as pessoas expressam suas demandas, empregando certo tom de voz :

E outra coisa é também a questão de boa educação, a gente fala bem mais “obrigado”, aqui as pessoas falam bem menos. Agora, o tom de voz aqui é bem mais importante, você pode ser educado mas no tom de voz eu não sentir , por exemplo. Às vezes as pessoas pedem alguma coisa prá mim e eu fico esperando “por favor”, fico me segurando prá não comentar . E tem certas coisas como por exemplo a reciclagem , como é possível você colocar uma coisa de vidro junto com o resto do lixo, isso prá mim é absurdo e isso começa com a educação, né. Na Bélgica você não joga papel no chão, você não deixa o cocô do cachorro.

A percepção de uma vida social menos pautada na civilidade, entendida como introjeção de valores norteadores que em nome da coletividade regulam a expressão individual, surge na fala de alguns dos europeus pesquisados como critério balizador do conjunto de sua experiência como migrantes, levando-os a relevar certos aspectos que julgam negativos. Na sua quase totalidade lamentam a falta de consciência ambiental, de respeito pelo outro e da noção de interesse comum que constataam no dia-a-dia, atribuindo vagamente responsabilidades e não arriscando explicações que possam

sugerir preconceito ou desprezo pelo precário senso de civilidade que observam em torno de si.

Manon relata a estratégia de boa convivência e de afastamento com relação às idiossincrasias locais, que a escolha de uma residência em Buraquinho, no Litoral Norte de Salvador, pode proporcionar. A calorosa proximidade tropical dá então lugar ao distanciamento precavido, mediante o qual se resguarda os benefícios do ambiente natural na zona de influência urbana valorizada, sem o contato promíscuo perturbador.

A- E a música alta, por exemplo, essas coisas que fazem parte do modo de ser local, chega a incomodar ou não?

M- Bem, isso faz parte dessa cultura, e toda cultura tem defeito e tem coisa boa. A gente escolheu aqui, essa casa, um lugar tranquilo por que não queríamos esses inconvenientes que tem lá no centro da cidade.(...)Tem, claro, as pessoas que falam alto, que colocam o som, que jogam o lixo na rua, esse tipo de coisa é claro que incomoda a gente, mas faz parte também da cultura da Bahia. Mas isso incomodar ao ponto de voltar pra lá (Europa), não.

Simon (46 anos), residente na Vasco da Gama, em um dos becos que sobe a ladeira ao lado do terreiro da Casa Branca, que junto com a esposa freqüente, responde à mesma pergunta procurando relevar ao máximo os aspectos negativos e acrescentando que o hábito o tornou mais tolerante face a o que lhe incomoda no modo de ser local. Optando por viver em uma vizinhança popular de forte tradição religiosa, uma vez que se dedica ao estudo da disputa pelo espaço das crenças em Salvador, o entrevistado buscou a intimidade com a comunidade local, vendo-se obrigado a contemporizar com os inconvenientes de uma convivência em que o senso de privacidade e do espaço individual não contam.

S- Agora eu já estou acostumado, mas voltando atrás, eu acho que tem muita falta de respeito entre as pessoas. Mas isso eu não sei explicar se foi pela discriminação, e isso depende de com quem você anda, né. Não sei se é pela vida dura que eles levam, pela batalha do dia-a-dia e isso me incomodou muito. Ainda mais quando as pessoas tem obrigação de viver junto, no Candomblé, pelo axé; tem o me-diz-que-me-disse, isso acontece no mundo todo, mas aqui foi forte demais. E essa maneira de falar alto, de cortar a palavra do outro. Mas eu sou de ficar quieto, eu me pico até no meio da conversa, sou mais calmo.

A- Você não vai para o enfrentamento?

S- Eu vou, mas de outra maneira , batendo boca não . O resto são as diferenças culturais. O que mais me tocou, que eu estou pensando agora , é isso , a falta de respeito, Salvador é isso. Foi uma impressão que eu tive e que eu tenho menos agora , fui me acostumando e as pessoas também me reconhecem mais .

O depoimento de Yan (63 anos) ilustra os pequenos conflitos cotidianos envolvendo a “falta de educação” e de civilidade, independente da condição social, como atitudes entranhadas no comportamento local , que ele qualifica como egocentrado. No relato anedótico destaca-se a ênfase na indisciplina e na arrogância como estratégia de extrair vantagens pessoais em situações do dia-a-dia, constrangendo o “outro” a tolerar atitudes desrespeitosas por receio de exposição pública , ao reivindicar seus direitos.

De um modo geral no Brasil o outro não existe, é primeiro eu, segundo eu. Se você está numa loja esperando tem a dondoca que chega : “Ah! Minha filha, pipipi pipipi.” Quando isso me acontece eu digo: “Você (não é sra. não), você não está vendo que tem uma fila ?” “Ah! mas você está parado.” “Claro que estou parado, estou na fila esperando a minha vez.” Já me aconteceu, estou no banco, vou saindo e vejo uma senhora chegar, eu abro a porta prá deixá-la passar, ela passa, nem olha pra mim, nem fala nada. E são burgueses, não é o povão mal educado da favela, a arrogância dos burgueses daqui é terrível.

O conhecimento acumulado em décadas de convivência com o “modo local” leva os migrantes mais experientes a se adequarem às idiossincrasias do comportamento na cidade e delas se defenderem , momento em que reformulam por vezes radicalmente a imagem que tiveram da cultura local no início de sua experiência migratória, pela qual se apaixonaram e que os motivou a aqui permanecerem.

Carl (54 anos) relata a mudança sofrida ao longo do tempo no seu modo de perceber e tolerar certos comportamentos e modos de proceder, inclusive no âmbito profissional em que opera um receptivo turístico em parceria com agências de outro Estado :

Acho que a partir da minha última viagem à Irlanda, vi que coisas que não me incomodavam estão me incomodando. Salvador é um lugar muito hospitaleiro, mas é muito pouco cordial. Se você pega seu carro, pronto, a cordialidade não existe; se você for prá um banco, sempre vai ter alguém querendo furar a fila. A Bahia vive muito dessa imagem que se vende de ser um lugar cordial, mas não é.

E também uma coisa que me incomoda muito é a forma de fazer negócios, sobretudo com o Rio de Janeiro, o carioca me incomoda profundamente. Eu já sofri muito com inveja também, com respeito a colegas da época que não conseguiram, ou não tiveram a iniciativa.

Na verdade não é só questão de iniciativa, foram oportunidades que foram surgindo e eu soube, ou tive a sorte de poder aproveitar.

4.1.5 A mediação do local com as Ongs financiadoras de projetos sociais

Ao coletar os depoimentos dos pesquisados certos temas não previamente selecionados pelo pesquisador se mostram relevantes para discutir algum dos fios condutores da investigação. É o caso dos projetos de apoio a comunidades carentes financiados por ONGs estrangeiras, em que os migrantes em foco atuam em alguns casos como mediadores, por já disporem de uma habilitação no terceiro setor ou se mostrarem disponíveis para exercer tal papel.

A atuação junto a ONGs pode servir ao migrante europeu identificado com o perfil existencialista ou mesmo com as causas terceiro-mundistas, como canal de acesso à vida de comunidades pobres locais e sua cultura de sobrevivência, que podem servir ao seu processo de auto-conhecimento, ampliando ao mesmo tempo sua bagagem profissional de “intérprete” da realidade local.

Não se trata aqui de aprofundar uma discussão sobre a atuação das ONGs no sul global ou no Nordeste brasileiro, tema que requer por si só uma investigação ampla, mas de observar a partir dos depoimentos, como os imaginários de cada uma das partes sobre o “outro” pode produzir na prática descompassos entre os objetivos anunciados e os resultados obtidos, sendo a relação moldada por posicionamentos também culturais.

A questão do comportamento local e de suas peculiaridades está presente no relato de duas migrantes entrevistadas em que o tema específico da relação com as Ongs do exterior que atuam em Salvador e arredores, através do financiamento de projetos sociais, emergiu. Cordelia, que profissionalizou-se no setor atuando na Inglaterra junto a comunidades de imigrantes e que no Brasil presta serviços tanto remunerados como voluntários para Ongs locais e do exterior; e Maude, que descreveu seu envolvimento com um projeto específico na área de formação profissionalizante de jovens voltada para a culinária afro-baiana.

Cordelia resume sua apreciação sobre as Ongs em Salvador como “complicadas”, e destaca sua função de mediadora entre os colaboradores locais e a parte parceira do exterior, em que atua como “intérprete” da realidade em que está inserida, papel que evidencia o desconhecimento das organizações do 1º mundo sobre as respostas culturais das comunidades carentes que pretendem beneficiar, à exclusão social que sofrem.

C- Eu tenho contatos com algumas Ongs, mas os ingleses apoiam mais projetos na África também por causa da língua, eles conhecem mais a cultura . Mas tem uma que se chama Action for Brazil's children , que é uma Ong inglesa, sediada em Londres, que atua aqui e eu ajudo eles em tradução, em comunicação, em consultoria. Porque tem uma diferença, as expectativas deles na Inglaterra são completamente fora da realidade daqui.

A- A expectativa de resolver problemas ?

C- O tipo de relatório que eles querem , os detalhes que eles querem , eles não entendem que na maioria desses projetos a maioria das pessoas trabalham sem grana, com pouca grana, não é que eles tem tempo pra se formar nessas coisas. Então eu ajudo muito nisso, eu ajudo a preparar os relatórios e os ingleses eu ajudo também eles a entenderem lá, a realidade daqui.

A- Mas isso você tem feito como trabalho voluntário ?

C- Sim , voluntário. (...) Agora J. e eu estamos com vistos de voluntários por causa da nossa ligação com uma Ong , nós fomos convidados para trabalhar para uma Ong.

O depoimento de Maude sobre a experiência que teve ao acompanhar, como tradutora e mediadora o estabelecimento de um projeto social financiado por uma Ong inglesa em Salvador, expressa sua perplexidade diante dos expedientes utilizados pelos beneficiários locais para assegurar para si próprios, individualmente, vantagens não cabíveis em um empreendimento sem fins lucrativos. O episódio relatado remete à ambigüidade de objetivos e à impossibilidade de ignorar as assimetrias históricas entre doadores e receptores, quando se maneja recursos provindos de Ongs de países desenvolvidos, destinados ao financiamento de projetos de promoção social em áreas sub-desenvolvidas do sul global. Para além de oportunismos pontuais, vê-se surgir mecanismos compensatórios que questionam tais ações solidárias enquanto instrumentos de reparação dos desequilíbrios sócio-econômicos determinados em escala mais ampla.

O episódio relatado por Maude aponta para inconsistências de base na própria origem do “contrato” entre as partes parceiras, uma vez que a articulação entre a fonte financiadora e os beneficiários foi feita por uma agente intermediária , remunerada por comissão sobre os valores repassados; e a seleção do projeto a ser implementado se deu de forma casuística, sem que uma pesquisa “in loco” de outras propostas , comunitariamente relevantes, fosse feita. O projeto em questão se realizou, tendo como presidente da Ong local uma especialista em comida afro-baiana até que os desentendimentos internos acerca do financiamento levassem ao seu término, pouco

tempo após receber uma doação substancial da embaixada inglesa para a compra de equipamentos.

Durante dois anos foi ótimo, tinha os meninos pobres que vieram lá da Liberdade, do Ilê Ayê, tinha a turma dos cozinheiros e a turma dos garçons. Funcionou e deu muito certo, com uns problemas prá lá e prá cá, alugamos uma casa no Pelourinho, boa, tinha escritório, tinha tudo funcionando muito bem. Aí começou, o dinheiro às vezes demorava a chegar, aí tinha as brigas internas né, é muito difícil, as pessoas queriam mais dinheiro prá isso e prá aquilo. Aí acabou que eu e várias pessoas resolveram que íamos sair, porque era aquela coisa de pessoas de fora dando palpite e nós fomos assaltados também lá dentro, foi muito traumatizante. (...)

Mas a escola estava indo bem, mas aí começaram as brigas internas e essa mulher da Inglaterra resolveu que queria mudar a diretoria, botar uns amigos dela, um pessoal que queria que o diretor ganhasse dinheiro, mas diretor de Ong não deveria ganhar dinheiro. Mas tinha uma nova lei municipal dizendo que poderia ganhar. E eu pensei assim: 'então não é o interesse de ajudar as crianças, é o interesse de ganhar dinheiro'. Aí no final eu saí e dentro de três meses fechou porque a fundação não concordou em pagar a nova diretoria e aí o resultado, ela parou de mandar o dinheiro, então infelizmente acabou o Projeto. E foi muito triste porque tinha gente maravilhosa, antiga lá. (...)

Antes de eu sair a gente ganhou pelo HSBC um dinheirão para comprar novos computadores, mesas, refazer a cozinha e tudo, que veio da Embaixada inglesa daqui. A mulher do embaixador novo visitou o Projeto, eu é que mostrei tudo prá ela, ela adorou. E depois que eu saí foi cedido o dinheiro, então eles compraram tudo novo. E foi muito chato quando eles foram visitar depois e o Projeto não existia mais, porque foi o próprio diretor do HSBC que tinha indicado. Eu jurei prá mim mesma que nunca mais na minha vida eu vou trabalhar com Ongs. Eu entrei no mundo das Ongs aqui, vi que tem muita gente que quer trabalhar, que quer ajudar, mas muita gente só quer ganhar dinheiro encima.

Os dilemas postos pelo gerenciamento dos projetos, muitas vezes tendo à frente indivíduos não profissionais que neles vêem uma oportunidade de trabalho temporário ou de obtenção de pequenos benefícios, diz respeito à dificuldade permanente que enfrentam os habitantes de uma cidade populosa como Salvador, que não conta com uma oferta de oportunidades proporcional no mercado de trabalho. A impossibilidade de intervir em questões estruturais da economia e sociedade locais relega em muitos casos a atuação das ONGs financiadoras ao âmbito das ações benevolentes, de pequeno alcance transformador, o que não exclui o fato de contar com colaboradores dedicados e bem intencionados.

O relato de Maude entretanto vai além da constatação dessa limitação intrínseca de grande parte dos projetos desenvolvidos por pequenos períodos, ele aponta para a repetição de pequenas e ardilosas estratégias de sobrevivência que fazem parte do comportamento local, que acabam por minar a confiança dos financiadores e em última instância também revelam a insustentabilidade desse tipo de intervenção nas mazelas sociais do país, realizada por instâncias externas.

Críticas envolvendo a administração de Ongs financiadas por verbas do exterior tem chegado ao conhecimento público, sem que isso invalide os esforços de muitos envolvidos no terceiro setor que continuam prestando serviços duradouros a populações carentes de Salvador, com resultados comprovados. Tal podendo ser o caso da OAF (Organização Amor Fraternal), associação de meninos de rua do Padre Piazza no Barbalho mencionada por Nicola, que a ela chegou em 1995 para um estágio de três meses, através de outros membros de ONGs que davam apoio financeiro também em Florença, sua cidade natal.

O Projeto Bahia Street, de apoio e acompanhamento educacional de meninas carentes com sede no Pelourinho, idealizado e coordenado pela antropóloga norte-americana Margareth Wilson, e financiado com recursos arrecadados no exterior (Inglaterra e EUA) junto a Ongs que mobilizavam simpatizantes de ações solidárias dirigidas aos países em desenvolvimento, assim como grupos filantrópicos de setores abastados, pode servir de exemplo para se avaliar o imaginário de um mundo solidário, que corresponderia à “boa globalização”.

Buscando dar aos financiadores um retorno positivo pelo seu engajamento em um projeto eticamente louvável, porém com limitadas perspectivas de multiplicação e continuidade, vários relatórios foram produzidos no período de sete anos em que se desenvolveu o projeto (1998-2005), que contou com quatorze colaboradores, assentado em princípios humanitários que vemos expressos no discurso de sua idealizadora.

Um princípio central do Bahia Street sempre foi o fortalecimento da parceria, em que povos de vários países, raças e classes possam aprender uns com os outros e ajudar-se mutuamente. Tem sido vital que a nossa infraestrutura reflita as mudanças que estamos tentando efetuar na sociedade, tanto em termos de classe como de raça. Isso significa que todas as pessoas que trabalham com o programa devem ter uma experiência direta com as condições e desafios que as meninas enfrentam. A idéia é também que essas mesmas pessoas no Brasil gradativamente assumam o controle de toda a administração e, se possível, também das

finanças. Enquanto modelo de mudança o Bahia Street é estimulante. Ele está fazendo o que poucos projetos de “desenvolvimento” são capazes de fazer- ou seja, efetivar a mudança através de uma parceria internacional que gradualmente transfira o poder da parte da organização financiadora para a parte da organização incumbida da mudança no local. Desse modo o Bahia Street está gerando poder (empowering) não apenas para as meninas, mas para todos nós envolvidos na infraestrutura do projeto. (Mailing List of 150 : 15/12/2000) (Wilson, 2007:216)

A exposições de intenções acima apresentada ilustra que boas intenções e idealismo podem existir de ambos os lados, e que parcerias internacionais não-institucionais fazem parte de um imaginado mundo sem fronteiras em que cidadãos do mundo podem e devem se ajudar mutuamente. Não se pode entretanto ignorar que essa relação solidária idealmente harmônica é atravessada por pequenos interesses particulares e contingências impostas pela dura realidade de exclusão econômica das comunidades que se busca apoiar, solapando o objetivo maior que motivou a ação.

A experiência relatada por Maude põe também em evidência a fragilidade do vínculo estabelecido entre a agência financiadora do projeto social e a equipe de colaboradores locais, sugerindo um comprometimento em certos casos precário com a comunidade beneficiada e com os princípios que se supõe deveriam reger a ação solidária ou a proposta de intervenção educativa. A descontinuidade e o não-monitoramento das ações podem ter como consequência comportamentos imediatistas e ainda abrir espaço para desconfiças e suspeitas de que atendam a objetivos não-declarados, de ambos os lados.

Quanto ao manejo das verbas doadas, em alguns casos os fatos falam mais alto do que as intenções declaradas, levando ao ceticismo o colaborador migrante como Maude, para quem o trabalho de fachada, representado pelo “lip service” (a propaganda do projeto junto ao público) é uma constante nas iniciativas que observou, remetendo uma vez mais ao oportunismo, em certos casos de grupos que, mais instruídos, manejam o discurso das causas que compõem a agenda global de preservação da vida no planeta.

A- Mas será que dá para ganhar dinheiro encima ? , as verbas tem que produzir resultados ...

M- Mas se não tem fiscalização ... eu conheço lá na Ilha mesmo, uma Ong que ganha muito dinheiro de fora e eles não fazem nada , só o “lip service”, quando chega alguém de fora . Eles tem que fazer uma educação ambiental na Ilha , em todas as ilhas, como limpar a praia,

a parte ecológica; nunca botaram o pé em Barra Grande , mas ganham uma fortuna lá da Suíça parece. É uma Ong de conservação do mar, da praia. Agora você fala deles prá qualquer nativo eles morrem de rir, é tudo da boca prá fora. Então eu me decepcionei muito.

4.2 CONTRASTANDO VIVÊNCIAS ENTRE O BRASIL E A EUROPA

Se a convivência com os aspectos abordados até aqui demandam do migrante aventureiro europeu não apenas tolerância mas disposição para se auto-transformar e adequar-se ao modo de ser local, há uma dimensão da experiência intercultural que a migração pressupõe e antes dela a visita ao país na condição de turista propicia ao indivíduo- a da abertura para comunicar-se com o próximo, o acolhimento e o desarmamento nas relações interpessoais- que o cativa, ocupando um lugar central na opção pelo Brasil como destino para muitos dos que aqui se instalam.

Ao serem indagados sobre as razões que tiveram para optar pelo país e as que têm para aqui permanecer, o tema da empatia nas relações humanas mostra-se recorrente, estendendo-se às relações familiares quando se refere à maior liberdade que permitimos às crianças e o afeto dedicado a elas de modo geral. Ao longo de sua experiência há aqueles que seguem valorizando o calor humano local, transformando-o em um critério determinante para justificar sua opção por viver aqui enquanto outros o relativizam, apontando a superficialidade e efemeridade das relações interpessoais que aqui encontram.

A comunicação sem uma finalidade explícita entre pessoas que partilham circunstancialmente o mesmo espaço pode, como se dá comumente no Brasil, estabelecer um patamar comum para o reconhecimento do outro como interlocutor possível em uma troca de experiências efêmera e ainda assim válida, sobre aspectos os mais variados da vida, abstraindo-se os papéis sociais que os envolvidos possam desempenhar. A conversa despretensiosa com um desconhecido no ponto do ônibus, na fila do banco ou no balcão de um bar reafirma um horizonte compartilhado pelos envolvidos, o de estarem juntos aqui e agora, para o que basta o desejo de comunicar.

4.2.1 O contato humano como intercâmbio necessário

Aqui o povo em si é interessante porque ainda dá espaço para se explorar o lado humano, a convivência, (...)lá me parece mais um povo morto, mais resignado, sem perspectiva, senão aquela de sobreviver. (Nicola, italiano)

Sem que se possa por em questão a qualidade das relações estabelecidas com desconhecidos no contato informal, os relatos de migrantes europeus através de sites de compartilhamento da experiência migratória (comentados no capítulo anterior) sugerem que o impacto do acolhimento e da boa disposição do brasileiro para comunicar-se , constitui um aspecto marcante e prazeroso na percepção da cultura local pelo estrangeiro. Para o autor do site ‘Vivre au Brésil, Quitte la France’ o contato humano ‘simpático e desprendido’ gera uma positividade que *“torna a vida bem mais agradável que na Europa”*.

Ao perguntar-se por que os europeus sempre acabam retornando ao Brasil, o autor do site ‘Vivere in Brasile’ aponta o fascínio que exerce sobre eles a abertura do brasileiro à comunicação interpessoal; enquanto para o micro empresário confeitiro do site ‘Entreprendre et International’ *“o Brasil é uma experiência enriquecedora, sobretudo no plano humano”*.

Há pois boas razões para considerarmos o contato pessoal um aspecto relevante na leitura que fazem do país os migrantes, tanto a partir de um primeiro contato como visitantes e do imaginário circulante na mídia em seus países de origem, como na avaliação de sua própria vivência, quando a comparação com a terra natal é inevitável.

Em seu depoimento sobre sua experiência com a cultura local Nicola, que se instalou na Bahia em 1996, aos 46 anos, faz uma apreciação positiva das possibilidades de realização pessoal para o indivíduo ao comparar sua terra natal com o Brasil, levando em conta as subjetividades e o contato humano. Destaca ainda a ausência de perspectivas que conduziria o povo italiano, habitualmente considerado vibrante, a uma existência opaca.

O que eu percebo aqui em relação àquilo que é a vida na Europa, é que aqui é menos estressante, dá mais espaço ao indivíduo , com tudo o que pode ter de positivo e de negativo. Digamos existe mais um contato humano, mais um intercâmbio entre ser e ser, coisa que eu testei agora indo a Florença ; eu descobri o povo italiano , o meu povo de Florença mais frio , mais fechado, que olha no próprio círculo , coisa que não era assim. O florentino sempre foi de companhia , de amizade, de contato, de vida mais de bairro e agora, puxa vida, 15 anos sem ver e faz diferença.

Aqui no Brasil tem uma situação mais parecida com aquilo que é a exigência de um ser humano, tem mais vida de noite e durante o dia. Você pode se relacionar em termos mais rápidos com as pessoas, eu excluo a parte do clima que é mais agradável. Mas o povo em si é interessante porque ainda dá espaço para se explorar o lado humano, a convivência, tudo bem que existe violência, mas onde é que não existe violência ?

Digamos que em certos lugares aqui é mais descontrolado, mas dá mais espaço para o contato, coisa que eu não consigo encontrar na minha cidade, na Itália, lá me parece mais um povo morto, mais resignado, sem perspectiva, senão aquela de sobreviver. Se fala de 1º mundo, mas um 1º mundo que está descendo, não que está crescendo, um 1º mundo que vive de glória, de lembranças, mas na prática a pobreza existe e não é pouca.

A representação da Europa como um continente em descenso, enquanto a América Latina ascende no cenário internacional, encontra no discurso de Nicola uma correspondência na vitalidade de seus povos, uns desmotivados para a vida enquanto os outros estão ávidos por se relacionar e explorar a convivência. Há entretanto o reconhecimento, por parte de alguns, de que determinados países europeus guardam ainda o gosto pelo contato humano. No depoimento de Manon acerca dos motivos que tiveram ela e seu marido para deixar a França, há a evocação da Espanha como um país onde a comunicação desinteressada ainda pode ocorrer, como no Brasil, ainda que o casal tenha optado por mudar de continente em busca de relações humanas mais afetuosas que, segundo acreditam, vão repercutir na criação dos filhos.

As noites espanholas são muito agradáveis, na orla dá pra ver os meninos com os avós que estão passeando. É como aqui no Brasil, qualquer um se encontra, se olha nos olhos e conversa: “Olá, como vai?” e entram na conversa só porque as pessoas se encontraram na rua, tem sorriso ainda. Tem muito contato.

(...) Isso tem a ver com a nossa vontade de sair de lá, a respeito dos contatos humanos agora falsos que tem lá na França, tem a ver é claro com a criação de filhos. Se você quer que eles cresçam em um clima que seja favorável para eles, a respeito de toda educação que você dá, que eles recebem e depois eles dão para os filhos deles, com certeza.

Roberto relata seus sentimentos com relação à Itália no momento em que decide se aventurar migrando para a Bahia em 1990, relacionando essa disposição às mudanças ocorridas na terra natal em termos de valores e mais recentemente em virtude das imigrações, o que acabaria repercutindo nas relações humanas:

R- Eu morava numa cidade do interior, a vinte km de Veneza. Mas há vinte anos atrás a Itália já tinha virado um país muito rápido, muito materialista. Então eu peguei essa licença, que se chama expectativa, por seis meses e me organizei com esse amigo da Itália que também tinha vontade de se mudar pra cá. (...) Mesmo morando aqui depois de muitos anos eu me sinto italiano, mais aqui do que na Itália.

A- Como assim? explica direito.

R- Porque a Itália também teve muitas mudanças esses últimos anos, teve uma invasão de várias populações do leste europeu, populações pobres. Então não é mais aquele país provinciano, aquela Bahia da Europa, você entra na Itália você vê um bocado de raças. Não existe mais aquela amizade entre as pessoas. É difícil se encontrar.

Situações de disputa por espaço, tanto no mercado de trabalho como no usufruto da sistema do bem-estar social, podem progressivamente minar as relações humanas, gerando desconfiança e em certos casos mesmo reações xenófobas à presença de imigrantes, alterando o padrão provinciano de relacionamento descrito por Roberto, que já não se encontra mais em sua terra natal. A Bahia, pelo contrário, como o próprio entrevistado afirmou anteriormente já não é mais a mesma, mas apesar de ter se tornado uma cidade grande, “parece uma cidade do interior”.

Nessa cidade, que abriga bairros tradicionais em paralelo a áreas de expansão modernizadora, os costumes e comportamentos também coexistem, antigos e recentes, entre os quais a hospitalidade e a solidariedade continuam a ser praticadas. Ao decidir permanecer no Brasil com a filha de quatro anos após a separação do marido belga, Justine relata a acolhida que teve por parte de uma pessoa desconhecida, indicada como contato em Salvador pela escola de sua filha em Brasília, onde residiram por dois anos, expressando surpresa pela demonstração de empatia que encontrou.

Eu tinha alugado um apartamento por uma semana na Barra e falei com Tereza, com quem eu já tinha feito contato por telefone e explicado o que eu buscava. Ela se colocou à minha disposição por dois dias e já tinha feito uma pesquisa segundo os critérios que ela achava necessário. Rodamos no carro dela visitando as escolas e com a moradia foi mais ou menos a mesma coisa. (...)

Quando eu falei sobre achar um flat pra ficar enquanto procurava moradia, ela simplesmente nos convidou para ficarmos, K. e eu, na casa dela, mesmo ela sendo casada com 3 filhos. Eu achei isso incrível, na Europa isso não seria tão fácil assim. Ela disse: “Por que você vai gastar \$ com um hotel, com uma criança não é bom, fica na minha casa.” Nós chegamos, ela foi nos pegar no aeroporto e levou pra casa dela. Na África você acharia, mas na Bélgica, que é o meu país, eu não acho que seria fácil.

A comparação inevitável com as experiências anteriores, nos dois continentes a que estava vinculada, a África e a Europa, contribuiria para a decisão de Justine de permanecer no Brasil, um país com o qual não tinha laços anteriores, mas que lhe

apresentou bons motivos para aqui se instalar, segundo seu depoimento: a combinação de modernidade e calor humano, além do clima tropical.

Comentando sobre se a qualidade das relações humanas no Nordeste constituía um critério para a decisão dos europeus se fixarem na Bahia, o atual Cônsul da França em Salvador levanta a questão da amabilidade no tratamento prestado no serviço público como uma prática necessária, tendo em vista o pouco preparo do cidadão para lidar com a burocracia. Evoca ainda o caráter provinciano que predomina na cidade de Salvador, em contraste com qualquer metrópole, seja no próprio país ou no exterior, facilitando os contatos pessoais, mas não necessariamente para o estrangeiro que aqui se instala.

As relações entre as pessoas são muito mais calorosas, muito mais espontâneas do que na Europa. Lá é uma rigidez que às vezes é extremamente desagradável, inclusive mudou agora recentemente inclusive nas relações administrativas, tudo é muito frio, você sabe porque está ali, tem que ter a competência pra se resolver. Aqui tem que abrir mão de uma série de coisas, porque as pessoas não sabem, então tem que ajudar e há ajuda nesse sentido. As relações humanas em Salvador, apesar de ser uma cidade de três milhões de habitantes, ainda é um conjunto de pequenos povoados e cada bairro tem suas pessoas e a gente está facilmente integrado. Não é a mesma coisa em São Paulo, lá já é um pouquinho como na Europa, você tem vizinho mas ninguém se fala, ninguém se conhece, como em Paris por exemplo, nas grandes cidades européias. As relações são nos círculos que se faz através do emprego, das famílias, dos antigos amigos escolares, e a partir disso os círculos aumentam, diminuem em função da mobilidade das pessoas. E quando tem grande mobilidade, como no meu caso, a gente perde esses círculos, é muito difícil de entrar depois, é muito fechado. Aqui não é assim, é aberto mas ao mesmo tempo muito fugaz, muito inconsistente, você encontra as pessoas: “Apareça, apareça”, mas ... Uma observação que eu fiz, em dezoito anos que eu fiquei na UFBA, fui convidado duas vezes, enquanto eu convidei mil vezes. É uma coisa que surpreende quando faz um balanço, é chocante, mas faz parte.

Os depoimentos de Justine e do Sr. Cônsul destacam a espontaneidade nas relações humanas com um traço do comportamento local, atribuído por ele ao caráter ainda provinciano da cidade, vista como um aglomerado de povoados onde ainda predominam as relações de vizinhança. Em contraste estaria a impessoalidade que caracteriza as metrópoles, constituídas de círculos definidos que conferem a identidade social ao indivíduo. Entretanto, o acolhimento inicial pode significar pouco em termos de integração real, para a qual há outras regras em jogo.

4.2.2 Sobre o sentido da amizade lá e cá

Aqui você convida pessoas (diferentes) e elas mesmas vão interagir, quem é você prá poder classificar as pessoas, “esse vai se dar bem com esse” ? (Elise, belga)

O depoimento de alguns entrevistados sobre suas vivências de contato interpessoal revela um aspecto sensível da avaliação que fazem da sua inserção no modo de vida local, em contraste com o que haviam imaginado e vivido antes de migrar. Uma vez aqui instalados passam a olhar “de dentro” a trama que compõe o relacionamento entre as pessoas e desvendar o que antes como turistas percebiam vagamente como um traço inerente às sociedades tropicais - a hospitalidade e a abertura desinteressada para incluir quem vem de fora.

O relato já mencionado de Bertold em que ele teoriza sobre como no Brasil as amizades são determinadas pela estratificação social, não havendo a possibilidade de se atravessar as linhas de classe, não coincide com as apreciações de Elise em seu depoimento, no qual ela aponta a permeabilidade e a multiplicidade que regem as relações interpessoais na Bahia, enriquecendo sua vida pessoal. A rede de amigos que desenvolveu na Bahia pesou no momento da separação do marido belga, quando ela decidiu permanecer, passando a viver o “entre-deux” juntamente com seus 2 filhos, que seguiram de volta à Bélgica com o pai, passando aqui as férias com Elise .

A- No momento em que se deu a separação você pesou o seu investimento profissional...

E- E também social, eu tinha feito uma rede de amigos muito vibrante, isso também foi muito importante prá mim, que eu não tive por exemplo na Bélgica. Cada vez que eu voltava pra lá eu sentia que cada um tinha a vida dele, eu ia lá visitar, mas não era a mesma coisa que aqui. Por que aqui eu tenho amigos de todo tipo digamos, amigos onde eu vou com as crianças, amigos com quem eu posso contar prá me dar dicas quando eu preciso de algum serviço, por exemplo. Eu tenho um monte de amigas, quando eu faço aniversário todas vêm , de todas as idades, são alunos, colegas, amigos de amigos ...

A- Você acha que esse tipo de rede se desenvolve em qualquer lugar ou tem alguma diferença aqui, é mais intensa ?

E- Eu acho que se desenvolve em qualquer lugar , mas de outra maneira. A amizade na Bélgica é mais estruturada. Por exemplo , eu vou fazer um churrasco, aí eu vou convidar as colegas do meu trabalho, aí você não vai convidar digamos os vizinhos , porque você já fica pensando: Ah, mas colegas de trabalho e vizinhos, como vai ser essa interação ? Aqui

ninguém liga, você convida as pessoas e eles mesmo vão interagir, quem é você prá poder classificar as pessoas, “esse vai se dar bem com esse” ?

A- Então qual seria a característica da rede aqui ?

E- Aqui, vamos supor que eu vou dar uma festa, tem várias pessoas que eu conheço menos e tem outras que eu conheço mais e tem pessoas que eu não conheço , com quem tenho pouco contato e com quem pode ser que surja uma nova amizade. Essa parte é mais fácil, na Bélgica isso seria mais difícil , então prá fazer amizade nova aqui é bem mais fácil. Agora , por outro lado , você perde mais fácil também , bem mais rápido.

A percepção dos relacionamentos pessoais como transitórios surge no depoimento de vários entrevistados como um traço característico do comportamento local, levando em alguns casos à desistência de cultivar amizades com brasileiros e à tendência de se agrupar com outros estrangeiros ou casais binacionais, da mesma nacionalidade ou não. Ao contrário de Elise que afirma contar com uma extensa rede de amigos locais aos quais ela recorre por diferentes motivos, Bertold se mostra cético quanto à possibilidade de contar com amigos brasileiros, apesar do encantamento inicial .

(...) a Bahia tem uma magia, os baianos são pessoas que encantam os outros, mas você sabe que o relacionamento é sempre muito superficial. Totalmente o contrário do que você tem na Alemanha, lá você não faz um amigo de um dia pro outro, mas se você tem um amigo, você tem até a morte. Aqui não, você tem milhares de amigos mas na hora da necessidade não aparece ninguém.

(...) Eu tenho alguns amigos, a maioria deles são alemães mesmo, falamos o mesmo idioma. Mas ainda não é a mesma coisa como eu tinha amigos lá, amigos até a morte. Mas acho que essa não é uma coisa da Alemanha ou do Brasil, é uma coisa que você cria quando é jovem, em que você fica muito próximo, como um irmão , quase uma coisa de sangue. Mas quando você fica mais velho você não cria mais esse tipo de relações. Eu continuo mantendo contato com os amigos de antes, na Alemanha.

A afabilidade natural dos baianos, que atrai e seduz o estrangeiro, constitui uma de suas múltiplas facetas, que incluem qualidades e mesmo defeitos, uns por excesso outros por falta. O genuíno interesse do baiano pelo “outro”, o estrangeiro ou o sulista de ascendência européia que aqui aporta, acolhe e encanta o recém-chegado, fascinado pela alteridade da miscigenação cultural afro-brasileira, suas cores, seus sabores, sons e odores. Esse acolhimento “sem barreiras” pede entretanto reciprocidade, ou seja , deixar-se invadir sem restrições, não apenas sensorialmente, mas também mentalmente.

Reformular conceitos, quebrar hierarquias, desapegar-se de valores e princípios, submeter-se a prioridades outras, aceitar a multiplicidade, admitir sem escândalo a ambigüidade nas relações pessoais e sociais, deixar-se invadir e perder o próprio referencial, são alguns dos variados aspectos da metamorfose que podem ocorrer naquele disposto a ela se entregar. Por vezes a entrega é temporária, depois seguida pela restauração de valores anteriores, a depender da duração do estado de encantamento, quando critérios racionais assumem as rédeas novamente e a percepção já não penetra o código cultural local.

Comentando sobre a cordialidade baiana, Carl, irlandês que reside há 24 anos em Salvador, questiona a sinceridade e mesmo a qualidade das relações que se pode alcançar aqui, o que o leva a apoiar-se na velha amizade de um compatriota, residente:

C- Existe esse lado da cordialidade, mas é superficial, cada um defende seus interesses, é **difícil identificar as emoções que movem as pessoas aqui**. Acho mais fácil uma mulher ter uma amiga do que um homem ter um amigo, eu tenho muitos amigos lá, mas aqui não, é difícil poder conversar. O fato de S. morar aqui também é um grande apoio, a gente não precisa se explicar.

A- E qual é a dificuldade de comunicação com os possíveis amigos homens?

C- É difícil você ir além do futebol, de mulher...

Indagado sobre seu círculo de amizades na Bahia, Franz comenta sobre a fragilidade das relações pessoais que no seu modo de ver aqui não alcançam profundidade, o que o leva a manter contatos amáveis porém circunstanciais com os vizinhos, a família de sua atual companheira e no meio profissional, contando com alguns poucos amigos alemães.

Eu tenho três amigos mesmo, todos alemães; tenho também parte da família de minha esposa que eu frequento e com os vizinhos nos reunimos também. (...) Os baianos são muito alegres, muito comunicativos, mas tem um defeito, eles não suportam a menor crítica. Entre os alemães a gente considera que tem sorte quando um amigo diz: 'rapaz você fez uma coisa errada', prá isso você precisa de um amigo, prá te dizer que seria melhor que você mude lá um pouquinho. Eu agradeço que ele me diga isso, tomamos uma cerveja juntos e a amizade fica mais próxima que antes.

Mas o brasileiro, se você faz a menor crítica, muda total, fica agressivo, lhe xinga: 'você não sabe nada, você é pior ainda', e a amizade termina. Uma amizade que é só fachada, que não tem sentimentos mais profundos, não vale. Todo brasileiro tem família, amigos, mas quem tem amigos de infância de 20, 30 anos? Eu tenho, e nem a distância termina essa amizade. Desculpe, mas amigo prá mim é quando eu me abro e ele se abre, tem sentimentos

profundos entre amigos; eu gostaria muito de ter mais amigos brasileiros mas a minha experiência me diz que, infelizmente, não funciona.

A difícil avaliação objetiva dos princípios que regem as relações de amizade ou mesmo “*das emoções que movem as pessoas aqui*” nas palavras de Carl, revela a dificuldade enfrentada pelo migrante europeu em decifrar o sinuoso modo local de estabelecer laços, em que emoção e razão (ou interesse) estão naturalmente embricadas. Há que observar que em se tratando do contato com estrangeiros, a valorização do “outro” ocorre dos dois lados inicialmente, pois o conhecimento da cultura local passa pela proximidade com as pessoas do lugar e é sempre uma possibilidade de enriquecimento da experiência migratória, enquanto para o indivíduo autóctone a amizade com o migrante abre também espaço para o prestígio de uma conexão “globalizada” ou trocas de caráter bastante pragmático.

Se por um lado o contato humano espontâneo que experimentam aqui é percebido como prazeroso e acolhedor, por outro lado pode, em um segundo momento, incomodar os migrantes europeus que já superaram o estágio de encantamento, quando tendem a resgatar os mesmos critérios aplicados “em casa” para avaliar os relacionamentos pessoais, em que a reflexividade e a fidelidade a certos padrões morais de comportamento prevalecem, não dando margem a ambigüidades. Há no entanto migrantes capazes de se beneficiar do contato fácil, sem dele esperar desdobramentos.

De modo semelhante a Elise, a abertura para estabelecer novos contatos em Salvador é valorizada por Cordelia, que destaca como um dos critérios para a escolha da cidade o fato de, apesar dos seus três milhões de habitantes, não ter-se tornado ainda uma metrópole, permitindo o contato próximo entre as pessoas. Ainda assim Cordelia mantém clara a distinção entre “conhecidos” e amigos, enquanto descreve uma multiplicidade de vínculos que ela e seu companheiro J. construíram ao longo de sua permanência aqui em virtude do trabalho social que desempenham e da afinidade com a cultura local.

C-A gente pensou primeiro no Rio, mas o Rio é uma cidade muito grande e chega uma hora que você não tem muita energia de entrar em uma sociedade tão fechada, mais cosmopolita, é menos acessível. Depois pensamos que Salvador é uma cidade menor, então é mais fácil normalmente nessas cidades menores você conhecer pessoas, criar vínculo.

A- E você tem comprovado que isso é possível aqui ?

C- É muito fácil, comparando com Londres é muito fácil, não é que eu tenho muito amigo, eu tenho vários conhecidos, eu tenho um grupo de cinco, seis amigos bem próximos, que são muito queridos. E o jeito que a gente festeja né, porque a nossa vida social é aquela do acarajé de Dinha, em que as pessoas se encontram e você fica conhecendo, tem muita gente que eu conheço só porque eu tava numa festa e eu comecei a falar com elas, isso também ajuda muito. (...)

Então tem essa coisa da cidade, Londres é muito difícil. Eu lembro que a gente fez uma festa aqui pro J., foi o aniversário dele e os meus amigos chegam, eles não conhecem um ao outro, mas eles começam a falar, se apresentar, você não precisa apresentar, é uma facilidade de fazer coisas sociais. Amizades profundas é outra coisa, isso é difícil em qualquer lugar, mas essa coisa de ficar mais aberto, de querer falar, de querer conversar com você, não ficar assim reservado, aquela coisa londrina de “stay cool”, “eu sou mais cool que você ..., eu não vou falar com você”.

A- Não manifestar interesse pelo outro ...

C- É, mas aqui se manifesta muito, facilmente. E a gente, por causa do trabalho tem vários grupos de amigos, tem o grupo de capoeira de J., tem o do terreiro, tem o da Ong, eles são diferentes, tem os meus amigos da UFBA, todos tem os seus próprios interesses.

A partir dos relatos apresentados podemos notar que a percepção do contato fácil como positivo, valorizando a espontaneidade na primeira aproximação é recorrente na fala de entrevistados de perfil marcadamente existencialista (Manon, Elise, Cordelia, Pierre e Nicola), enquanto para outros tende a gerar desencanto e ceticismo quanto à natural afabilidade das amizades que se fazem rapidamente, para se desfazerem pouco depois. A condição de estrangeiro, que pode se apresentar como vantajosa num primeiro momento, não tarda em representar um obstáculo para a integração de indivíduos mais reservados em uma sociedade aparentemente aberta, mas que tem nos círculos familiares, religiosos e profissionais tradicionais o código de acesso ao pertencimento.

4.2.3 Sobre a tolerância e maleabilidade nos contatos sociais

Tomando-se agora o relacionamento humano em um âmbito mais geral, que diz respeito à marca impressa pelas normas sociais no comportamento individual, determinando práticas que por vezes escapam até mesmo à consciência dos atores, a questão da socialização em confronto latente com a individualidade emerge na fala dos migrantes pesquisados.

Indagados sobre os motivos que tiveram para optar pelo Brasil como novo lugar de moradia após terem visitado o país na condição de turistas, alguns entrevistados mencionam como prioridade a atmosfera tolerante que envolve as relações pessoais e mesmo sociais, no convívio privado e público. Tal maleabilidade é avaliada tanto no seu aspecto positivo associado à informalidade, em oposição à rigidez das normas que experimentavam em seu país de origem, quanto no seu aspecto negativo quando peca por excesso de frouxidão.

Retomando o depoimento de Elise em que ela teoriza sobre o caráter estruturado das amizades na Bélgica que impõe regras precisas ao convívio, contrastando com o caráter informal dos contatos sociais na Bahia, vemos que o peso atribuído por ela ao contato humano foi importante para sua decisão de permanecer no Brasil após a separação do ex-marido belga. Elise casou-se em seguida com um brasileiro com quem teve mais dois filhos. Em sua fala é explícita a primazia do afetivo sobre o instituído socialmente.

Eu gosto muito de pessoas, mas é do caráter delas que eu gosto, por isso que eu tenho tantos amigos, eu admiro meus amigos, eu gosto muito do contato, da troca. Eu falo muito sobre isso com várias pessoas, enquanto na Bélgica ou na Europa não é assim, eu posso dar vários exemplos. Eu fui visitar uma amiga lá, viajei 2 horas pra isso com os meus 4 filhos e me enganei de dia. Quando eu bati na porta, ela disse: “mas é amanhã que nós combinamos”, ela não me convidou pra entrar, não ofereceu um copo d’água. Aí o meu filho falou pra mim: **“Mamãe, isso no Brasil as pessoas nunca iam fazer”**. E eu estava no meu país de volta, visitando uma amiga de tanto tempo ...

No Brasil ela diria: entra, não tem problema, não faz mal que trocou de dia, a gente se ajeita, e venha amanhã também! Mas na cabeça dela deve ter passado: “eu não vou poder acolher você como deveria, não dá pra improvisar, imagina que idéia você vai ter de mim depois, o que você vai falar com os outros da maneira como eu te recebi!”

Essa é também uma questão muito forte na Europa, as pessoas não falam na sua cara, mas por trás fazem bastante comentários. Isso é uma questão de mentalidade, e eu me sinto melhor com a mentalidade daqui.

Por outro lado, esse tipo de contato, especialmente na Bahia, você não pode muito programar, eu ainda fico ansiosa mas as pessoas não ficam muito preocupadas com isso. Ontem minha amiga inglesa me falou: “pôxa, eu mandei 20 convites para no São João fazer um porta-aberta no meu sítio por 4 dias, as pessoas podem vir quando quiserem, sabe quantas pessoas responderam? Só você.” Pode ser que elas estejam até pensando em ir, pode ser que apareçam, mas não confirmam, e isso é cansativo.”

Poder contar com os amigos em momentos em que um apoio é necessário costuma ser considerada uma expectativa válida em todas as latitudes, entretanto para um europeu ela implica definir as linhas que demarcam os territórios individuais que não devem ser ultrapassados, assim como a atribuição de responsabilidades pelos próprios atos e existência, o que na perspectiva latino-americana pode variar de um contexto para outro. Em uma sociedade em que as necessidades básicas estão cobertas pelo Estado, o indivíduo que se permita ficar em condição de vulnerabilidade e busca ajuda fora de seu entorno familiar tende a ser visto como um desajustado, pois não está jogando dentro das regras estabelecidas pelo pacto social.

Um zelo extremo pelo cumprimento das normas inculcadas no indivíduo pelo processo de socialização pode representar um cerceamento da sua criatividade e da expressão de sua subjetividade, eliminando a possibilidade de um comportamento espontâneo, que por isso mesmo está fora do controle social. O resgate dessa margem de espontaneidade nas relações pessoais, com toda a imprevisibilidade que implica, aparece nos depoimentos dos pesquisados como uma meta mais ou menos explícita vinculada aos critérios que empregaram para optar pelo Brasil. No depoimento de Justine se percebe que a noção de privacidade é sinônimo de isolamento e denota a ausência de solidariedade entre os moradores do meio urbano moderno no contexto europeu.

Na Bélgica você prá visitar um amigo tem que telefonar, não pode chegar de repente porque pode incomodar. Eu tinha medo de morar na Bélgica por exemplo, com minha filha pequena num apartamento, ter algum problema de saúde, morrer sem que ninguém se desse conta. Aqui eu sei que se você não aparece, porque está ausente, a vizinhança percebe e vem te procurar, a moça que leva minha filha prá escola vai me ligar, prá saber o que acontece. Se o carro está e eu não apareço, alguém liga prá saber se está tudo bem. Eu posso visitar Manon na casa dela sem avisar, se ela pode me dar atenção tudo bem, senão tudo bem também. Aqui, se você mora em um condomínio as crianças se encontram muito, vão nas casas umas das outras. Agora a K. está passando mais tempo em casa, no computador, porque nos mudamos e a vizinhança tem um nível um pouco mais baixo.

Tobias destaca em sua fala a importância de uma socialização que dê maior espaço à individualidade, ao valorizar o tratamento que se dá às crianças no Brasil de modo geral, mas sobretudo a tolerância e o afeto que ele diz não encontrar em seu país de origem, o que no final das contas acaba por compensar a ausência da cobertura social a que tem acesso na Alemanha.

Mesmo com todas as dificuldades que você tem aqui, não recebe ajuda alguma do governo, tem que pagar plano de saúde, escola, é um país que gosta, adora crianças, é uma alegria para as pessoas. Na Alemanha você passa um stress muito grande com as outras pessoas que não gostam de crianças.

Uma vez eu estava com meu filho L. no centro de Munich numa estação de Metrô, estávamos conversando em português e ele tem uma voz um pouco estridente. Também passou um grupo de adolescentes bêbados fazendo uma gritaria. Havia uma senhora sentada ao nosso lado que disse: 'o seu filho está falando muito alto, fala pra ele falar mais baixo!' Eu argumentei: 'ele não está gritando, é a voz dele mesmo, por que a senhora não reclamou dos jovens que passaram fazendo gritaria?' Ela respondeu: "porque eles estavam de passagem, mas o seu filho está do meu lado e é insuportável!" Eles tentam fazer com que as pessoas tenham mais filhos, mas ao mesmo tempo ... (...)

Quando nós chegamos aqui em 2002 e ainda não estávamos trabalhando, eu disse: vamos aproveitar pra fazer uma viagem, pegamos o nosso carro e rodamos 7.000 km, quando o L. tinha 1 ano, saímos de Salvador (...) Foi tão legal, todo lugar onde chegávamos com o L., loirinho, era uma festa, todo mundo pegava. Até pra um alemão é uma coisa meio estranha, lá ninguém pega um bebê com medo de transmitir qualquer coisa, mas é uma coisa legal.

O relato de Bertold (alemão) sobre a decisão de mudar-se para o Brasil com a esposa brasileira a partir do momento em que ela engravidou, reitera as percepções de Tobias sobre a liberdade de que gozam as crianças aqui e que pode ter representado um critério decisivo para a mudança, quando a imagem de seu próprio país em declínio é evocada.

Eu não via muitas possibilidades na Alemanha para minha filha crescer, vendo como o país está hoje e como é a vida de uma criança lá. É o que faz a grande diferença com o Brasil. Hoje quase a metade das famílias que nós temos na Alemanha não tem criança ou os adultos tem mais de 50 anos. Eles não gostam de criança, elas incomodam. Então a criança não se sente livre, nem à vontade. (...) Para as crianças aqui no Brasil é um paraíso, todo mundo tem criança. É um país jovem, então criança nunca incomoda, brinca em qualquer lugar, pode gritar, é o som do futuro.

O modelo brasileiro de integração da criança no continuum das gerações, em que a convivência entre elas e os adultos não gera incômodo e excesso de disciplina, é percebido como um ponto sensível que pode repercutir mais tarde favoravelmente nas suas relações interpessoais. Revela por outro lado, como no depoimento de Manon

sobre a relação entre netos e avós, tios/tias e sobrinhos, a constituição de uma rede afetiva que integra as gerações e contribui para a construção da auto-estima das crianças, aspectos do papel da família extensa para os quais ela não tinha atentado antes.

A- E o seu sentimento com relação à França , você sente saudades ?

M- Saudade das pessoas, em momentos específicos , Natal , aniversário , que antigamente eu nem prestava atenção . Agora eu sinto realmente falta de meu pai, de minha avó , que está ainda viva , de minhas amigas. E também pros meus filhos, por que eu vejo que pros menores , eles estão vendo que os amigos tem tios , avós e eles não tem. Tudo bem, eles chamam alguns amigos nossos de tio/tia mas eles percebem que eles não são da família, então lá tem uma falha que um dia vai ter que consertar.

E aqui na cultura brasileira tem muito isso de “eu vou viajar , vou prá casa de minha avó” e meus filhos não tem isso. De lá eles voltam com doces e dizem “foi minha avó que fez” e na escola tem o dia da avó, com festa, e os únicos que estão sem avó são eles.

As celebrações envolvendo a reunião familiar que continuam presentes na vida da cidade, como o almoço na casa da mãe ou avó e que por vezes reavivam fortes vínculos com o interior da Bahia por ocasião das festas de São João, se estendem à comunidade mais ampla de amigos, conhecidos e vizinhos nas comemorações de aniversário, reafirmando o caráter ainda provinciano de Salvador. A informalidade pode dar lugar a uma crescente organização ditada pela moda, em que festas temáticas e a contratação de animadores impõem horários e espaços definidos no âmbito dos grupos com mais recursos, enquanto as reuniões entre amigos pautam pela informalidade e o espontâneo.

Contrastivamente, Elise aponta em seus relatos o quanto as relações pessoais estruturadas não admitem flexibilidade e obedecem a regras sociais cristalizadas e rígidas até mesmo quando envolvem os momentos de maior descontração como as festas, onde tudo é organizado e programado, de modo a não deixar espaço para o improvisado ou o imprevisto, passíveis de censura.

Na Bélgica se a festa vai ser das 14 hs às 16 hs , você deixa as crianças às 14hs e não às 14:05 hs porque a brincadeira vai começar : das 14 hs às 14:30 tem brincadeira, tudo muito programado. Às 16 hs você vai lá pegar seu filho, tudo bem estruturado mesmo.

Vamos supor se você vai dar uma festa porque vai mudar de casa, lá vai ter um buffet com várias coisinhas prá você comer andando. Tudo é bem pensado, então você fica um pouco sem jeito. Quando estou na Bélgica eu penso: “o que eu vou levar ?” Aqui se você traz ou se não traz, ninguém vai ficar olhando feio.

4.2.4 O “outro” em casa: conflitos com as imigrações

A tolerância nas relações interpessoais e a convivência com a diversidade que experimentam e apreciam na vida diária no contexto local, mostram-se aspectos significativos na avaliação da própria qualidade de vida entre os migrantes em estudo, ainda que haja desconforto com relação ao classismo e o racismo que observam à medida que se familiarizam com o panorama social. Face a essa constatação, tendem a contrastar positivamente o sistema social de seus países de origem como mais igualitário, a começar pelo acesso irrestrito à educação universal que forma cidadãos com capacidades e direitos supostamente iguais.

O depoimento de alguns entrevistados indica no entanto que o sistema de cobertura social para todos que o Estado do Bem Estar Social propõe vem sendo abalado, na atualidade, pela emergência de populações imigrantes nos países do centro reivindicando direitos de cidadania nesses territórios. Mesmo que bem-vindas quando preenchem postos de trabalho de baixa qualificação e enquanto contribuintes para a Previdência Social, a presença crescente de populações provindas das zonas menos desenvolvidas da própria Europa, ou de países predominantemente muçulmanos tem gerado desconforto, em certos casos conflitos abertos e mesmo debates sobre a ameaça que representariam para a identidade nacional do país de acolhida.

No depoimento já citado de Manon sobre os motivos que teve o casal para deixar a França, o conflito com as imigrações é tema central: *“Nosso país mudou muito, tem muito racismo, tem muita violência, só por causa da aparência física ou de ter ou não ter. A gente queria fugir disso já faz algum tempo.”* Deve-se notar que a França se destaca entre os países que exibem uma postura solidária de acolhida a populações em dificuldades por motivos políticos, tradição essa muito presente em Toulouse, a cidade de origem de Manon, que segundo ela relata acolheu muitos espanhóis durante a ditadura franquista e também nos anos 80, quando os boat-people cambodjanos receberam asilo na França.

No depoimento de Roberto a intolerância que Manon lamenta encontrar em seu país é justificada face à ameaça que, segundo ele, constitui a vinda de imigrantes sobretudo do leste europeu para a Itália nos anos recentes:

R- A Itália piorou muito esses últimos cinco anos.(...) A Itália foi um dos últimos países a abrir a fronteira para a imigração, ela não estava preparada para suportar todo esse pessoal

Que veio de fora. Os outros países já abriram bem antes, já estavam bem organizados - a Inglaterra, França , Alemanha, Espanha , há mais de 100 anos eles abriram as portas pro pessoal de fora , então eles estão acostumados.

A- E que tipo de situação é criada com essa chegada ?

R- A violência aumentou, antes só com a violência local dos italianos era mais controlada , mais fiscalizada. Por que antes havia o controle de fronteira na Europa, agora abriram , você não precisa nem de passaporte.

(...) A maioria das pessoas que saem dos países mais pobres são todos pessoas más, não vem a pessoa normal procurando trabalho, vem a pessoa prá roubar , prá assaltar, prá violentar . A maioria das pessoas que vem prá Itália são violentas.

A percepção negativa de Roberto sobre as imigrações na Itália não é compartilhada por Nicola que, como Manon, critica as atitudes xenófobas que hoje se observa em seu país de origem, enfatizando o seu tradicional papel de emissor de grandes contingentes migratórios pelo mundo e sobretudo para as Américas:

N- Isso que é interessante e preocupante. A Itália que no século passado foi um povo de emigrantes, você encontra italianos em qualquer lugar do mundo, agora que é ela que começa a receber os outros é ali que apresenta um aspecto quase que xenófobo. Porque num momento de aperto, de dificuldades você ainda recebe outros e existe uma concorrência prá sobreviver, isso acentua ainda mais a diferença de raça, de cultura e de tudo. Um dos partidos vem mais vem crescendo que é o La Lega, do norte, é o que quer regular a entrada, o imigrante deve saber italiano, deve ter um trabalho, ou seja existe toda uma série de limitações, de atitudes que são racistas , de negação. Se pudessem jogar todo mundo fora, fariam isso. Por isso que é difícil , coisa que não aconteceu no Brasil, a mistura de vários povos, japoneses, alemães, italianos, gregos, ou seja, a coisa foi mais fácil, essa integração de anos e anos, de gerações, é natural.

A- Talvez porque a disputa pelo espaço não existia ?

N- É também, aqui tem espaço prá todo mundo, na Itália não, não tem espaço pra ninguém . E todo mundo vai na Itália porque pensa que é o 1º mundo , mas a Itália não é do 1º mundo, a Grécia não é do 1º mundo, nem a Espanha.

Apresentando leituras diametralmente opostas sobre o impacto das imigrações em seu país de origem, Roberto e Nicola ilustram graus muito diferenciados de entendimento dos fenômenos sócio-econômicos que estão se produzindo no âmbito da União Européia, se constituindo apenas para o primeiro em um argumento de justificativa, a posteriori, para sua migração para o Brasil há 20 anos atrás.

A avaliação do impacto da imigração turca na Alemanha sobre o sistema educacional, apresentada por Bertold como uma das razões que o motivou para a migração a partir do nascimento de sua filha, revela também uma projeção negativa das perspectivas futuras do seu país, às voltas com conflitos na gestão da diversidade cultural que compõe o panorama demográfico atual:

Berlin tem sérios problemas com os estrangeiros que vivem lá. É diferente do que vocês conhecem aqui no Brasil. Quem vem no Brasil vem com educação, com dinheiro, com tudo, então a visão do estrangeiro é de quem vem do 1º mundo para o 3º, lá é o contrário. Lá são principalmente os turcos, entre outros. O problema dos turcos em Berlin e em outras cidades da Alemanha é que eles fazem uma comunidade tão grande, que eles não tem interesse nenhum em se integrar, nem aprender o idioma, nada disso. Mas eles ocupam a mesma escola que o seu filho. (...)

O ensino público era bom, mas hoje é diferente, depende de onde você mora. Por exemplo, o bairro onde eu morava foi cercado por comunidades turcas. Uma turma na Alemanha tem hoje de 25 a 30 alunos, 60 a 80% é de turcos e a metade deles nem fala alemão. Então o professor leva dois anos pra eles aprenderem a falar alemão, até eles começarem a aprender outra coisa. Então a qualidade toda vai pra baixo. Nós temos sérios problemas hoje, tem escolas em Berlin que são como você pode imaginar um gueto nos EUA, é muito ruim. Então eu falei com a minha esposa, temos que mudar de qualquer jeito e como eu sempre tive esse sonho de morar num país tropical ...

Indagado se havia tido algum amigo turco alguma vez, Bertold, que afirmara em depoimento anterior que na Alemanha os laços de amizade se dão independentemente da classe, responde que não, ainda que tivesse vizinhos turcos onde morava; resgata em seguida na memória o fato de um deles ter se tornado amigo seu, porque faziam música juntos.

Não podemos deixar de equacionar os problemas de convivência com o “outro” em casa, representado pela presença crescente de imigrações não desejadas em seus países de origem, envolvendo resistência à alteridade em suas expressões culturais, com a flexibilidade que empregam no confronto de valores que na condição de imigrantes esses indivíduos cosmopolitas aventureiros experimentam em seu cotidiano no contexto local.

Na fala de Bertold se destaca a distinção que faz da condição migratória diferenciada dos europeus aqui instalados, munidos de capital financeiro, cultural e

simbólico além de um saber circulatório⁹, destinados portanto a se integrar e contribuir para a sociedade local, em contraste com os imigrantes turcos que, segundo ele, compõem quistos na sociedade de acolhida, impermeáveis à assimilação. Como não vêem a si próprios como imigrantes, mas sim como estrangeiros cosmopolitas, alguns não se colocam a questão de fundo ético-filosófico que diz respeito ao direito igual que teriam os imigrantes instalados em seus países de ali buscar melhores perspectivas de vida, trazendo sua própria bagagem cultural.

A maleabilidade e a tolerância nas relações pessoais e, em certa medida, também sociais referidas anteriormente como um atributo apreciável da sociedade brasileira, possibilita a esses migrantes cosmopolitas uma inserção sem resistências culturais marcantes da sociedade baiana, desde que estejam dispostos a rever seus próprios valores e a metamorfosear-se se necessário.

Algumas considerações

Migrantes cosmopolitas e aventureiros entendem-se capazes de decifrar os códigos culturais locais e extrair o melhor proveito possível das condições dadas, imaginando conhecer os prós e os contras da decisão de se instalar nos trópicos do sul global. No confronto cotidiano porém suas certezas iniciais tendem a se desfazer e um permanente aprendizado toma seu lugar, de forma prazerosa para uns e contundente para outros, uma vez que a necessidade de justificar a opção pela desterritorialização no extremo ocidente paira sobre todos.

A maneira como respondem às contradições, ambigüidades, superposições de opostos, imprevisibilidade e inconstância, características das sociedades “invertebradas” da América Latina como qualificou Laplantine, é um recurso que pode ser operacional para se fazer um balanço da experiência migratória e permitir aos pesquisados reformular a imagem que inicialmente fizeram do país e de sua própria aptidão para a mobilidade em um mundo “globalizado”.

As dificuldades de “viver aqui” munidos dos referenciais “de lá”, sobretudo quando a migração se deu por escolha e não pelo imperativo da necessidade, demanda e reformulação de parâmetros, sob o risco de se viver em conflito permanente consigo mesmo. A entrega à metamorfose de si, enquanto perdura o estado de encantamento que convida à complacência e à identificação com o “outro” caracteriza o migrante de

⁹ O termo “saber circulatório” é aqui entendido como familiaridade com o trânsito entre fronteiras e com diferentes contextos culturais.

perfil existencialista, enquanto o desencanto cético marca a postura crítica dos que se revelam em maior medida calculistas e pragmáticos, lançando sobre a sociedade e a cultura locais um olhar distanciado.

Uma série de questões abordadas nesse capítulo ainda pede resposta. Em que medida o resgate da espontaneidade no contato humano e a busca por uma maior flexibilidade nas relações pessoais e sociais continua sendo um critério determinante na opção de europeus aventureiros por permanecer no Brasil, uma vez ultrapassado o umbral do encantamento ? Como as desigualdades sociais com que convivem aqui esses migrantes rebatem sobre o imaginário de uma sociedade multi-diversificada e permeável, reconhecida por sua notável capacidade de inclusão cultural ? Como se vêem esses “cidadãos do mundo” formados nos moldes do indivíduo inseparável da sua responsabilidade social, implicados nos contrastes sociais e das mestiçagens locais de modernidade com primitivismo ?

O relato da participação de alguns dos migrantes pesquisados em projetos sociais aqui sediados e financiados por Ongs estrangeiras e o depoimento acerca da expectativa de agentes locais envolvidos, revelaram um intrigante jogo de alteridades nos bastidores da cena do que poderíamos denominar “cooperação entre os povos por um mundo globalizado mais justo”. É possível verificar que a resposta local à iniciativa benevolente das Ongs financiadoras reage ao imaginário da globalização, com sua agenda sem fronteiras pela preservação da vida, abstraindo a assimetria entre as nações no plano mundial. Transferir a agentes locais a gestão de projetos sociais dependentes de recursos externos pode se tornar um foco de disputas e uma meta inalcançável.

Refletir a respeito ou colaborar na busca de soluções para os problemas sociais no sul global é sempre uma postura louvável e em certos casos compensatória, quando o afastamento dos problemas sociais “em casa”, originados por imigrações não desejadas de outras periferias, contribuiu para a decisão de migrar. O status de estrangeiro favorece o migrante ao eximi-lo da responsabilidade de cidadão face à injustiça social local, condição na qual a neutralidade é apreciada e a consciência apaziguada.

Mais do que respostas, o que obtivemos através dos relatos apresentados foi um esboço das inquietações suscitadas pela experiência migratória e de alguns questionamentos de natureza subjetiva, que por serem recorrentes no discurso dos migrantes pesquisados se impuseram como categorias para a análise, tanto dos imaginários como das vivências que neles intervêm, desconstruindo-os.

5 RUPTURA E CONTINUIDADE: CIDADANIA GLOBAL E RAÍZES LOCAIS

O modo como os migrantes aventureiros em estudo respondem ao desafio de inserir-se em uma sociedade que opera diferentemente da sua própria, na dupla condição de por um lado, “outsiders” e por outro, “cosmopolitas” beneficiários de um estoque de capital que envolve frequentemente certo prestígio, algum *savoir-faire*, formação técnica e cultural e recursos financeiros, traz à reflexão o tema da interação entre a cidadania global e as estratégias para fincar raízes no local de escolha para viver.

5.1 A INSERÇÃO FLEXÍVEL NO CONTEXTO LOCAL

A curto prazo não, porque foi muito duro prá mim me estabilizar no país e agora é que eu estou aproveitando o sucesso... (Franz, alemão, sobre a possibilidade de retornar ao seu país)

Uma vez tomada a decisão de migrar para o Brasil e mais especificamente para o Nordeste, em geral precedida de visitas em períodos de férias ou por um tempo mais longo, de caráter sabático que pode durar até um ano e que compreende também um estudo de possibilidades, alguns dos migrantes europeus entrevistados lançam-se de peito aberto à aventura de ocupar um nicho profissional de prestadores de serviços autônomos ou investir em um negócio próprio, frequentemente nos setores de turismo, hospedagem, alimentação e ensino de idiomas, ou em outra atividade que lhes pareça pouco explorada e promissora.

A confiança nas próprias habilidades ou a suposição de se encontrarem em “terra de cego” onde podem ser reis, nem sempre é suficiente para que as expectativas sejam alcançadas, o que depois de algum tempo de investimento pessoal e financeiro exige uma avaliação e um balanço dos ganhos e perdas, que não tem necessariamente por referência o status profissional anterior à migração. A disposição para “virar a página” no momento em que se decide migrar encerra com ela os parâmetros que regiam a trajetória profissional até aquele ponto, o que dali por diante está por começar assume um novo valor, medido em termos do desafio que se pretende enfrentar de se instalar em um novo lugar e de se desdobrar em outros eus possíveis.

O caso de Nicola que mudou-se para a Bahia aos 46 anos, deixando para trás dois filhos de dois casamentos e um emprego estável como psicólogo no setor público de Saúde, para aqui iniciar uma nova vida, pode ser ilustrativo da aposta no incerto:

A- Essa questão de mudar de um país prá outro, isso significou uma virada de página ?

N- É estaca zero, é começar novamente, como cultura, como ambiente, como clima, como trabalho, como afetos, uma nova família. Ou seja, a minha foi uma virada de 180 graus. (...) Em 95 eu voltei prá rever minha atual esposa, que conheci na primeira visita e também fazer esse estudo de possibilidades, tudo bem ser aventureiro mas tem que ver. Eu sou um tipo que joga muito sobre o primeiro contato, a empatia, mas é claro que tenho que ter um pouco os pés no chão para tomar uma decisão, que era em definitivo. Eu não pensei: vou, se não der eu volto, não, vou lá prá morar lá, se deve acontecer alguma coisa vai acontecer lá.

Após o investimento mal sucedido de arrendamento de um restaurante na Ribeira, que fechou após um ano, Nicola se viu no impasse de definir um novo rumo profissional e enfrentar uma situação de instabilidade permanente que se estende até o presente, ainda que moderada pelo fato da esposa veterinária ser funcionária pública.

Bem, o baque foi forte, não só em termos financeiros, porque às vezes é mais sério fechar que abrir. E também minha esposa ficou bastante abalada, nós nos casamos em 97 e ela já estava grávida, porque ela queria muito ter um filho. Levou um bom tempo pra tapar as dívidas, quitar o empréstimo, e daí eu também constatei a dificuldade de encontrar um trabalho aqui no Brasil, porque ou você vem com capital pra investir (eu falo de 10 anos atrás) ou não é fácil.

A sua formatura não é reconhecida se não for adequada à do MEC e também eu não posso participar de concursos públicos, porque sou estrangeiro. Eu teria que renunciar à minha nacionalidade para assumir a brasileira, o que não acontece na Itália, que dá a dupla cidadania. Prá revalidar o diploma me pediam o histórico de cada exame, que eu fiz trinta anos atrás, é complicado. O que eu faço? Vou cursar de novo para ser psico-pedagogo? Então eu comecei a ensinar o italiano, no Dante Alighieri e na Casa de Itália, fiz traduções para estudantes de Medicina, de Veterinária, uma coisa que não te dá a possibilidade de uma renda fixa, isso complica bastante.

A- E como você resolveu essa situação profissional?

N- É uma situação ainda não resolvida. Eu fui pra Itália quando minha mãe faleceu, resolver as questões de herança, de aposentadoria pelo tempo que eu trabalhei lá.

O impasse com que se deparou Nicola em seu encaminhamento ocupacional forçou sua flexibilidade até o limite, o de ter que conviver com um rendimento instável e sem um status profissional definido, condição tanto mais difícil para alguém que dispunha de uma qualificação reconhecida antes de migrar. Sendo um estrangeiro desprovido de uma reserva de capital financeiro que lhe assegurasse um padrão de vida confortável ou a

possibilidade de arriscar nos investimentos, Nicola teve que lidar com um recomeço de vida sem perspectivas claras e o ônus do rebaixamento na escala de prestígio ocupacional.

A experiência já relatada de Franz como investidor, passando por salões de cabelereiro, uma agência de Consultoria de Recursos Humanos e uma firma de reformas de imóveis, indica a maior margem de risco que sua condição financeira inicial lhe permitiu, sem afetar sua auto-confiança, apesar da constatação dos fracassos mencionada: *“Teve também dois ou três erros que eu fiz aqui, mas eles não me mataram; porque aqui, sem reservas, um erro já custa sua existência.”*, que o levou a um momento de balanço e redefinição de rumos.

Depois de oito meses eu pensei : nesse ramo (o de reforma de imóveis) eu trabalho prá caramba e não dá dinheiro . Então sentei na varanda , com uma garrafa de vinho tinto e um charuto que eu gosto, com papel branco e uma caneta e escrevi : o que você pode fazer , o que você sabe fazer , o que você gosta e o que lhe alimenta. Então eu pensei : o ramo de Turismo, já que eu tinha um pouco de experiência com viagens de grupo para incentivo, sempre acompanhei , sempre planejei junto com uma agência. Eu sei organizar coisas melhor que os baianos , eu sei falar alemão , por esses pontos eu acho que posso ter sucesso no ramo de Turismo.

Franz declara sua satisfação com a atual profissão de guia de turismo , apesar de auferir com ela um rendimento muito inferior ao que recebia na Alemanha em seu posto executivo na área de Marketing de uma empresa de Seguros, sem considerar tampouco os benefícios adicionais que habitualmente acompanham uma carreira bem sucedida em termos de inserção social, preferindo apontar outras razões para permanecer no Brasil.

A-Você diz que mesmo recebendo só 10% do que recebia na Alemanha você está satisfeito...

F- Mas ainda é cinco vezes mais do que eu vejo aqui na Bahia. Se você trabalha bem nesse ramo você ganha bem, com honorários e comissões, vendas de excursões e pedras preciosas.

A- Prá você, voltar para a Alemanha é uma possibilidade ?

F- A longo prazo é , a curto prazo não , porque foi muito duro prá mim me estabilizar no país e agora é que eu estou aproveitando o sucesso, não quero arriscar de novo não.

E também eu quero que este “bichinho” (a garotinha de dois anos , filha de sua atual companheira baiana, mais jovem do que ele) aqui passe a infância aqui , por que está bem melhor prá criança, lá tem outras vantagens , mas aqui tem mais liberdade.

As alternativas de atividades remuneradoras para o migrante aventureiro que a princípio podem parecer múltiplas, remetendo ao imaginário de um país aberto à iniciativa e um espaço ainda inexplorado, nem sempre se efetivam em confronto com a realidade concreta, quando os investimentos em prestações de serviços e comércio podem ou não dar certo, o conhecimento do mercado local requer tempo e a retomada de uma atividade profissional de formação enfrenta obstáculos burocráticos, conduzindo o indivíduo à condição de trabalhador temporário e informal por mais tempo do que ele desejaria, com alto custo para a sua auto-estima.

Diante da amostra diversificada de sujeitos pesquisados registram-se entretanto outras possibilidades de inserção profissional quando o migrante em questão chegou ao Brasil muito jovem, como foi o caso de Maude, inglesa que se mudou com o marido brasileiro para o Rio em 1971, aos dezenove anos e Rudolf que chegou à Bahia em 1969, aos vinte e dois anos e aqui se casou três anos depois. Maude relata uma colocação precoce num nicho ocupacional que se tornaria duas décadas mais tarde o setor mais dinâmico da organização de empresas, a Informática, através de laços familiares, apesar de não ter seu certificado de escolaridade reconhecido; e seu envolvimento profissional posterior com a área de Turismo :

M- Eu fiquei casada dez anos e eu comecei a trabalhar como operadora de computador em uma firma do primo dele.

A- Que tipo de computador ?

M- O computador era do tamanho dessa sala, que eu já conhecia da Inglaterra então foi fácil pra mim. Na época era novidade, era fácil, eu fazia perfuração e também manejava o computador, eu fiz o curso. Pra mim era bom porque eu praticava o português no trabalho.

(...) depois de dois, três anos eu queria continuar a minha educação, queria fazer uma faculdade. Só que não aceitaram na época o meu certificado de lá e eu tive que fazer o 1º e 2º anos do segundo grau supletivo e depois um ano de cursinho pra então fazer o vestibular ;

(depois da separação...) eu resolvi que ia trancar a faculdade de Biologia para trabalhar. Me ofereceram um trabalho na H.Stern como relações públicas nos hotéis e pagava muito bem. O turismo estava assim no auge nos anos 80 e eu comecei a trabalhar lá e fiquei por 10 anos, no Hotel Glória, a maior parte foi lá.

Assim como Maude, jovem em início de desempenho profissional com alguma formação prévia, Rudolf tem sua trajetória de trabalho na Bahia marcada pela iniciativa e multi-direcionamento, sendo iniciada por um convite para ensinar na Escola Técnica devido à sua habilitação na área de Metalurgia, seguida por uma grande diversificação

ocupacional, até a obtenção do diploma universitário por pressão do meio familiar em que estava inserido e que o apoiava:

Depois de deixar a Escola Técnica trabalhei na indústria como técnico em planejamento, como projetista e como gerente de fábrica e de contratos. Em 1992 constituí uma micro-empresa com a finalidade de fabricar ferramentas e dispositivos para a indústria local. Também trabalhei em vendas de frios alemães (salsichas, carnes, patês) e blocos de cerâmica. (...)

Com o início do namoro com minha esposa herdei logo um monte de amigos, além de cunhados e cunhada. Foi com o sogro que aprendi muito sobre a Bahia. Um fato talvez interessante: ser o único da turma sem diploma universitário me incomodou tanto que resolvi fazer vestibular, passei e cursei administração de empresas, me graduando pela UCSal. O resultado mais importante talvez tenha sido conhecer muita gente nova. (...) Trabalhei na época no CIA, Centro Industrial de Aratú e na maior parte do tempo de faculdade numa empresa que era um antro de fofoca, politicagem, sendo perseguido pelo próprio diretor.

O relato de Rudolf nos informa que o seu capital cultural de europeu lhe permitiu uma inserção profissional eclética e bem sucedida, ainda que sujeita às pressões das relações sociais no meio familiar e de trabalho, situações com que aprendeu a lidar a partir do conhecimento cultural adquirido na convivência ao longo de 40 anos de Bahia. Situação diversa é a dos migrantes autônomos que para cá vieram em idade mais madura, para quem o mercado de trabalho não está aberto em alguns casos devido à própria condição de estrangeiros, salvo se nele se inserem como empregadores, com todas as dificuldades que o desconhecimento dos costumes locais pode acarretar.

5.1.1 Constituindo laços afetivos para permanecer

Não, porque apareceu a Y., senão eu ia voltar, imagina, (ficar aqui) sem documento. (Yan, francês, sobre se havia considerado alguma vez a possibilidade de voltar ao seu país.)

A inserção flexível do migrante aventureiro europeu no contexto local vai depender de seu cabedal de capacitações e em certa medida de sua disposição para enfrentar desafios, o que pode variar de indivíduo para indivíduo. Entre os desafios que se propõem ao iniciar uma “mudança de vida em outro lugar”, pode estar o de estabelecer laços afetivos e formar uma família no contexto local, entretanto os relatos biográficos indicam uma multiplicidade de situações, que não conformam um padrão. O recurso ao casamento como estratégia de permanência pode não constituir um projeto calculado,

confundindo-se por vezes com o desejo de experiências vivenciais envolvendo o “outro”, culturalmente diverso, que torna-se então afetivamente significativa.

Entre os dezessete indivíduos entrevistados podemos encontrar situações de chegada no Brasil bastante diversas no que respeita à conjugalidade:

- um casal com dois filhos (Manon e Bernardo, franceses), que aqui terão um terceiro;
- duas mulheres belgas que aqui chegam casadas e com filhos, se divorciando após dois anos (Justine) e oito anos (Elise), sendo que a segunda se casa em seguida com um baiano, formando uma nova família com mais dois filhos;
- um alemão (Franz) casado com uma baiana residente na Alemanha, sem filhos, da qual se divorcia aqui, unindo-se em seguida a uma nova companheira, mais jovem;
- um alemão (Tobias) que entretém uma relação de cinco anos com uma brasileira que conheceu na Europa, antes de chegar ao casamento e ter com ela dois filhos;
- uma inglesa que se casa com um brasileiro na Inglaterra antes de migrar para o Brasil;
- um espanhol (Martin) que não estabeleceu aqui qualquer vínculo permanente ;
- um francês (Simon) que se casa com uma baiana que conheceu oito anos após a sua 1ª visita, com quem permanece, sem filhos;
- Entre os demais estão um austríaco (Rudolf), um italiano (Roberto), um irlandês (Carl) , dois franceses (Pierre e Yan), um italiano (Nicola) e um alemão (Bertold) que estabeleceram um laço afetivo no período de um ano a partir da 1ª visita, casando-se em um intervalo de até três anos ou menos. Destes, cinco tiveram aqui um filho. Dentre aqueles que obtiveram permanência em função do casamento ou pelo fato de terem gerado filhos brasileiros, sete permanecem casados ainda hoje.

O caso de Yan pode ser ilustrativo sobre o papel do laço conjugal na conjunção de fatores que, combinado à inserção profissional e ao status de legalidade que confere ao migrante, pode definir sua permanência ou não, ocasionando uma reformulação de seu projeto de vida. A condição de vulnerabilidade em que se encontrou após constatar que o 1º casamento não lhe havia propiciado automaticamente o visto de permanência, pôde se prolongar por anos, em virtude da tolerância da política imigratória brasileira e da possibilidade de acomodação no mercado informal de trabalho.

Y- Enquanto eu estava aqui (no 1º ano) eu conheci franceses que davam aulas particulares de língua e conseguiam sobreviver, quando iam embora passavam para outros franceses os alunos. Então eu já tinha visto que havia possibilidade de sobreviver, de ganhar um dinheirinho e B. já trabalhava como assistente social. (...)

A- E quando você veio pra cá você começou efetivamente a dar aulas particulares ?

Y- Sim e logo depois eu entrei na Aliança Francesa, o que a gente ganhava com a Aliança e aulas particulares se sobrevivia. Quando você é jovem , tem trinta anos, ainda nessa paixão da coisa nova que você está curtindo, tudo bem, mas depois de vinte, vinte e cinco anos ... Eu por exemplo, se eu não tivesse conhecido a Y. há quinze anos, eu teria voltado pra França por várias razões. Primeiro porque quando eu a conheci eu era ainda ilegal, porque com a B. a gente casou, pra eu conseguir a permanência, só que a gente se separou logo depois, mas quando você dava entrada com o pedido de permanência demorava um ano, dois anos , era assim. Quando eu recebi a resposta, uns quatro anos depois, já estava separado e a resposta foi negativa. Casar e ter permanência não era automático, na época era uma bagunça. (...) Então eu comecei os meus anos de ilegalidade, mas aqui se você não rouba e não vende drogas, a polícia não enche o saco dos estrangeiros. Oficialmente eu tinha sido deportado, mas na prática ...

O segundo casamento, que se estende até o presente, com uma ex-aluna particular, médica, com quem tem um filho de doze anos e uma convivência estável, veio solucionar os problemas de Yan; ainda que a falta de motivação naquela que segue sendo sua atividade profissional , o ensino de francês, sugere uma atitude de acomodação. Indagado se em algum momento pensou em retornar à França o entrevistado aponta a situação de incerteza que se apresentava para ele tanto lá como cá antes de encontrar a atual esposa:

A- Você não pensou efetivamente em voltar pra lá, em algum momento ?

Y- Não porque apareceu a Y., senão eu ia voltar, imagina, sem documento. Por exemplo, eu morei num apartamento que um aluno me alugou, sem contrato, sem nada até que um dia o pai dele pirou e me botou pra fora. Com a ajuda da Y. eu consegui locar um quarto e sala na mesma rua, o que seria difícil sem contra-cheque, sem nada ...

Então é óbvio que aqui eu não ia me deixar descer até a condição de mendigo, eu não ia agüentar, eu ia voltar pra França. Mesmo sabendo que na França não ia ser fácil, porque na idade que eu já tinha eu já não ia achar emprego, eu não tinha onde morar. Sem a Y. nem sei o que iria acontecer ... (...)

A-Mas hoje em dia aumentou a procura por cursos de francês, os intercâmbios acadêmicos com a França se intensificaram ...

Y- É verdade, tem muitos estudantes de Medicina, Engenharia , Direito, Arquitetura...

Mas dando aula particular você não tem promoção, é repetitivo e enche o saco.

No caso de Nicola a constituição de novos laços afetivos e conjugais na Bahia representou não apenas uma indicação concreta de que a “virada de página” em sua vida tinha sido definitiva, mas também provocou uma ruptura dos laços anteriores à migração envolvendo dois filhos de dois casamentos desfeitos, com alto custo afetivo para ambas as partes, uma vez que sua condição financeira precária não possibilitava viagens entre a Itália e o Brasil. Ao responder se houve momentos em que pensou em retornar, Nicola reafirma sua opção sem volta :

A- Você tinha laços lá na Itália, propriedade, alguma coisa que se você quisesse tinha como voltar, não ?

N- Sim, tinha uma casa, a minha mãe, minha irmã, mas não era o fato de voltar . Honestamente tinha essa questão de orgulho, eu fiz uma escolha que vários criticaram. Então eu vou lá e vou conseguir, não volto pra Itália com uma mão na frente e outra atrás, eu vou pra ficar. (...) Mesmo nos momentos mais difíceis eu pensei : fiz uma escolha, não é fugindo pra Itália que eu resolvo as coisas. Afinal eu tenho uma família aqui, filho, esposa.

A- E com a sua família de lá, você manteve contato ?

N- Sim, mantive contato e foi duro, meu filho F. eu fiquei sem ver por treze anos. Agora eu voltei lá, eu deixei um adolescente de quatorze anos e encontrei um homem de vinte e oito.

A- Você ficou treze anos sem ir pra Itália por falta de recursos financeiros ? E eles nunca vieram pra cá ?

N- Eles diziam: nós queremos que você volte, se temos que acertar as coisa tem que ser aqui. A gente falava por telefone, escrevia cartas. (...) Mas o problema era a distância em si, a impossibilidade de viajar, eles não entendiam isso. (...) O meu filho S. veio aqui um ano depois da minha mãe, em 2000 e ficou dois meses. Hoje a Itália pra mim é um lugar de férias ou pra ver meus filhos, mas não pra voltar pra lá e recomeçar a trabalhar.

As histórias de vida de Yan e Nicola se entrelaçaram na Bahia pela amizade e pela identificação quanto à sua condição de migrantes por opção que enfrentaram dificuldades de inserção ocupacional , compensadas pelo fato de estarem ambos casados com mulheres bem estabilizadas profissionalmente. Suas experiências diferem no entanto quanto às rupturas que a migração provocou , pois no caso de Yan elas praticamente não existiram, pois segundo declara “pouco tinha a perder” ao partir , enquanto Nicola pagou um alto preço emocional na relação com os filhos, ainda que os vínculos com o trabalho e com os casamentos anteriores já estivessem desfeitos.

Os laços afetivos podem também se estabelecer com aspectos da cultura local, caso em que o migrante independentemente de laços conjugais ou familiares continua sendo

fiel aos sentimentos de bem-estar que experimentou ao chegar, adaptando-se gradualmente às condições locais, mesmo conhecendo as limitações que lhe são impostas ou buscando alternativas para elas.

O depoimento de Pierre, que já foi mas não permanece casado e sem filhos, ilustra como nenhum outro essa flexibilidade e abertura nas declarações já citadas : *“eu me sinto mais vivo aqui”* , *“você não envelhece tão rápido aqui”* , *“aqui tudo é mais solto”* , *“se você está pensando em se instalar aqui, pega o bom de lá e pega o bom daqui, esquece as coisas erradas daqui”*. Sua notável capacidade de adaptação não significa entretanto que considere ter se “abaianado”:

Eu acho que até hoje eu me sinto e sempre vou me sentir como um imigrante aqui, eu não sou baiano, mas isso é muito enriquecedor. (...) E você não pode se achar...tem que ter um mínimo de compreensão, não é humildade mas, você tem que reconhecer que você não nasceu aqui , é assim que funciona bem, que funciona melhor.

5.1.2 Vantagens relativas de viver no sul global tropical / Viver “lá e cá”

Esses estrangeiros , como eu te falo , tem uma idade superior aos quarenta anos e vem procurando uma vida boa. (Martin, espanhol, sobre os europeus do bairro da Barra.)

A opção de permanecer no Nordeste brasileiro como residente, prolongando o quanto possível a fase de deslumbramento com a “vida tropical”, envolve inevitavelmente um balanço racional das vantagens relativas que o migrante aventureiro pode obter aqui em confronto com os benefícios que foram deixados para trás. O peso atribuído a cada benefício pode mudar ao longo da experiência migratória, quando o espírito aventureiro e um certo romantismo juvenil cedem lugar à preocupação com a própria saúde e a educação dos filhos, quando se está sob um regime de mercado e serviços privados.

A margem de liberdade adicional que a sociedade menos regulada pelo Estado pode oferecer se apresenta ao migrante europeu como uma vantagem, da qual fará uso de acordo com seu projeto de vida pessoal e mediante estratégias específicas, que podem ou não envolver laços com o país de origem e os rendimentos que continua a auferir como benefícios de aposentadoria ou seguro desemprego. Tais recursos podem representar um pequeno capital destinado à manutenção do migrante aventureiro por meio de um investimento modesto que gere uma renda, envolvendo ou não o trabalho direto do indivíduo.

Os depoimentos de Roberto (italiano) e de Martin (espanhol) sobre a inserção dos italianos no contexto local e as suas próprias, que contrastam com as demais, apontam um certo padrão nas colocações relacionadas com as vantagens relativas que o migrante minimamente capitalizado em euros pode agenciar em seu proveito, investindo em um pequeno negócio ou no mercado imobiliário em um momento propício para atividades especulativas.

R- Eu não tenho muita amizade com a maioria de italianos que mora aqui, porque eu faço uma vida diferente da maioria dos italianos.

A- Em que sentido ?

R- A maioria dos italianos que vem aqui não trabalha, ou são aposentados ou já tem uma situação econômica boa , então estão aqui só prá curtir a vida.

A- Mas estão morando aqui ...

R- Morando aqui porque casaram, porque abriram uma empresa, tem várias maneiras de ter a permanência . Eu faço uma vida como se fosse brasileiro, oito horas de trabalho por dia, seis dias por semana, a mesma vida que eu fazia lá.

A- E isso você observa só entre os italianos ou também entre os outros europeus também ?

R- A maioria dos europeus que eu vejo aqui não trabalha.

A- Isso independente de estarem próximos da idade de se aposentar ...

R- Tem o pessoal jovem que está bem porque tem casa na Itália, porque o papai é rico, não precisa trabalhar . É claro também que aqui precisa gastar muito menos dinheiro do que na Itália.

Martin, que atuou por cinco anos como professor visitante de galego num acordo entre universidades (a UFBa e a de Santiago de Compostela) decidiu permanecer mais um período após o término do convênio , abrindo um pequeno restaurante típico na Barra e também justifica sua opção em termos de vantagens relativas, se comparadas as condições de vida a que tem acesso na Europa.

M- Então , como eu estava gostando da Bahia e era uma bolsa que não podia ser renovada após cinco anos , eu decidi ficar.

(A- Por que ?)

Porque achei que não era o momento de ir embora, porque eu estava gostando da vida aqui . Eu sabia que o salário que eu tinha na Universidade, que eu recebia através da Espanha, era um salário bom para a vida daqui, talvez não para a vida de lá. Mas para um rapaz de 26 anos, em um mundo novo, com experiências novas ... (...) Eu pensei, tenho que deixar de lado (temporariamente) a carreira acadêmica, mas tenho que trabalhar em alguma coisa , então eu abri um bar-restaurante.

A- Você disse que o principal motivo de você permanecer aqui foi o padrão de vida ...

M- Que era bom e dificilmente eu poderia atingir lá. Morar em frente à praia, pagando um aluguel e o bar me permite trabalhar seis horas por dia . Eu posso estar na praia até as 6 hs da tarde e eu acho que isso na Espanha nenhum rico faz.

Indagado sobre o seu relacionamento com outros europeus residentes, uma vez que o bairro da Barra concentra um número expressivo de pequenos comerciantes estrangeiros, Martin aponta algumas estratégias empregadas pelos mesmos para assegurar a permanência, traçando um perfil de seu status e motivações, assim como do panorama de investimentos que a Bahia lhes apresentou a partir da década de noventa, através da sua divulgação oficial como destino turístico para o mercado europeu.

A-Mas voltando ao seu contato com outros estrangeiros, como se dá e com quais deles ?

M- Com os italianos, o Porto da Barra está cheio de italianos, e com características semelhantes. Pessoas com mais de quarenta e cinco anos, aposentados, divorciados, (...) cansados, que vendem um apartamento lá por 400, 500 mil euros, que comprem aqui dois, quatro ou cinco apartamentos , vivem de renda e arranjam uma mulher baiana.(...)

A- E o envolvimento deles com o comércio turístico é predominante ?

M- Sim , esses estrangeiros , como eu te falo , tem uma idade superior aos quarenta anos e vem procurando uma vida boa. Investem em apartamentos aqui para alugar e não precisam trabalhar, outros compraram taxis, tem a licença e empregam quatro, cinco taxistas. Outros se dedicam a bares, restaurantes, à infra-estrutura para turistas. Porque comparado ao Rio, Salvador é turístico há pouco tempo. Há dez anos não se ofertavam pacotes turísticos pra Bahia na Europa , era mais Fortaleza e Maceió. Na década de noventa a propaganda da Bahia chegou lá , eles vieram e compraram apartamentos por vinte mil reais , que valorizaram depois. (...) Ao conhecer como eram os preços por aqui, começaram a investir, o turismo estava nascendo e tudo pouco valorizado.

Em seu depoimento sobre a leva de migrantes alemães na Bahia a partir da década de oitenta, o ex-Cônsul relata a mudança do perfil do grupo ocorrida em meados da década de noventa, quando após os repetidos fracassos daqueles que poderiam ser classificados como hedonistas ou “náufragos”, teve início a vinda de pequenos investidores com algum projeto definido para aqui se instalarem, além de aposentados em busca de uma melhor qualidade de vida nos trópicos.

Depois houve uma mudança no perfil dos que vieram: pessoas com certo nível, que não eram pobres, com alguns pequenos recursos, que se estabeleceram aqui com pequenas pousadas

no decorrer dos últimos dez anos , se especializaram e estão reconhecidos. E uma segunda leva , que tem até alguns idealistas, médicos, dentistas , um pesquisador na área de Informática, que estabeleceu uma empresa chamada Absolute , que teve sucesso vendendo programas específicos para empreendimentos industriais , ou seja, ele achou um campo fértil e ganhou dinheiro.

E pessoas que na Alemanha se aposentaram com relativamente pouca idade , sessenta e poucos anos. Então temos hoje diversos alemães em situação boa aqui, que resolveram vender o que tinham na Alemanha por causa do clima, vieram para cá com a esposa, tem às vezes até família, que compram e constroem na Estrada do Côco, até Sergipe tem umas três bonitas Pousadas. Na Ilha de Itaparica se estabeleceram alguns, inclusive de alto nível , tem um de excelente família e está aqui há vinte, trinta anos. Mas esses são absoluta minoria.

O depoimento de Roberto, italiano residente na Bahia há vinte anos, oferece um peculiar exemplo de duplos pesos e duplas medidas na avaliação da experiência migratória. Nele evidencia-se um discurso contraditório no balanço de sua opção por residir aqui, em que as perdas e ganhos acabam por se anular, restando ainda assim um saldo positivo no que diz respeito a uma “qualidade de vida” possível de se alcançar, mesmo recorrendo às economias feitas enquanto trabalhou na Europa.

A- (...) Por que compensa você estar morando aqui e não lá ?

R- Sempre o 1º pensamento é o custo de vida, que é mais baixo aqui.

A- Mas você trabalhando aqui, ganhando em real, ainda assim o custo é mais baixo ?

R- Eu nunca vivi com o que eu ganho aqui, infelizmente. O nível de vida que eu quero, que eu estou acostumado a ter, o meu salário como gerente de restaurante no Brasil não chega nem à metade. Então eu tô vivendo com o dinheiro do meu trabalho de sete anos na Itália e coisas que eu tinha na Itália e que eu estou constrangido a vender prá morar aqui.

A- Então, compensa ?

R- Compensa, porque lá o custo de vida é mais alto, com o mesmo dinheiro eu vivo bem melhor aqui no Brasil do que na Itália.

A- Melhor em que sentido ?

R- Que eu posso ir duas vezes por semana ao restaurante , que eu posso ir a um show ou ao cinema. Tudo isso na Itália agora está muito caro.

A- Isso depois da entrada do euro ?

R- Sim, o custo de vida aumentou. Agora está difícil, as coisas que o europeu estava acostumado a fazer, não faz mais, tem que fazer cada vez menos filhos. Você chega na Itália você não vê pessoa jovem na rua , é tudo velho.(...)

Mas voltando ao assunto do custo de vida, um outro gasto que você tem lá devido ao clima é com a eletricidade, o aquecimento. Tem seis, sete meses de frio, precisa de aquecimento na casa, você tem que gastar uns sete, oito mil reais por ano com isso. Sem contar o gasto com roupa, que você precisa prá sair de casa, é muita grana .

Na fala de Roberto podemos observar um vai-e-vem entre os critérios que definem a decisão de aqui permanecer, ao considerar as vantagens relativas do custo de vida no lado “de cá” e os benefícios parcialmente garantidos ao cidadão pelo Estado da previdência social no lado “de lá”. Comentando sobre os estudos do filho em uma escola particular de Salvador, Roberto manifesta sua insatisfação com a precariedade da cobertura social aqui oferecida e a vulnerabilidade que atinge a todos, sem que isso constitua razão suficiente para justificar uma volta ao seu país de origem, a Itália. Considera a possibilidade de envio do filho, hoje com dezesseis anos, para lá prosseguir seus estudos e se mostra céptico quanto às perspectivas de mudança no panorama social brasileiro a curto prazo, revelando ao mesmo tempo seu desencanto com o que possivelmente, no seu imaginário, se apresentou de início como um “paraíso tropical”.

R- (...) E não é só a escola, tem outros gastos. No meu país é o governo que paga, é o povo que trabalhando paga os impostos. (...)

A- E que perspectiva você vê pro seu futuro, você gostaria que seu filho morasse fora do Brasil ?

R- Gostaria sim , prá segurança dele , prá saúde, prá várias coisas.

A- Você diz prá ele poder se beneficiar de um sistema de saúde ...

R- Claro , porque aqui, se você não tem dinheiro você morre ! É essa a democracia ? Isso não é democracia . Se você tem que pagar prá ter a saúde , a escola ... isso é um direito que a pessoa deve ter, não uma coisa que você deve pagar prá ter , eu acho uma coisa absurda.

A- Você acha que aqui a coisa vai mudar ? dentro de quanto tempo ?

R- Não acho que vai mudar em pouco tempo, o Brasil é um país muito grande prá mudar em pouco tempo, acho que infelizmente vai ficar assim, com os pobres cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos.

A- E você vai continuar morando nesse tipo de país ? (risadas)

R- A verdade é que não existem paraísos perdidos no mundo , o seu paraíso é onde você fica bem. Você tem que procurar um lugar onde tem menos coisa ruim possível, todos os países do mundo tem coisa ruim , não existe paraíso.

A idéia de que não existe um lugar ideal para se viver é compartilhada por Tobias,

que no depoimento já apresentado demonstra seu desconforto afirmando : (...) *“eu sofria com muita coisa na Alemanha, aqui também eu sofro com outras coisas, mas o ideal também não existe”*. Dotado de uma formação profissional interdisciplinar que inclui Letras, Idiomas, Administração de espaços culturais, Informática, História, História da Arte , Sociologia, Lingüística, Tobias acabou dedicando-se ao Turismo:

T- (...) Eu gostava muito de viajar, então prá mim Turismo é até um conceito de vida. É por isso que hoje estou tentando fazer uma coisa com que eu possa viver “lá e cá”.

A- Você acha então que o Turismo pode te satisfazer como atividade ?

T- Eu posso trabalhar virtual , onde quer que seja. Para ter uma agência hoje em dia, você não precisa mais ter uma agência física, você pode administrar tudo pelo Skype e os clientes nem vão perceber que você está sentado aqui numa varanda. Hoje em dia você tem possibilidades tecnológicas de estabelecer pontes que antes você não tinha.

Pierre (francês) que já praticara o “entre-deux” na década de 80, quando permaneceu três anos comerciando entre a Bahia e a Espanha e que atualmente volta à Europa um período do ano para executar um trabalho sazonal, se classificando como “frontalier” , pois atravessa diariamente a fronteira da França com a Suíça para desempenhá-lo, comenta sobre a sua opção pela flexibilidade, deixando para pensar no futuro mais tarde.

A- Mas cada vez que você vai , você retorna para o mesmo empregador de antes ? Qual é a profissão que você exerce lá ?

P- É de garçon , pelo lago Lemano de Genebra , em barcos antigos, na parte francesa da Suíça, passa por Montreux, você atende gente do mundo inteiro. Só que agora eu vou para trabalhar por quinze dias no Salão do Automóvel .

A-Então dá prá ir pegando esses trabalhos temporários, mesmo não sendo uma coisa segura ?

P- Mas é seguro, pelo menos quatro meses no ano , eu quase consigo me sustentar o resto do ano, é bem pago. De qualquer forma eu sempre gostei de trabalho assim , nunca gostei de rotina , onze meses de trabalho seguidos; o único lugar que eu consegui agüentar foi na Pousada.

A- E esse trabalho te dá direito a algum tipo de aposentadoria ? E você tem que ter algum registro em carteira, como temporário ?

P- Tem registro , é descontada a contribuição.

A- Vai chegar um momento em que se você continuar a morar aqui , vai receber a aposentadoria de lá ?

P- Não sei bem , porque quatro meses por ano de trabalho é pouco , para a aposentadoria . Não parei prá pensar nisso , faltam vinte anos prá chegar, uma hora ou outra eu vou começar a me preocupar com isso.

5.1.3 Envelhecer no Brasil e o futuro dos filhos /A síndrome do exílio

Depois chega um ponto, que é o momento atual, em que há a síndrome de estar no exílio por tempo demais. (Carl, irlandês)

(...)você se forma, tem sua bagagem de estudo e cultural, mas para ser desfrutada aqui, porque é aqui que você terá espaço. (Nicola, italiano, sobre o futuro do filho.)

A experiência profissional de Carl, dirigindo há vinte anos sua agência de Receptivo Turístico em Salvador, o levou também a lançar mão da tecnologia informática e organizacional para reservar para si próprio uma maior liberdade, o que pode lhe permitir partilhar entre a sua cidade natal e a Bahia o seu tempo, vivendo também o “entre-deux” cosmopolita. O tempo que Carl reivindica para si se refere à necessidade que sente no presente de retornar às raízes e se fazer presente junto à família que deixou para trás quando migrou, disposição que se acentuou com a projeção do que seria envelhecer no Brasil sem o apoio de um círculo familiar, que não formou aqui:

C- Depois chega um ponto, que é o momento atual, em que há a síndrome de estar no exílio por tempo demais. Eu ia passar o mês de dezembro lá para estar mais próximo de meus pais e das minhas irmãs e vou amanhã por causa do infarto do meu pai. De qualquer modo , hoje com cinquenta e quatro anos sinto que tenho que passar mais tempo lá, na Irlanda.

A- Com que frequência você vai prá lá ?

C- Há seis anos atrás eu disse prá mim mesmo: “enquanto os meus pais estiverem vivos eu vou prá lá uma vez por ano”. Minha filha de vinte e um anos, estudante de Arquitetura na UFBA, está lá prá ter uma experiência fora. Quando eu a levei, alugamos um carro prá passear e foi muito bom. Quando eu voltei decidi que queria passar mais tempo com minhas irmãs e partilhar esse cuidar dos pais, que já têm mais de oitenta anos. Aqui a minha família é só minha filha. (...) Então esse momento vem chegando há tempos já, a idéia de que o Brasil não é um país para velhos, prá quem não tem um ritmo familiar.

A- Você acha que o Brasil não é um país para velhos porque não tem uma boa assistência médica ou por outro motivo ?

C- Também, mas não sei se o velho é muito cultuado aqui não. A minha primeira providência vai ser duas vezes por ano passar um mês na Irlanda, porque a Informática me permite fazer isso e eu tenho uma equipe em quem eu confio muito. Tem muita coisa que eu faço aqui, que eu posso fazer de lá. Eu posso também fazer contatos lá, então o momento é esse, quero passar mais tempo lá.

A preocupação com o afastamento em relação aos pais idosos que deixaram para trás está presente também no depoimento de Cordelia, quando perguntada se, dado o seu perfil nômade até o presente, sua permanência no Brasil é vista como provisória. A possibilidade de o casal manter-se “cá e lá” é aventada e mesmo uma solução conciliatória, a de mudar-se para um país mediterrâneo onde possam usufruir das benesses do clima e da latinidade.

Eu duvido que nós vamos ficar, eu nunca fiquei num lugar (risadas), eu não me vejo ficando aqui e também tem outras questões. O pai de J. faleceu no ano passado e a mãe dele não está muito bem fisicamente. A minha mãe vai completar oitenta anos no ano que vem e a gente está um pouco preocupado sobre isso, as nossas famílias, as nossas obrigações familiares. Mas isso não impede que a gente fique, um pouco lá, um pouco aqui, eu não sei do futuro. Nós falamos uma vez que a gente estava querendo se aposentar na Itália, na Espanha, que seria interessante, mais perto da família. Mas eu tenho quarenta anos, tem muito mais anos na vida, espero né.

Indagada sobre os laços que mantém com a família na Inglaterra e se o retorno é ainda uma possibilidade, após viver por quarenta anos no Brasil, Maude declara sua responsabilidade com relação aos onze cães que abriga na Ilha como impedimento para partir, mencionando igualmente a possibilidade de viver o “entre-deux”. Seu compromisso com a causa de proteção animal que abraçou, envolve uma dimensão afetiva da vida que construiu aqui que dá mais sentido à sua permanência do que a opção de retorno ao núcleo familiar de origem, sobretudo tratando-se de uma família de perfil cosmopolita que, segundo ela relata, “*está espalhada pelo mundo*”.

Eu tenho mãe e pai vivos e uma irmã e mantenho laços estreitos com eles. Procuro visitá-los pelo menos uma vez por ano, o resto da minha família está espalhada pelo mundo. (...) Enquanto eu tenho meus bichos me sinto obrigada a ficar aqui, pois a responsabilidade por eles é minha. Não descarto a idéia de voltar daqui uns dez anos, mas vai depender da minha situação financeira na época. Não estou totalmente satisfeita com minha vida agora, pois seria ideal ficar seis meses aqui e seis meses lá, mas no momento estou sem possibilidade de fazer isso.

Em relação ao futuro dos filhos vemos entre os migrantes entrevistados depoimentos

divergentes: enquanto Roberto declara que gostaria muito de levar o filho de dezesseis anos para estudar na Itália, de *“formar uma profissão para ele lá”*, Nicola vê a questão desde outra perspectiva, em relação ao filho de doze anos, retomando a idéia de que aqui há mais espaço para se ocupar:

A- Pensando na sua posição de pai de L., você acha que há boas perspectivas aqui para o futuro dele ou você o mandaria estudar na Itália, se pudesse ?

N- Eu posso aconselhar ele, se tiver as possibilidades econômicas, a fazer uma especialização no exterior, isso sim, mas para trabalhar aqui. Ou seja, você se forma, tem sua bagagem de estudo e cultural, mas para ser desfrutada aqui, porque é aqui que você terá espaço. Prá mim se você é brasileiro deve tentar ajudar aqui, não nos EUA, aqui se uma pessoa sabe, ela desfruta. Mas é claro, é ele que escolhe. Porque tem muita gente que não sabe fazer, que é apadrinhado, que não tem a capacidade de fazer. Com estudo você pode ganhar bem aqui também, mas você deve saber.

A avaliação de perspectivas futuras para os filhos foi apontada por mais de um entrevistado como um dos critérios empregados na decisão de migrar para o Brasil, levando em conta a imagem deste como país emergente, pleno de possibilidades. Com relação ao projeto profissional do filho que chegou ao Brasil aos onze anos, hoje com vinte, Manon prevê um futuro incerto, mas afirma a escolha do filho orientada por vocação e a opção pelo Brasil.

A- E o seu filho mais velho, ele tem intenção de ir estudar na França ?

M- Não, pelo contrário. Se um dia a gente tiver obrigação de voltar prá França, ele já avisou a gente que ele vai ficar, ele quer se formar aqui. Uma vez que ele tá formado ele pode talvez voltar prá lá, mas ele quer se formar como oceanógrafo e lá na França ele não vai ter muita oportunidade.

5.1.4 Olhando em retrospectiva : viver no exílio e criar raízes

Depois de passar a maior parte da minha vida aqui, ganhei o direito de sentir que pelo menos metade da minha alma já é brasileira. (Maude, inglesa)

Quando provocados a fazer uma avaliação retrospectiva de sua experiência migratória, expressando ao mesmo tempo as razões que têm para permanecer no Nordeste brasileiro, apesar das dificuldades implicadas na adaptação, certos entrevistados enfatizam o aspecto do investimento existencial, profissional e afetivo já

realizado ao longo do tempo que residem, como principal motivo para aqui continuar. Tratando-se de indivíduos que se fixaram na Bahia em sua maioria na faixa etária entre os trinta e quarenta anos, é possível que o projeto de “mudança de vida” representasse para eles um compromisso maior do que uma aventura temporária nos trópicos.

O depoimento já citado de Franz (aos 50 anos) quando perguntado se voltar para a Alemanha seria uma possibilidade: *“A longo prazo é, a curto prazo não, porque foi muito duro prá mim me estabilizar no país e agora é que estou aproveitando o sucesso, não quero arriscar de novo não.”*, indica que apesar da mobilidade de que dispõe em razão de seu capital financeiro e profissional, que lhe permitiria retornar se quisesse, há o peso da trajetória biográfica experimentada, daquilo que foi construído ao longo de sua permanência, pois o termo “sucesso” se refere mais bem à capacidade de estabilizar-se e estar satisfeito com seu atual estilo de vida do que a uma meta de natureza pecuniária.

Um relato semelhante é feito por Elise (41 anos) sobre as razões que teve para permanecer no Brasil, após a separação do marido belga (com quem já tinha dois filhos) e oito anos de residência, no ano de 2004:

A- Você dizia que a razão para permanecer no Brasil, além do vínculo com o seu atual esposo, foi o círculo de amizades e as conquistas profissionais que você conseguiu aqui...

E- Além do meu caráter mesmo, se eu faço muito esforço para conseguir alguma coisa, com um certo objetivo, depois eu quero aproveitar um pouquinho disso. Depois que eu estou equilibrada eu quero aproveitar os frutos disso, coisa de que hoje eu não me arrependo. Durante esse tempo que eu fiquei no Brasil eu fui várias vezes prá Bélgica e a minha mãe dizia: volta, volta.

No caso de Tobias, que conserva o vínculo familiar com uma brasileira com quem teve dois filhos e no entanto vem mantendo um ritmo de “entre-deux”, passando parte do ano na Alemanha, a atividade flexível no setor do Turismo permite uma acomodação de aspectos e sentimentos de certo modo conflitantes que marcam sua biografia, tanto no plano profissional quanto no afetivo-pessoal. Suas razões para estar aqui envolvem também o compromisso com o que já construiu e a avaliação de uma fraca inserção profissional no seu país de origem, apesar de sua formação multidisciplinar.

A- Viver no exílio é uma questão de se adaptar e tocar em frente?

T- Eu acho o seguinte: em princípio você pode morar em qualquer lugar, depende se você está feliz com você mesmo, se você consegue isso. Tem até pessoas que vão prá Sibéria e conseguem viver lá. Na ocasião de nossa separação, (...) já tínhamos construído a casa aqui

e ela disse que gostaria de morar em Brasília. Eu tive a impressão que ela queria sempre estar em outro lugar e eu estava cansado, eu queria criar as minhas raízes. Na minha infância meu pai mudava de cidade por causa do trabalho e toda hora tinha um endereço diferente, eu ficava confuso.

A- Você é capaz de criar raízes no lugar em que você está ?

T- Eu acho que você não pode negar as suas origens, no meu caso eu fiquei pouco enraizado na Alemanha porque lá o meu sucesso profissional não era muito bom. (...) É por isso que hoje eu estou tentando fazer uma coisa com que eu possa viver lá e cá.

A- Como é possível isso e por quanto tempo ?

T- É possível se você administra seu tempo.(...)E tem agora o Skype, que aproxima demais, que me ajudou agora que eu estive alguns meses longe da família daqui , ficar muito tempo longe dos filhos é difícil. (...) Eu não quero me desligar daqui , as raízes que eu já criei aqui eu quero fortalecer .

A- No momento, quanto à sua ambição profissional, seria a área de Turismo mesmo ?

T- Acho que sim , como eu não sou mais muito ambicioso, o que eu gosto é isso mesmo.

A- É essa questão também de repensar os valores ...

T- Eu também quero fazer uma coisa um pouco diferente , eu sempre fiz coisas diferentes dos outros , faz um pouco parte da minha história.

A inserção flexível no contexto local a que Tobias se propõe e que pensa realizar através da atividade de agente de turismo, atuando como mediador cultural entre uma clientela européia e o destino instigante dos trópicos latino-americanos , beneficiando-se das facilidades que a comunicação virtual proporciona é também o objetivo de Bertold. Indagado sobre seu futuro, declara: *“Está em aberto. Eu coloco minhas raízes onde estou”*, o que denota o emprego da palavra “raízes” como uma contradição em termos, uma vez que ela não corresponde à idéia de fixidez profunda, pelo contrário, sugere uma capacidade ‘camaleônica’ de adaptação às possibilidades do entorno. Ao responder se alguma vez pensou em voltar para a Alemanha, B. se reserva o direito à mobilidade : *“Não, esse é o meu ciclo de vida agora. (...) Eu não estou com raízes aqui no Brasil, talvez um dia eu vou voltar prá Europa.”*

O retorno à Europa não está porém no horizonte de todos os migrantes pesquisados, como é o caso de Nicola (60 anos), que no depoimento já citado não cogita essa possibilidade , ainda que sua inserção no mercado profissional local seja precária e que tenha tido de assumir altos custos afetivos pelo afastamento do círculo familiar que deixou na Itália. Perguntado se sua decisão por migrar para a Bahia corresponderia a

uma saída para a “crise dos quarenta e cinco anos” que muitas pessoas podem experimentar, Nicola responde em termos reflexivos, remetendo ao modo como cada um responde a suas necessidades mais íntimas de realização pessoal.

Digamos que é uma circunstância que passa por muitas cabeças, digamos que muita gente não tem ou a coragem ou a oportunidade de fazer isso. Uma pessoa que tem um trabalho que ela ama de verdade, que dá satisfação contínua, que se renova, é pra mim a pessoa mais sortuda do mundo. (...)

Eu acho que mais gente do que se pensa gostaria de trocar, muitos não trocam porque tem família ... Prá mim o homem ou a mulher, se constrói um traçado que é uma jaula, porque depois você deve deixar afetos, compromissos ... Tem gente que diz: ‘o seu caso não foi coragem, foi inconsciência’ (a minha ex-esposa, por exemplo). São coisas que, prá fazer, a pessoa deve ter também uma certa dose de egoísmo. Deve ter também aquela força de vontade de realizar aquilo que a sua pessoa está pedindo e não dizer “não, agora não posso, devia ter feito antes”.

O depoimento de Yan nos informa com maior detalhe acerca da conversão do imaginário sobre a vida nos trópicos da América Latina, que o migrante aventureiro carrega ao chegar, em dados de realidade ao longo de sua inserção na vida local. Radicando-se em Salvador aos 34 anos de idade ele avalia que “não tinha nada a perder” deixando a França, mesmo levando em conta o amplo sistema de cobertura social do qual era beneficiário, e o confronto com as carências sociais no Brasil.

A- Nesse momento você não teve nenhuma reflexão do tipo: aqui eu tenho *Securité Sociale*, lá eu não vou ter ...

Y- Não, porque eu sabia que eu tinha tudo isso, mas faltava o mais importante, faltava um pouco de pimenta na minha vida . O amor por exemplo, na França eu tive casos mas nada realmente ... eu também não tinha família , só tinha minha mãe , então na verdade nada prá me segurar. Não tinha um bom emprego, não tinha uma família que contasse, amigos eu fazia em qualquer lugar. Então, sem saber eu estava pronto pra qualquer oportunidade. (...) Apesar de que quando eu cheguei eu não era ingênuo. Em São Paulo, quando eu cheguei eu vi tudo, a miséria, a violência ; eu sabia , eu via , mas não era o que me interessava. Eu me interessava pelas coisas boas do país, agora o meu olhar é o contrário.

A- Como é hoje em dia ?

Y- Prá começar a minha história de amor com Salvador terminou, o fato de dirigir piorou a situação, quando você não dirige aqui você não sabe , mas você está feliz. De ônibus você vê que o trânsito é uma merda, piorou muito . Eu li recentemente que em trinta anos a população dobrou em Salvador imagine, quando eu cheguei era quase um vilarejo e agora

tudo me irrita. (...)

Então em 30 anos, a magia, a cidade mudou, eu mudei, é óbvio, eu te falei, quando eu cheguei eu me maravilhei com as coisas que prá mim eram legais mas eu via também a violência, a miséria, eu não era cego, mas o bom ganhava do ruim. (...)

A- Você disse que se não tivesse encontrado a Y. (atual esposa) há quinze anos, você teria voltado prá França. Mas será que você teria suportado viver lá ?

Y- Ah! Não se engane minha filha, viver na França com um salário razoável eu adoraria... Simplificando, em qualquer país, se você tem um emprego ruim, se você ganha pouco, se você não tem amor, é igual, as diferenças culturais não mudam nada.

A julgar pelas conclusões de Yan, suas expectativas de “mudança de vida” que envolviam, sim, aspectos relacionados às diferenças culturais, climáticas e outros aspectos subjetivos que o fizeram permanecer na Bahia por quatorze anos até encontrar sua atual esposa, terminaram ao longo do tempo subsumidas pela crua constatação de que a inserção sócio-profissional é o que determina a satisfação pessoal, complementada pela plenitude na vida afetiva. Outra maneira de se interpretar o seu depoimento seria pelo viés da fantasia sobre o “outro lugar” como uma marca da contracultura dos anos setenta e oitenta associada à cultura jovem do período, que procurava negar a determinação do indivíduo pelas estruturas sociais e abrir caminho para a imaginação e reinvenção da sociedade.

Se o olhar em retrospectiva de Yan sugere um certo desencanto quanto à própria trajetória na condição de migrante, o depoimento de Maude sugere transições graduais de períodos de intensa atividade profissional e social até o momento atual, em que optou por um relativo isolamento junto à natureza na Ilha de Itaparica, percebidas como etapas conquistadas e decisões assumidas que compõem uma vida usufruída plenamente. Desempenhando em diferentes momentos papéis diversos, como operadora de computador (na década de setenta), agente de receptivo turístico no setor de pedras preciosas, professora de Inglês, tradutora e mediadora junto a Ongs locais e internacionais de proteção animal e de promoção social em comunidades carentes, bem como guia de turismo voluntária e remunerada, Maude empregou suas habilidades e o saber circulatório enquanto lançava raízes no Brasil, o que lhe permite hoje declarar uma identidade híbrida.

Minha vida social no passado era bem mais intensa e sempre no Brasil, mas atualmente me dedico mais à causa animal. (...) Eu era apaixonada pelo Rio de Janeiro, eu achava uma cidade linda, que já tinha uns problemas na época, né. Eu tinha muitos amigos brasileiros e

estrangeiros em uma comunidade bem interessante. (...)Eu viajava muito , prá passar o fim de semana às vezes em Petrópolis, em Angra.(...) Já em Salvador, eu gostava muito da cultura daqui , eu participava , ia em muita festa e tudo, hoje em dia já não. Eu gostava de viajar para o Interior, pegava o carro e ia prá Cachoeira , prá Salinas.

Durante esses 40 anos variava muito a frequência das minhas viagens para a Inglaterra, pois eu também gostava de viajar aqui no Brasil e nas Américas. Meus amigos antigos de lá não perguntam mais porque eu moro aqui, pois eu acho que eles me vêem como uma nativa já! Agora, pessoas que conheço há pouco tempo perguntam sempre e eu respondo que depois de passar a maior parte da minha vida aqui, ganhei o direito de sentir que pelo menos metade da minha alma já é brasileira. Como viajei muito nesse país eu tenho uma conexão forte com a terra, o povo e os animais.

O depoimento de Tobias apresenta o reconhecimento de benefícios que obteve no Brasil e que deseja retribuir, tendo em conta sua história profissional pregressa acidentada, que desembocou na atual ocupação de agente e guia de turismo.

No Turismo eu acho que há nichos prá ocupar aqui. Eu não quero fazer concorrência para a Ibero Service, quero uma coisa com outra visão, mais local, que acrescente algo prá pessoas , investir nas pessoas, com qualificação. Eu acho que o Brasil me deu muito e eu acho que tem coisas que eu posso dar prá esse país, no meu círculo pequeno , você começa com quem trabalha com você.

É possível identificar na fala de Tobias , assim como na de Carl, quando discute a questão ética na sua atividade de agente receptivo de Turismo : “ *esse destino aqui (Salvador) não é só um produto, é uma cidade onde as pessoas moram e esse trabalho tem com a cidade uma relação orgânica ; então eu não vou fazer nada que vá prejudicar*” , um compromisso pessoal e profissional com o país de acolhida desenvolvido ao longo de sua permanência , que se contrapõe aos casos citados de outros europeus que se instalam na Bahia movidos por um espírito hedonista, vivendo de rendas providas de pequenos investimentos imobiliários.

5.2 PERFIL E CLASSIFICAÇÃO INTERNA DOS MIGRANTES EUROPEUS AVENTUREIROS NA BAHIA

O grupo de europeus residentes que se dispôs a submeter-se a uma entrevista tendo

por foco sua experiência migratória , as razões para deixar a Europa e os critérios para selecionar a Bahia como local de moradia, foi composto de dezessete indivíduos autônomos atuantes nos setores de Turismo, Hospedagem, Restaurante e Ensino de línguas, com quem se estabeleceu contato no meio profissional em que eu mesma atuo ou já atuei , assim como por abordagem direta junto a seus estabelecimentos de trabalho ou por recomendação de outro entrevistado.

Entre eles estão três alemães, um austríaco-alemão, quatro franceses (um mulher), duas mulheres belgas (uma delas congolesa-belga), dois italianos, um ítalo-francês, um irlandês, uma gaulesa, uma inglesa e um espanhol , além de uma participação especial dos atuais Cônsules francês e italiano em Salvador e do ex-Consul alemão. Considerando a sua primeira visita ao Brasil como marco de referência, ainda que a radicação tenha se dado com algum intervalo, temos dois deles que para cá vieram no início da década de setenta; outros quatro ao longo da década de oitenta; cinco deles em meados da década de noventa; e outros cinco no início da década de 2000.

Sua ocupação declarada no momento da entrevista não corresponde a um engajamento permanente, pois como já foi demonstrado nos depoimentos, ela pode variar, transitando de um setor para o outro ou mesmo para um ramo de comércio ou serviços não experimentado antes, o que se mostra um traço recorrente entre migrantes de espírito aventureiro.

Recolheu-se também entre eles sua avaliação sobre os outros europeus instalados na cidade, em termos de ocupação e inserção na vida local, tal como os observam, quer seja por contato próximo ou distante, visando se obter a grosso modo uma classificação interna dessa migração européia “sem comunidade” , composta de indivíduos atomizados.

Admitindo-se que nossos pesquisados não compõem uma migração de forma alguma homogênea, apesar de compartilharem em sua maioria o gosto pela aventura, o interesse por outras culturas, a atração pelos trópicos do sul global, um certo hedonismo e em alguns casos um sentimento de desajuste que os torna “outsiders” em seu contexto de origem, o que se depreende de seus relatos é uma coletânea de histórias pessoais, marcadas por eventos tanto de caráter privado quanto coletivo. O modo como se inserem na sociedade local reflete suas especificidades, mas como já foi observado, suas habilidades como sujeitos “cosmopolitas” aptos à des(re)territorialização convergem para determinados setores de atividades, autônomas e flexíveis, o que contribui finalmente para compor o perfil de nosso migrante em estudo.

5.2.1 Náufragos hedonistas x Integrados

A chapa de um ou outro pode estar ficando quente por lá, sendo procurado pela polícia ou pelo fisco, ou por alguma mulher que queira receber proventos alimentícios para o filho.
(Rudolf, austríaco)

Acrescentando aos perfis já mencionados nos depoimentos compreendidos no ítem sobre as ‘vantagens de viver no sul global tropical’, em que se destacam os relatos acerca de migrantes de meia idade, sobretudo italianos, que através de pequenos investimentos buscam assegurar para si uma “dolce vita” na Bahia, há outra subcategoria citada por alguns entrevistados que busca caracterizar um tipo de aventureiro específico, que poderíamos qualificar de “náufrago”, pois aqui viria aportar esquivando-se de turbulências de sua vida pregressa. Os comentários de Rudolf e Pierre apontam para um padrão que nos remete à imagem da América Latina como os trópicos “onde tudo é permitido”, evocada tanto por Laplantine (1994) como por Garcia Canclini (2007), constituindo um bom lugar para se refugiar.

Apreciações de Pierre:

P- Eu acho que tem dois tipos de pessoa que vem prá cá, de estrangeiros: vem o que está a fim de se adaptar, de gostar do lugar; e outro tipo de pessoa que vem prá cá por necessidade, são meio obrigados ...

A- Em que tipo de circunstância ?

P- A pessoa muitas vezes foge de alguma coisa ...

A- Concreta ou psicológica ?

P- Os dois, por exemplo o cara se divorciou da mulher, ela foi embora e ele quer mudar radicalmente e vem pro Brasil. Ou também a pessoa tá fugindo da receita federal, cometeu alguns delitos, isso aí é muito freqüente.

Comentário de Rudolf:

A- Na sua opinião, que motivações mais freqüentemente tem trazido os europeus para viverem no Brasil e na Bahia, de trinta anos para cá ?

R- Pode parecer um estereótipo cômodo, mas muitos europeus vem tentar uma nova chance de dar certo depois de enfiar os pés pelas mãos no país de origem, tentar novas famílias, novos negócios. Há também gente séria como músicos da orquestra sinfônica, religiosos, alguns arquitetos, chefes de cozinha e empresários. Há porém muitos picaretas e criminosos, além de desempregados e aposentados que resolveram passar a época do clima inóspito do inverno europeu na Bahia... apenas vadiando e vagabundeando pelas praias, se enturmando apenas com vagabundos locais, putinhas e garotos de programa; sem nenhum interesse

aparente de querer integrar-se na sociedade, de conhecer as pessoas tipo "gente bem" que vivem por aqui. Isso se revela na incapacidade dos sujeitos de manterem uma simples conversa com gente baiana.

A- Que razões tem eles para deixar seus países de origem ?

R- A chapa de um ou outro pode estar ficando quente por lá, sendo procurado pela polícia ou pelo fisco, ou por alguma mulher que queira receber proventos alimentícios para o filho que têm em comum.

É notória no discurso de Rudolf a distinção entre o migrante que busca integrar-se à sociedade local através do trabalho e de laços sociais permanentes e aquele que de forma oportunista se insere precariamente nas margens, procurando usufruir dos benefícios do clima, da grande margem de tolerância nos costumes e mesmo obtendo vantagens das relações assimétricas quando se trata de aproximações amorosas ou prestações de serviços pessoais.

Vai no mesmo sentido o comentário de Simon, quando indagado sobre as motivações que teriam outros europeus para se instalarem aqui, a o que acrescenta a interferência do capital simbólico que o fato de ser europeu imprime às relações pessoais:

S- É que eu não conheço, então não sei. Talvez como você falou dos que vêm para cá durante seis meses, deve ser para escapar da pressão do trabalho lá e viver mais tranquilo, gastar o dinheiro aqui. Pelo que eu vi, vários eu não achei legal não, se aproveitam da pobreza daqui, tratando as pessoas muito mal, eu achei. Francês, suíço ou alemão é a mesma coisa.

A- Aproveitar da pobreza em que sentido ?

S- De explorar o brasileiro, “faça isso prá mim, faça aquilo” e pagar uma mixaria, dez reais, eles não fariam isso com um europeu, porque lá tem que dar cinquenta euros. Tem uns que eu não conheço, mas que tem uma maneira de ser de “nariz em pé”, de se sentir superior.

Em seu depoimento, já citado, Roberto enfatiza a ética do trabalho, contrastando sua própria situação com a de outros europeus residentes, apesar de seu relato a respeito da decisão de migrar para a Bahia, depois de ter aqui passado férias por dois anos consecutivos, revelar o quanto a evocação da “vida mansa nos trópicos” pesou naquele momento no projeto de mudança de vida: *“Quando eu voltava pra Itália prá trabalhar, eu sempre tinha esses lugares na cabeça, o clima, o ritmo de vida mais descansado.”* Mudança essa que, a julgar pelo balanço de vida que faz atualmente, não parece ter

se concretizado como imaginava: *“A maioria dos italianos que vem aqui não trabalha, ou são aposentados ou já tem uma situação econômica boa, então estão aqui só para curtir a vida. (...) Eu faço uma vida como se fosse brasileiro, oito horas de trabalho por dia, seis dias por semana, a mesma vida que eu fazia lá.”*

Ainda a respeito de italianos residentes em Salvador, Nicola faz suas observações, destacando o movimento constante deles entre a Europa e o Brasil :

Dos que eu conheci muitos vinham e se casavam para poder ficar, era matrimônio arranjado, outros se casam e tem filhos. Mas tem muitos que tem uma atividade mas fazem ida e volta pra Itália, mantêm sempre um contato lá, no sentido que eles não são completamente desligados. Para transferir-se em definitivo aqui, pelo menos aqui no Nordeste, tem essa característica.

O depoimento (já referido) do ex-Cônsul alemão em Salvador sobre a leva de migrantes aventureiros que predominou ao longo das décadas de oitenta e parte de noventa na cidade, revela um quadro de condutas radicais envolvendo o imaginário sobre o Brasil como paraíso da licenciosidade e da liberdade de costumes, atraindo para o Nordeste indivíduos em processo de ruptura com os códigos de valores rígidos do país natal e, em certos casos, em dívida com a Justiça. O entrevistado descreve a década de setenta como um período de prosperidade que se seguiu às duras penalidades impostas à Alemanha do pós-guerra, incentivando a livre iniciativa mas gerando também fracassados, dispostos ou obrigados a tentar a vida em outro lugar e movidos pela circulação mediática de imagens sobre as permeáveis e tolerantes sociedades situadas no e abaixo do Equador.

O crescimento da Alemanha naturalmente despertava muito o interesse de pessoas se estabelecerem, criar a sua empresinha, e uma grande parte por falta de conhecimento, etc, não teve sucesso, fracassaram e trataram de dizer: ‘isso aqui é uma merda, não presta’. Dentro desse grupo uma grande parte que fugiu de lá por falências fraudulentas, apropriações indébitas, etc, ou seja, certos assuntos criminais, contravenções. E depois os verdadeiros criminosos, eu tinha nas décadas de oitenta e noventa uma lista dos procurados para serem presos , que passou de 900 mil pessoas.

Então eu tinha aqui pouco mais de um time de futebol de gente deste tipo. Entre estes, no decorrer do tempo, traficantes, assassinos, fugitivos da justiça. A Bahia era naquela época subordinada a Recife, que era a chefia para todo o Nordeste, eu tinha na opinião deles o lugar mais “quente” de todo o Norte e Nordeste. Eu tenho e vou lhe dar uma poesia que eles (de

Recife) fizeram, que é interessante. Então tinha pessoas com absoluta irresponsabilidade, com absoluto desconhecimento do que iam encontrar e do que queriam fazer .

A combinação dos fatores de expulsão, que nos remetem à figura dos “degredados” que fizeram parte da colonização portuguesa no Brasil, com o incremento de um Turismo de massa voltado para destinos “baratos” do sul global tropical, competindo então com outros pontos turísticos já explorados em países asiáticos (a exemplo da Tailândia , Indonésia, Filipinas) , vai configurar a vaga de visitantes e potenciais migrantes alemães descrita pelo ex-Cônsul como característica do período. Não se pode ignorar nesse quadro o quanto a mobilidade facilitada e a circulação de imaginários estimularam a disposição desses indivíduos aventureiros para lançar-se, sem um projeto definido, contrariando frontalmente os valores da sociedade securitária de onde provinham, em um investimento existencial radical- por opção , necessidade ou em certos casos, por fantasias de uma liberdade pessoal impossível de alcançar “em casa”.

Essa era a grande massa neste período, quando eu assumi o Consulado, em 1982-83, e na década de noventa. Isso foi fomentado por vôos charter na época por um ridículo valor, só para encher o avião, com pensão de oito a quinze dias paga em hospedagens de baixa qualidade incluído no preço, era o padrão. Era tão barato que eu era assediado por pessoas que estavam no Centro Histórico que era na época um antro de prostituição e crime , etc , que ficavam sem dinheiro. Chegavam com pouco dinheiro naturalmente , porque era tudo pago , perderam o avião , eram irresponsáveis que fazia gosto e essa é que era a minha freguesia no Consulado.

Então esse pessoal desse nível era a grande massa que vinha para aqui, muitos deles pesquisando para ficar. Tinha outros que vinham querendo trabalhar, que era motorista de caminhão na Alemanha, arranjou uma neguinha que fazia acarajé e ele não conseguia lugar nenhum para ser chofer de caminhão , porque essa era uma profissão tão mal remunerada que não dava prá coisíssima nenhuma e ele não falava português. Tinha os aventureiros que vinham passar férias e sondar... Realmente pessoas que queriam trabalhar tinha pouquíssimas e que encontravam lugar para poder ganhar a sua subsistência .

Chegou depois a onda, nos anos 90, o quente era a pessoa emigrar da Alemanha, arranjar uma neguinha e abrir uma barraca de praia, naturalmente com perspectivas precárias.

O quadro descrito pelo ex-Cônsul converteu-se em anedota no âmbito consular

alemão em Recife, sede diplomática regional à qual se subordina Salvador, inspirando aos colegas recifenses os bem humorados versos rimados apresentados abaixo sobre a vida consular da Bahia , rendendo assim homenagem ao seu dedicado titular honorário.

A BOA VIDA CONSULAR (à la baiana)

Hoje a nossa reportagem na Bahia foi parar,
 onde um certo personagem muito dá o que falar.
 Sua vida de empresário não tem muita artimanha,
 mas como Cônsul Honorário cada dia é uma façanha.
 Até que seria vantagem sem manchetes, nem rebu,
 não fossem as agências de viagem e uma tal LTU.
 A Bahia é sedução muito mais que a Guanabara e
 o turista alemão vai na onda e quebra a cara.
 Muitos exageram o gole e brincam até sem malícia,
 mas a barra não é mole quando topam com a Polícia.
 Enfiados no xadrez vêem o sol nascer quadrado,
 mas o Cônsul por sua vez, depressa acode, coitado !
 Outros vêm para constatar o que é que a baiana tem,
 pensam logo em casar e ficam sem um vintém.
 Essas fogosas novelas têm um destino comum:
 pegar visto pras donzelas na Lucaia, 281.
 Sem saber até direito prá onde estão indo,
 a conversa só tem jeito com o Cônsul traduzindo.
 Dar uma de casamenteiro não é nenhum sacrifício,
 mas fora o serviço maneiro, tem os ossos do ofício...
 Correndo que nem um foguete vem um galego assustado,
 sem tostão e sem bilhete, dizendo que foi assaltado.
 E logo toca o telefone, alguém fala do hospital:
 “um doido com estranho nome está fazendo um Carnaval !”
 Uma ligação cruzada vem na hora da saída,
 a notícia é da pesada: “outro alemão se suicida”.
 E nesse redemoinho bate à porta o Delegado,
 “Vamos juntos, a caminho prendemos um alemão drogado”.
 Hospitais e funerárias e a Polícia Federal
 são alguns itinerários de um dia crucial.

Prá viver nessa agonia muitos corriam da parada
 mas o Cônsul da Bahia resolve tudo na risada.
 Atrás desse grande homem tem uma grande mulher,
 V. é o seu nome, muito eficiente ela é.
 Essa dupla caprichosa toca o barco prá frente
 com coragem espantosa, ajudando a muita gente.
 O repórter se despede mas retorna em outra hora,
 prá levar o que sucede ao programa AQUI E AGORA.

O destaque para o perfil do migrante contraventor, que mobilizava os esforços da representação consular para controlar as repercussões negativas de suas ações, sinaliza também a penetração de redes “globalizadas” de turismo sexual e tráfico de pessoas no espaço da cidade, com as necessárias parcerias locais, envolvendo a oferta combinada de lazer, sexo e hospedagem no Brasil e promessas de uma ‘vida artística’ fácil no mercado de cultura étnica, sobretudo para jovens mestiças brasileiras, na Europa.

A- Essas pessoas vinham de lá porque tinham alguma informação, qual ? e como era obtida ?

W- A informação era de que aqui era formidável, era um país tropical ... Era passada através de jornais, revistas, televisão ... Então era uma época em que a maior parte das pessoas que vieram era de aventureiros, ou fugitivos.

A- Mas o Sr. considera que essa leva teve um declínio ou ...

W- Sim, teve um declínio. Eu tive visita de polícia da Alemanha para caçar gente, era terrível, tínhamos gente que estava estabelecida aqui e descobriu-se que eram traficantes há cinco anos procurados lá. Outros que vieram prá cá em definitivo, prá ficar aqui, com dinheiro conseguido através de falcatuas , etc, e se estabeleciam porque eles vinham de determinado “milieu” , de determinado tipo de gente. Que se estabeleceram aqui com prostíbulos, com pares que vendiam moças a turistas, outros que tiveram uma duas organizações que tentaram viver aqui da exportação de jovens para se prostituir na Alemanha .Mas decente, com temos no Sul, gente que vinha de lá com uma profissão definida, que naturalmente viu a possibilidade de encontrar pessoas que falavam a língua, (quem vinha de lá também falava pelo menos uma outra língua) isso não aconteceu aqui, o que vinha prá cá era aventureiro em sua absoluta maioria.

Houve no entanto, como já foi referido anteriormente no depoimento do ex-Cônsul, um declínio nessa vaga de migrantes alemães hedonistas em meados da década de 90, substituída então por pequenos investidores que vieram aqui se radicar. Indagado sobre a conveniência para as famílias desses migrantes em deixar as facilidades e a cobertura

social que a sociedade alemã lhes proporciona para virem se instalar aqui, o entrevistado aponta a estratégia de viver o “entre-deux” que a mobilidade contemporânea e a disposição cosmopolita possibilitam a esse migrantes aventureiros, porém precavidos.

São pessoas de tal forma previdentes que eles não abandonam a segurança financeira e de saúde que eles tem na Alemanha; prá começar, eles apenas se instalaram em lugares paradisíacos. Muitos ao fazerem viagens como turistas voltaram encantados, fizeram eventualmente contatos com pessoas aqui, para depois de duas ou três viagens se instalarem, como eu tenho amigos que construíram casas na Praia do Forte, casas caras.

5.2.2 Os mediadores culturais do Turismo receptivo local

Entre os europeus residentes que podemos considerar integrados e que desenvolvem uma atividade permanente no setor de hospedagem, lazer e receptivo turístico se destaca o papel de mediadores culturais que desempenham junto a seus compatriotas e outros estrangeiros, seja atendendo a demandas específicas inclusive no caso do turismo de caráter sexual, seja no atendimento de modalidades especiais como o turismo cultural, étnico ou de luxo. Tal mediação nos remete aos imaginários sobre a América Latina, os trópicos do sul global e o quantum de exotismo que esse “extremo Ocidente” pode oferecer para o consumo desses visitantes dos países afluentes, ávidos por vivências estéticas, sensoriais e mesmo emocionais junto a uma alteridade que não se apresenta a eles como radical.

Como já foi relatado, a utilização dos recursos da Informática no setor de Turismo permite aos migrantes autônomos envolvidos nas atividades de receptivo como Bertold, Tobias, Franz, e o criador do site www.brasilrn.com (Yves Masset) oferecerem seus serviços como guias e tradutores da realidade local para os visitantes europeus, antecipando o conforto de se poder contar com o acompanhamento de ‘um dos seus’.

« Je n'en suis qu'au début de cette belle aventure, mais j'espère rapidement devenir un interlocuteur incontournable pour les séjours de Français dans cette belle région du nordeste brésilien. » Y.M.

(Estou apenas no início desta bela aventura, mas espero rapidamente tornar-me um interlocutor indispensável para a estadia dos franceses nessa bela região do Nordeste brasileiro (o Rio Grande do Norte)).

A busca de vivências pode se voltar também para o âmbito da saúde física e emocional, em que a possibilidade de cura para enfermidades ou desconfortos de

diversas ordens está relacionada a saberes populares, práticas tradicionais, curandeirismos, rituais místicos e conhecimentos ocultos que, não sendo autorizados no continente europeu, são buscados em territórios onde ‘tudo é permitido’ ainda que de forma velada, como na América Latina. Nesse caso o centramento do sujeito ocidental racional sai de cena para dar lugar à possível multiplicidade do eu, permitindo a intrusão da alteridade, desencadeando um processo de metamorfose no indivíduo que a ela se entregar, remetendo ao “alargamento da lógica” evocado por Laplantine (1994).

O relato de Nicola sobre sua chegada a Salvador por primeira vez é ilustrativo do papel de mediador dos europeus residentes, quando ao acompanhar um cliente tetraplégico de quem já se tornara amigo em sua viagem terapêutica ao Brasil, encontra apoio logístico para ambos na rede de acolhimento de italianos que buscam na Bahia os prazeres sensoriais do “paraíso tropical”.

N- Vim em 94 acompanhando um amigo meu que já faleceu, que era tetraplégico. Ele fazia aqui, com uma curandeira, uma série de massagens, um tratamento que aliviava a doença.

Ele me pediu várias vezes : “me acompanha”, até que um dia eu aceitei.

A- Então o seu amigo vinha se consultar aqui em Salvador ?

N- Salvador e Brasília, no interior, ele fazia esse tratamento de massagens e depois por uns seis, sete meses estava bem melhor.

A- Como ele entrou em contato com essa curandeira no Brasil ?

N- Apesar da sua limitação física ele gostava de viajar, ele era bastante autônomo. Uma pessoa que viajava bastante para o Brasil disse: “olha, tem esse tipo de tratamento, se você acredita, pode testar”.(...) Então em 1989 ele fez a 1ª viagem, uns dois anos depois do acidente.

A- Era um tratamento só de toque, massagem ou tinha uma parte espiritual envolvida ?

N- Era as duas coisas, em particular era massagem, tração e às vezes também podia doer.

A busca de hospedagem, face às dificuldades de mobilidade do amigo, acabou por conduzi-los à rede de italianos de passagem e sua logística, situada no bairro de Itapuã , avaliada como bastante providencial por Nicola.

No dia seguinte fomos lá em Itapuã , rodamos , rodamos, fomos no Casquinha de Siri . Eu fui um pouco na praia e encontrei uma moça, que devia ser garota de programa mas eu não sabia, e ela perguntou quem eu era e porque estava lá. Eu expliquei e ela disse : “olha tem um italiano aqui que tem duas barracas de praia e tem também duas pousadas” e fomos lá.

O primeiro impacto não foi bom, porque ele parecia um marginal, mas depois, se tem uma pessoa a quem eu posso agradecer em todos os sentidos foi ele. Fomos ver a pousada, era

uma casa grande em Itapuã, com piscina, havia quartos no térreo, então tudo bem. E ainda melhor foi o preço, porque ele alugava só prá italianos que chegavam da Itália. Claro que chegavam de lá com um certo tipo de programa, ele já tinha conhecimento de pessoas... Mas tudo bem, o espaço era bom pro meu amigo, ele dava jantar, alugava um carro a um preço acessível portanto isso facilitava bastante.

Na atividade de turismo receptivo que desempenha enquanto dono de uma agência local, Carl se vê confrontado com demandas que são estreitamente ligadas ao imaginário sobre o Brasil como país dotado uma sociedade tolerante e pouco vigiada quanto à moral e os costumes, que circula internacionalmente; e na posição que ocupa de intérprete da cultura local para o visitante estrangeiro se vê envolvido em questões éticas, sobre as quais se posiciona sem ambigüidades, em um terreno comumente fértil para elas.

Nós fomos contatados pelo Rio recentemente para receber um grupo de quinze russos que viriam e para quem tínhamos de providenciar quinze acompanhantes. Nós dissemos que esse trabalho nós não fazemos. Eu tenho a opinião de que nós vivemos desse trabalho nesse destino aqui - Salvador, que não é só um produto, é uma cidade onde as pessoas moram e tem com ela uma relação orgânica, então eu não vou fazer nada que vá prejudicar. É aquela questão da ética, ou tem ou não tem, não tem discussão, tá certo ou tá errado.

5.2.3 Cosmopolitas provincializados : calculistas x existencialistas ¹⁰

O que essa cidade oferece prá mim em relação à cultura, é um pouco chato dizer isso, mas é nada. (Bertold, alemão)

Eu conheço uma escocesa que reclamava por não ter música clássica aqui em Salvador, (...) se você quer música erudita você vai prá Viena (Cordelia, gaulesa)

¹⁰ Os “tipos ideais” aqui propostos reúnem as características mais marcantes no discurso e na prática dos migrantes em estudo, que como sabemos não se situam inteiramente em nenhum dos extremos e devemos levar em conta que o cálculo, em maior ou menor grau, está presente no projeto migratório de todos. A título de esclarecimento apresento o que entendo por cada um desses perfis:

- existencialista : privilegia a vivência e o conhecimento sensível mais do que o conhecimento racional/ intelectual; preza sua liberdade de ser, se deixa guiar pela própria subjetividade e não por parâmetros externos ditados pela ordem social; abre mão de um status socialmente assegurado para lançar-se em experiências vivenciais que possam enriquecer sua bagagem cultural e seu auto-conhecimento; não prioriza a obtenção de vantagens financeiras ou de prestígio social, mas o aprendizado em encontro com o “outro”.

- calculista : privilegia o projeto racional envolvendo uma avaliação das vantagens relativas de migrar do norte para o sul global; não se mostra inteiramente disposto à transformação de si ou do quadro de valores que carrega consigo no encontro com o “outro”; tende à postura condescendente de compreender as limitações do “outro”, visando estabelecer estratégias de como lidar com elas vantajosamente; mantém a perspectiva da assimetria nas relações norte-sul, se vendo na posição de “neo-colonizador”.

A vinda de europeus de mentalidade cosmopolita para o Nordeste do Brasil pode indicar um movimento no sentido de uma recusa voluntária de boa parte do estilo de vida metropolitano, na medida em que se afastam dos saturados centros econômicos e buscam ocupar espaços disponíveis em áreas em desenvolvimento onde a oferta de bens e serviços, assim como de produtos culturais, é relativamente menor, se comparada a seus lugares de procedência. São atraídos em contrapartida pela permeabilidade da sociedade local, pela acessibilidade de bens imobiliários e pela possibilidade de vivenciar outra cultura, mais maleável que a sua.

Habituaados ao planejamento e ao cálculo nos seus empreendimentos, bem como beneficiados pelo capital cultural e simbólico de que são portadores nas relações que estabelecem localmente, os migrantes aventureiros em estudo se diferenciam no entanto internamente ao grupo, quanto ao maior ou menor caráter existencialista de sua aventura migratória, i.é., de sua disposição para metamorfosear-se no encontro com o “outro”.

A vocação para o nomadismo e a atração pela alteridade explica a tomada de decisão por migrar sem um planejamento racional de alguns, e em certos casos a confiança no próprio saber circulatório se faz acompanhar da intuição, caracteristicamente feminina, como se dá com Cordelia. Dona de um perfil peculiar de migrante existencialmente motivada, que desenvolve trabalho social junto a Ongs na Inglaterra e Salvador, Cordelia relata de que modo sua vivência nos bairros populares de Salvador modifica sua visão de mundo.

O que eu percebi muito que realmente eu aprendi aqui, é sobre injustiça social. Eu acho que eu me sensibilizei mais, é claro que eu já estava bastante sensibilizada em Londres, porque eu trabalhava com as famílias mais pobres que tem lá. Mas eu acho que aqui me deu uma perspectiva mais global da pobreza, do que afeta, e acentuou em mim o que eu já tinha, mas acentuou a questão de que eu não gosto de coisas materiais, eu não sou materialista.

A disponibilidade para a metamorfose, acentuada no perfil de Cordelia, tem no depoimento de Bertold, residente na Bahia há dez anos mas freqüentador há quatorze, um forte contraponto, denotando em seu discurso pouca disposição para aceitar as idiossincrasias locais e certa perplexidade diante do que considera “paradoxos da cultura brasileira”, face à que suas certezas ainda que não abaladas, são perturbadas.

Eu gosto de música popular brasileira e tem uma coisa interessante, é que o povo vive, quer dizer, eles fazem tudo minimalista, eles comem minimalista, fazem todo dia a mesma comida, então eles não criam muita coisa. E como eles conseguiram criar a bossa-nova, o samba ? Tudo o que você escuta é de um padrão de qualidade muito alto. É uma coisa

totalmente desligada do resto da vida deles, viver simples, comer simples. Não é um mundo que busca a cultura , não tem oferta, mas tá criando coisas fantásticas.

Declarando sua familiaridade com a música, pois toca piano e violão, foi DJ em baladas tecno e participante de bandas de rock na Alemanha , Bertold diz não ter encontrado na Bahia músicos com os mesmos interesses que os seus e tampouco identificar-se com o ritmo local : *“Você tem Axé aqui e é uma coisa que eu nunca aprendi, não é minha cultura. Eu gosto de ouvir de vez em quando, mas eu não vou fazer pagode , nem forró.”* Perguntado como avalia a oferta de atividades artísticas e culturais em Salvador e se frequenta algumas delas, Bertold é implacável na sua apreciação do panorama cultural local, com o qual não apresenta qualquer sintonia.

O problema aqui em Salvador é que não é uma capital como São Paulo, Rio de Janeiro, aqui é uma província. Se você vai num museu, o museu não tem nada aqui. (...) O que essa cidade oferece prá mim em relação à cultura é um pouco chato dizer isso, mas é nada.

Indagada sobre como vê os outros europeus que residem em Salvador e sua integração no contexto local, Cordelia estabelece duas categorias de migrantes, com respeito à identificação ou não com o panorama cultural que a cidade oferece; questão que remete à própria opção por migrar e permanecer no lugar, em se tratando de indivíduos que escolheram a desterritorialização e o destino dela livremente.

De um modo geral os estrangeiros, tanto os europeus quanto os norte-americanos, os australianos , caem em dois grupos. Uns que ficam mais ligados com a cultura popular, que se entregam, que tem uma vida mais simples , menos ligada às coisas; e tem os outros que são mais como se fossem os “expatriates” , que reclamam muito e que fazem parte da classe média de Salvador, que se integram mais com esse tipo de vida . Tem esses britânicos por exemplo que se encontram lá no Cemitérios dos ingleses, tem sempre uns cocktails e geralmente a gente vai, (...) tem uns que se integram e uns que não.

O J. tem um amigo italiano que mora no Morro da Pedra da Sereia , a vida dele é de lá. Tem a Maude, de quem te falei e que está aqui há 40 anos, que mora no Largo 2 de Julho e na Ilha de Itaparica, ela tem uma vida interessante. (...)Eu tenho um conhecido que mora aqui, bem mas bem branquinho, não gosta de nada do sol, eu acho que deve ser prá ele um inferno, imagina, ele nem pode sair , nunca vai prá praia. Eu conheço uma escocesa aqui que reclamava por não ter música clássica aqui em Salvador, ‘querida, é claro que não tem, porque não faz parte da história daqui , se você quer música erudita você vai prá Viena’ (risada). Tem alguns que são assim, que são infelizes.

A combinação do envolvimento desprendido com a cultura e as comunidades locais e o cálculo racional de vantagens enquanto investidores beneficiados pelo câmbio monetário, que envolve também o capital cultural e simbólico dos europeus no contato com a população nativa, pode gerar situações ambíguas para o migrante inexperiente, que terminam por revelar conflitos de interesses. O relato de Maude sobre a experiência de uma conhecida sua, alemã, que passou a residir na Ilha, é ilustrativo:

Teve uma amiga de uma amiga minha, que foi passar uns dias na Ilha, se apaixonou e acabou comprando uma casa lá. Mas eu falei pra ela não comprar aquela casa porque ela estava do lado da praia onde a maré está tomando e que ela ia perder aquela casa. E não tinha segurança nenhuma, mas ela achou que não tinha problema nenhum e comprou assim mesmo, agora está cheia de problemas.

Quem não tem experiência nenhuma ..., eu dei todas as dicas pra ela: se você vai abrir a sua casa as pessoas vão aproveitar. Resultado: ela emprestou dinheiro pra Deus e o mundo, fez empréstimo pros nativos, abriu a casa. Hoje em dia todo mundo está devendo dinheiro pra ela, sabe como é que é? Eu dizia: “você não pode fazer assim”. Eu já passei por muita coisa então tentei avisar, mas ela dizia: “Eu morei na Ilha de Mallorca, e toda ilha é igual”, mas não, aqui é Brasil, lá é Espanha, é diferente. (...) Hoje em dia ela fechou, fechou assim a cara pra todo mundo, quer dizer: “Bom dia, Boa noite”, mas não é mais aquela mão aberta. Aí é a migração de pessoa que não tem idéia, foi avisada mas entrou direto pelo cano...

Apesar da experiência acumulada durante os vinte anos que residiu no Rio de Janeiro antes de mudar-se para Salvador, a própria Maude relata reveses sofridos no papel de investidora na cidade, que lhe deixaram um amargo saldo de decepção com relação aos amigos envolvidos, mesmo que indiretamente, no negócio.

M- Eu sou assim: se você me fala uma coisa eu confio, né, de cara. Mas muitas pessoas depois eu descobri, nem todo mundo é claro, que tinha interesse pelo fato de que você é estrangeiro, de querer tirar algum proveito. Eles tem mania de pensar: “o gringo tem dinheiro”.

A- Mas essas pessoas no caso, eram de uma classe social mais modesta?

M- De maneira geral sim, mas nem todo mundo, eu não estou discriminando. Eu me decepcionei muito com um amigo e uma amiga, mas ao mesmo tempo eu tive muito apoio de outros baianos que foram amigos mesmo, até hoje. Mas eu perdi o interesse nas festas...

A- A sua decepção foi com relação a o que você sentiu no início, por achar talvez que as relações eram mais calorosas e constatar depois que isso não significava amizade?

M- É, exatamente. É isso mesmo, que era muitas vezes superficial. Às vezes a gente tem que passar por isso prá aprender, então eu passei a desconfiar muito, muito mesmo das pessoas. Inclusive o irmão de um amigo meu, eu fiz um negócio com ele, que era assim um coisa boa de investimento, comprar um apartamento e revender. Eu conhecia a mulher dele, os filhos. Eu perdi muito dinheiro porque ele não me contou que o apartamento devia anos e anos e anos de IPTU, então no final eu me decepcionei porque eu nunca pensei que uma pessoa fosse planejar ... foi uma espécie de um golpe.

A margem de risco maior que um estrangeiro pode correr ao fazer negócios que envolvam amizades recentes feitas ao calor da hospitalidade, sugerindo um grau de confiabilidade que é apenas aparente, remete uma vez mais às assimetrias das relações entre classes e países que em certos momentos o migrante de perfil existencialista prefere ignorar, ofuscado pelo contato humano e a comunicação fácil que impactam o migrante europeu em um primeiro momento. A afirmação citada anteriormente no depoimento de Pierre: *“Você sendo estrangeiro você pode se relacionar com diversas categorias sociais, com uma pessoa bem humilde ou com um empresário lá.”*, sugere um trânsito aparentemente livre através da hierarquia social local, sem que seja necessário alinhar-se com ela.

O status de estrangeiro, sobretudo europeu, carrega no entanto uma forte carga de significados marcada pela figura do colonizador e em certa medida provedor, de quem se pode obter algum benefício; mas também por aquela do agente civilizador que adentrando um universo que não lhe pertence, pode perder suas referências e ver suas certezas subvertidas.

5.2.4 Investidores & aventureiros: (in)visibilidade e estratégias de permanência

Em busca de informações sobre a variação no número de europeus residentes na Bahia nos últimos 40 anos que pudesse refletir possíveis efeitos da globalização sobre a opção de aqui se instalarem, recorremos ao Núcleo de Registro de Estrangeiros da Polícia Federal situado no Aeroporto 2 de Julho, obtendo do responsável pelo setor, Sr. Paulo Sampaio, algumas informações sobre o requerimento de visto de permanência, o procedimento burocrático que mais de perto revela as estratégias de instalação a que recorrem os migrantes em estudo.

Pautado na Lei do Estrangeiro ainda vigente, o controle de entrada e saída de estrangeiros foi mantido através do registro em livros até 1979, ano em que se deu a informatização dos arquivos da Polícia Federal, cujos dados passaram a ser armazenados por computador, eliminando todo controle escriturário. Hoje apesar do acesso imediato às informações sobre quantos entram e saem e quantos estão requerendo permanência no Brasil e sob que categoria, esses dados informatizados são de reserva da PF, não por serem sigilosos informa o Sr. Sampaio, mas por conterem ali informações pessoais são de uso exclusivo da PF. O acesso a esses dados não sendo franqueado ao público através de publicações, nos levou a abordar na entrevista com o chefe do setor a questão das categorias previstas para a obtenção da permanência, para confrontá-las posteriormente com os relatos das estratégias empregadas pelos migrantes entrevistados.

Indagado se o pedido de permanência feito pelo migrante é da alçada da PF, o Sr. Sampaio esclarece:

É até certo ponto, porque existem diversas formas. O pedido de permanência pode ser originário de reunião familiar, de casamento, de uma transformação de visto, no caso dos contratos de trabalho, a contratação de mão-de-obra e no caso do contrato ter se tornado definitivo. São 84 resoluções e todas elas são do Ministério do Trabalho e Emprego, porque é esse Ministério que preside o Conselho Nacional de Imigração, que é uma Junta que analisa esse tipo de pedidos em Brasília.

A partir dos recadastramentos instituídos pela PF tem-se hoje, informa o Sr. Sampaio, um retrato atualizado quase que diariamente de todos os imigrantes no Brasil, ainda que a ênfase recaia sobre os investidores, sem discriminar outras motivações para o requerimento de permanência:

PS- Só que esta informação de que dispomos, até por não interessar a motivação dessa vinda, nós dispomos por região e países, só. Mas também no site, no Conselho de Imigração, eles tem uma estatística por região, de quantos estrangeiros investiram ou obtiveram visto para investimento por região no Brasil. (www.mte.gov.br)

A- Aí diz respeito especificamente aos investidores ?

PS- Sim, os investidores, os outros tipos de visto estão todos misturados, a única classificação nossa a título de pesquisa é saber se é permanente ou temporário e em que região ele foi registrado.

Entre as informações acessíveis no portal mencionado acerca da atividade econômica de estrangeiros radicados no Brasil, constam dados fornecidos pela Coordenação Geral de Imigração (CGI) que podem, com certa dificuldade, sugerir pistas para o pesquisador que deseje rastrear a participação de tipos de imigrantes específicos como investidores ou na qualidade de mão-de-obra especializada, por Estado de residência ou país de procedência.

Entre elas estão, por exemplo, a tabela referente aos valores dos investimentos de estrangeiros, pessoa física, por país de origem (em USD) e aquela referente aos valores investidos pelo conjunto dos imigrantes por unidade da federação. Se bem que discriminem, em tabelas separadas, a origem dos investidores por um lado e o Estado em que o investimento foi feito por outro, o cruzamento dos dados não é possível. Seguem abaixo algumas cifras, a título de exemplo :

Ano 2008 investimentos feitos por italianos no Brasil USD 22.757.548

Ano 2008.... investimentos feitos por estrangeiros na Bahia USD 20.937.026

Constam também do mesmo portal dados sobre as autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros, pessoa física, por Estado, assim como a tabela referente a autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros no Brasil, por país de origem, sem que se possa cruzar os dados. Ex:

Ano 2008 autorizações de trabalho concedidas a franceses no Brasil 1613

Ano 2008 autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros na Bahia 506

Discrimina-se também as autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros por categoria (permanente ou temporária) e por prazo (noventa dias, um ano, dois anos com contrato, dois anos sem contrato). A autorização permanente é concedida a investidores (pessoa física) ou a administradores, diretores, gerentes, executivos e “outros”. A autorização temporária é concedida a trabalhadores embarcados ou locados em plataforma marítima, artistas, desportistas, técnicos sem vínculo, aqueles envolvidos em cooperação técnica e transferência de tecnologia sem vínculo, especialistas sem vínculo, marítimos de turismo e “outros”.

Consta ainda a tabela com as autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros no Brasil por grau de escolaridade.

Vemos a partir desse elenco de ocupações definidas pelo Conselho Nacional de Imigração como aptas à obtenção de vistos seja de permanência temporária ou prolongada, que em princípio elas devem coincidir com os interesses econômicos do país, no caso de contratação de mão-de-obra, de cooperação técnica, ou da vinda de investidores. Aqueles migrantes que não apresentam uma qualificação profissional definida ou não podem exercê-la por falta de reconhecimento oficial ou de contrato de trabalho são considerados “residuais” no cômputo do controle migratório.

Observando no site do MTE a relação de atividades desempenhadas por estrangeiros passíveis de beneficiar-se da autorização de trabalho e conseqüentemente da autorização de permanência, vemos que ela não contempla a modalidade “prestação de serviços” sem uma habilitação técnica específica, deixando na invisibilidade a maior parte dos migrantes aventureiros que não se enquadram na categoria de investidores. A busca da classificação como investidor pode tornar-se então uma estratégia empregada pelo migrante autônomo para “regularizar” sua condição perante as instâncias do controle migratório, que por seu lado não ignora os estratagemas utilizados. O responsável pelo registro de estrangeiros da PF relata :

PS- O 1º passo para que um estrangeiro obtenha um visto de permanência através de investimento é constituir uma empresa, e esse dinheiro tem que vir através do Banco Central do Brasil, para ser integralizado ao capital da empresa que ele constituiu. Essa empresa terá que ser administrada por um brasileiro ou um estrangeiro já radicado no Brasil na condição de permanente. (...)

Alguns estrangeiros, inclusive italianos, estão usando o artifício de comprar um imóvel, um apartamento e abrem uma empresa, porque pra constituir uma empresa é relativamente fácil, é burocrático mas é fácil no Brasil e nem existe fiscalização.

A- Não existe restrição para um estrangeiro abrir uma empresa?

PS- Não, ele abre a empresa com um sócio brasileiro ou sócio estrangeiro residente; o objetivo dessa empresa é explorar o ramo da Imobiliária, mas ele só tem um apartamento que ele comprou por 150 mil reais. Com aquilo ali ele vai obter o visto dele como permanente, na condição de investidor e vai ser mantido por um imóvel que já existia no Brasil, cujo proprietário já pagava o que devia pagar de impostos, ele não está contribuindo em nada para a economia.

A- Eles usam isso como um artifício para se instalar... E esses outros que vem sem nenhum capital e acabam dando aulas de idiomas, como professores prestadores de serviço, ou então vão trabalhar na área de turismo como guias, isso entra nessa estatística do MTE?

PS- Não, até porque a contratação de mão-de-obra fica restrita à necessidade do país, que evidentemente é uma necessidade temporária. Eles lançam uma cartilha periodicamente, dizendo quais são os tipos de mão-de-obra que cabe a importação para o Brasil, no caso de professores, garçons, são profissões praticamente impossíveis de classificar como desejadas.

A- Essas ocupações não são consideradas contribuição ou essa mão-de-obra não é necessária ...

PS- Não, muitas delas são exercidas por pessoas que requereram permanência em razão de filho brasileiro, de casamento com brasileira, então prá se manterem, por não ter profissão definida, acabam ensinando a língua nativa deles ou trabalhando como guia de turismo por ter facilidade em línguas. Mas com certeza esses vistos não foram emitidos com esse objetivo, prá contratação de mão-de-obra.

A- Então existe todo um grupo deles que vem e digamos assim, ficam invisíveis para o MTE e para a PF ?

PS- São informais, inclusive burlando os próprios Conselhos Regionais de registro das profissões, mas sempre que são encontrados eles são autuados e notificados ...

A- Então o governo só registra relações envolvendo contratação de mão-de-obra ou autorizações para a abertura de negócios . Quem não estiver enquadrado nas categorias de investidor ou de contratado , fica fora digamos, da estatística.

PS- Fica fora, nesse caso eles estão no Brasil ainda na condição de turistas irregulares.O governo federal anistiou todos esses estrangeiros que estavam nessa dita clandestinidade e que foram registrados nessa condição de provisórios, podendo exercer atividade remunerada, foram legalizados cinquenta e seis mil estrangeiros no Brasil inteiro, em 2009. Foi editada uma lei que concede a autorização de trabalho por dois anos , sendo que nos 90 dias que antecedem o final desse prazo, eles comparecem a uma unidade da Polícia Federal e substituem essas carteiras por carteiras permanentes , desde que comprovem que continuam se mantendo através do seu trabalho e que não respondem a um inquérito.

Podemos pois considerar que o migrante que não estiver inserido nas modalidades previstas pelo Conselho Nacional de Imigração , do qual faz parte o Ministério de Trabalho e Emprego, poderá ser classificado como informal e clandestino no mercado de trabalho. Sob a ótica oficial há imigrantes investidores ou contratados, sendo os demais reduzidos a uma categoria mista de trabalhadores não-qualificados informais ou turistas irregulares à espera de anistia, quando não lançam mão do recurso “reunião familiar” .

O Sr. Sampaio informa as três modalidades desse recurso , sendo uma em razão de casamento, a outra de união estável e a terceira o chamamento de pessoas membros de

1º grau de sua família. Em razão de casamento e filhos brasileiros, tem-se hoje em Salvador uma média de trinta pedidos de permanência por mês, sendo que a sua concessão não é automática no caso de haver filhos, sendo condicionada à manutenção da prole e desde que se comprove o apoio na sua formação.

De modo geral, conclui o entrevistado, em relação a o que a imigração já representou no passado, hoje ela é atomizada e inclui a nova modalidade da aposentadoria:

Já faz algum tempo a imigração está sendo feita isoladamente, por contrato de trabalho, por investimento, por casamento ou por aposentadoria, por transferência de aposentadoria . O sujeito é aposentado no país dele e quer morar no Brasil. Se ele auferir um rendimento mensal superior a dois mil dólares , então o Consulado do Brasil lá, desde que esse rendimento venha através do Banco Central, para ser pago aqui no Brasil a ele , eles concedem um visto e a pessoa passa a residir no Brasil. Não é mais imigração de grupos.

Quanto aos dados numéricos que se pode obter junto ao setor de registro de imigrantes referentes a cada nacionalidade de radicados na Bahia, nos deparamos com a dificuldade de identificar os imigrantes por tempo de residência, pois os dados englobam todos os estrangeiros não permitindo identificar a leva mais recente , correspondente aos últimos trinta a quarenta anos que constitui o alvo desse estudo. Acessando o arquivo de dados informatizado, o Sr. Sampaio informa as seguintes cifras, atualizadas até a data da entrevista (13/08/10), para algumas nacionalidades de residentes na Bahia:

espanhóis- 3687, aí compreendidos os imigrantes tradicionais, como é também o caso dos portugueses- 3138 ; italianos- 3079 ; alemães- 1878; franceses- 1810 ; ingleses- 543 e belgas - 308, entre as mais numerosas. Apenas a título de comparação, ainda que escape ao escopo da pesquisa, informa também o número de norte-americanos - 4901 ; argentinos - 2145 ; chilenos - 751; filipinos - 636 e chineses - 436.

Indagado se, segundo a sua observação, a vinda de europeus para radicar-se na Bahia, nos últimos trinta anos, sofreu alguma variação, o Sr. Sampaio comenta :

Sim , aumentou a quantidade de estrangeiros que pretendem morar no Brasil , mas eu diria prá Sra., sendo que eu tenho quase trinta anos trabalhando só nesse serviço, que o nível social desses imigrantes, e cultural inclusive, caiu muito , muito mesmo. Então a gente vê

que a qualidade do turismo , a qualidade do investidor no Brasil , sobretudo aqui na Bahia, caiu muitíssimo . (...)

Esse pedido de visto por exemplo, foi obtido no Consulado brasileiro em Paris, esse aqui é resolução 3699, é reunião familiar, ele casou com uma brasileira , então ele obteve o visto em razão disso e pretende morar no Brasil. A maioria deles tem acima de cinquenta anos de idade, não há ninguém jovem que pretenda morar no Brasil nessa condição.

As informações que se pôde obter através do site do Ministério do Trabalho e Emprego recomendado pelo Sr. Sampaio como a única fonte disponível ao público de dados sobre os imigrantes no Brasil, não foram significativas para que se verificar o aumento ou não de migrantes europeus no país ou no Nordeste nos últimos trinta anos, nem tampouco a variação nas ocupações declaradas por ocasião da solicitação do visto de permanência. O que podemos notar é a recorrência das modalidades “reunião familiar” e casamento com brasileiro(a) como estratégia para a fixação definitiva de migrantes maduros (acima de quarenta anos de idade), que buscam uma “mudança de vida” no sul global tropical.

A categoria de investidor, como foi comentado também por alguns entrevistados, é empregada pelos migrantes autônomos em certos casos como um recurso astuto, quando um investimento modesto na compra de um imóvel ou de táxis permite a abertura de firmas no ramo imobiliário ou de transporte, com reduzida circulação de capital. Aos que não dispõe de um capital mesmo que reduzido para investir, resta a busca por uma inserção no mercado local de serviços nos setores já identificados como especialmente flexíveis – turismo, lazer, hospedagem, alimentação e ensino de idiomas, dos quais o migrante dotado de algum saber circulatório pode extrair seu sustento, ainda que permaneça ‘invisível’ para os cálculos oficiais.

Algumas considerações.

Se o atributo essencial conferido ao “cosmopolita” contemporâneo por Hannerz foi a flexibilidade para transitar entre contextos culturais diversos, desenvolvendo o próprio saber circulatório, a criação de estratégias para neles se inserir diz respeito a um aprendizado permanente sobre si mesmo e a realidade local. Ao radicar-se no sul global ele se provincializa por escolha própria, através de uma mudança de perspectiva que relativiza seus valores de partida. O desconforto ou a satisfação com a transformação e os resultados obtidos, ao olhar a própria trajetória em retrospectiva podem afastar ou,

pelo contrário, aproximar ainda mais o “cosmopolita” de suas raízes de origem, quando a “síndrome do exílio” se manifesta.

A “recusa da Europa” e o seu complemento, a atração pela maleável sociedade “invertebrada” na América Latina, onde o migrante aventureiro cosmopolita optou por se desterritorializar, que compunham seu imaginário sobre uma nova vida no sul global dão lugar progressivamente a constatações ancoradas na experiência, que nem sempre confirmam o pressuposto de partida de que aqui poderiam se inserir vantajosamente, compensando dessa forma possíveis malogros ocorridos no país de origem. O “saber circulatório” com que esse migrante pretendeu esquivar-se das hierarquias impostas pelo sedentarismo, nas palavras de Tarrius (2000), perde sua força na medida em que o enraizamento no local prevalece.

Há ainda a possibilidade de se viver o “entre-deux”, a vida pendular, assumindo os ônus financeiros e emocionais de exercer essa mobilidade, munidos da habilidade de mudar de “registro” cultural ao cruzar o Atlântico, sabendo o que se perde e o que se ganha de cada lado, correndo os riscos que o desenraizamento traz consigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre Individualização e Migrações no mundo contemporâneo

Mais do que antes os projetos de vida dos indivíduos contemporâneos se fazem hoje sobre um mapa globalizado mais amplo, que extrapolando a perspectiva nacional, os leva a construir suas estratégias num panorama transnacional. Assim como o Norte faz parte de muitos horizontes de pessoas que moram no Sul, por motivos e processos diferentes, os países do sul global são vistos como possível destino no imaginário de sujeitos migrantes de mentalidade cosmopolita, que deixam o Norte em busca de novos espaços para conquistar. A mobilidade contemporânea propicia o encontro e convida à busca da alteridade, à convivência com o “outro” e com o “outro lugar”.

O exílio forçado do imigrante europeu “por necessidade”, por “pão e trabalho” na América Latina pressupôs anteriormente uma dolorosa ruptura com a nação e o território de origem, e a continuidade da própria cultura no seio da comunidade deslocada, em um contexto de assimilação e sedentarização no país de acolhida. Outro quadro se desenha no mundo contemporâneo, em que mais do que no passado a mobilidade tornou-se um instrumento de individualização para muitas pessoas, para quem o exílio ou a desterritorialização constituem uma escolha, por elas agenciada.

Autores que buscam entender o “novo individualismo” da modernidade observam que ele não se expressa apenas na aceleração do globalismo tecnológico, do consumo e do turismo, mas também “na expansão da inteligência emocional e no cosmopolitismo cultural das pessoas que, em sua diversidade desenvolveram modos de vida que estão mais abertos, experimentais e privatizados do que no passado” (Elliot & Lemert, 2006:15). Note-se que a flexibilidade e a disposição para a descoberta são traços apontados como recorrentes na prática do sujeito contemporâneo, associados ao imaginário da globalização. O imaginário e os horizontes sobre os quais se constroem as estratégias de sobrevivência tornam-se mais amplos.

Augé (2009) observa que a mobilidade supramoderna corresponde a certos valores, de desterritorialização e individualismo, exemplificados por artistas e desportistas, que conformam uma “ideologia do sistema da globalização”. Podemos dizer que imbuídos de tais valores, é nos setores de atividades ligados ao turismo que os migrantes aventureiros cosmopolitas aqui estudados investem prioritariamente seu saber circulatório, seu habitus da viagem, servindo de mediadores locais e tradutores culturais para os visitantes compatriotas seus. Não buscam enquadrar-se como força de trabalho migrante sob contrato no âmbito de empresas multinacionais, que definem o tempo e o local de sua permanência, mas sim estabelecer laços flexíveis.

Raros são os estudos que abordam a mobilidade internacional contemporânea de migrantes no sentido norte-sul, quando não enquadrados na categoria de trabalhadores altamente qualificados, vinculados a corporações transnacionais. O único estudo encontrado passível de comparação com o caso dos migrantes europeus no Nordeste foi de Amit-Talai (1997), que propõe uma reflexão sobre a mobilidade globalizada a partir do movimento instável de trabalhadores autônomos das economias pós-industriais em direção ao Caribe ¹¹. Em sua análise o foco do transnacional deveria contemplar o deslocamento e a mobilidade precária de muitos viajantes do mundo atual, “indivíduos deslocados movendo-se através de macro-sistemas”.

¹¹ O estudo é centrado nos trabalhadores expatriados provindos da Grã-Bretanha, Irlanda e EUA, que trabalham temporariamente em lojas, agências de mergulho, restaurantes e hotéis da indústria turística nas Ilhas Cayman. Jovens ou trabalhadores mais experientes que deixaram empregos estáveis em seus países, para ali assumirem contratos temporários. Tratando-se de um estatuto particular dessas ilhas como protetorado britânico, a comparação com a América Latina como destino migratório é problemática, considerando os laços de dependência que se perpetuaram entre aquela metrópole e alguns territórios seus de além-mar.

O autor conclui que a sua presença nas Ilhas Cayman (território britânico e paraíso fiscal) reflete o impacto de transformações econômicas mais amplas sobre o mercado de trabalho de seus países, e que a mobilidade e rapidez dos fluxos de capitais transnacionais não foram acompanhadas por uma desnacionalização dos mercados de trabalho ou de direitos, tais como os da cidadania, acesso ao seguro social, pensões e direito de residência, que são regulados nacionalmente.

Apesar de enfatizar que a preocupação antropológica com as práticas cotidianas e as experiências pessoais pode evitar a reificação das macro-análises, o autor não aborda em seu estudo quaisquer aspectos subjetivos envolvidos na escolha dos pesquisados de migrar para as margens do sistema e inserir-se precariamente em um mercado de trabalho por natureza restrito e flexível. Teriam eles buscado ali a estabilidade que deixaram para trás em seus países de origem, ou tiveram outras aspirações para migrar ?

Em situação muito semelhante aos migrantes europeus focados em meu estudo, tais trabalhadores optam pela inserção na indústria do Turismo, atuando no serviço receptivo de um lugar paradisíaco no qual certamente sonharam viver, o que lhes permite exercer sua flexibilidade de cosmopolitas. Mesmo na inserção local, as atividades por eles desempenhadas mantêm estreita conexão com a mobilidade contemporânea na sua forma mais mediatizada- a turística, fazendo circular imaginários sobre o “outro lugar”. Nesse sentido se “estabelecem”, mas continuam desfrutando de seu espírito nômade, se colocando “dentro e fora” da sociedade hospedeira e transitando entre dois mundos.

O modo de inserção desses migrantes aventureiros na sociedade e no mercado de trabalho local parece ser a questão crucial, afinal o status de “estrangeiro” os beneficia ou penaliza ? O balanço entre as perdas e ganhos ao deixarem o Norte pelo Sul envolve mais do que a busca por benefícios econômicos e segurança social ? Na era da circulação instantânea de informações e do encurtamento das distâncias, a mobilidade e a flexibilidade, para alguns dentre eles, falam mais alto do que a estabilidade. Aquele que se desterritorializa aposta no seu próprio saber cosmopolita para disputar espaços em “outro lugar”, um projeto de risco quando se trata também de conviver com outra visão de mundo e outros estilos de vida.

A América Latina “recolonizável” volta ao imaginário europeu.

A presença do estrangeiro cosmopolita de visita entre nós já não se opõe, como há um século atrás, à figura do imigrante europeu em solo latino-americano, este visto como parte integrante na construção das sociedades e identidades nacionais locais. Na atualidade, o turista de hoje pode converter-se rapidamente no estrangeiro residente de amanhã, sem que a nova condição implique sua fixação permanente ou seu comprometimento identitário com o país de acolhida.

Devemos reconhecer, concordando com Canclini (2007), que as expectativas dos migrantes mudaram e os acordos que regiam os intercâmbios entre a Europa e a América Latina também, e que portanto os velhos relatos não dão conta dos novos processos. Podemos identificar hoje a vinda de europeus para o Nordeste brasileiro como um terceiro fluxo migratório, que se desencadeia no momento em que o status de “gigante emergente” do Brasil se afirma mediaticamente. Terminado o sonho de “fazer a América” pelos europeus, seguido pela busca dos latino-americanos por participar da prosperidade econômica européia, vimos no último quartel do século XX o movimento se revertendo, progressivamente, à medida que o sul tropical voltou a ocupar o imaginário europeu como uma terra promissora.

A mobilidade como paradigma da contemporaneidade se associa ao espírito de matiz “neo-colonizador” entre europeus aventureiros que, evocando o mito moderno de Robinson Crusoe, se entendem capazes de “civilizar” ou moldar às suas conveniências o terreno que julgam senão inculto, em vias de transformação e receptivo para o estrangeiro investidor. O olhar condescendente e calculista que migrantes europeus dirigem aos latino-americanos ainda hoje, naturaliza o ‘intervencionismo europeu’ pela assunção de uma falta de espírito empreendedor do povo nativo local, diante de tantas oportunidades e potencialidades.

Garcia Canclini busca identificar as mudanças promovidas pelas aproximações migratórias, comerciais e mediáticas da globalização nos imaginários que circulam entre a Europa e a América Latina, questão que diz respeito diretamente ao objeto desse estudo. No seu entender o maniqueísmo tosco se renova, sem alterar a assimetria nos discursos sobre a América Latina nos âmbitos político, comercial e turístico. Observa ainda que investidores europeus na virada do século XX se aborrecem com as relações trabalhistas e políticas latino-americanas, tão imprevisíveis, assim como com as misturas exóticas de ordem moderna e informalidade. (Canclini, 2007:85)

Ainda que tais fatos possam corresponder à realidade em muitos casos, vemos que o Brasil vem galgando posições no ranking dos órgãos internacionais que avaliam a

confiabilidade dos países para investimentos, ocorrendo efetivamente uma reformulação do conceito do país no âmbito internacional, assim como no imaginário europeu, para o que o desempenho não apenas da economia, mas das políticas sociais internas e das negociações externas do país vem contribuindo nas duas últimas décadas ¹².

A direção dos fluxos migratórios das periferias para o centro se inverte, no caso do movimento de europeus em busca de uma mudança da própria “qualidade de vida” no sul global, particularmente na América Latina, acompanhando a variação na hierarquia entre as nações e regiões, resultante do aumento de prestígio dos países emergentes. Enquanto no continente europeu o desequilíbrio interno entre as economias do bloco e nas suas relações com outras economias periféricas gera migrações massivas indesejadas, e a crise financeira repercute mesmo naquelas mais sólidas, o Brasil se destaca como liderança regional, atraindo os olhares europeus para o continente latino-americano.

Combinada a um elenco de atributos positivos referidos à multivariada da extensão territorial e dos entrelaçamentos culturais, a modernidade da América Latina e do Brasil em particular, se apresenta contraditória aos olhos europeus (como sugeriu Laplantine), que não obstante nela vêem potencialidades múltiplas e até mesmo um arranjo inédito de saberes herdados e produzidos, que conformam uma matriz original.

O capital de mobilidade no mundo atual e o novo sujeito cosmopolita.

Os termos (i)migrante, estrangeiro e turista internacional referem-se todos ao “outsider” que divide conosco o mesmo espaço, temporariamente ou por tempo indeterminado. Nos dias atuais o migrante, que foi ontem um turista, pode aqui permanecer por períodos indefinidos e ser visto tão somente como “estrangeiro” residente. Hoje a migração norte-sul se permite a reversibilidade, “voltar para casa” ou ser “pendular”, estar nos dois continentes alternadamente, beneficiando-se de um acréscimo de prestígio que o capital de mobilidade confere ao sujeito.

¹² Publicações recentes sobre o Brasil na França retomam a idéia do “Brasil- terra de futuro”, título do “diário de viagem” do escritor austríaco Stefan Zweig publicado em 1941 e muitas vezes reeditado. Outros títulos evocam também o país emergente : “O Brasil no século XXI- o nascimento de mais um dos grandes” (Brésil au XXI^e siècle- Naissance d’un nouveau grand) de Alain Rouquié (Fayard, 2006) ; “A fabricação do Brasil- a formação de uma grande potência” (La fabrication du Brésil- une grande puissance en devenir) de Paul Claval (Belin, 2004); ou o jornal semanal Courrier International, com a reportagem “Brasil- o despertar de um gigante” (Brésil- le réveil d’un géant), reunindo artigos de diferentes jornais latino-americanos sobre o Brasil (edição 991, Novembro de 2009).

O não-acesso à mobilidade por escassez de recursos ou de informação, exclui por sua vez o indivíduo da competição por oportunidades que se abrem constantemente, e que poderiam agregar a ele ainda maior mobilidade. O acesso a novos espaços de moradia, atuação profissional e de realização das potencialidades pessoais, pode ocorrer entretanto no movimento inverso à busca da metrópole cosmopolita, em direção a espaços menos densos, opondo-se à corrida incessante por benefícios a que a modernização ocidental converteu o indivíduo contemporâneo.

O retorno à “comunidade”, que podemos situar como o alter-ego do cosmopolitismo, associado imaginariamente às sociedades não-ocidentais, em desenvolvimento ou situadas no “extremo ocidente”, comporta o paradoxo da busca pela individualização daquele que se desterritorializa por opção. Nesse processo, o indivíduo se expõe ao encontro com a alteridade e se dispõe à transformação. Ao dar as costas para seu contexto de origem, sua fidelidade às normas e padrões culturais que o formaram relativizada, abrindo espaço para o sujeito cosmopolita, que lança raízes no local mantendo-se entretanto antenado no global.

Face à importância que assumiu a agenda ecológica nas instâncias políticas supranacionais, em que órgãos consultivos de abrangência global discutem o presente e o futuro da própria vida sobre a terra, há quem sugira que o discurso civilizador europeu cedeu lugar ao discurso da sobrevivência do e no planeta. Nessa perspectiva a noção de fronteira nacional é relativizada, uma vez que a preservação da vida, dos recursos naturais e do meio-ambiente torna-se, por direito, do interesse de todos e de cada um dos cidadãos globais.

De forma análoga, a consciência do global se manifesta entre os indivíduos como um direito a migrar em busca de melhores condições de vida, o que para alguns se traduz em acesso a emprego, segurança e bem-estar social garantidos pelo Estado, enquanto que para outros pode significar viver sob estruturas sociais menos rígidas e dispor de mais espaço para o exercício da própria criatividade e iniciativa, em outro país. A individualização e a subjetivação estão pois embricadas com a mobilidade e o transnacionalismo contemporâneos, como destaca Castro (2001), ainda que diversamente para uns e outros.

Os diversos significados das migrações para os indivíduos, para os Estados e lugares, são hoje sinais dos ambíguos tempos em que se vem alcançando o reconhecimento da diversidade, desrepressão das individualidades, realizações em subjetividades, ao mesmo tempo em que se ampliam as barreiras, restringindo o poder dos indivíduos, sobretudo os integrantes das categorias na exclusão. (Castro,2001:19)

O ato de aventurar-se em território desconhecido, para o qual o indivíduo deve mobilizar todo o seu cabedal de recursos está, no mundo atual, intimamente relacionada com a imaginação social, destacada por Appadurai como um efeito da interconexão ampliada de distintas esferas envolvendo a mídia, as identidades e os investimentos que circulam globalmente, sobre os projetos de vida dos sujeitos contemporâneos.

Nesses termos, a aventura pressupõe a circulação de imaginários como ponto de partida para vidas imaginadas em outro lugar, outro continente e outro país. Entretanto o componente romântico que costumamos associar à noção de aventura, como um salto no escuro que excita e energiza, dá lugar a projeções de outra vida possível, veiculadas pela mídia, por meios virtuais e pelo estímulo de encontros face-a-face com os “outros” com quem fantasiamos. Projeto e fantasia se misturam na vida imaginada que a mobilidade facilitada, ainda que com restrições, torna possível ; é então que a liberdade individual parece se completar, quando os projetos incorporam nossas fantasias.

Há também diferentes formas de viver a aventura de migrar de países afluentes do centro do sistema capitalista para o sul global, em um momento em que as crises econômicas põem em xeque os mecanismos de controle das desigualdades no velho continente. Em que as imigrações não desejadas perturbam a estabilidade das sociedades ultra organizadas do bem-estar social, despertando conflitos identitários e sociais com o “outro” em casa e renunciando a saturação de um sistema de relações internacionais assimétricas.

Nos tempos atuais, mais do que nunca, migra-se constantemente, de uma área profissional para outra, de relações amorosas locais para outras internacionais ¹³, de um gênero para outro, de um sistema de crenças ou valores para outro, de um Estado para outro a trabalho ou para estudar, tornou-se impossível permanecer no “mesmo”. Seja como portadores de uma consciência do global, de um espírito aventureiro ou do perfil cosmopolita, nos movimentamos, com mais ou menos recursos e em diferentes patamares, dotados de maior ou menor direito à mobilidade e contornando obstáculos diversos buscamos exercer nossa agência e auto-determinação.

Se as subjetividades e os motivos para migrar importam pouco para os controles migratórios e para os censos econômicos e demográficos, não devem entretanto ser ignorados pela Antropologia, seja ela da aventura, do transnacional ou do imaginário. Pois se há grupos que vivem hoje uma “cultura da mobilidade”, que os torna “nômades

¹³ Entre outros estudos sobre o tema, ver Constable, Nicole - *Romance on a global stage*, 2003.

contemporâneos”, interessa apreender o universo de crenças que os põe em marcha e compreender os fluxos cruzados das migrações contemporâneas entre continentes e hemisférios, buscando nas trajetórias individuais o material com que se fabricam essas vidas construídas em movimento.

A busca da alteridade “fora de casa” e a crise de alteridade “em casa”.

O migrante europeu aventureiro busca muitas vezes a alteridade em áreas do sul global onde a proximidade é um parâmetro da sociabilidade, como se dá o caso na América Latina. A atração pela convivialidade nessas sociedades mais maleáveis dos trópicos, vem contrabalancear o excesso de regulação e formalismo em seus países de origem, impelindo esse “estrangeiro” ao encontro com seu alter-ego local. Se o partilhar de seu espaço com o “outro” imigrante em casa é motivo de mal-estar, a convivência por escolha com a alteridade, em suas múltiplas formas, no Brasil é de entrada aceita e mediada pelo distanciamento que o status de estrangeiro propicia.

Adentrando pelo difícil terreno da subjetividade e seguindo a hipótese especulativa de Laplantine, assumo que para o migrante europeu em foco a experiência do desenraizamento, que leva ao encontro com o diferente, pode oscilar entre duas atitudes opostas. Afirmar-se enquanto sujeito ocidental moderno que detém pleno controle de seu ser individual e social ou abrir mão deste centramento deixando-se possuir, ainda que provisoriamente, pelo não idêntico a si próprio, ‘soltando’ as amarras culturais. De um lado a ancoragem, o apego ao território, à cultura, à profissão, à família de origem; de outro a errância, o desapego ou o descolamento das referências identitárias, o abrir espaço para a dúvida sobre o que se é.

Ao longo de sua vivência alguns desses migrantes terminam por se alinhar com os valores que acompanham a estratificação da sociedade local, inserindo-se calculadamente no campo de forças em busca de vantagens relativas, sem se sentirem implicados na reprodução do quadro de desigualdades. Outros mantêm a neutralidade como um “passaporte” para transitar entre as classes e seus espaços na cidade, desenvolvendo empatias e alianças temporárias com diferentes comunidades populares e suas práticas culturais, extraindo desse convívio o benefício existencial de estar aqui.

O migrante cosmopolita de perfil “existencialista” não se desloca unicamente em busca de novos lugares, territórios desafiadores pelos quais se aventura ao instalar-se. Mas visando uma vivência peculiar, na condição de “estrangeiro”, de ser o “outro” para

a comunidade onde se instala, uma experiência profunda de alteridade que tende a por em xeque sua própria noção de identidade, uma oportunidade única de se re-conhecer.

A representação do Brasil no imaginário europeu como uma sociedade maleável, capaz de absorver contingentes imigrantes e promover a mestiçagem de culturas e de seus saberes, que impregnam e atravessam as classes e regiões de um país continental, serve de poderoso fator de atração para esse migrante. O desafio de questionar a própria identidade buscando expor-se à alteridade deliberadamente, é acrescida das projeções fantasiosas de um ritmo de vida livre dos constrangimentos das regulações sociais e da disputa incessante por espaço individual e profissional.

Tais representações se opõem ao quadro social do qual procura se distanciar ao migrar para as “margens”, deixando para trás os impasses que o constroem “em casa”. As sociedades securizadas dos países afluentes europeus, que abrigaram populações imigrantes como força de trabalho necessária ao longo do século XX, adotaram sempre e ainda mais hoje, critérios restritivos para a concessão de cidadania. O debate sobre a identidade nacional em certos casos explícitos, como na França, ou contidos como na Alemanha, tenta equacionar os princípios democráticos, republicanos e universalistas com os impasses interculturais expressos na preservação de valores étnicos divergentes, em comunidades “guetificadas” em seu território.

O que Garcia Canclini chamou de “etnização das relações sociais” na Europa evidencia a insuficiência do princípio da igualdade de direitos e a limitação das instituições para oferecerem acesso igualitário aos benefícios sociais. (Canclini, 2007:104) A Europa, continente onde a normatização é mais homogênea, busca hoje se defender da invasão dos “outros”, gerando o que Augé sugere ser um “mal-estar simbólico” das democracias mais avançadas socialmente, as mais ricas e melhor protegidas, que vai além do âmbito individual e social. (Augé, 1994:88)

Esse autor identifica ainda tal mal-estar como uma “crise de alteridade”, que é ao mesmo tempo uma “crise de sentido”, que pode afetar os europeus aqui estudados influenciando sua decisão por migrar para fora de seu contexto social e cultural.

Dado que toda identidade se constrói por negociação com diversas alteridades, constatamos que mais do que uma crise de identidade há hoje (nas democracias do Centro) uma crise de alteridade, pois ao não conseguir mais elaborar um pensamento sobre o outro é que os indivíduos ou grupos se declaram em crise. (...) São os fenômenos contemporâneos tais como os fundamentalismos, os nacionalismos, a crise do Estado, a “espetacularização do mundo” que traduzem a crise de alteridade, como crise de sentido, que deve interessar à Antropologia. (Augé, 1994:130,131)

A negação da alteridade no convívio social “em casa” pode portanto estar na origem do mal-estar do indivíduo nas sociedades afluentes, uma vez que a presença do “outro” é inevitável e a ausência de um horizonte comum entre os sujeitos envolvidos torna penosa a existência para ambos, sem a produção de um laço simbólico que os una. A aceitação da pluralidade sendo problemática para o pensamento europeu, dá lugar a uma “dissidência” que vai constituir em parte a motivação para a migração em direção às “sociedades plurais” da América Latina.

Augé aponta a incontornável inflexão na ótica do pensamento ocidental organizador que a conectividade contemporânea impõe, levando-a a incorporar a pluralidade e a heterogeneidade como aspectos constitutivos do mundo atual : *“Devemos admitir que o mundo contemporâneo está unificado e que é plural, e que os mundos que o constituem são heterogêneos e ligados, para poder compreendê-lo.”* (Augé, 1994:128)

Sobre gênero e o imaginário sexualizado dos trópicos.

A questão de gênero, central para se pensar a sexualização da alteridade nos trópicos, e indissociável do imaginário sobre o “outro lugar”, remete necessariamente a um conjunto de representações sobre a flexibilidade e tolerância das sociedades latino-americanas no que diz respeito aos papéis sociais do homem e da mulher, à objetificação da mulher no mercado do sexo e do casamento, assim como sobre os efeitos imaginados do clima e da mestiçagem sobre a sexualidade da população local. Entretanto essa questão não foi selecionada como tema de investigação por constituir em si mesma um complexo campo de pesquisa, ao qual outros estudos vem se dedicando com exclusividade.

Alguns estudos que tem registrado a presença de estrangeiros, sobretudo europeus, como visitantes ou residentes no Nordeste brasileiro nos anos recentes estão focados sobretudo na temática do turismo sexual, enfatizando a assimetria das relações que se estabelecem entre eles e parceiros ou parceiras nacionais, seguindo a hierarquia existente entre os países afluentes e os países em desenvolvimento. Um problema que pode se desdobrar, mas não necessariamente, em exploração de menores, tráfico de pessoas e redes de prostituição internacionais, questões que dizem respeito aos direitos humanos, sendo alvo de medidas coibidoras em âmbito nacional e internacional.

Marcados por um enfoque ético-moral objetivador, tais estudos apontam as conseqüências degradantes dos relacionamentos estabelecidos entre os habitantes locais e esses estrangeiros, evidenciando um problema social que se alimenta da pobreza e

falta de perspectivas de uma parte e do cinismo e oportunismo da outra. Abordam também o papel dos estereótipos colados a ambas as partes, envolvendo questões como a sensualização dos trópicos no imaginário dos europeus e a capitalização simbólica de seu status de cidadãos do 1º mundo para se beneficiar no contexto local. Entretanto as questões que envolvem a subjetividades dos envolvidos pouco são abordadas ¹⁴.

Documentários etnográficos e produções de filmes de curta duração dentro do circuito alternativo tem tratado com mais frequência dos aspectos subjetivos, sobretudo do elo mais fraco na relação, registrando em depoimentos as aspirações, frustrações e justificativas pessoais das pessoas de baixa renda para se envolverem com estrangeiros. Entre relatos que podem revelar desfechos bem ou mal sucedidos, não é difícil perceber o papel que a agência individual desempenha na trajetória de pessoas que fazem do relacionamento amoroso-sexual com estrangeiros uma estratégia para mudar o rumo de suas vidas ¹⁵.

O discurso da outra parte sobre as motivações para buscar nos trópicos parceiros sexuais aparece pouco, ora na forma de declarações defensivas, ora arrogantemente debochadas, mas que evocam ambas a sôfrega busca de “resgatar através do corpo as formas plurais de conhecimento do mundo que lhes foram confiscadas pelo racionalismo positivista ocidental”, sugerida por Laplantine (1994:30).

O universo dos indivíduos europeus que se dirigem para o Nordeste brasileiro nas últimas décadas compõe-se entretanto de outros tantos perfis que passam ao largo da questão do turismo sexual, para os quais a “mestiçagem de culturas” em um país em constante transformação, que oferece “múltiplas oportunidades”, é um apelo mais estimulante do que a sexualização da pobreza ¹⁶. É sobre esse tema que concentrei meu estudo.

Apesar de não privilegiar a questão de gênero, seja na abordagem do tema das

¹⁴ Sobre o turismo sexual na Bahia especificamente, consultar: Eleutério, Claudia & Cavalcanti, Vanessa – A construção da identidade da mulher brasileira a partir do enfoque do turismo sexual na Bahia: permissivas, pecadoras e sensuais ? Naveg@mérica.Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas. 2009, n. 2.

¹⁵ O documentário “Cinderelas, lobos maus e um príncipe encantado”, de Joel Zito Araújo, exibido em 2008 é um exemplo.

¹⁶ A expressão faz referência à associação frequente no circuito do turismo sexual internacional entre a disponibilidade para a comercialização do corpo e a condição de penúria econômica, que em regiões reconhecidamente pobres do sul global leva à naturalização da prostituição de adultos e da exploração sexual de crianças.

motivações para a migração, seja na análise das entrevistas realizadas, algumas observações podem ser feitas quanto à situação conjugal dos migrantes ao chegar e o seu desdobramento, envolvendo a decisão de permanecer no Brasil. Há de se observar que o número de cinco mulheres incluídas no universo de dezessete entrevistados pode não representar a proporção dos migrantes do sexo masculino em relação aos do sexo feminino que, segundo nos é dado observar, é ainda minoritário nesse tipo de deslocamento no sentido norte-sul marcado pelo espírito aventureiro.

Nessa amostra verifica-se que, enquanto apenas dois homens migraram para o Brasil casados (Franz, alemão, casado com uma baiana residente em Berlin e Bernardo, ítalo-francês, junto da esposa francesa e dois filhos), as cinco mulheres para cá vieram acompanhando seus maridos. Dentre elas, duas aqui se separaram dos esposos europeus (Elise, belga, que se casou em seguida com um brasileiro e Justine, congolesa-belga) e uma do esposo brasileiro, com que se casara na Inglaterra (Maude, inglesa).

A decisão de aqui permanecer após a separação é relevante para o foco deste estudo por evidenciar a individualização e o auto-agenciamento dessas mulheres, munidas de um “savoir-faire” cosmopolita. Observamos que se a iniciativa de desterritorialização no sul global parte sobretudo de migrantes homens, uma vez aqui instaladas as mulheres migrantes refazem seu projeto autonomamente.

Quando se trata das leituras que fazem do Brasil que possam justificar a sua opção de, após a ruptura conjugal seguir vivendo aqui, é predominante entre as entrevistadas a ênfase na proximidade das relações interpessoais, a referência a valores humanistas sobrepujando o “frio raciocínio calculista” europeu e uma maior disposição para tolerar as diferenças culturais, demonstrando uma sensibilidade e percepção especialmente compreensivas. Não deixam no entanto de se referir às conquistas no campo profissional como um motivo de peso para permanecer.

Já entre os homens pesquisados nota-se que a capacidade de lidar com o jogo das alteridades acompanha o corte entre os perfis mais marcadamente existencialista, calculista e/ou hedonista, no continuum em que se inserem todos. Para uns as diferenças culturais inicialmente valorizadas já perderam seu atrativo, e a avaliação calculista se sobre põe ao sonho de uma vida imaginada nos trópicos, provocando em certos casos a “síndrome do exílio”. Para outros, a sabedoria em lidar com as diferenças reside em saber “aproveitar o bom de cada lugar”, lidar com as dificuldades e seguir em frente.

Sobre estereótipos e a conversão do olhar europeu na experiência migratória.

Na avaliação que fazem sobre os demais migrantes europeus que lhe são contemporâneos, vemos que o modo de integração ao local constitui um critério recorrente entre os entrevistados. Ainda que se mostrem reservados e cautelosos ao julgar a experiência alheia, pois o movimento de individualização é por natureza único para cada um, o binômio “hedonista/oportunista” x “estrangeiro integrado” é central na fala dos pesquisados. Por trás dele se percebe o dilema de realizar o sonho da “dolce vita” nos trópicos e ao mesmo tempo arcar com ônus de, sendo estrangeiro, ter que abrir caminho em terreno desconhecido, por vezes com mais sacrifício do que o imaginado.

Partindo-se da hipótese de que a migração em direção aos trópicos do sul global pressupõe a busca por uma sociedade mais maleável e penetrável (portanto mais “feminina”) onde o migrante procura reformular seu estilo de vida, o grande desafio é o de chegar a esse resultado através de uma inserção funcional no lugar de escolha, com a possibilidade de fincar raízes, ainda que provisoriamente.

Os atributos associados à Europa e por contraste, aqueles associados ao Brasil, como já foi apontado por outros autores, situam em campos opostos a racionalidade, a organização legal e o planejamento para o futuro dos europeus de um lado, e a informalidade e a imprevisibilidade brasileiras relacionadas à ausência de lei e ordem de outro. (Piscitelli, 2001)

Tal polaridade entre uma Europa apolínea e a América Latina dionisíaca, na qual o Brasil se destaca mesmo entre os países “irmãos” que o cercam como particularmente votado à celebração festiva coletiva e catártica, seja ela profana ou religiosa, remete à oposição simbólica expressa na fábula da cigarra e da formiga. A interdependência das duas (pois de que vale o pão sem as rosas?), aponta para o intercâmbio de imaginários sobre o “outro” e o decorrente desejo de experimentar e eventualmente ocupar o seu lugar, implícito na fantasia da “vida nos trópicos” em que indivíduos saturados de seu papel de formigas anseiam por tornar-se cigarras, ou tentam conciliar os dois papéis.

Tal oposição se apresenta não apenas no discurso “nativo”, mas também na formulação acadêmico-filosófica que busca contrastar concepções de tempo e posturas tidas como essencialmente opostas, face a um novo parâmetro concebido como um “pluralismo hedonista”, identificado com o hemisfério sul. Tal proposição, provocadora e por isso instigante, ainda que especulativa, busca interpretar diferenças

“civilizacionais” em termos relacionais e comunicativos, com ênfase na sensibilidade coletiva.

A distinção entre “valores do Norte” e “valores do Sul” ilumina a diferença entre de um lado o moralismo, o projeto, uma concepção de tempo finalizado, uma concepção da sociedade assentada sobre o indivíduo e a razão mecânica, e de outro lado um vivido mais amoral, mais sensível, mais imaginativo, que concebe o todo social como o ordenamento de um grande número de grupos se ajustando como podem entre si. Um tempo social mais bem cíclico. (Maffesoli, 1990:47)

As formulações de Laplantine sobre as sociedades “invertebradas” da América Latina, plenas de contradições e superposições de opostos interpelando o olhar europeu, trazem também a suposição de que o sub-continente latino-americano constituiu um modelo civilizacional de características próprias ao longo de sua história. Neste, as estruturas coloniais e a modernização ocidentalizante teriam sido interpenetradas por visões de mundo diversas e arranjos sociais originais produzidos no encontro com os “outros internos”, instituindo a pluralidade como um traço constitutivo seu.

Admitindo que a tentativa de efetuar análises totalizantes abrangendo o “ethos” e o “eidos”¹⁷ de um povo ou região dificilmente alcança sucesso, considere não obstante a proposição de Laplantine de identificar as categorias que conformam a “geografia mental do europeu”, confrontando-as em seguida com certos princípios estruturantes das sociedades latino-americanas, uma tentativa válida de esclarecer a reconversão do olhar europeu dirigido à América Latina.

Nesses termos, resta saber como dialogam os estereótipos sobre o “outro” com a prática migratória, movida inicialmente pela busca do encontro com a alteridade. Analisando os dados etnográficos observamos que ao longo da experiência de integração no contexto local, as virtudes que compunham o imaginário sobre o trópico do sul global assumem outra significação e a opção pela desterritorialização é posta em xeque cotidianamente. Como aponta outro estudo sobre a presença de europeus nos trópicos, após o fascínio inicial observa-se a reformulação do imaginário: “A alegria brasileira adquire conotações de imprevidência e irresponsabilidade, (enquanto) a maleabilidade e a paciência “brasileiras” são associadas à passividade e à indolência.” (Piscitelli, 2001:602)

¹⁷ Termos aqui empregados no sentido a seguir: ethos- estilo de vida, aspectos afetivos e estéticos e eidos- visão de mundo, sistema cognitivo.

A vida imaginada cede então lugar à vida possível e os estereótipos mostram suas fissuras no confronto com uma realidade que sendo múltipla e contraditória em si, mais ainda o é aos olhos do migrante europeu. Imagens sobre o “outro” que circulam e que são desconstruídas na prática do encontro entre mundos de que fala Augé:

Na contemporaneidade a diversidade do mundo se recompõe a cada instante. Deve-se falar de mundos e não do mundo, cada um deles está em comunicação com os demais e possuindo imagens dos outros- eventualmente truncadas, deformadas, falseadas, reelaboradas por aqueles que buscaram em primeiro lugar, sob o risco de inventá-los, os traços e os temas que lhes falavam de si próprios. (Augé, 1994: 127)

A formação de estereótipos entretanto não diz respeito apenas às relações assimétricas entre países do sul global e as metrópoles do centro na hierarquia entre as nações, mas se dá igualmente no seio do espaço europeu e faz parte do imaginário que se formou ao longo dos confrontos entre elas e a partir das idiossincrasias explicitadas. As nacionalidades carregam consigo imagens atribuídas que podem variar de estigmas a virtudes tidas como inerentes, como na circulação de imaginários sobre a “finesse” da cultura francesa em contraste com a marca telúrica e ardente da cultura italiana, ambas reputadas pela gastronomia e pelo vasto patrimônio artístico, atraindo visitantes do mundo inteiro, cada uma por sua marca distintiva.

No quadro geral das migrações também se distinguem radicalmente os perfis dos dois países, gerando estereótipos que têm no entanto alguma relação com a experiência histórica, situando a Itália como um país de emigração econômica por excelência, enquanto à França continua sendo associada a figura do migrante aventureiro ou do funcionário público expatriado, impelido a confrontar sua bagagem civilizatória com a alteridade inculta e por vezes sedutora.

Sabendo que a Europa não representa um continente homogêneo, ainda que tenha se tornado aquele onde se deu a regulação mais uniforme, consolidada pelo direito jurídico e pela racionalidade que estrutura todos os âmbitos da vida social, a tentativa de interpretar sua relação com a América Latina (e os diferentes fluxos estabelecidos historicamente entre elas), vista como ambivalente por envolver fascínio e repulsa simultaneamente, é para mim um instigante exercício de reflexão antropológica ¹⁸.

Razão pela qual a proposição de antropólogos como Laplantine, que ousadamente buscam identificar e confrontar os princípios estruturadores do pensamento ‘unificador’ europeu, a uma possível conformação própria do pensamento latino-americano,

¹⁸ Além de Laplantine (1994), ver Duval (2000) sobre essas categorias da alteridade.

pautada na contradição e na pluralidade, que teria o poder de “descentrar” o primeiro, me interessam. A contribuição dessa abordagem seria, através de uma crítica cultural do olhar europeu promover uma mudança de perspectiva, pondo em questão as certezas do “eu ocidentalizante organizador do saber”¹⁹.

Concluindo

Tendo em vista a indagação inicial sobre como se relacionam o cosmopolitismo associado à subjetividade e a individualização contemporâneas, a consciência do global e os imaginários sobre o outro continente na relação entre a Europa e a América Latina, buscou-se aqui a articulação entre a “imaginação social” e dimensões subjetivas que levam indivíduos europeus a se desterritorializarem hoje no sul global tropical.

As interpretações de Laplantine (1994) acerca do impacto da realidade “hipercomplexa” latino-americana sobre o imaginário europeu, levando o indivíduo a uma perda do centro de referência, da qual ele sairia beneficiado por um “alargamento da lógica e do sentido”, mostram-se úteis para entender um contra-fluxo migratório no mínimo intrigante, para os que não se contentam com a explicação simples da “exotização” dos trópicos.

O enfrentamento com a multiplicidade de misturas, as “mestiçagens”- a exemplo da convivência de primitivismo, herança colonial e modernidade- e com as contradições permanentes, teria como resultado a subversão da racionalidade européia, liberando o indivíduo para a diferenciação de si mesmo. As Américas plurais prefiguram, diz o autor, os problemas ilógicos que teremos todos que enfrentar no mundo contemporâneo: a implosão dos sistemas referenciais, a incerteza, a fragmentação e o imprevisível. Para superá-los caberia aos europeus distanciarem-se da identidade logocêntrica e unitária, que exclui a multiplicidade e a lógica da contradição. (Laplantine, 1994: 289)

Para os sujeitos pós-modernos “deslocados no tempo e no espaço”, evocados por Sennett (1999) e Jameson (1996), voltar os olhos para um espaço novo pode equivaler a alcançar maiores chances de sobrevivência psíquica na etapa hiper-moderna do

¹⁹ Prefácio à edição brasileira de *Transatlantique- entre Europe e Amériques Latines*, (p 10). Certezas que tem sido igualmente questionadas por autores empenhados na crítica à “colonialidade do saber”, entre os quais estão W. Mignolo, A. Escobar, E. Lander e F. Coronil. Ver sobretudo a coletânea “A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005)

capitalismo tardio, incorporando outras lógicas e formas de conhecimento que o sul global possa oferecer. Razão que pode explicar a recorrência nos depoimentos dos entrevistados da justificativa de migrar para o Brasil para iniciar uma nova etapa em suas vidas. Não seria esse o apelo fundamental dessa migração, a transformação de si pelo encontro com a pluralidade ?

O “exótico tropical”, de recurso para submeter o “outro” a uma hierarquia de valorações, pode tornar-se o feitiço que se volta contra o feiticeiro, a contradição subversiva que leva à perda de referência, ao descentramento do racionalismo europeu a que se submete o indivíduo cosmopolita que ousa desterritorializar-se na realidade “fantástica” do sub-continente latino-americano. E o faz em benefício próprio, movido por sua agência e munido de sua racionalidade e utilitarismo, com que efetua o seu mapeamento cognitivo das possibilidades de inserção em um universo de significados desconhecidos.

Mas o faz também enfeitiçado por imagens, cores, sabores, cheiros e sons, através dos sentidos que são despertados, antes mesmo de pisar o solo latino-americano, pelas informações veiculadas pela mídia, pela literatura, pela circulação de pessoas entre os continentes e por meios virtuais. Por que ele faz parte de um mundo interconectado pelo qual viaja, com sua imaginação e fantasia primeiramente e depois exercendo sua mobilidade cosmopolita. Sujeita-se a uma intranquilidade permanente como estrangeiro e submete-se a uma transformação constante diante de estilos de vida e visões de mundo contrastantes.

Adotar um estilo de vida transnacional pode não ser equivalente a tornar-se um sujeito cosmopolita, entretanto mobiliza as capacidades do indivíduo que lhe permitem transitar entre contextos culturais diversos, relativizando progressivamente seus valores e referências de origem. Essa dimensão subjetiva da experiência migratória pode ser captada através dos relatos desses aventureiros do mundo atual, que respondem aos estímulos dos imaginários circulantes pondo em prática suas ‘vidas imaginadas’.

Garcia Canclini (2007) propõe que os migrantes contemporâneos sejam vistos como o “suporte humano da globalização”, como o lugar em que as decisões são tomadas e a liberdade é agenciada. Devemos pois incluir o papel das pessoas na dimensão cultural da globalização, levando em conta o drama, a responsabilidade e a possibilidade de se mudar de rumo. Deixando falar os atores sobre suas experiências da interculturalidade transnacional, poderemos melhor compreender os processos mais amplos e seus reflexos sobre suas vidas e sonhos: “É mais simples investir em um país estrangeiro do

que tornar-se cidadão dele. A globalização é imaginada mais facilmente para os mercados do que para os seres humanos.” (Canclini,2007:75)

A hipótese que encerra essa reflexão é a de que a subjetividade desses indivíduos “móveis” vai além dos traços particulares e se delinea como coletiva e contemporânea, tendendo à multiplicidade no exercício de posicionamentos e à flexibilidade para, no encontro com o “outro”, promover o próprio desdobramento. Diante disso o fatalismo da assimetria nas relações norte-sul envolvendo pessoas pede uma revisão, na medida em que as margens introduzem heterogeneidade na hegemonia cultural do centro, como sugere Corin (1995), repercutindo na consciência dos sujeitos em estudo.

REFERÊNCIAS (*)

- ABÉLÈS, Marc. **Anthropologie de la Globalisation**. Paris : Ed. Payot, 2008.
- ALVARES, Sonia & alli. Introduction: The Cultural and the Political in Latin America Social Movements. In **Cultures of Politics, Politics of Cultures**. Boulder: Westview Press, 1988.
- AMIT-TALAI, Vered. In precarious motion: from territorial to transnational cultures. **Canadian Review of Sociology and Anthropology, The**. 1997. August, 34:319-332.
- APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large. Cultural Dimensions of Globalization**. London/Minneapolis: Univ. of Minnesota Press., 1996.
- AUGÉ, Marc. **Pour une Anthropologie de la mobilité**. Payot, Rivages , 2009.
- AUGÉ, Marc. **Pour une Anthropologie des mondes contemporains**. Aubier, 1994.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. RJ: Jorge Zahar Ed. , 2005.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: Leach, E. e allii . **Anthropos-Homem**. RJ: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

- BECK, Ulrich Beck. **Olhar Cosmopolita**. Cosmopolitismo, um novo paradigma para as Ciências Sociais. (entrevista com Ulrich Beck) Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhes&id=10685> IHU – 14/11/2007 (acesso em Abril 2011)

- BERGAMINI, Kamila B. s/ data. Breve percurso histórico/cultural para o cosmopolitismo hispano-americano. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg/espanhol/Anais>> (acesso em Janeiro 2011)

- CASTRO, M. Garcia. Prefácio. In **Migrações Internacionais- Contribuições para Políticas** – CNPD, 2001

- CONSTABLE, Nicole. **Romance on a Global Stage**. Univ. of California Press. Berkeley & Los Angeles, 2003.

- CORIN, Ellen. Meaning games at the margins: The cultural centrality of subordinated structures. In: **Beyond Textuality**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.

- DUVAL, M. Deux catégories de l'Alterité : entre Fascination et Répulsion. **Le CERCE** : n° 1, Frontière , Automne , 2000.

- ELLIOT, A. & LEMER , C. **The New Individualism- the emotional costs of globalization**. London & NY: Routledge, 2006.

- ESCOBAR, Arturo – O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento ? In **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

- FRIEDMAN, Jonathan. Ser no mundo: globalização e localização. In: Mike Featherstone (org.) , **Cultura Global- Nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994. pp. 329-348.

- FRIEDMAN, J. Globalization, Class and Culture in Global Systems . **Journal of World-Systems Research** , 2000. vi (3) : 636-656.

- GARCIA CANCLINI, Nestor. **A Globalização Imaginada**. SP: Iluminuras, 2007.

- GRINBERG, Leon & GRINBERG, R. **Psicoanálisis de la migración y del exílio.** Madrid : Alianza Editorial, 1982.
- HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre, Setembro 2004. Disponível em : <[http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documento/Conference %20Rogerio%20Haesbaert.pdf](http://w3.msh.univ-tlse2.fr/cdp/documento/Conference%20Rogerio%20Haesbaert.pdf) >
- HALPERN, Catherine. Le Cosmopolitisme. In **Sciences Humaines**, nº 158, Mars 2005.
- HANNERZ, Ulf. “Cosmopolitas e Locais na Cultura Global”. IN: Mike Featherstone (org.) , **Cultura Global- Nacionalismo, globalização e modernidade.** Petrópolis:Vozes, 1994. pp. 251-266.
- HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia Transnacional”. **Mana**, 1997. 3(1):1-18.
- HEYMAN, Josiah & CAMPBELL, Howard. The Anthropology of global flows: A critical reading of Appadurai’s ‘Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy’. **Anthropological Theory**, 2009, 9:131-148.
- JAMESON, Fredric. **Pós-Modernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio.** SP: Ática 1997.
- JIN, Jenny. A Philosophy of Cosmopolitanism. **The Harvard Book Review.** Disponível em: <www.hcs.harvard.edu> , 2008. (acesso em Abril 2011)
- LANDER, Edgardo . Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e Ciências Sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- LAO-MONTES, Augustin. Latino-americanismo : atravessando genealogias e cruzando fronteiras. **Caderno CRH. Dossiê : Identidades, Alteridades, Latinidades.** Salvador, nº 32, p.87-108, jan./jun.2000.
- LAPLANTINE, François. **Transatlantique. Entre Europe et Amériques Latines.** Paris : Ed. Payot ,1994.

- MAIA, Suzana. Intersections of the Transnational: Brazilian Dancers in New York City's gentlemen's bars. In **Vibrant vol.6, nº1** Disponível em: <www.vibrant.org/downloads/v6_n1_maia.pdf> (Janeiro-Julho 2009)
- MAFFESOLI, Michel. **Au creux des apparences- pour une éthique de l'esthétique**. Biblio Essais 4184. Paris : Plon , 1990.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o Nomadismo- vagabundagens pós-modernas**. SP / RJ : Record , 2001.
- ONG, Aihwa. **Flexible Citizenship : The Cultural Logics of Transnationality**. Durham & London: Duke Univ. Press , 1999.
- ORTNER, Sherry. "Subjetividade e Crítica Cultural". **Horizontes Antropológicos** , 13(28): pp. 375-405 , Porto Alegre, 2007.
- PISCITELLI, Adriana. Gringos nos trópicos: Gênero e Nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza. In **Migrações Internacionais- Contribuições para Políticas** – CNPD , 2001.
- PRYSTHON, Ângela. s/data Cosmopolitismo, Identidade e Tecnologia : embates culturais no contemporâneo. Disponível em: < www.semiosfera.eco.ufrj.br> (Abril 2011)
- RAPPORT, Nigel. **Transcendent Individual – towards a literary and liberal Anthropology**. London: Routledge, 1997.
- RISÉRIO, Antonio. **Avant-Garde na Bahia**. Dissertação de Mestrado em Sociologia , apresentada à FFCH da UFBA , 1995.
- SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. SP:Edusp, 1998.
- SEGATO, Rita L. Alteridades históricas/identidades políticas : una crítica a las certezas del pluralismo global . **Série Antropologia**. Brasília:UnB, Departamento de Antropologia, nº 234, 1998.

- SJORSLEV, Inger. Alterity as a celebration, Alterity as a threat: a comparison of grammars between Brasil and Denmark. **In Grammars of Identity/Alterity – A structural approach.** The EASA series. Berghahn Books, UK, 2004.
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** RJ: Record, 1998.
- TARRIUS, Alain. Las circulaciones migratorias : conveniencia de la noción de ‘territorio circulatorio’ . Los nuevos hábitos de la identidad. **Leer, Describir, Interpretar.** Relaciones 83, vol XXI : 39-66 , 2000.
- VELHO, Gilberto - **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.** RJ: Jorge Zahar Ed , 1981.
- VELHO, G. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas.** RJ: Zahar Ed , 1994.

SITES e BLOGS consultados

- Revista Veja on-line , edição 1930, de 09 Nov. 2005 (acesso Out. 2009)
- <<http://www.clarin.com/suplementos/zona/2007/09/02/z-03615.htm>> (acesso Out.2009)
- www.cotebresil.com (post. 18 juillet 2009) / www.immobilierbresil.fr (acesso Out. 2009)
- <<http://www.immonews.wordpress.com>> 2007/10/01/le (acesso Out. 2009)
- <http://www.topworldinvest.com/brasil/invertir_brasil.pdf> (acesso Out. 2009)
- <<http://www.vivrebresil.com/pourquoi-sexpatrier-au-bresil.html>> (post.21/10/2009) (acesso Nov. 2009)
- <<http://www.vivrebresil.com/voyage/quitter-la-france>> (acesso Out. 2009)
- <<http://www.roget.biz/pourquoi-le-bresil>> (post. em 18/02/2008 , Perso) (acesso Out.2009)

- <<http://www.jacopo-in-brasile.blogspot.com/.../vivre-e-lavorare-in-brasile-scopri-i.html>> (post. em 13/02/2008) (acesso Nov. 2009)
- <http://www.aquiceara.com/Pages_FR/Installation.html> (Gilles Chartier- webmaster) (acesso Nov. 2009)
- www.bresilvoyage.com (acesso Nov.2009)
- www.voyageforum.com (postados em 01/11/2006 e 04/03/2007) (acesso Nov. 2009)
- <<http://www.bresil.aujourdhui lemonde.com/tag/entreprendre-au-bresil>> (acesso Nov. 2009)
- www.entrepreneursfrancais.com (entrevista c/ Yves Masset) (acesso Dezembro 2009)
- Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. Portal MTE, Conselho Nacional de Imigração (CNIg) , Coordenação Geral de Imigração (CGIg). Disponível em :
<<http://www.portal.mte.gov.br/geral/estatisticas.htm>> (acesso em Setembro 2010)

(*) As traduções dos textos em outros idiomas referidos no corpo da tese são da própria autora.

ANEXOS

Anexo I

O Nordeste dos Europeus - Revista VEJA on-line edição 1930 , 09 Nov. 2005

Estrangeiros que vêm para fazer negócios, turismo e, cada vez mais, para morar estão injetando uma nova energia no litoral nordestino.

O Nordeste brasileiro encontrou sua vocação: a de ser o paraíso tropical onde europeus gastam e investem seus euros. Portugueses, espanhóis, franceses, italianos, alemães e escandinavos estão invadindo a região para fazer negócios, passar as férias ou para desfrutar a aposentadoria num clima agradável e preços mais em conta do que os europeus. O movimento possui duas vertentes. A primeira é o avanço do turismo residencial. Alguns milhares de estrangeiros estão comprando apartamentos e casas do lado de cá do Atlântico – para veraneio ou mesmo para morar em definitivo. No Ceará, três de cada dez imóveis novos com valor acima de 50.000 reais são adquiridos por estrangeiros. No Rio Grande do Norte, os europeus compraram 40% das casas e apartamentos novos vendidos no último ano.

A outra vertente da invasão é a explosão de investimentos de empresas européias nos setores hoteleiro, turístico e imobiliário do Nordeste. No litoral baiano, sete complexos turísticos erguidos com capital europeu estarão concluídos nos próximos dois anos. Outros 28

empreendimentos de médio e grande portes devem ser inaugurados por grupos estrangeiros até 2010 no litoral potiguar. Os investimentos europeus em novos hotéis, resorts e condomínios previstos para os próximos cinco anos no Nordeste ultrapassam 4 bilhões de reais, o equivalente a 8% do que o Brasil recebeu em investimento estrangeiro em todos os setores da economia no ano passado.

Ambas as levas de recém-chegados – a empresarial e a de novos moradores – são o resultado do mesmo fenômeno, o aumento no fluxo de turistas europeus na região. Desde a década de 90, na Bahia, no Ceará e no Rio Grande do Norte, por exemplo, quadruplicou o número de visitantes estrangeiros no Nordeste. A movimentação chamou a atenção de empreiteiras e grupos hoteleiros europeus, que vieram construir a infra-estrutura necessária para atender os próprios contêrreos em território brasileiro. "A Europa é um mercado imenso, e o interesse pelo Brasil está crescendo cada vez mais", diz José Antonio Correia, do grupo português DDC, que está construindo um complexo residencial com treze torres de apartamentos e 192 lotes de casas no município de Eusébio, no Ceará.

No Nordeste, os turistas de hoje são os imigrantes de amanhã. Grande parte dos estrangeiros que adquirem casas no litoral nordestino é de visitantes que vieram para passear e acabaram se encantando com o estilo de vida, a paisagem e o clima local. "Eles compram residências porque querem passar mais tempo no Brasil", comenta o secretário de Turismo do Ceará, Allan Aguiar. "Muitos deles fazem isso por ter se aposentado ou porque querem abrir um pequeno negócio por aqui." Recém-aposentado em seu país, o suíço Marc Dizerens construiu com um sócio francês o condomínio Baía Dourada, no sul da Bahia. Metade dos lotes já foi vendida, todos para estrangeiros.

Sempre se acreditou que o turismo é uma vocação natural não só do Nordeste, como de todo o Brasil. O país tem paisagens variadas, 2.000 praias e clima ameno. O problema é que, apesar disso tudo, recebemos por ano um número de visitantes menor que o do Museu do Louvre, em Paris, ou o da minúscula Cingapura, na Ásia. Se o Nordeste está finalmente fazendo jus a sua vocação, é porque nos últimos dez anos começou a resolver alguns problemas de infra-estrutura que atrapalham o turismo. Nesse período, estradas novas ou reformadas e obras de saneamento básico permitiram a construção de condomínios e resorts em praias distantes das capitais. Também houve um esforço na formação de mão-de-obra qualificada. Todos os alunos do curso de culinária do Hotel-Escola do Senac em Natal já saem com emprego garantido. A providência de impacto mais imediato no turismo foi a ampliação de sete aeroportos da região. As melhorias possibilitaram o aumento do número de vôos internacionais regulares e fretados. Os aeroportos de Salvador, Natal e Fortaleza recebem, juntos, 105 vôos internacionais por semana provenientes da Europa, o dobro do que recebiam em 2003. Como muitos deles são vôos diretos, um europeu que na década passada gastava mais de doze horas para chegar ao Nordeste, fazendo conexões em São Paulo e no Rio de Janeiro, pode hoje decolar de Lisboa e pousar no Nordeste seis horas depois.

Junte a maior facilidade para cruzar o Atlântico aos preços baixos, para os padrões europeus, das diárias de hotel no Brasil e tem-se os elementos básicos para inundar a região com turistas do Velho Mundo. "Um europeu que passa férias no Nordeste gasta menos do que gastaria por um período igual em Mallorca, na Espanha, ou no Algarve, ao sul de Portugal", diz Marília Cecília Bodas, diretora da Lugares no Brasil, uma imobiliária com sede em Lisboa que vende imóveis brasileiros a europeus. Ao chegar ao Brasil, a simples conversão de euros para reais quase triplica o poder aquisitivo dos estrangeiros. O valor do dinheiro é um forte argumento na hora em que um europeu decide comprar uma casa de veraneio ou recomençar a vida no Brasil, em geral abrindo uma pousada ou restaurante. "Aqui, posso sair para comer todo dia em um restaurante diferente, um luxo para os padrões da França", comenta o aposentado Xavier Huvelin, francês de 68 anos que abriu uma pousada em Porto de Galinhas, em Pernambuco.

Pelo valor que pagaria por um apartamento de 100 metros quadrados em Madri, um aposentado

espanhol pode comprar duas coberturas com quatro suítes de frente para o mar em João Pessoa, na Paraíba. "Europeus de classe média baixa que vivem espremidos em minúsculos imóveis na periferia em seu país ficam encantados em poder comprar casas amplas, a poucos metros da praia, em um lugar onde há sol na maior parte do ano e onde todas as semanas passa um pescador oferecendo lagosta a 17 reais o quilo", diz o corretor de imóveis cearense Arnaldo Jorge Vidal, que nos últimos quatro anos se especializou em vender casas a portugueses em Fortaleza.

Foi a combinação de qualidade e baixo custo de vida que motivou os portugueses Nelson Baldaia, de 64 anos, e sua mulher, Otilia, de 61, a comprar uma casa na Praia de Águas Belas, na cidade de Cascavel, a 60 quilômetros de Fortaleza, quatro anos atrás. Como já estavam aposentados, no início passavam metade do ano no Brasil e metade em Portugal. "Agora que obtivemos o visto de residência permanente, decidimos nos mudar de vez para cá", conta Nelson. Aos poucos, os amigos que vinham visitá-los ou que ouviam suas histórias sobre o mar limpo e quente, a areia branquinha da praia, também começaram a adquirir casas no lugar. "Hoje estamos rodeados de dezenas de conterrâneos amigos. Até meu médico comprou uma residência perto da nossa", diz Nelson. Os portugueses que adquirem imóveis no Ceará recebem em média 1.500 euros de aposentadoria por mês. Isso equivale a perto de 8.000 reais por casal, um bom dinheiro para os padrões do Ceará. Nos últimos três anos, o número de portugueses morando no estado aumentou 60%.

De acordo com a Embratur, 5,4% dos turistas estrangeiros que vêm para o Brasil ficam em casa própria. Há cinco anos, esse número era tão inexpressivo que nem aparecia nas estatísticas oficiais. Outros 24% vêm para ficar hospedados com amigos ou parentes. O casal norueguês Thomas Lindgard, de 31 anos, e Cathrine Rystad, de 28, veio pela primeira vez ao Brasil para ficar com a filha Marianne, de 15 meses, na casa que um colega de Thomas mantém na Praia da Pipa, no Rio Grande do Norte. "A beleza da região e a cordialidade das pessoas foram uma boa surpresa para nós. Pretendemos voltar ao Brasil outras vezes", diz Cathrine.

A compra de imóveis por estrangeiros tem pelo menos três efeitos benéficos no Nordeste. O primeiro é a criação de novos empregos. Estima-se que cada estrangeiro que estabelece vínculos na região gere, no mínimo, um novo posto de trabalho fixo. O segundo efeito é a fidelização dos turistas. Com uma casa no Brasil, a frequência das visitas aumenta. A terceira vantagem é a mudança no perfil dos turistas. "Os estrangeiros que vêm para se hospedar em um resort de luxo ou compram casas de praia têm bom poder aquisitivo e gastam mais", diz Nelson Freire, secretário de Turismo do Rio Grande do Norte. A nova leva de turistas inclui famílias, recém-casados e idosos, grupos bem diferentes das hordas de homens que procuram o Brasil para fazer turismo sexual – e, por vários motivos, é muito mais bem-vinda.

Fonte: Revista Veja

Anexo II - Imigração Sócio-habitacional

02.09.2007		Clarín.com		Zona
TEMA DEL DOMINGO		CONSECUENCIAS DEL CAMBIO CLIMATICO		
En la UBA pronostican otra ola de inmigrantes europeos. Según los investigadores, también vendrían desde Estados Unidos. Será para alejarse de inundaciones, incendios y conflictos sociales. El objetivo: calidad de vida y precios baratos. Los primeros casos. Y la polémica.				
		Claudio		Savoia.

Desde afuera es casi imposible imaginar una vida igual: calles resplandecientes, edificios equipados con el máximo confort, barrios enteros en los que la palabra delito es desconocida. Eso sí: si el pronóstico de un equipo de investigadores de la UBA se

concreta, este paraíso sólo será disfrutado en las **nuevas ciudades privadas** construidas por miles de inmigrantes europeos y estadounidenses que ya habrían comenzado a llegar a Argentina, como parte de un supuesto **"proyecto de recolonización"**.

La tesis principal de la investigación "Transformaciones sociales en un mundo globalizado, migración y medio ambiente", conducida por el profesor de sociología de la migración y ex coordinador del Programa Iberoamericano de Educación, Cultura y Migraciones de la UNESCO, Roberto Aruj, es provocadora: la multiplicación de **inundaciones, sequías y terremotos**; la escasez y contaminación de recursos naturales como el agua y la energía, y la **presión social y laboral ejercida en el Primer Mundo por cientos de miles de inmigrantes de los países pobres**, estarían causando una ola de emigrantes de Europa y Estados Unidos hacia otros sitios más "limpios" y supuestamente estables, como ven o imaginan a nuestro país.

"Las consecuencias del cambio climático son mucho más duras en los países pobres, pero también es cierto que comenzaron a sentirse en los centrales", explica Aruj. "En ellos viven muchas personas con buen poder adquisitivo **dispuestas a instalarse en otros lugares**. América latina en general, y Argentina en particular, les ofrecen un estándar de vida similar al suyo, con todos los servicios, precios muy convenientes y a sólo doce horas por avión. Este tipo de inmigrante, que yo llamo '**sociohabitacional**', no se parece a nuestros abuelos, que dejaban todo por una aventura sin retorno. Ellos **eligen dónde y cómo vivir**, o por ahí comienzan viviendo una parte del año en cada país. Sus decisiones son fácilmente reversibles", subraya.

Aruj basa su hipótesis en algunos datos de la ONU -que ya creó la categoría de **"migrante ambiental"** para quienes dejarán su lugar de origen corridos por la contaminación y los cataclismos- y no descarta que en los próximos diez años se construyan ciudades cerradas para alojar exclusivamente a los nuevos inmigrantes. "Según Naciones Unidas, a fines de este siglo habrá unos 150 millones de desplazados por razones ecológicas. Pero este fenómeno ya comenzó, empujado por tragedias como la del huracán Katrina en Estados Unidos, o los reiterados incendios en Europa", dice el investigador.

Sin poder contrastar sus dichos con estadísticas oficiales -"la imprevisibilidad de esta migración lo impide"- ni precisar cuántos inmigrantes "sociohabitacionales" llegarían a nuestro país, y tampoco cuándo, Aruj promete alguna estimación para 2008. Mientras tanto, Clarín rastreó algunos datos que permitan abonar o desestimar su pronóstico. En la Dirección Nacional de Migraciones, por ejemplo, la tramitación de residencias temporarias o permanentes por parte de ciudadanos europeos y estadounidenses vino aumentando desde 2002 -a partir de la caída del cambio de un peso por un dólar-, y este año el Estado ya está otorgando, en promedio, casi una residencia por hora a ciudadanos del Primer Mundo (ver infografía).

Ajenos a cualquier conteo, algunos exponentes de esta supuesta nueva inmigración ya habitan las calles argentinas. Como Tom Sutherland, un inglés trashumante que hace dos años decidió comprar un pituco departamento en Santa Fe y Laprida, fascinado con la estética del diseño y los precios locales. Desde entonces, los constantes viajes de negocios de Tom por todo el mundo, tienen un nuevo puerto en el cual detenerse.

Un paso atrás está el peluquero y periodista de espectáculos estadounidense Otto Evia, que vive en Miami pero, según dice, no ve la hora de mudarse a Argentina. "El tuyo es

un país increíble, con mucha cultura. Yo soy famoso aquí y trabajé en Europa y México, pero te aseguro que no existe lugar en el mundo como Buenos Aires. En los últimos dos años viajé allá casi treinta veces", se emociona a través del teléfono, desde el estado de Florida.

En sus visitas a Argentina, Otto trabajó con Mariana Fabbiani y entrevistó a personalidades como Mirtha Legrand, Valeria Lynch, Fabián Gianola "y a mi maestro, el estilista Miguel Romano. Ahora vuelvo a tu país, en octubre nomás. Estoy trabajando en un programa como el de Jorge Rial, con chimentos, para un canal nuevo que tiene mucha programación argentina. Entonces hay artistas que son famosos acá. Voy a aprovechar la visita para llevar material mío a los canales, a ver si consigo trabajo y logro mudarme a Buenos Aires cuanto antes", se desespera.

El italiano Eugenio Ambrosi, representante de la Organización Internacional de las Migraciones para el Cono Sur, admite que la hipótesis de Aruj y su equipo "no es loca", pero advierte que tampoco hay elementos firmes que permitan pronosticarla con certeza. "No detectamos nada que permita confirmar un flujo tan importante de personas de buen poder adquisitivo hacia América latina. Sí se esperan migraciones importantes por problemas ambientales, pero no hay señales de que ya hayan comenzado".

Uno de los pilares de la hipótesis de los investigadores de la Facultad de Ciencias Sociales de la UBA, dice que Argentina, sobre todo en algunos barrios top de Buenos Aires y las ciudades más importantes del interior, vive una fiebre de compras de propiedades y campos por parte de extranjeros, apenas morigerada por la actual crisis de los mercados mundiales. Veamos: en la edición de abril del influyente Reporte Inmobiliario, el desarrollador Rodrigo Fernández-Prieto afirmaba que en Puerto Madero el 25 por ciento de los compradores son extranjeros, "mayormente españoles, y también franceses, ingleses y estadounidenses. En una proporción menor compran suecos, holandeses y belgas".

Gabriela, una experimentada agente inmobiliaria que trabaja en Puerto Madero y retacea su apellido por "discreción comercial", confirma estos datos: "Entre 2004 y 2005 hubo una compra compulsiva de departamentos por parte de europeos; llegamos a venderles una o dos propiedades por semana. Ahora esa ola se calmó un poco, pero todavía es fuerte", dice. Y revela otro detalle: "La mayoría compraba como inversión, pero después de conocer el país muchos decidieron comprar otro departamento para venirse a vivir acá en la vejez. Conozco varios casos de españoles, italianos, ingleses y norteamericanos".

Otro de los antecedentes que toma en cuenta Aruj es la compra de gran cantidad de estancias y latifundios de todo el país por parte de millonarios europeos y norteamericanos, un fenómeno cuyas caras más visibles en la década del 90 fueron el empresario textil italiano Luciano Benetton y el creador de la cadena de noticias CNN, Ted Turner; y que en los últimos años tuvo como insignia al magnate estadounidense Douglas Tompkins, dueño de unas 500.000 hectáreas en Corrientes y la Patagonia. Estos no eran casos aislados: según la Federación Agraria, cerca del **diez por ciento del territorio nacional ya está en manos extranjeras.**

A pesar de que los números impresionan, el presidente de la Comisión Nacional de Zonas de Seguridad, Luis Tibiletti, asegura que "el fenómeno de los Benetton y los

Tompkins se cortó, ya no hay compras significativas de latifundios por parte de extranjeros". Pero recuerda que "yo sólo controlo las zonas de frontera, hasta 150 kilómetros de distancia de los límites internacionales". En los registros de Tibiletti hay datos interesantes: "En la cordillera turística hay muchas compras de terrenos por parte de ciudadanos **suizos, italianos, alemanes y algunos americanos**. Por lo general es gente mayor que viene de vacaciones, se enamora y después se muda acá a disfrutar del valor de su jubilación europea".

Otro indicador que permitiría admitir la idea desarrollada en la UBA es la proliferación de estudiantes universitarios provenientes del Primer Mundo, muchos de quienes se estarían quedando en Argentina.

Pablo Bohoslavsky, titular del Programa de Promoción de la Universidad Argentina del Ministerio de Educación, sonríe: "No se puede generalizar, pero es verdad que en algunos sectores hay una cantidad notoria de europeos y norteamericanos que se está mudando a nuestro país. Conozco a bastantes creadores de software y diseñadores de páginas Web que se están viniendo, porque pueden vivir acá y vender sus productos en Europa. En Argentina encuentran buen clima de trabajo, desarrollo cultural y niveles de seguridad compatibles con los de sus países".

Aunque los datos estarán listos a fin de año, en Educación dicen que hay unos 14.000 estudiantes extranjeros en las universidades argentinas, más del doble que en 2004. Procesados la mitad de los datos personales (7.000 alumnos), ya se sabe que 60 por ciento proviene de Estados Unidos y Europa: unas 3.700 personas.

Pero a pesar de estas señales, los pronósticos audaces de Aruj son relativizados por el economista del Centro de Estudios para la Integración Nacional (CEIN) y especialista en migraciones Enrique Aschieri: "No veo que se haya iniciado una ola de inmigrantes ricos, ni que la veamos en pocos años. Además, hay que ver la película completa: el intercambio migratorio es muy desparejo entre los países ricos y los más pobres, y no ha hecho más que acentuar las desigualdades económicas. La población europea está envejeciendo, y mientras allá exportan jubilados, seducen e incorporan mano de obra muy calificada proveniente de países en vías de desarrollo. Esta transferencia de capital humano es una pérdida concreta para los países periféricos".

La "nueva colonización" que anuncia la UBA puede no ser más que una especulación. Pero algunos tibios datos piden que sea tenida en cuenta. En su flamante libro "El futuro ya llegó", el experto en marketing Guillermo Oliveto ofrece una mirada interesante:

"La futura desaparición de los cables es todo un símbolo: ya nada estará atado a nada. No se necesitará afincarse en ningún lugar para poder estar donde todos están, es decir en el espacio virtual", anuncia. "En un mundo sin distancias, **el nomadismo vuelve a tener valor**. Podemos elegir a dónde ir, dónde estar, con quiénes estar, qué valores compartir y durante cuánto tiempo". ¿Así será?

<http://www.clarin.com/suplementos/zona/2007/09/02/z-03615.htm>

Anexo III - Anúncios Imobiliários

Anexo III (1)

"Côté Brésil"

Projets, investissements, retraite Immobilier et hôtellerie au Brésil
www.cotebrasil.com Annonces Immobilières Brésil

Immobilier et retraite au Brésil

Préparez un investissement ou votre retraite sous les tropiques, dans un pays de rêves et une région bénie des dieux. Nous sommes un cabinet de conseils et d'accompagnement pour une acquisition immobilière et pour préparer sa retraite au Brésil. Nous sommes une équipe francophone exerçant principalement dans la région de Porto Seguro, dans l'état de Bahia. Nous travaillons avec des professionnels de la région (avocats, comptables, notaires, agents immobiliers) que nous avons sélectionnés pour leur sérieux et faisons pour vous la synthèse de l'offre globale.

Immobilier Brésil Vivez vos rêves et vos projets! (18 juillet 2009)

Retraite au soleil : demain, tous expatriés?

Vivre au soleil, avec en prime un coût de la vie inférieur à celui de la France, est une solution qui séduit de plus en plus de retraités.

Pour les retraités, la fiscalité est plus douce chez les voisins. Et ils sont plus nombreux à en profiter, parfois sous des cieux très ensoleillés. Car, partir vivre à l'étranger permet souvent de conserver son niveau de vie, voire de l'améliorer. Comment? En ne payant plus ses impôts, la CSG ni même la CRDS. Pour cela, rien de plus facile : déposer un dossier dans votre pays d'expatriation qui l'enverra ensuite à votre caisse de retraite. 1 091 887 Français ont fait le choix de s'expatrier à travers le monde et de vivre leur retraite à l'étranger. Et, au passage, de profiter d'avantages fiscaux.

PUBLIE PAR JEAN CLAUDE ELKAÏM A L'ADRESSE

La branche immobilière, "CÔTÉ BRÉSIL", est vite devenue prépondérante en se consacrant pour la première fois au Brésil, à la conception, à la construction et à la commercialisation de domaines résidentiels de haut niveau destinés au marché européen. Deux domaines construits et commercialisés ("Baia Dourada" et "Le Domaine des Coraux"), un en construction ("Un Jardin à Bahia") et deux en projet consacrés au golf et au cheval (sur 230 ha). Porto Seguro-Bahia.

Qui sont nos clients et qu'est-ce-qui les attire ?

Nos clients sont des cadres de sociétés, des chefs d'entreprises ou des professionnels libéraux, de 35 à 60 ans. Ils résident à São Paulo, Paris, Lyon, Aix-en-Provence, Nice, Montpellier, Saint Tropez et Sainte-Maxime, Porto, Genève, Bruxelles..etc, et prétendent se faire construire une propriété de rapport, d'agrément et/ou de retraite pour plus tard.

Ce qui les a décidés :
 - les prix d'acquisition sont bien "meilleur marché" qu'en Europe, et permettent des plus-values rapides et importantes (15% par an sur les 4 dernières années) ,
 - le climat printannier toute l'année (18 à 28°C),

- la nature merveilleuse (plages, îles-de-coral, forêts, mangroves, fleuves, histoire du Brésil Colonial...), notre région est considéré comme l'une des plus belles du Brésil,
- les gens patients et souriants, hospitaliers et cultivés, heureux de vivre,
- l'exotisme, la musique, la danse, la culture et la culinaire de Bahia,
- les loisirs et les sports organisés par des professionnels: plage et tous ses sports : parachute ascencionnel, ULM, plaisance et navigation, plongée, hippisme, golf, pêche en rivière, dans les mangroves ou en haute-mer, marlin bleu sur le fameux "Royal Charlotte Bank", au large du Domaine, randonnées en forêt dans les villages indigènes, trekking...

- une infra-structure "comme en Europe" : accès (routes, aéroport international, port de plaisance en estuaire), santé hopitaux, médecins, dentistes, labos d'analyses, pharmacies, banques 24h, télécoms, location de transports voitures, bateaux, hélicoptères, avions, shoppings, hôtels et auberges, restaurants de tous types, boîtes de nuits, galeries d'art et d'artisanat, parcs à thèmes, professionnels du tourisme et réceptifs, escales de grands navires de croisières...etc,
- et enfin un pouvoir d'achat princier lorsque l'on a des revenus ou une retraite en Euros.



E-mail: jc-elkaim@uol.com.br

Site: www.immobilierbresil.fr

Anexo III (2) Le Brésil – Splendeur d'un marché émergent

Posté par Admin le Lundi, octobre 1, 2007

Etant l'un des plus grands pays du monde, avec une population de plus de 180 millions, le potentiel économique du Brésil est énorme. Avec une main d'œuvre et des matériaux bon marché en abondance, le Brésil est le portrait type d'un marché immobilier émergent sous-estimé. Emma-Claire McGrady nous aide à découvrir ce qui fait de ce pays une option si intéressante pour l'investisseur immobilier.

Il n'y a pas si longtemps, le Brésil était vu comme un pays où il était risqué d'investir. Avec un marché instable, une économie en refroidissement et un gouvernement encore plus instable, le pays était tout simplement considéré comme non-viable du point de vue économique. Cependant, au cours de ces dernières années, non seulement le Brésil a vu sa côte vis à vis des touristes monter mais il est aussi devenu un endroit extrêmement attrayant pour l'investissement. Grâce à l'augmentation des investissements étrangers, une inflation contrôlée, une devise stable et **un marché de l'immobilier sous-évalué, les investisseurs se ruent vers ce nouvel eldorado de la pierre.**

Le Brésil est souvent considéré comme l'un des pays les plus beaux et des plus mystérieux au monde. A la beauté de son paysage s'ajoute l'hospitalité bien reconnue de ses habitants, un faible coût de la vie et un marché de l'immobilier qui offre un très bon rapport qualité/ prix : « du miel pour les abeilles » ! Il y a quelques années, l'émergence du marché immobilier brésilien n'était qu'un bruit de couloir qui s'est rapidement converti en un fait inéluctable. Les régions tels que Natal et Fortaleza dans le nord est du pays se sont beaucoup popularisé, du fait que les investisseurs européens ont maintenant un accès direct par avion à cette région. Par conséquent, les prix de l'immobilier entre Natal et Salvador ont fortement augmentés durant de ces dernières années.

« Les régions dites juteuses en terme de rentabilité se trouvent pour la plupart au nord est du pays, a partir de Natal jusqu'à Salvador – ceci est tout simplement dû au fait que cette région est directement desservie par des vols réguliers depuis la Grande Bretagne» explique Mr. Kiniffo, partenaire d'izimmo-invest.com. « les prix de la propriété dans cette région augmentent solidement et la moyenne nationale est de l'ordre de 20% par an.

Publié dans [Investissement Immobilier Brésil](#) | Taggé: [brésil](#), [fortaleza](#), [investir](#), [Investissement Immobilier International](#), [marché émergent](#), [natal](#), [salvador](#) | [Laisser un commentaire](#) »

Anexo III (3) www.topworldinvest.com/brasil/invertir_brasil.pdf

POR QUE INVERTIR EN BRASIL AHORA BRASIL Y RIO GRANDE DO NORTE

Brasil, con 200 millones de habitantes, es primera potencia económica de Latinoamérica y representa uno de los mercados en plena expansión más interesantes y prometedores tanto para importar, exportar, o como para implantarse empresarialmente.

*Primero productor mundial en azúcar, café, caña de azúcar, el país es el primer constructor mundial de aviones regionales y el segundo productor mundial de etanol después de E.E.U.U.

* Primero exportador mundial de soja, de azúcar y de etanol, de buey, de pollo, de tabaco, zumo de naranja. La empresa LDCB en Brasil se hizo también el numero uno mundial del algodón.

* Brasil dispone también de recursos importantes en agua, el país dispone del 18 % de las reservas mundiales.

Brasil forma parte del llamado grupo BRIC (Brasil, Rusia, India y China), cuatro de los grandes colosos mundiales con las economías e mayor potencial a medio plazo.

Goldman Sachs argumenta que algunas de las cuales seguramente figurarán como líderes mundiales a mediados de este siglo.

El mundo financiero está convencido que la importancia de los países del BRIC va a ser determinante en un futuro próximo.

La agencia de calificación de riesgo financiera Standard & Poor's elevó la calificación sobre el país de **grado especulativo a grado de inversión, o destino seguro de capitales**. Es uno de los 14 estados del mundo que tienen esos galones financieros. Según el FMI, Fondo Monetario Internacional, la economía brasileña crecerá del 5% este año pese a la crisis financiera y la Bolsa de Sao Paulo se ha dado una atracción con subidas espectaculares del orden de 7%. Se considera la Bolsa brasileña como la favorita para 2008.

Brasil posee su propio petróleo y la autosuficiencia en los elementos los mas importantes lo que resulta de un nivel de tasas de intereses bajo y una inflación controlada.

Esto sitúa nuestra apuesta por Brasil en uno de los mejores entornos para obtener altos rendimientos y confirman el país como mejor destino de inversión.

RIO GRANDE DO NORTE

Rio Grande do Norte y su capital Natal con 800.000 habitantes, es el punto de Sudamérica el más cercano a Europa.

El Nordeste de Brasil es la zona más segura de América Latina (presencia militar y base aérea) con una temperatura agradable todo el año, aguas cálidas de 26°C y el aire más puro del planeta según la NASA después de la Antártica.

El gran "boom"

Debido al gran "Boom" turístico y de inversionistas europeos , la zona de Rio Grande do Norte es el objetivo principal para los inversores del sector hotelero en el mundo.

En noviembre de 2007, en el BMP de Barcelona (Barcelona Meeting Point) Brasil fue el país "invitado". Río Grande do Norte ha sido la zona más buscada y según los periódicos se han firmado contratos para un importe acercando los 5.000 millones de Euros.

Natal ha sido elegido la mejor ciudad del Nordeste en potencial turístico con sol, playas, seguridad, hospitalidad y precios atractivos.

Natal a crecido durante los últimos años de manera explosiva, tanto en turismo como en infraestructuras.

Un nuevo destino, un nuevo aeropuerto

Portugueses, españoles, italianos, escandinavos y otros europeos descubrieron un nuevo destino, Natal, que era mucho más cercano y con una naturaleza todavía casi virgen y sus 400 km de maravillosas playas. Ponta Negra, Genipabu con sus dunas son muy apreciadas. Pipa tiene la reputación de ser la Marbella del Nordeste y resulta popular entre la clase alta brasileña.

Pero todo este boom no ha pasado desapercibido para todas entidades : nos referimos al la construcción del nuevo aeropuerto.

Natal dispone de un aeropuerto nuevo desde hace pocos años, el Augusto Severo. Pero esta masificación turística ha hecho pensar a las compañías aéreas a tomar una decisión, **construir el aeropuerto más grande de Latinoamérica en Natal. ¿Por qué?**

Natal está siendo visitado durante todo el año por miles de turistas buscando sol y playa. Con sólo 7 horas de vuelo desde las grandes capitales europeas y 4000 km más cerca que Río o Sao Paulo, eso es un destino privilegiado y el punto más oriental de Sudamérica, además de ser un gran ahorro para las compañías aéreas en todo (carburante, tiempo, etc..)

Con toda esta informaciones han decidido construir este aeropuerto donde podrá aterrizar el nuevo Airbus A380. Esta obra dará trabajo fijo a 20.000 personas y llevará a miles de turistas nuevos.

Después del nuevo aeropuerto, se prevé una destinación turística como Cancún en México.

Una nueva oportunidad

Todo esto hace que Río Grande do Norte sea una zona de gran inversión y no sólo como inversión inmobiliaria pura, también como residencia de vacaciones, lo que resulta muy atractivo para la construcción de condominios con Golf y infraestructuras sofisticadas.

A la hora de plantear una inversión importante, es fundamental elegir la mejor ubicación. Natal y Pipa son el destino por excelencia.

Anexo IV (1) - www.vivrebrasil.com (blogs en google.ch pourquoi pas aller vivre au Brésil)

« Vivre au Brésil – Quitter la France. » Stéphane, 31 ans, web designer (21/10/2009)

Pourquoi s'expatrier au Brésil?

J'ai choisi le Brésil! Mais pourquoi?

-Mode de vie, Coût de la vie, Le futur économique du Pays, La gentillesse des gens, Le climat, la faune et la flore, l'océan...

On entend tellement de fait divers sur la Télévision Française et ailleurs que l'expatriation au Brésil peut faire peur. Même y voyager peut être un doute dans nos esprits. En réalité, je me sens beaucoup plus en sécurité au Brésil qu'en France, évidemment qu'il y a des problèmes, des meurtres, problèmes de drogue, ect , mais comme partout en fin de compte. Deux villes en particulier qui font beaucoup parler d'elles, Sao paulo et Rio de Janeiro, il faut savoir que ces villes sont énormes et difficilement contrôlable! Explosion de la population!

Moi je suis dans le sud du Brésil, dans une ville de taille moyenne à l'échelle du Brésil, il n'y a même pas de Favelas ici, la vie y est bien tranquille et je n'entends pas beaucoup d'histoires malsaines. Cette ville qu'est Joinville dans le Santa Catarina est considérée comme la ville Brésilienne où le niveau de vie est le plus élevée.

Le Brésil pour moi représente un endroit sur terre où l'on a encore la possibilité d'évoluer librement, parce que le système est souple dans son ensemble. Le système ne vous aidera pas, mais en contre parti, le système ne vous assommera pas de taxes et de paperasse en tout genre, ce qui est assez comparable aux États Unis.

Le climat est aussi une source de motivation, fini les hivers à -5 degrés, j'aime le soleil et les hivers tempérés!

La faune et la flore y est extra ordinaire et il est très plaisant de faire une balade dans la nature et écouter tout les bruits exotiques qui peuvent s'échapper de la forêt! Ils existent encore beaucoup d'endroits in touchés par l'homme où le profit et l'argent n'a pas encore mains prises.

Le coût de la vie y est fort intéressant pour nous européens, par exemple, pour ce loger; On peut trouver un appartement sympathique et spacieux pour la modique somme de 500 Reais par mois (environ 190euros), j'y retrouve tout le confort que l'on peut avoir en Europe pour bien moins cher!

La nourriture elle aussi coûte bien moins cher et aller au restaurant devient chose accessible sans modération. La nourriture demande un temps d'adaptation car différente de nos habitudes culinaires Française. Les Brésiliens mangent sensiblement comme les américains, mc donalds, pizza hut, fast food en tout genre... La cuisine traditionnelle n'est pas remplacée, mais les fast food sont omniprésents dans tout le Brésil.

Le mode de vie brésilien rends les gens fort sympathique, je les adorent car le positif qu'ils dégagent rends la vie bien plus agréable qu'en Europe. Les amis Brésiliens seront toujours là pour vous aider, le cœur sur la main. Il m'est arrivé de manger chez des gens d'un niveau social très moyen, ceux ci possédaient une bouteille de vin français qu'ils gardaient pour une occasion spéciale, et bien pour ce repas, ils m'ont ouvert cette bouteille alors que je ne les connaissais même pas, mais étant Français, ils ont voulu me faire plaisir.

Le Brésil est un pays en développement économique intense, la crise, on en entend pas beaucoup parler ici, je vois par exemple ma copine qui trouve un travail en 4 jours de recherches, pour moi l'européen, je suis épaté par la rapidité d'action!

Je pense que dans le futur, le monde devra compter sur le Brésil car ce pays risque fort de devenir essentiel au bon mode de fonctionnement de nos sociétés, je pense notamment à l'alcool de sucre de canne qui permet de remplacer le pétrole utilisé pour faire fonctionner une voiture. Au Brésil, le pas est déjà franchi depuis plusieurs années, toutes les voitures qui sortent des usines automobiles peuvent rouler à l'alcool. Ce carburant peut être produit à l'infini, il ne pollue pratiquement pas et coûte bien moins cher que l'essence actuelle! Pour produire ce type de carburant, il faut énormément de place, un petit pays comme la France n'est pas en mesure de produire ce type de carburant, et c'est ainsi que le Brésil est actuellement le premier producteur mondial d'alcool de sucre de canne comme carburant. J'imagine donc que le Brésil économiquement parlant va exploser dans une dizaine d'années! Et cela est une très bonne chose.

Ne croyez pas que tout est rose ici, il y a des points négatifs, mais cela fait parti de l'expatriation, il faut savoir s'adapter et s'intégrer. Quand on s'expatrie, il faut prendre conscience que l'on

debarque sur une autre planete ou tout y est different, sans ce mental, il vous serra compliquer de reussir une expatriation quelqu'en soit la destination!

Anexo IV (2) - Cocktail Web

Pourquoi vivre au Brésil 6 arguments

(<http://roget.biz/pourquoi-le-bresil>)

(18 February, 2008 - Perso)

Pourquoi le Brésil?

Une des premières questions que me pose les Brésiliens, est de connaitre les raisons qui m'ont poussées à venir habiter dans un pays du tiers monde, alors que beaucoup de Brésiliens voudraient aller vivre en Europe (Surtout ceux qui n'y ont jamais vécus). Cela aurait pu être un autre pays, mais étant marié à une Brésilienne, le Brésil s'est posé en premier et dernier candidat d'emblée. Mais la véritable raison est que j'aime bouger, j'aime changer et j'aurais eu tort de ne pas tenter une expérience au Brésil. Il y a d'ailleurs fortes chances que d'ici quelques années on se remette à penser à un autre changement. Après viennent plusieurs arguments étayant notre choix.

Premier argument : le climat sub tropical qui règne ici dans l'état de Santa Catarina est vraiment une grande plus-value par rapport à n'importe quel lieu de France. On pense souvent à Nice qui n'arrive pas à la cheville du climat qui règne ici, mais c'est le seul lieu de France où on pourrait envisager encore de vivre. L'inconvénient serait l'humidité qui fait que les vêtements en cuir moisissent dans les placards.

Deuxième argument : la chaleur humaine, ici c'est tout simplement un lieu où les gens sont sympathiques, bien moins sympathiques que les Brésiliens du nord, mais suffisamment sympathiques en comparaison avec ce qu'on peut vivre à Paris. Les parisiens quand même ont fait des progrès dans le bon sens, il faut l'avouer, mais ils ont encore du chemin à parcourir. En plus de l'aspect sympathique des Brésiliens, il ne faut pas oublier l'esprit festif qui règne ici.

Troisième argument : le Brésil est le pays des opportunités, le pays du futur. On parle des BRIC inventé par la banque Goldman Sachs dans le Brésil fait partie. Alors il y a sûrement une petite place pour moi et une petite opportunité à saisir. Il faut juste avoir l'esprit d'entrepreneur, un peu de culot et un peu de chance. Le contre argument est qu'ici on dit que le Brésil est bien le pays du futur, mais que le futur n'est pas pour demain, ni pour après demain.

Quatrième argument : pas de terrorisme au Brésil. Certes le Brésil regorge de bandits, mais les bandits ont une certaine éthique, la plupart du temps ils tuent parce qu'on ne les a pas obéis, il n'y pas de tuerie aveugle, ici on tue de façon justifiée, et par nécessité. Ici on a donc peu de chance de se faire exploser par une bombe dans un train, car vous me direz il y a aussi très peu de trains au Brésil. N'oublions pas que le Brésil est très grand et que la violence urbaine existe bien dans les grandes villes, mais beaucoup moins dans les villes comme celle où nous habitons.

Cinquième argument : Il n'y a pas de tremblement de terre au Brésil, pas d'ouragan, aucun problème de grosse catastrophe naturelle sinon les inondations, mais les inondations sont localisées.

Sixième argument : la culture Brésilienne est quand même relativement proche de celle des Européens. Ici dans le sud, la population est d'origine Allemande et Italienne, vient ensuite des gens d'origine Hongroise, Suisse, Espagnole et Portugaise (dans le désordre surement). Dans l'Etat de Santa Catarina, c'est un peu comme si on voyageait en Europe mais dans une Europe de la taille de la Belgique (sans les autoroutes). J'inviterai mes compatriotes à venir fêter la grande fête allemande dans la ville voisine , Blumenau Oktober Fest pour venir conférer mes dires.

Anexo V - www.aquiceara.com

S'installer au Ceará... Conseils pratiques

(Gilles Chertier- Webmaster)

Vous avez découvert le Ceará, son climat et ses plages pendant vos dernières vacances et vous n'avez plus qu'une envie : aller vivre là-bas.

Bien. Le site Aquiceará est en ligne depuis 2001. Il m'a valu de recevoir de nombreuses demandes de renseignements de la part de gens qui envisageaient de s'installer au Brésil.

Commençons par les formalités. La page Liens du site donne accès au site gouvernemental avec la loi régissant le statut des étrangers. Bien entendu, elle est en portugais, mais je suppose que si vous avez décidé de vous installer là-bas, vous maîtrisez la langue... Pour faire court, plusieurs cas de figure :

1) Vous êtes retraité et vous percevez \$ 2000 (US)/mois, soit environ € 1500/mois à la date où nous écrivons ces lignes (avril 2007). Dans ce cas, vous pouvez obtenir le permis de résidence permanente.

2) Vous avez un enfant qui naît au Brésil. Si vous êtes le compagnon de la maman et que vous reconnaissez l'enfant, vous pouvez obtenir le permis de résidence permanente.

3) Vous investissez \$ 50 000 (\pm € 37 000) en créant une entreprise. Là encore, vous pouvez obtenir la résidence permanente. C'est tout.

Ça, c'est la théorie. Dans la pratique, c'est loin d'être aussi facile. Laissons de côté les deux premiers cas de figure, qui sont les moins problématiques.

La possibilité n°3 semble alléchante. Après tout, € 37 000, c'est une somme qui n'a rien d'exceptionnel pour beaucoup de gens.

Mais commençons par le commencement : la motivation. Parmi les nombreux courriels reçus de postulants à l'installation au Ceará ou au Brésil en général, j'ai relevé quelques constantes :

- J'en ai marre de l'Europe, de son climat, envie de soleil.
- J'en ai marre de l'Europe, de sa fiscalité écrasante.
- J'en ai marre de l'Europe, c'est un pays de vieux.
- J'en ai marre de la routine, j'ai envie de changer de vie.
- Pour le prix d'un petit appart' ici, là-bas je peux avoir ma maison les pieds dans l'eau.
- J'ai rencontré une fille/un garçon. Nous nous aimons. Je veux aller vivre là-bas.

Parmi ces motivations, il n'y a que la dernière qui soit, disons, positive. Le ras-le-bol exprimé par les autres énoncés peut se comprendre dans certains cas, mais comme chacun le sait, il ne représente pas une base saine pour prendre un nouveau départ.

- Marre de l'Europe et de son climat : moi aussi j'ai parfois le blues, surtout en milieu d'hiver quand le ciel reste plombé pendant des jours et des jours. Si ça me pèse trop, je prends un billet d'avion pour le Ceará ou ailleurs. Sur place, je profite pleinement du climat, du dépaysement, et au retour, je ne suis pas mécontent de retrouver mes pénates et ma culture.
- Marre de l'Europe et de sa fiscalité : ah ! la fiscalité européenne ! Exerçant une profession libérale, je serais bien placé pour me plaindre. Pourtant ce n'est pas le cas. Je suis très content de payer des impôts et des charges. Ayant connu la pauvreté (entre autres, au Brésil, sans parler du chômage et du RMI en France), je me suis toujours félicité de devoir payer des impôts. Au moins, nous avons un système de santé, scolaire, des routes, etc. globalement performants. La fiscalité brésilienne est plus lourde que la nôtre et on n'a quasiment rien en contrepartie. Beaucoup d'Européens s'imaginent que le Brésil est un pays où on peut facilement ne pas payer d'impôts ou de charges. Qu'ils se détrompent. D'autant plus que le gouvernement a récemment commencé à resserrer les boulons dans ce domaine. Et puis, il n'y a pas que la fiscalité. Il y a les rouages dans lesquels il faut mettre de l'huile, et ça, ça peut revenir très, très cher. Sans parler des taux d'intérêt des banques. À tout prendre, je préfère notre fiscalité.

• Marre de l'Europe, c'est un pays de vieux : certes, la population européenne est dans une mauvaise passe sur ce plan si elle continue à se fermer à l'immigration. Cependant, la population brésilienne vieillit aussi. La moyenne d'âge a considérablement augmenté depuis une vingtaine d'années, ce qui a d'ailleurs été largement bénéfique pour le pays en le rendant plus stable. En même temps, le pays est jeune (c'est l'Amérique) et sa population, globalement plus jeune que la nôtre. Elle est plus optimiste et entreprenante, et ça peut être motivant. Pour ma part, à chaque fois que je reviens de là-bas, je suis regonflé à bloc, j'ai envie de faire plein de trucs... mais surtout pas là-bas.

- Marre de la routine, envie de changer de vie : est-ce une raison suffisante pour tout planter au risque de *vous* planter ?
- Immobilier : les prix de l'immobilier semblent alléchants. L'ennui est que la spéculation est telle que le bien que vous achetez aujourd'hui aura perdu au moins les deux tiers de sa valeur d'ici cinq ans. Il vaut mieux louer. L'offre est pléthorique, et si on ne se plaît pas quelque part, on peut toujours déménager. Et puis... c'est déjà bien difficile de trouver un plombier ou un électricien en Europe, alors au Ceará...
- J'ai rencontré une fille/un garçon et nous voulons faire notre vie ensemble là-bas : le cœur a ses raisons que la raison ne connaît point...

Bien, au temps pour les motivations. Maintenant, quel est votre projet ? Parmi les courriels reçus et les messages lus un peu partout dans les forums de voyages, force est de constater que l'originalité n'est guère de mise :

« Je voudrais ouvrir une *pousada*/un restaurant » arrive largement en tête chez ceux qui ont quelques sous.

« Je voudrais ouvrir un cybercafé » semble plus tendance chez les moins de trente ans. Question de moyens et de génération, sans doute.

À vrai dire, je n'ai pas le souvenir d'autres projets. Ceux qui ont une meilleure idée se la gardent, je suppose. Bien, bien, bien... *Pousada*, restaurant ou cybercafé, quelle expérience avez-vous de ces activités ? Avez-vous déjà travaillé dans le tourisme ? Tenu un restaurant ? Un cybercafé ?

Parlez-vous portugais ? Bien ? Êtes-vous capable de lire la loi sur les étrangers dont j'ai parlé plus haut ? C'est un bon début.

Quelle expérience avez-vous du Brésil ? Avez-vous déjà essayé d'y gagner votre vie ? Avez-vous fait une étude de marché pour votre projet ? Si vous remplissez tous ces critères, peut-être avez-vous vos chances.

Il faut se rendre compte que certaines choses ne fonctionnent pas comme en Europe. Même si la langue est facile, les mots n'ont pas le même sens des deux côtés de l'Atlantique. En Europe, si quelqu'un vous dit qu'il passe le lendemain à 15 heures, vous l'attendez à 15 heures. À 15 h 15, vous vous impatientez ou alors la personne téléphone pour dire qu'elle sera en retard. Au Ceará... vous pouvez l'attendre aussi ! Longtemps. Aujourd'hui, j'attends encore un tas de gens qui m'ont dit en 1985 qu'ils passeraient « demain ».

Implantation de votre projet

Cela regroupe à la fois le volet immobilier et

l'activité proprement dite.

L'achat d'un bien immobilier est avantageux sur le papier, mais il y a quelques éléments à prendre en considération, à commencer par la sécurité. Pour ne pas risquer les braquages, il n'y a pas photo : c'est l'appartement dans une tour-forteresse (murs de quatre mètres de haut avec tessons de bouteille, vidéosurveillance et vigiles) de Meireles ou Aldeota. La maison les pieds dans l'eau ou quelque part dans un quartier, c'est déjà plus risqué, quand ce n'est pas de l'inconscience pure et simple. On peut, bien sûr, graisser la patte au vigile de la rue ou en embaucher un pour être plus tranquille...

Hors de Fortaleza, il y a une multitude de charmants villages de pêcheurs tout le long de la côte. Là encore, on trouve des maisons à des prix évidemment sans rapport avec les prix européens. Une insécurité sans rapport avec l'Europe non plus. Bon, si vous avez juste un hamac (pas trop neuf) ou deux, ça devrait aller. Par contre, l'ordinateur portable et l'appareil photo numérique...

Évidemment, dans de tels endroits, sortir le soir est à éviter. Il est préférable que la maison soit surveillée et qu'il n'y ait rien de valeur. Ensuite, pour aller où ? Au restau ? Dans un village de pêcheurs ? Donc, direction Fortaleza. Seulement, si vous habitez quelque part le long de la côte, il faut faire la route de nuit. Avec les vélos sans éclairage, les types imbibés de cachaça qui zigzaguent dans le noir, les ânes qui traversent sans prévenir, les nids de poule, etc., c'est un peu l'expédition. En ville, passé une certaine heure et dans la plupart des quartiers, on ne s'arrête plus au feu rouge. Pas pour le plaisir de le griller, mais pour éviter de se faire braquer.

Bon, tout ça, c'est si vous arrivez à vivre de votre activité. Hélas, il faut bien admettre qu'au Brésil, il y a beaucoup d'appelés et peu d'élus. Évidemment, personne ne l'admet, mais on passe son temps à ramer. Et quand je dis ramer, c'est vraiment ramer.

Le projet d'ouvrir une *pousada*, c'est bien, mais pour accueillir qui ? Des *pousadas*, il n'y a que ça, sans parler des hôtels de toutes catégories. Les touristes ? Faites un aller et retour sur Beira Mar en haute saison et comptez les touristes étrangers (les seuls qui ont les moyens de dépenser) que vous croisez. Je dis bien en haute saison. Maintenant, comparez au nombre de touristes étrangers que vous croiseriez sur une plage de Bretagne en juin ou en septembre. Pour ma part, je choiserais plutôt la Bretagne pour l'ouvrir, ma *pousada*...

Un cybercafé ? Il y a des gens qui en vivent ?

Tout le problème est bien là : le manque de clients. Fortaleza a beau avoir 2,5 millions d'habitants, il n'y a au mieux qu'un demi-million de gens qui peuvent

consommer.

Ouvrir un restaurant ? À Fortaleza plus qu'ailleurs, tout est question de mode. La mauvaise idée, c'est d'ouvrir un restaurant français. Il sera à la mode un mois ou deux puis périlitera. Il vaut mieux ouvrir un petit restau sans prétention offrant des plats régionaux, c'est plus sûr. Et puis la restauration, c'est du travail. Le rêve tropical, vous allez en profiter quand ? Pour ouvrir une *pousada*, Fortaleza n'est pas un mauvais choix (après, il faut bien choisir l'implantation, évidemment) puisque tout le monde y passe tôt ou tard. L'ennui, c'est que la concurrence est considérable et qu'on n'est pas sûr d'en vivre. Il faut impérativement être sur le pont en permanence, aller chercher les clients à l'aéroport, communiquer sur Internet, etc. Le rêve tropical, vous allez en profiter quand ?

Quant au reste du Ceará, ouvrir une *pousada* dans un village de pêcheurs où on peut pratiquer le windsurfing est un choix plus judicieux, mais le succès n'est pas garanti non plus. On se heurte alors au problème de l'éloignement. Les Européens ne se rendent que rarement compte du problème des distances. Qui viendra faire du surf dans votre charmante petite auberge les pieds dans l'eau à 150 km de Fortaleza ?

En fait, si on veut vivre au Ceará, il faut se préparer à être pauvre. Parmi ceux qui m'ont écrit, la plupart affirment ne pas chercher à s'enrichir, mais juste à vivre simplement. Ils veulent « juste » gagner de quoi vivre sur place et revenir en Europe une fois par an. L'ennui, c'est que ce « juste de quoi », c'est déjà un rêve de riche pour le Ceará. Si on n'a pas la chance de travailler comme expatrié, avec un salaire européen, on se prend vite à rêver d'engranger un SMIC par mois.

Et je ne parle pas de scolariser des enfants, de consulter un médecin ou de vous faire hospitaliser...

Donc, si vous avez des économies et une bonne idée d'investissement, que vous avez fait une étude de marché et que vous n'avez pas peur de tra-vail-ler, que vous ne comptez sur personne, pourquoi pas ? Le Ceará est un endroit très agréable pour vivre et où il y a beaucoup plus à découvrir qu'il n'y paraît. Par contre, n'investissez surtout pas la totalité de votre capital. Placez-en la moitié en Europe, même si les taux d'intérêt et la fiscalité ne vous semblent pas avantageux. Vous pourrez au moins rentrer au bercail si nécessaire.

Anexo VI - Vivere in Brasile (blog Google)

mercoledì 13 febbraio 2008

Vivere e lavorare in Brasile, scopri i miei consigli

Qualche giorno fa trovai scritto in un sito che riguardava il Brasile una frase che più o meno diceva così "se ti piace viaggiare, lascia il Brasile per ultimo"; ad una prima lettura veloce, questa frase, può farti pensare "ma come tutti ne parlano bene del Brasile...allora non è tanto bello come dicono" e invece no vuol dire perfettamente il contrario cioè che se ci vai la prima volta poi ci ritorni altre sette volte (ho esagerato?). Molte volte ho riflettuto sul perché avviene questo, probabilmente noi europei ne rimaniamo affascinati per l'apertura che le persone hanno, perché è molto facile ritrovarti a parlare con qualcuno che non hai mai visto alla fermata dell'autobus così tanto per passare il tempo, identifichiamo sempre il Brasile come un paese pieno di persone che

sorridono, a cui piace divertirsi e lo fanno in modo spensierato, gli basta un secchio e qualcuno che ci batta sopra le mani che già è festa grande...si comincia a sambare, non hanno bisogno della discoteca per ballare.

In un paese come il Brasile arriva l'europeo, stressato, poco sorridente, che non saluta nemmeno il vicino di pianerottolo, che quando va a lavoro pensa solo alla pausa caffè delle dieci e mezzo e a quanti giorni mancano a ricevere lo stipendio, stanco delle tante delusioni amorose o della tanta difficoltà che ci sono nell'interagire con l'altro sesso e sapete che fa? Pensa: "io fino ad adesso non ci avevo capito niente" si secondo me succede così, se poi ci aggiungiamo le bellezze naturali (non sto parlando di ragazze) come cascate, spiagge, isole, laghi, fiumi e tanto altro ancora, la frittata è fatta!

E allora il risultato è che sul volo di ritorno per l'Italia già starai progettando con il tuo amico il prossimo viaggio (probabilmente dopo nemmeno sei mesi) in questa splendida terra e andando a lavoro quando i colleghi ti chiederanno come è andata, te risponderai solo con un sorriso (stile patesi) con già in mente la prossima partenza.

Ho fatto questa lunga premessa perchè ci tenevo a sottolineare una cosa, **VIVERE IN BRASILE NON E' COME ANDARCI IN VACANZA.**

Cercherò di rispondere in maniera esauriente a chi mi ha chiesto qualche consiglio sull'andare a vivere o lavorare in Brasile ricordando che le mie opinioni si basano soprattutto su quello che ho vissuto a Salvador (nord-est del Brasile) anche se ho conosciuto altre città brasiliane ritrovando spesso delle somiglianze; ricorda una cosa importante cioè che la mia esperienza non per forza sarà uguale alla tua quindi se ti senti di andare a fare qualsiasi cosa come aprire un'attività o cercare lavoro, fallo pure, sicuramente ti sarà utile perchè crescerai tantissimo.

Il Brasile è un paese grandissimo, per farti capire meglio la vastità considera che il solo stato di Bahia è più grande dell'Italia (se hai un atlante prendilo pure così ti renderai conto meglio di cosa sto dicendo), paese grande con tante cose positive ma anche con tanti problemi con cui, se sei lì solo per le ferie, diciamo che ti ci scontri relativamente. Un problema che almeno io non consideravo così marcato è la differenza di abitudini che c'è con noi e credimi è veramente un ostacolo molto grande da superare se ci devi vivere perchè o ti ci abitui o torni a casa; per esempio se te fissi un appuntamento con un baiano alle dieci può succedere benissimo che arrivi a mezzogiorno dando la colpa a qualsiasi cosa, raccontandoti che gli è successo di tutto ma mai ti dirà che è stata colpa sua, questa sembra una cosa da niente ma quando ci devi vivere e lavorare le cose cambiano soprattutto se hai dei dipendenti.

Una volta a Porto Seguro ho parlato con un ragazzo italiano proprietario di un negozio che vendeva integratori e mi diceva che quando hai dei dipendenti devi sempre stare presente e controllarli di continuo, mi portò l'esempio di un'altra persona italiana che aveva un ristorante sempre lì a Porto Seguro e che aveva il cuoco brasiliano, praticamente questo cuoco non si presentò a lavoro e nemmeno avvertì ed io obiettai che anche in Italia può succedere che una persona non ce la fa ad avvertire che si sente male ma lui replicò che è una cosa molto comune (per chi non lo sa, Porto Seguro è sempre nello stato di Bahia solo che si trova molto più a sud della capitale Salvador ed è una famosa meta estiva sia per i brasiliani che per gli europei, ha anche l'aeroporto internazionale), immagina hai un ristorante e non ti viene il cuoco, bel problema, vero?

Quindi il mio consiglio se vuoi aprire un'attività in Brasile circondati di persone fidate, su cui puoi contare magari chiedi consiglio a qualche amico brasiliano se ti può

mettere in contatto con persone in gamba e se proprio non conosci nessuno allora assumi le persone di cui hai bisogno con contratto di prova di tre mesi così ti renderai conto meglio di chi hai davanti. Da quello che ho potuto vedere io i ritmi di vita sono molto più lenti (forse è dovuto anche al caldo infatti d'estate o comunque nelle belle giornate il sole batte veramente forte, è consigliabile anche mettersi il protettore solare ma non come da noi quando vai in spiaggia anche quando sei normalmente al giro in strada magari devi andare a risolvere delle cose negli uffici perchè se non fai così arrivi la sera a casa con il viso e le braccia rossi come peperoni) e allo stesso tempo forse un po' più confusionari, ma questa è una mia sensazione personale.

Un'altra cosa che mi preme evidenziare è che il Brasile secondo me è il paese dei contrasti per eccellenza quindi quello che ho affermato prima può essere vero in un posto ma totalmente falso in un altro, un esempio è il SAC che è un servizio ,che secondo me dovrebbe essere implementato anche qui in Italia, offerto dallo stato e che raccoglie tutti gli uffici di cui un cittadino o anche un'impresa può aver bisogno in un solo ambiente, quindi non c'è bisogno come da noi di andare al giro per mezza città a fare fogli, fogliini e foglietti, in uno giorno possiamo fare tutto quello di cui abbiamo bisogno e senza diventare matti magari in mezzo al traffico; veramente un grande servizio. Un'altra cosa buffa l'ho notata in palestra dove le pareti hanno bisogno di un'imbiancata e gli attrezzi di manutenzione e poi ti trovi all'ingresso il computer che ad ogni allenamento, inserendo il tuo nome, ti stampa il tuo programma personalizzato, grandi!

Un'altra cosa interessante che da noi non vedo è che i negozi specializzati in una certa cosa li trovi sempre tutti insieme, mi spiego meglio: se devi comprare dei ricambi per la tua auto non devi girare mezza città per sapere dove risparmierai ma devi solo uscire da un negozio ed entrare nell'altro tutto senza sforzo e senza salire in macchina e questo vale per tutte le tipologie di attività dalla vendita di materiale edile alla vendita (più spesso noleggio) di abiti da sposa.

Altra problematica che una persona che decide di trasferirsi in Brasile, secondo me, deve prendere in considerazione sono gli alti interessi (anche se ora sembra vada un pochino meglio) per chi decide di prendere un prestito, è molto facile vedere 5000 reais presi in prestito trasformarsi in 12000 dopo tre anni oppure comprare una macchina da 12000 reais e finanziando tutto l'ammontare alla fine delle rate rendersi conto di aver pagato quasi 20000 reais, quindi altro consiglio se vuoi aprire un'attività tutta tua in Brasile porta i tuoi soldi dall'Italia ma cerca di evitare le banche.

E poi da tenere bene in considerazione ci sono la dilagante corruzione sia nella Polizia (mi dicono soprattutto nella Civile ma anche la Militare non scherza) che nelle alte sfere della politica brasiliana(l'anno passato quando ero giù per lo meno una volta a settimana arrestavano un politico con l'accusa di corruzione e si parla di sindaci, capi di governo e membri del parlamento), poi ci sono la violenza molto spesso sanguinaria, l'inflazione galoppante, i problemi che attanagliano la sanità e la scuola pubblica ed anche i posteggiatori abusivi (ha me personalmente rimangono molto indigesti); ora mi fermo ma non penso di stare esagerando.

Metti bene in mente un'altra cosa, comprare una macchina in Brasile e mantenerla è un lusso che non tutti i brasiliani possono permettersi infatti il mercato dell'usato a Salvador va forte perchè comprare una macchina nuova è proibitivo (la Grande Punto costa poco meno di 40'000 reais, lo stipendio minimo è all'incirca di 400 reais al mese).

Nonostante tutte le problematiche, ci sono anche molti italiani che hanno fatto successo e che ci vivono in Brasile ma ci sono anche tanti che sono tornati in Italia con la coda tra le gambe e con il conto corrente molto più leggero, quindi importante PIANIFICAZIONE, non lasciare niente al caso e mai dare soldi prima di aver firmato un contratto che abbia un valore legale, richiedere sempre che tutto sia riconosciuto ed autenticato in cartorio.

Per chi pensa di andare a lavorare come dipendente in Brasile, io lo sconsiglio vivamente, parlo di pousadas, bar, hotel ecc. perchè come ho anche già sottolineato gli stipendi sono molto bassi ed avresti difficoltà ad arrivare a fine mese; per condurre una vita normale, secondo me, dovresti guadagnare minimo 3000 reais al mese, quindi da 3000 in su e non in giù; se poi sei laureato e trovi un buon lavoro, con un ottimo stipendio, in una grande multinazionale e decidi di trasferirtici, sono felice per te (ma perchè andare a lavorare come dipendente in Brasile, a maggior ragione se sei laureato? Non capisco); ci sarà un motivo se i brasiliani che hanno la possibilità vanno a studiare all'estero (Europa, Stati Uniti, Canada) e spesso ci rimangono a vivere.

Qualche settimana fa ho sentito alla televisione un presidente di una famosa squadra di calcio che diceva all'incirca così: "quando noi vogliamo comprare un giocatore ci chiediamo sempre, ma in casa abbiamo già di meglio? Se la risposta è positiva lasciamo perdere il giocatore che volevamo acquistare"; ho portato questo esempio perchè secondo me ti devi fare anche te questa domanda "ma io in casa non ho di meglio?" e dopo fai una valutazione dei pro e dei contro (che secondo me tutti i paesi hanno, anche i paradisi tropicali) così che puoi prendere una decisione in tutta tranquillità.

Nota bene che quello che ho detto è la mia esperienza avuta nel nord-est che quindi può notevolmente differire dal sud molto più avanzato e ricco (ma se decidi di andare in Brasile per andare al sud puoi stare in Italia) e non è assolutamente mia intenzione togliere stimoli a nessuno anzi voglio essere d'aiuto così che nessuno si ritrovi male.

Un saluto e a presto, ciao!
Jacopo

Anexo VII (1) www.voyagesforum.com

Prendre la retraite au Nordeste du Brésil

1 novembre 2006 à 8:22

Bonjour à tous!

Nous planifions pour l'avenir....!

Pour profiter au fond de notre

futur retraite (économiquement très mince 😞....!) nous pensons qu'être au soleil dans une plage isolée au Nordeste du Brésil ferait l'affaire ! (Nous ne sommes pas partisans des agglomérations.....)

Connaissez vous des villages avec plage et avec une température agréable pendant toute l'année?

Notre désir: connaître le prix de la location de un petite cabanon ou studio pas loin de l'océan, et le budget approximative des dépenses en nourriture (cuisine local et simple, légumes, fruits, poisson, crustacés, etc.) pour un couple.

Est-ce que quelqu'un peut nous renseigner sur les prix?

Tous vos conseils seront bienvenues!

Au plaisir de vous lire,

Gustavo2005 (Monaco)

www.voyageforum.com

Anexo VII (2)

Vivre au Brésil

4 mars 2007 à 9:44

Site: <http://voyageforum.com>

Il y a déjà quelque temps que nous avons prévu de venir au Bresil dans le but d'acheter une pousada et d'en vivre. Entre temps nous avons vendu notre maison déménager .. et enfin acheter nos billets pour le Bresil. Nous arriverons à Rio le 23/04/07 pour um voyage d'étude de 4 mois.

Depuis que notre projet existe nous avons communiqué avec plusieurs internautes dont certains sont sur ce site (chico brasil, et d'autres) et sur d'autres sites créés par des français de Fortaleza. Nous demandions dans nos questions quel était le coin le plus judicieux pour racheter une pousada et pouvoir en vivre, les réponses que nous avons eues sont assez divergentes. Pour certains le Nord est saturé de structures hôtelières et commence à être envahi par les américains qui voient d'un mauvais oeil que d'autres veulent s'installer.

Pour d'autres le nord est l'eldorado du tourisme. On nous conseillé de monter jusqu'à Sao Luis, qui est promis à un développement touristique important avec la prochaine ouverture d'un aéroport international.

On nous a conseillé les états de Rio et de Sao Paulo qui seraient plus propices pour les études de mon fils de 13 ans (la encore les avis sur le niveau scolaire au Bresil divergent du tout au tout) et plus performant au niveau médical (nous partons avec une dame âgée).

On nous a aussi parlé du Sud Florianopolis.....

Je dois ajouter que je connais bien le Bresil pour y être venue à plusieurs reprises depuis 1985 : le Sud, Rio (j'y suis restée 3 mois) l'intérieur, Salvador, Belem, Manaus Brasilia... mais à part Recife pas du tout le Nord

On nous a dit aussi que les brésiliens appréciaient assez peu que des français viennent racheter des pousadas pour les gérer, qu'il fallait se méfier des despachentes, des avocats, de certains français,

Enfin on a affirmé tout et son contraire, c'est pourquoi nous espérons que ce voyage d'étude nous permettra de faire la part des choses car malgré tout nous n'avons qu'une envie nous installer au Bresil. Nous avons peut être tort mais nous pensons que l'avenir n'est plus européen du moins pour un certain et nous souhaitons le meilleur pour notre fils.

Si vous avez des avis des suggestions nous sommes à l'écoute.

A bientôt j'espère
Isabelle

Anexo VIII (1) [www. entrepreneursfrancais.com](http://www.entrepreneursfrancais.com)

www.entrepreneursfrancais.com

BRASIL RN *Agence de Voyage*

Natal, Brésil

Yves MASSET

Pour en savoir plus :

www.brasilrn.com

Pouvez vous vous présenter brièvement : d'où venez-vous, quelle est votre formation et racontez vos débuts professionnels ?

Né dans les Vosges, j'ai vécu en Bretagne jusqu'à 21 ans et ensuite à Paris durant toute ma vie professionnelle. Avec mon diplôme de statistiques et informatique j'ai exercé le métier d'analyste en informatique en tant qu'employé en grande société, puis société de services puis j'ai évolué dans l'organisation informatique cette fois en tant que travailleur indépendant.

Mes rencontres avec le Brésil et les Brésiliens m'ont amené à fréquemment servir de guide pour la visite de Paris. Ma volonté de quitter l'informatique m'a amené à me diriger vers le tourisme dès mon arrivée au Brésil, et passer un diplôme de guide régional et ainsi privilégier le côté des contacts humains dans ma vie professionnelle. Associé à cette reconversion la création d'un site, portail de tourisme : <http://www.brasilrn.com> qui m'a permis de tisser des relations dans le monde du tourisme.

Comment avez-vous été amené à choisir votre nouveau pays d'accueil ?

En 1994, j'ai rencontré à Paris une étudiante Brésilienne venant de Natal, il s'en est suivi un mariage au Brésil en plein carnaval 'le Carnatal', et une immédiate envie de venir y habiter, pour sa qualité de vie et son climat.

Il a fallu ensuite 10 ans et un second mariage avec une Brésilienne de Brasilia pour concrétiser le projet de venir vivre dans ce pays, et particulièrement à Natal, y travailler et fonder une famille.

Décrivez-nous en quelques mots les atouts et faiblesses de ce pays ?

Les atouts de ce pays sont son potentiel économique et humain d'une grande vitalité, son absence de barrière protectionnisme, mais aussi cette impression de liberté, d'absence de barrière qui fait penser que tout est possible et réalisable.

Autres atouts, la profusion de richesses naturelles(eau, forêts et végétation tropicale),allié à un climat agréable à vivre, et un énorme potentiel touristique de lieux naturels de toute beauté.

Ses faiblesses, une corruption élevée, des exclus de la vie économique en trop grand nombre, sa monnaie surévaluée et sa dimension souvent contraignante par la déficience des infrastructures de transport.

Quel déclic vous a donné envie de devenir entrepreneur ?

Tout d'abord, le choix s'est vite fait d'être mon propre patron car les salaires des employés sont faibles.

Après une année à travailler en free lance en tant que guide et sans avoir de registre du commerce, j'ai logiquement décidé d'ouvrir une agence locale qui me permet d'établir des contacts professionnels avec des agents du tourisme au Brésil et en Europe.

Comment s'est déroulée la phase de la création ? Est-ce que ce fut un parcours du combattant ? Avez-vous bénéficié d'aides ?

La création n'a pas posée de problèmes, du à un régime 'super simples' facilitant la création d'entreprise de petite taille.

J'ai bénéficié d'une aide administrative au Sebrae, organisme d'aide aux entreprises. En revanche aucune aide financière, ce qui est habituel ici.

Quelles sont les avantages et désavantages de créer une affaire dans ce pays ?

Comme avantages, les démarches sont en général simples et rapides et il n'y a pas de barrière pour des entrepreneurs étrangers qui veulent s'installer au Brésil, il est même possible, sous quelques conditions d'y obtenir un visa permanent en cas d'ouverture de société avec un capital d'investissement et création d'emplois.

Autres avantages, un investissement limité de création d'activité, faible coût de l'infrastructure et de la main d'oeuvre, de même qu'un marché économique toujours en mouvement.

Les désavantages sont liés à cetet région du Nordeste: Un assez fréquent manque de fiabilité et professionnalisme des partenaires locaux.

Est-ce qu'être français est un atout ? Si oui, pourquoi ?

Il y a plusieurs atouts, le premier est lié à la réputation qu'ont les Français de sérieux et de fiables dans les affaires.

Le second est directement lié au touristes Brésiliens qui apprécient de converser avec un Français de Paris, ville qu'ils ont pour beaucoup déjà visité.

Où en êtes-vous aujourd'hui de votre aventure entrepreneuriale et quelles sont vos ambitions pour l'avenir ?

Je n'en suis qu'au début de cette belle aventure, mais j'espère rapidement devenir un interlocuteur incontournable pour les séjours de Français dans ce belle région du nordeste Brésilien.

Quels sont vos liens avec la France et prévoyez-vous de rentrer un jour ?

Mon activité de guide et d'agent de tourisme m'amène à être en contact avec clients directes français mais aussi avec des agences de tourisme et tours opérateurs français.

Pour le moment il n'y a pas de retour envisagé, sauf de venir passer régulièrement quelques semaines ou mois en Bretagne où j'ai mes attaches familiales et affectives.

Avez-vous un message ou des conseils à donner aux jeunes générations tentées de suivre vos pas ?

Une expérience de vie et de travail loin de ses repères est toujours très enrichissante.

Il est important, cependant de s'entourer de plusieurs personnes ayant déjà cette expérience et qui vous fourniront un éclairage du contexte social, économique et professionnel. Si vous ne connaissez pas le pays ni maîtrisez la langue, prévoir une année d'adaptation avant d'entrer dans de grands projets professionnels.

Le reste ce n'est que du bonheur dans ce beau pays du soleil et de la joie de vivre.

Merci pour tout et excellente continuation.

Merci à vous et benvindos ao Brasil.

Anexo VIII (2)

Entreprendre & International – Le blog des entrepreneurs qui voient loin
Bresil : Fabrice, Sao Paulo



DOUCE FRANCE
Pâtisserie
 Sao Paulo, Brésil Fabrice LE NUD

Pour en savoir plus :
<http://www.patisseriedoucefrance.com.br/>

Son histoire jusqu'au Brésil :
 (...)

A 25 ans, se pose à lui le choix cornélien suivant : soit il attend que son tour vienne sachant qu'avant 40 ans il est difficile en France de devenir chef ; soit il prend son destin en main. Fabrice se dit tout de suite que ce qu'il lui faut, c'est concilier sa passion pour son métier et son goût pour les voyages. Il s'inscrit alors à l'ANPE, sur la liste de l'hôtellerie à l'étranger. (...)

Une des premières réponses vient de l'Intercontinental de Rio. Il n'hésite pas une seconde. Pour quelqu'un originaire d'une banlieue HLM, se retrouver à 25 ans Chef à l'Intercontinental de Rio de Janeiro est merveilleux. Il commence en 1989 un contrat de 2 années. (...)

Le groupe Intercontinental lui fait de belles nouvelles offres pour Miami et Sydney par exemple. Mais il refuse. Cela fait deux ans qu'il se saigne au travail, il veut à présent connaître mieux le Brésil. Il part 6 mois sur les routes du Nordeste, en Amazonie, à la frontière Bolivienne, puis dans l'intérieur du pays. Il découvre plein de lieux merveilleux et cela lui donne l'amour du pays. (...)

Il choisit de rentrer en France pour mieux rebondir. Il a déjà fait le choix qu'il allait vivre à l'étranger et comme il a toujours eu envie d'aller en Asie, il oriente ses recherches vers ce continent. Il reçoit à la place, une proposition du Maroc. (...) Mais malgré une situation confortable et heureuse, ils ressentent le besoin de revenir au Brésil. Fabrice obtient en 1997 un poste à l'hôtel Sofitel de Sao Paulo. Le sacrifice est réel mais payant, puisque l'objectif est bien de retourner au Brésil et de voir s'il est possible de réaliser le rêve professionnel de Fabrice, soit créer sa propre pâtisserie. (...)

Et en 2001, il accomplit son rêve de toujours. (...) Il fait tout ce que les organismes lui déconseillent, et investit toutes ses économies dans la création de son affaire. Il loue un fond de commerce pour créer la première pâtisserie française de Sao Paulo, « Douce France ».

Quel parcours du combattant pour créer au Brésil ?

Son rêve était d'avoir une pâtisserie. Le Brésil lui en a déjà offert deux. En France, on est obligé de fonctionner par palier. Au Brésil, on peut avoir des ambitions fortes et réalistes. En France, il existe beaucoup de blocages, de freins à l'initiative privée. Tout est fait pour décourager celui qui a de l'ambition. (...)

Fabrice n'est pas un utopiste. Il a toujours voulu son destin en main et il a mis tous les atouts dans son jeu pour que ses rêves se produisent. Cela représente énormément de sacrifices, comme travailler 70 heures par semaine, ou se lever à 3h du matin un dimanche pour honorer une commande. Il faut comprendre que ce qui paie, c'est le travail. Au Brésil, on laisse les gens travailler. Alors si on le souhaite on peut se tuer au travail, mais au moins il y a des récompenses à le faire et elles sont tangibles. Et il ne faut pas avoir l'image d'un pays du tiers monde où l'on est payé en monnaie de singe. Le réal est une monnaie forte qui s'affirme chaque jour un peu plus face au dollar et à l'euro. (...)

Si il est difficile de monter son affaire en France, ça l'est encore un peu plus ici. La bureaucratie est la même mais dans une autre langue et les règles sont différentes. Il faut apprendre la législation, le droit, la fiscalité pour ne

pas être seulement entre les mains d'un comptable. Il faut aussi vigilant et intégrer tous les pépins du quotidien comme le manque de ponctualité, ou la fantaisie des fournisseurs dont les standards de qualités sont inégaux et les délais de livraison variables. (...)

Et puis on a beau être dans un pays émergeant qu'on appelle par pudeur pays en voie de développement, le Brésil n'est pas que le pays de Samba et du football et tout le monde n'est pas à la plage. Fabrice n'a jamais autant travaillé qu'ici. Le Brésil est un pays très libéral où il faut travailler dur et fort pour faire la différence.

Mais il y a une chose essentielle si l'on veut réussir au Brésil : **il faut aimer ce pays. Si on s'arrête sur des constats économiques et sociopolitiques, ça ne marchera pas. Il y a ici cette part d'irrationnel, de charnel, qui vient du cœur, un lien spécial et indescriptible avec ce pays qui fait qu'on peut y rester. Sans ça on ne tient pas face à certaines réalités : inégalités, insécurité, corruption, pollution, etc.**

Le Brésil c'est une expérience enrichissante, surtout sur le plan humain. Les brésiliens ont cette richesse du cœur qu'on a perdu en France. On reçoit une embrassade sans compromis ni arrière pensée, quand on France on serre une main molle. Cet aspect est fondamental car il fait chaud au cœur et fait partie de la magie du pays. Aussi, on est très bien reçu là bas car l'étranger est valorisé, même si les raisons sont discutables. (...)

Sa vie professionnelle est là-bas (São Paulo) et elle ne peut plus se dérouler en France. Ces perspectives il ne les aurait jamais eu aussi vite et aussi nombreuses en France. Aussi, il bénéficie d'une reconnaissance formidable, notamment des médias (depuis qu'il est au Brésil, il est passé une trentaine de fois à la télévision, et il est depuis 4 années consécutives élu meilleur pâtissier du pays par un journal spécialisé), qu'il n'aurait jamais eu en France.

Des conseils à donner pour qui voudrait tenter l'aventure ?

Déjà, pour Fabrice, l'expatriation est quelque chose de formidable. Ensuite, on ne part pas à l'étranger bille en tête, avec un peu d'argent dans les poches et sans formation. Il faut avoir des qualifications et savoir ce qu'on va faire. Il n'y a d'autre eldorado que celui au fond de soi même, c'est-à-dire les ressources physiques ou psychologiques qui vont faire aboutir un projet. (...)

Monter un projet dans des pays comme le Brésil, soit à risques, à l'économie fragile, implique de bien soigner la préparation. (...)

Sinon le Brésil est un pays merveilleux. **Il y a des opportunités qu'on aura jamais en France.** Certes, on laisse des choses derrière soi, mais on en découvre d'autres, sachant qu'on a toujours la possibilité de revenir en arrière. Fabrice a une théorie à ce sujet : l'objectif d'aller à l'étranger est d'essayer de vivre mieux qu'en France, d'avoir plus de choses qu'en France sur tous les aspects ; mais si ça devient galère ou difficile, autant rentrer en France. (...)

On part pas à l'étranger pour fuir la France mais pour tenter des choses impossibles en France. **Le Brésil est intéressant pour qui a de l'énergie, l'envie de faire, car on le laisse travailler.** Il peut s'épanouir et espérer une croissance rapide. **Le Brésil est un pays émotionnel, qui vous prend les tripes, très haut en couleurs, avec beaucoup d'inégalités donc il faut vraiment aimer. Il ne faut pas être trop cartésien, faire une analyse trop froide du pays, sinon on ne tient pas.**

